

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA  
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

ALEXSANDRO TEIXEIRA RIBEIRO

JORNALISMO SINDICAL PARANAENSE: CARACTERÍSTICAS DA PRODUÇÃO  
EDITORIAL DOS JORNAIS DE SEIS SINDICATOS DE CURITIBA, PR

PONTA GROSSA  
2016

ALEXSANDRO TEIXEIRA RIBEIRO

JORNALISMO SINDICAL PARANAENSE: CARACTERÍSTICAS DA PRODUÇÃO  
EDITORIAL DOS JORNAIS DE SEIS SINDICATOS DE CURITIBA, PR

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

Área de concentração: processos de produção jornalística

Orientador: Profa. Dr<sup>a</sup> Hebe Maria Gonçalves de Oliveira

PONTA GROSSA  
2016

**Ficha Catalográfica**  
**Elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação BICEN/UEPG**

R484           Ribeiro, Alexsandro Teixeira  
                  Jornalismo sindical paranaense:  
                  características da produção editorial dos  
                  jornais de seis sindicatos de Curitiba,  
                  PR/ Alexsandro Teixeira Ribeiro. Ponta  
                  Grossa, 2016.  
                  175f.

                  Dissertação (Mestrado em Jornalismo -  
                  Área de Concentração: Processos  
                  Jornalísticos), Universidade Estadual de  
                  Ponta Grossa.

                  Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Hebe Maria  
                  Gonçalves de Oliveira.

                  1.Jornalismo. 2.Método compreensivo.  
                  3.Otto Groth. 4.Jornalismo sindical.  
                  I.Oliveira, Hebe Maria Gonçalves de. II.  
                  Universidade Estadual de Ponta Grossa.  
                  Mestrado em Jornalismo. III. T.

CDD: 070.486



Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Setor de Ciências Sociais Aplicadas  
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Jornalismo

**TERMO DE RESPONSABILIDADE**  
**Declaração de Compromisso Ético com a Originalidade Científico-Intelectual**

Eu, Alexandro Teixeira Ribeiro, CPF número 04678129936, RG número 8017556-6 SPPR, responsabilizo-me pela redação do trabalho intitulado: JORNALISMO SINDICAL PARANAENSE: características da produção editorial dos jornais de seis sindicatos de Curitiba, Paraná, atestando que todos os trechos que tenham sido transcritos de outros documentos (publicados ou não), e que não sejam de minha exclusiva autoria, estão citados entre aspas, com a devida indicação de fonte (autor e data) e a página que foram extraídos (se transcrito literalmente) ou somente indicados fonte e ano (se utilizada a ideia do autor citado), conforme normas e padrões da ABNT vigentes. Declaro, ainda, ter pleno conhecimento de que posso ser responsabilizado(a) legalmente caso infrinja tais disposições.

Ponta Grossa, 22 de fevereiro de 2016

Alexandro Teixeira Ribeiro  
RA 3100114001018

ALEXSANDRO TEIXEIRA RIBEIRO

JORNALISMO SINDICAL PARANAENSE: características da produção editorial dos jornais de seis sindicatos de Curitiba, PR

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Área de concentração: jornalismo – linha de pesquisa processos de produção jornalística

Ponta Grossa, 22 de fevereiro de 2016

Profa. Hebe Maria Gonçalves de Oliveira – Orientador  
Doutora em Ciências da Comunicação  
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof. Rozinado Antonio Miani  
Doutor em História  
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Sérgio Luiz Gadini  
Doutor em Ciências da Comunicação  
Universidade Estadual de Ponta Grossa



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO (Mestrado) EM JORNALISMO

ATA N° 001/2016

ATA DE APRESENTAÇÃO E DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM JORNALISMO  
DO PÓS-GRADUANDO ALEXSANDRO RIBEIRO NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA  
GROSSA

Aos vinte e dois dias do mês de fevereiro de dois mil e dezesseis, às 14:00 horas, na sala D-110 no Campus Central UEPG), sob a presidência da Profª Drª Hebe Maria Gonçalves de Oliveira, em sessão pública, reuniu-se a Banca Examinadora da Defesa de Dissertação de Mestrado em Jornalismo do pós-graduando **Alexsandro Ribeiro**, formada pela Profª Drª Hebe Maria Gonçalves de Oliveira (orientadora, UEPG), Prof. Dr. Rozinaldo Antonio Miani (UEL) convidado e Prof. Dr. Sérgio Luiz Gadini (UEPG), indicado pelo Colegiado do Ms.Jor. Iniciados os trabalhos, a presidência informou aos membros da banca e ao mestrando as normas que regem a defesa de dissertação e orientou a sequência de fala dos examinadores para arguição. Em seguida, o mestrando apresentou o trabalho intitulado "O protagonismo institucional como marca da imprensa sindical contemporânea: estudo a partir de jornais de seis sindicatos de trabalhadores em Curitiba, Paraná". Encerrada a apresentação, arguição e retorno do mestrando aos questionamentos e ponderações dos avaliadores, a Banca considerou o trabalho de dissertação Aprovado.

A presidência ressaltou que a obtenção dos créditos de Dissertação e a outorga do Título de Mestre em Jornalismo estão condicionadas ao cumprimento das exigências da Banca Examinadora e ao depósito da versão definitiva da Dissertação no formato impresso e em CD na extensão PDF, no prazo de sessenta dias. A não entrega neste prazo anulará a possibilidade de outorga definitiva do Título e, portanto, o recebimento de Certidão e outros documentos. A solicitação do Diploma está condicionada ao cumprimento das exigências acima mencionadas. Nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada pelos integrantes da banca avaliadora.

Ponta Grossa, 22 de fevereiro de 2016.

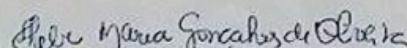
Observação e indicações (se necessário):

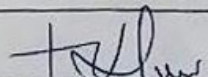
---

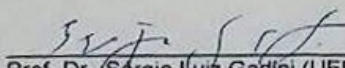
---

---

---

  
Profª Drª Hebe Maria Gonçalves de Oliveira (UEPG)

  
Prof. Dr. Rozinaldo Antonio Miani (UEL)

  
Prof. Dr. Sérgio Luiz Gadini (UEPG)

## **Dedicatória**

À minha família

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço acima de tudo a minha esposa, Kassiane dos Santos Giacomoni Ribeiro, companheira de todos os momentos, que esteve ao meu lado dando-me o suporte necessário para este projeto, e demonstrando eterna paciência nessa dura jornada do mestrado.

Agradeço também aos meus dois filhos, Caio dos Santos Ribeiro e Heitor dos Santos Ribeiro, que me impulsionam na vida, na eterna busca de avançar e ser um homem melhor.

Registro aqui também meus agradecimentos à minha orientadora, a doutora Hebe Maria Gonçalves de Oliveira, que com sua imensa paciência e sapiência sempre me amparou e indicou as sendas da pesquisa e as ferramentas mais adequadas a se empunhar na difícil batalha da ciência.

Agradeço a todos os professores, funcionários e colaboradores do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), aos colegas mestrandos e parceiros de caminhada e aos professores doutores que iluminaram meu caminho da pesquisa.

Por fim, agradeço ao Sindicato dos Engenheiros no Estado do Paraná (Senge-PR), local de meu trabalho, que me deu subsídio e apoio para a pesquisa e formação.



## **RESUMO**

Mais que centenária, a imprensa sindical desempenha um papel fundamental na história de lutas de classes como instrumento de defesa dos ideais e das causas dos trabalhadores no Brasil. Com o objetivo de debater o jornalismo praticado na imprensa sindical, o presente trabalho, fruto de pesquisa de mestrado em jornalismo realizada junto ao Programa de Pós Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), é resultado de análise que buscou identificar características do jornalismo sindical contemporâneo, com base em publicações de seis entidades sindicais de representação dos trabalhadores no Paraná. A presente dissertação foi desenvolvida sob base teórica de Otto Groth (2011), que reconhece o jornalismo como produção cultural humana, e sob orientação do método compreensivo, de inspiração weberiana, para compreensão do jornalismo. Do jornalismo sindical contemporâneo, com base nas publicações sindicais analisadas, esta pesquisa aponta como marca da imprensa sindical o protagonismo da própria entidade sindical nas temáticas abordadas e da diretoria do sindicato como fala predominante nos jornais.

**Palavras-chave:** jornalismo, método compreensivo, Otto Groth, jornalismo sindical

## **ABSTRACT**

More than century-old union press plays a fundamental role in the history of class struggles as an instrument of defense of the ideals and causes of workers in Brazil. In order to discuss the journalism practiced in the union press, the present work, master's research fruit in journalism conducted at the Graduate Program in Journalism at the State University of Ponta Grossa (UEPG), is the result of analysis that sought to identify characteristics contemporary journalism union, based on publications six unions representing workers in Parana. This work was developed under theoretical basis for Otto Groth (2011), which recognizes journalism as human cultural production, and under the guidance of comprehensive method of Weberian inspiration, understanding of journalism. Contemporary journalism union, based on the analyzed trade union publications, this research points as a mark of union press the role of their own labor union in the themes addressed and the union board as the predominant speech in the newspapers.

**Keywords:** journalism, comprehensive method , Otto Groth , union journalism

## LISTRA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 –	IMAGENS DO JORNAL FOLHA BANCÁRIA, DOS BANCÁRIOS DE CURITIBA E REGIÃO.....	70
FIGURA 2 –	IMAGENS DO JORNAL 30 DE AGOSTO, DA APP SINDICATO.....	71
FIGURA 3 –	IMAGENS DO JORNAL A VOZ DO METALÚRGICO, DO SMC.....	72
FIGURA 4 –	IMAGENS DO JORNAL EXTRA-PAUTA, DO SINDIJOR...	73
FIGURA 5 –	IMAGENS DO JORNAL PRESSÃO ALTA, DO SINDSAÚDE.....	74
FIGURA 7 –	IMAGENS DO JORNAL DO SISMUC.....	75
FIGURA 8 –	TABELA DE COLETA DE INFORMAÇÃO DOS JORNAIS	88
FIGURA 9 –	RECORTE DA ANÁLISE DE TODOS OS JORNAIS POR TEMA (PERÍODO 2013/14).....	90
FIGURA 10 –	RECORTE DA ANÁLISE POR TEMA (FOLHA BANCÁRIA - PERÍODO 2013/14).....	91
FIGURA 11-	CAPA DAS EDIÇÕES DA FOLHA BANCÁRIA DA 2ª QUINZENA DE SETEMBRO DE 2014.....	92
FIGURA 12-	RECORTE DA ANÁLISE POR TEMA (JORNAL 30 DE AGOSTO – PERÍODO 2013/2014).....	93
FIGURA 13 –	RECORTE DA ANÁLISE POR TEMA (A VOZ DO METALÚRGICO, PERÍODO 2014/2014) .....	94
FIGURA 14 -	RECORTE DA 4ª PÁG DO JORNAL <i>A VOZ DO METALÚRGICO</i> – 01/2013 - EDIÇÃO 833.....	95
FIGURA 15 –	RECORTE DA ANÁLISE DE TODOS OS JORNAIS POR GÊNEROS JORNALÍSTICOS (PERÍODO 2013/2014).....	97
FIGURA 16 –	RECORTE POR GÊNEROS JORNALÍSTICOS – JORNAL FOLHA BANCÁRIA, PERÍODO 2013/2014.....	98
FIGURA 17 -	RECORTE POR GÊNEROS JORNALÍSTICOS – JORNAL EXTRA-PAUTA, PERÍODO 2013/2014.....	99
FIGURA 18 –	RECORTE DA ANÁLISE POR GÊNEROS JORNALÍSTICOS – JORNAL 30 DE AGOSTO, 2013/2014.....	102
FIGURA 19 -	RECORTE DO JORNAL 30 DE AGOSTO, Nº 184 DE AGOSTO DE 2013.....	103
FIGURA 20 –	RECORTE DA ANÁLISE DE TODOS OS JORNAIS POR FONTE (CITAÇÃO – 2013/2014).....	104
FIGURA 21 –	RECORTE DA ANÁLISE DE TODO OS JORNAIS POR APARIÇÃO POR FONTE (A VOZ DO METALÚRGICO - CITAÇÃO 2013/2014).....	105

FIGURA 22 –	RECORTE DE Notícia DA PÁGINA 4 DO JORNAL <i>A VOZ DO METALÚRGICO</i> , EDIÇÃO N.º 845 DE JUNHO DE 2014.....	106
FIGURA 23 -	RECORTE DA ANÁLISE DE TODO OS JORNAIS POR APARIÇÃO POR FONTE (INDIRETA 2013/2014).....	108
FIGURA 24 –	RECORTE DA ANÁLISE POR APARIÇÃO POR FONTE – JORNAL PRESSÃO ALTA (INDIRETA, PERÍODO 2013/2014).....	109
FIGURA 25 –	RECORTE DE TEXTO DA PÁGINA 6 DO JORNAL PRESSÃO ALTA, DE DEZEMBRO DE 2013.....	111
FIGURA 26 -	RECORTE DA ANÁLISE DE TODOS OS JORNAIS POR APARIÇÃO POR FONTE (DIRETA, PERÍODO 2013/2014)	112
FIGURA 27 –	RECORTE DA ANÁLISE DE TODOS OS JORNAIS POR APARIÇÃO POR FONTE (JORNAL <i>A VOZ DO METALÚRGICO</i> - DIRETA, PERÍODO 2013/2014).....	113
FIGURA 28 –	RECORTE DA ANÁLISE DE TODOS OS JORNAIS POR APARIÇÃO POR FONTE (DIRETA, INDIRETA E CITAÇÃO, PERÍODO 2013/2014).....	114
FIGURA 29 –	RECORTE DA ANÁLISE DE TODOS OS JORNAIS POR QUALIFICAÇÃO DE APARIÇÃO POR FONTE (POSITIVO, NEGATIVO, NEUTRO- 2013/2014).....	116
FIGURA 30 -	RECORTE DE TEXTO COM APARIÇÃO DE FONTE NEGATIVA – JORNAL <i>A VOZ DO METALÚRGICO</i> , PÁGINA 3 DA EDIÇÃO DE JULHO DE 2013.....	117
FIGURA 31 -	RECORTE DE TEXTO DE APARIÇÃO POSITIVA – PÁGINA 6 DO JORNAL <i>30 DE AGOSTO</i> DE JULHO DE 2013.....	118
FIGURA 32 -	RECORTE DE TEXTO DE APARIÇÃO DE FONTE NEUTRA – JORNAL <i>EXTRA-PAUTA</i> , PÁGINA 8 DE FEVEREIRO DE 2014.....	119
FIGURA 33 –	RECORTE DA ANÁLISE DOS SEIS JORNAIS POR INTENÇÃO (2013/2014).....	121
FIGURA 34 –	RECORTE DA ANÁLISE POR INTENÇÃO ( <i>A VOZ DO METALÚRGICO</i> – 2013/2014).....	122
FIGURA 35 –	RECORTE DA ANÁLISE POR INTENÇÃO ( <i>30 DE AGOSTO</i> – 2013/2014).....	123

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1-. <b>JORNALISMO E SINDICATOS: UMA IMPRENSA CENTENÁRIA NA REPRESENTAÇÃO E DEFESA DOS TRABALHADORES NO BRASIL.....</b>	19
1.1 - Bases teóricas para discussão: jornalismo e sindicalismo.....	27
2-. <b>JORNALISMO NOS SINDICATOS: ALGUNS CONCEITOS E LIMITES.....</b>	46
02/0 Imprensa Operária, Imprensa Sindical, Comunicação Sindical E 1/16 Jornalismo Sindical.....	51
3 - <b>O OLHAR SOBRE O OBJETO: QUESTÕES METODOLÓGICAS..</b>	63
3.1 - Métodos De Análises E Os Jornais Sindicais Escolhidos Como Corpus Da Pesquisa.....	68
3.2 - Tipo Ideal E Categorias De Análises.....	75
4 - <b>JORNALISMO SINDICAL: ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DO PROCESSO JORNALÍSTICO EM SEIS ENTIDADES PARANAENSES.....</b>	86
4.1 - Da Periodicidade, Assuntos E Tipos Textuais: As Manifestações Da Imprensa Sindical E Os Temas De Abordagem.....	89
4.2 - As Vozes Da Imprensa Sindical: Quem Tem Voz E Vez.....	99
4.3 - Marcas De Intenções E Ações Da Imprensa Sindical.....	107
Considerações Finais.....	135
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	128
<b>APÊNDICE I – Gráficos dos jornais sindicais por temas</b>	135
<b>APÊNDICE II – Tabelas de dados recolhidos dos jornais (apenas na versão digital)</b>	

## INTRODUÇÃO

Com mais de um século e meio de história, a luta sindical brasileira passou por diversas fases de atuação e representação: do anarcossindicalismo, influenciado por ideais de imigrantes europeus, passando por um sindicalismo partidário, sob atuação dos partidos e movimentos socialistas. Cooptado pelo Estado Novo e posteriormente pressionado pela ditadura, livra-se da opressão da ditadura militar nas grandes greves de 1970 e 1980, no ABC paulista, passando pela etapa anunciada como *novo sindicalismo*<sup>1</sup>, num processo de fortalecimento do movimento sindical e enfrentamento do sistema pelas vias legais (FERREIRA, 1988).

Na década de 1990 até o início do século XXI o movimento sindical sofre um abalo com as políticas neoliberais. Nesta época, inicia-se a abertura de mercado para o capital estrangeiro, venda e privatização de empresas e bens públicos de setores sociais estratégicos, como o de telecomunicações, de energia, além de flexibilização dos direitos trabalhistas. Após isso, apresenta-se junto ao cenário sindical uma certa estabilização política com a eleição de um governo cujas raízes nascem junto ao sindicalismo, o Partido dos Trabalhadores (PT), a partir de 2002, acompanhado, no entanto, sob a perspectiva de alguns autores, de uma crise de representatividade e com redução de poder de mobilização (BOITO JR, ANDRÉIA E MARCELINO, 2009; BOITO JR, 1999; ALVES, 2003).

A publicação de jornais pelas entidades sindicais é prática que remonta ao início do movimento operário brasileiro. Outrora construído sobre o tripé - produzido pelo operário, sobre temas do operário e para o operário (FERREIRA, 1988, p.5), atualmente, a comunicação dos trabalhadores tem sido produzida por e sob o auxílio de profissionais da comunicação, dentre os quais os jornalistas. Desta forma, as entidades sindicais começam a estruturar assessorias e departamentos próprios de comunicação, com profissionais habilitados e contratados (MOMESSO, 1995, p.88), sobretudo após a década de 1970, com a reestruturação e fortalecimento sindical.

Dentre inúmeros materiais de divulgação e comunicação das ações sindicais, mesmo com o advento da internet e de meios de comunicação virtuais, o jornal é o mais

---

<sup>1</sup> Fenômeno do sindicalismo que surge nas grandes greves do ABC paulista no final da década de 1970, e que viria a se caracterizar “por uma nova prática sindical, de organização da base, da construção da intervenção operária no locais de trabalho, considerada uma das principais debilidades do sindicalismo brasileiro” (ALVES, 2000, p.7).

conhecido, sendo que os temas que comportam são comumente relacionados às questões das categorias profissionais representadas pela entidade, como aumento salarial, anuênio, aposentadoria. “Enfim, seus direitos. O jornal do sindicato existe para falar sobre estes temas. Através deles abordar assuntos da política global e fazer a disputa ideológica” (SANTIAGO E GIANNOTTI, 1997, p. 47).

Apesar disso, o jornal de sindicato não necessariamente trata apenas de questões salariais ou trabalhistas, podendo também abordar temas culturais, de educação, saúde, meio ambiente e sobre conjuntura política, no entanto, “com uma definição de classe clara e não escondida.

Todos esses assuntos devem ser tratados sob a ótica dos interesses dos trabalhadores, que são seu público leitor” (SANTIAGO E GIANNOTTI, 1997, p.47). Portanto, o jornal dentro das entidades sindicais desempenha um papel de instrumento de posicionamento político que versa a visão de mundo defendida pelo sindicato.

Conforme aponta Araújo, a produção da informação jornalística não cabe mais à exclusividade das empresas de mídia, sendo que,

à margem do modelo dominante, vêm-se legitimando formas específicas de informação e do fazer jornalístico, cujo impacto (sobre a “tradição jornalística”) coloca em xeque os princípios fundadores da profissão. Assim, não existiria mais um jornalismo unitário e absoluto nas suas formas de manifestação [...], esse jornalismo de referência<sup>2</sup> passa a coexistir com outras modalidades de informação e de prática jornalística, que absorvem, cada vez mais, os contingentes profissionais. (ARAÚJO, 2004, p.20)

Percebe-se, portanto, uma opção nas publicações sindicais que destacam, sobretudo, uma dicotomia referente a lutas de classes e uma forte posição em defesa dos interesses dos trabalhadores, predominante não apenas nas definições dos conteúdos pautados pela imprensa, mas fundamentalmente nas opções de recortes de visões, de posições e de lado: o dos trabalhadores. Sob esse viés, resguardado o posicionamento político-ideológico dos jornais sindicais, bem como outras características à contramão do jornalismo de referência, questiona-se os reflexos desse posicionamento definido e opções ideológicas presentes na imprensa sindical para a produção jornalística, em que medida ao representar um lado - pressupondo uma dicotomia trabalhador/empregado - o

---

2 Para termos de indicação, nominaremos “jornalismo de referência” aquele praticado na imprensa comercial de massa, como uma forma de diferenciar do jornalismo praticado na imprensa sindical, conforme indicado por Araújo (2009).

jornalismo sindical não aponta aí uma característica marcante sua, ou ainda, pelo contrário, uma renúncia aos critérios e deontologia do jornalismo de referência. Sob esses apontamentos e aspectos, apresenta-se a problemática: quais as características do jornalismo praticado no âmbito sindical?

Com esse desafio, objetiva-se a identificação e análise das especificidades do jornalismo sindical contemporâneo, tendo em vista a sua profissionalização, acentuada no final da década de 1970, com a renovação do movimento sindical, ou com o fenômeno do *novo sindicalismo*, até os dias atuais, tendo como *corpus* de análise jornais de seis entidades de representação dos trabalhadores de diferentes setores produtivos de Curitiba, publicados entre os anos 2013 e 2014.

Dentre os objetivos específicos, está o mapeamento das características recorrentes do fazer jornalístico na imprensa sindical, a identificação das formas de expressão textuais, a identificação das fontes e falantes na imprensa sindical.

Busca-se sustentar a validade da pesquisa, primeiro pelo debate sobre consolidação de um campo profissional de atuação dos jornalistas profissionais no meio sindical, além de propor avanços no campo científico do jornalismo ao buscar delinear a prática no meio sindical, reforçando assim a discussão enquanto um campo autônomo do conhecimento e ampliando seus espaços de definição para além das discussões que objetivam discutir o jornalismo da imprensa comercial de massa, mas também enquanto um instrumento de ação social e de luta dos trabalhadores, com um viés contra-hegemônico e de representação das classes trabalhadoras.

Para tanto, parece necessário elencar algumas delimitações do jornalismo a serem inferidas nas publicações sindicais que ultrapassem o modelo e características macro apontadas por Groth - calcado na periodicidade, universalidade, atualidade e publicidade (GROTH, 2011)-, mas que, dentre outras características, também contemplem ações de ética profissional, tensionada pelo posicionamento político-ideológico do jornalista.

Cabe ressaltar que, Araújo (2009), ao pesquisar sobre as publicações sindicais, ao identificar no meio sindical um campo de atuação dos profissionais de jornalismo, aponta a existência de um fazer jornalístico nessas entidades que atendam especificidades que foge à prática jornalística dos meios de comunicação consolidados, ou aqui nominado de jornalismo de referência, desembocando no que o autor nomina de



“jornalismo de informação sindical”, cujas principais características estão centradas no fato de “ser uma prática socialmente engajada, que, além de informar, exerce plenamente um papel militante: expõe e defende um posicionamento político, toma partido em relação aos fatos da atualidade, erige suas convicções em elemento central de sua práxis” (ARAÚJO, 2004, p.20).

Portanto, o autor identifica o jornalismo nas publicações sindicais, e o ressalta sob características de produção que, segundo ele, sustentam uma denominação específica, qual seja “jornalismo de informação sindical”.

Com base nas publicações de sindicatos que representam trabalhadores no Paraná, buscou-se na presente pesquisa identificar características do jornalismo sindical contemporâneo a partir das publicações de seis entidades sindicais do Paraná. As entidades cujas publicações serão analisadas foram definidas dentre um universo de sindicatos de trabalhadores com abrangência paranaense, com publicações impressas periódicas, que apresentem diferentes abrangências de atuação sindical - municipal, regional, estadual; existência de jornalista profissional responsável pela publicação; pluralidade de representação de categorias profissionais e/ou de setores de produção.

As publicações das entidades sindicais que subsidiaram as análises da presente pesquisa compreende as edições impressas entre janeiro de 2013 e dezembro de 2014. As entidades definidas, bem como os títulos de suas publicações são:

- *Jornal 30 de Agosto*, do Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Paraná (APP Sindicato);
- *Folha Bancária*, do Sindicato dos Bancários de Curitiba e Região;
- *A Voz do Metalúrgico*, do Sindicato dos Metalúrgicos de Curitiba e Região;
- *Extra-Pauta*, do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná (Sindijor);
- *Pressão Alta*, do Sindicato dos Servidores da Saúde do Paraná (Sindsaúde) e
- *Jornal do Sismuc*, do Sindicato dos Servidores Municipais de Curitiba.

Aponta-se, a título de localização, que os exemplares dos jornais analisados foram fornecidos pelas assessorias e direções das entidades e por acesso em formato digital nos sites dos sindicatos. Dentre as justificativas sobre a importância da investigação científica no universo das publicações do meio sindical, ressalta-se,

primeiramente, a baixa quantidade de pesquisas sobre jornalismo sindical, sobretudo a partir das duas primeiras décadas do século XXI, concentrando maior parte das pesquisas entre as duas últimas décadas do século XX, com destaque para os trabalhos de Maria Nazareth Ferreira, sobre a comunicação e imprensa proletária/operária (FERREIRA 1988; FERREIRA 1995) e de Vito Giannotti, sobre comunicação sindical (GIANNOTTI & SANTIAGO, 1997; GIANNOTTI, 2007; GIANNOTTI, 2014). Já posterior a 2000, destacam-se pesquisas que ressaltam o campo do jornalismo no meio sindical, como as dissertações de Jaqueline Lemos Martins (MARTINS, 2001) e Marcos Alexandre dos Santos Ferraz (FERRAZ, 2000), além da tese de doutorado de Vladimir Caleffi de Araújo (ARAÚJO, 2009), que identifica a imprensa sindical como um espaço de atuação profissional e as pesquisas de Rozinaldo Miani sobre a imprensa sindical (MIANI, 2010, 2013).

Cabe ressaltar que identificar as especificidades do jornalismo sindical a partir das publicações sindicais consiste em esforços para a compreensão sobre prática profissional nas redações sindicais, pois, conforme aponta Araújo (2004, p.19), torna-se um espaço que requer “maior e melhor exploração nos estudos acadêmicos”.

Segundo pesquisa da Fenaj (2012), cerca de 40% dos jornalistas entrevistados afirmam trabalhar fora da mídia, ou seja, atuam em atividades de assessoria de imprensa ou em outras ações que utilizam o conhecimento jornalístico. Destes 40%, um terço atua em organizações do terceiro setor ou da sociedade civil e em empresas privadas. Cabe ressaltar que nesse percentual não é especificado em quais entidades e se são atuações em assessorias ou não.

Por outro lado, para além do debate acerca de um campo profissional dos jornalistas no meio sindical, conforme apontado por Araújo (2009), há especificidades na produção do conteúdo jornalístico nas entidades sindicais que podem resultar em um fazer jornalístico que surge à margem do modelo dominante, fazendo com que “esse jornalismo de referência passa a coexistir com outras modalidades de informação e de prática jornalística, que absorvem, cada vez mais, os contingentes profissionais” (ARAÚJO, 2004 p.20).

Para dar conta dos objetivos e da problemática aqui propostos, a pesquisa tem como base os fundamentos teóricos de Otto Groth acerca do jornalismo enquanto obra cultural, guiados por valores e finalidade, cuja essência transcende a materialidade do

jornal/revista, sendo fruto da totalidade das suas manifestações e características (GROTH, 2011).

Junto ao referencial teórico jornalístico, também foi adotada uma perspectiva pela qual busca-se identificar o todo pelas partes, como proposto por Groth. No entanto, à guisa de Max Weber, de quem Groth foi discípulo, cuja perspectiva possibilita compreender as ações sociais como unidade última dentro das relações e intenções interacionais. Para Weber, a motivação determina, portanto, um papel importante sob o viés metodológico, num comportamento observável, teoricamente construído como sendo provável e “que é praticado por indivíduos com relação a comportamentos de outros indivíduos”, e que podem ser comportamentos reais ou possíveis em potencial (WEBER, 2001).

Dentre as motivações para a proposta de investigação sobre o jornalismo sindical, destaca-se, sobretudo, a atuação do próprio autor no jornalismo sindical há mais de cinco anos e, desde 2010, como assessor de imprensa do Sindicato dos Engenheiros no Estado do Paraná (Senge-PR), em Curitiba.

A vinculação ao departamento de comunicação do sindicato é anterior a esse período, pois data de 2006 a atuação junto ao departamento de comunicação da entidade, antes de iniciar e finalizar o curso de jornalismo. Soma-se às motivações, a tentativa de contribuir para o debate sobre o fazer jornalístico nesse meio, bem como de saciar as inúmeras curiosidades e dúvidas que se somam ao longo da carreira profissional no jornalismo sindical.

Se por um lado tal proximidade se apresentou como uma dificuldade, vencida paulatinamente ao longo do processo da pesquisa, por outro cabe ressaltar que isso facilitou o acesso às publicações, às equipes de jornalismo das entidades sindicais, bem como a compreensão de algumas tecnicidades nas linguagens adotadas nos textos, devido à familiaridade do próprio autor com o universo sindical, como processo de negociação salarial, percepção dos tipos diferentes de relações contratuais – tendo em vista que as entidades sindicais escolhidas para a pesquisa representam profissionais que atuam na administração pública (sob regime trabalhista estatutário) e de iniciativas privadas (sob regime celetista) –, bem como posicionamentos político-ideológicos das filiações às centrais sindicais, dentre outras características.

A presente dissertação está dividida em quatro capítulos. No primeiro capítulo, intitulado *Jornalismo e Sindicatos: uma imprensa centenária na representação e defesa dos trabalhadores no Brasil*, busca-se definir e delimitar o espaço da imprensa sindical, e ressaltar o jornalismo como um campo autônomo do conhecimento.

Lança-se mãos, para tanto, das obras de um dos principais pilares da ciência dos jornais, Otto Groth, que reconhece o jornalismo como obra cultural, resultado de uma produção humana que atende um objetivo específico e que desempenha um papel fundamental nas sociedades modernas. A partir desta perspectiva, partiu-se para a pesquisa da pesquisa em imprensa sindical, pela qual buscou-se contemplar as principais análises sobre a temática jornalística sindical e operária, compreendendo algumas de suas mutações ao longo dos mais de 100 anos de imprensa de representação dos trabalhadores no país.

No segundo capítulo, intitulado *Jornalismo nos sindicatos: alguns conceito e limites*, já com as bases teóricas do jornalismo e alguns pontos da imprensa sindical vista, parte-se para delimitar algumas questões determinantes dos tipos comunicacionais e jornalísticos identificados no meio sindical pela pesquisa da pesquisa<sup>3</sup>, definindo características e agrupando algumas interpretações realizadas por outros pesquisadores que se debruçaram sobre a imprensa sindical.

No terceiro capítulo, intitulado *O olhar sobre o objeto: questões metodológicas*, traça-se um caminho para delimitar as formas de contemplação do objeto da presente pesquisa.

Para tanto, parte-se de um caminho até então desconhecido dos investigadores da atual pesquisa, o método compreensivo idealizado por Max Weber. Ainda no mesmo capítulo aponta-se alguns limites do *corpus* de análise, e busca-se formar as categorias e o tipo ideal, indicados a partir das primeiras incursões aos seis jornais sindicais e tendo como base a pesquisa da pesquisa no jornalismo sindical.

Por fim, no quarto capítulo, intitulado *Jornalismo sindical: algumas características da prática jornalística em seis entidades paranaenses*, apresentam-se os

---

<sup>3</sup>Entendemos pesquisa da pesquisa aqui como a etapa do processo de investigação em que nos debruçamos a visitar e abarcar as produções de outros pesquisadores que se debruçaram sobre a temática. Como aponta Maldonado, é uma perspectiva que problematiza “os paradigmas e modelos teóricos, explicitando-os na sua configuração interna – sistemas de hipóteses, categorias, conceitos e noções - e vinculando-os às suas fontes de conhecimento precedentes e contemporâneas” (MALDONADO, 2003).

resultados dos levantamentos de dados e as análises entre as variáveis qualitativas e quantitativas das leituras de 108 edições dos jornais sindicais em como da aplicação dos formulários de categoria e tipo ideal.

## 1. JORNALISMO E SINDICATOS: UMA IMPRENSA CENTENÁRIA NA REPRESENTAÇÃO E DEFESA DOS TRABALHADORES NO BRASIL

É fundamental para o campo do jornalismo a produção de pesquisas que auxiliem a fundamentação e delimitação do jornalismo como um campo autônomo. Partindo do pressuposto da necessidade de ressaltar sobre a área do conhecimento de abarca a presente pesquisa, vê-se a obrigatoriedade de apontar a área na qual se firma a atual pesquisa, qual seja, a do jornalismo.

Cabe ressaltar que, ao longo da pesquisa, foram encontradas características e posicionamentos inerentes à imprensa sindical e ao fazer jornalístico no meio sindical, como o entrelaçamento da veia informativa do conteúdo dos jornais, com a publicitária e militante política.

No entanto, não perde-se de vista no tencionamento do campo a busca incansável em firmar o apoio da pesquisa sobre a imprensa sindical no jornalismo, não buscando nada além da essência jornalística nesse meio centenário de divulgação, conscientização e defesa dos interesses dos trabalhadores.

Um pouco anterior aos esforços de produção jornalística sindical no Brasil, a busca pela teorização do jornalismo são antigas, sendo que um dos registros sobre a conceituação do jornalismo data de 1690, com a primeira tese defendida sobre o jornalismo, realizada pelo alemão Tobias Peucer para obtenção do título de doutor pela Universidade de Leipzig.

Nos 29 parágrafos da tese, intitulada “Relatos Jornalísticos”, Peucer traça um paralelo entre história e jornalismo, sendo este uma forma de narrativa histórica do presente, uma vez que “os relatos jornalísticos não costumam escrever tendo em vista a posteridade, senão tendo em vista a curiosidade humana” (PEUCER, 2004 p25).

Segundo Peucer, as *Relationes novellae*, ou relatos jornalísticos, pertence a uma forma de história que se contrapõe à história como um fio contínuo dos acontecimentos, “conservando a sucessão precisa dos fatos históricos”. Essa outra forma de história estaria preocupada com as “coisas esparsas”, que “discorre e resenha em uma determinada ordem os fatos ou as palavras escolhidas e dignas de serem contadas que se extraiu separadamente da narração contínua dos fatos históricos” (PEUCER, 2004 p.15).

Ainda na tese, Peucer aponta características fundamentais ao fazer jornalístico,

os quais ainda são debatidas atualmente, como utilidade pública da informação, critérios de noticiabilidade e atualidade jornalística.

Séculos depois, ainda na Alemanha, vários intelectuais se debruçaram no debate do jornalismo como um campo científico autônomo. A Perodistika, ou ciência dos jornais, encontraria nas obras de Otto Groth espaço firme para uma sustentação teórica.

Groth parte do pressuposto de que o jornal é uma obra cultural humana, um produto das criações “mentais humanas que cresce e muda continuamente”, não sendo, portanto, resultado de causalidade, mas sim para atender finalidades pré-definidas.

Ao localizar os jornais e revista como obras culturais, ressalta-se que o pesquisador alemão entende cultura como o “conjunto de criações humanas de sentido que está em constante crescimento e mutação”, e desta feita, o jornalismo torna-se, por sequência, uma “ciência da cultura” (GROTH, 2006, p.187).

Tais obras culturais, segundo o autor, desempenham reflexos fundamentais na forma como a sociedade apreende os acontecimentos e no direcionamento do seu pensamento, sendo que

o espírito do ser humano atual é amplamente moldado e preenchido pelo jornalismo, entre outros fatores. O jornalismo determina, sobretudo, a direção do pensamento e da vontade das amplas camadas da sociedade, e não só destas; dele depende, em grande parte, o patrimônio de conhecimento e, por conseguinte, a capacidade de julgamento de todo o povo. A influência do jornalismo se estende a todas as áreas da vida; sobretudo, a imprensa periódica constitui um importante fator econômico em vários sentidos, e na vida pública essa influência ainda é dominante, a despeito da concorrência crescente (GROTH, 2006 p.184)

A obra cultural, reitera-se, é produzida para um determinado fim pelo homem para satisfazer “suas necessidades físicas e mentais” (GROTH, 2006, p.178), e para tanto uma de suas preocupações é produzir valor, entendido como a “a inesgotável força motriz e criadora do ser humano; é com valores que ele vincula suas relações mais fugazes e constrói suas obras mais duradouras” (GROTH, 2006, p.187), isso por meio dos valores indicados os objetivos fins dos produtos culturais.

O jornalismo ou a ciência dos jornais está, portanto, localizado na ciência da cultura, desta forma, ela torna-se uma produção com determinada finalidade, esta definida pelo homem. Um objeto cultural busca trabalhar valores, e o faz tendo em vista

certos objetivos e finalidades.

Em suas manifestações, segundo Groth, quer sejam em jornais ou em revistas – ou outras plataformas – o jornalismo faz uso de temas e conteúdos referentes a outros campos do conhecimento, no entanto, utilizando-os ao seu auxílio, como ciências auxiliares, e não como determinante de sua essência (GROTH, 2006).

O posicionamento autônomo ante outros campos do conhecimento e outras ciências define a necessidade de criação de uma postura de estudo específica para o jornalismo, ou seja, aponta a fundação de uma “ciência autônoma”, como pontua Groth, que dê conta da essência do jornalismo.

Isso se justifica, de acordo com o pesquisador alemão, no entanto, quando se identifica um objeto próprio para a existência de uma ciência autônoma. Um objeto não contemplado por outras ciências, afirma Groth, ou

cuja investigação as intenções delas não permitam, ou com o qual outras ciências já tenham se ocupado, mas que a nova ciência consiga abordar com outro enfoque. Essa maneira particular de enfocar [...] o “objeto” nos proporciona conhecimentos particulares acerca dele, os quais precisam ser organizados segundo princípios particulares de estruturação, ou seja, colocados num sistema, e só então a nova ciência está fundamentada e poderei reivindicar o reconhecimento de sua autonomia (GROTH, 2006)

Ou seja, a economia, a política, a cultura, dentre outros campos/ciências, são inseridas nas publicações não como determinante da narrativa, mas como assuntos para formação da manifestação do jornalismo. Assim, tais áreas do conhecimento são conclamadas pelo jornalismo como ciências auxiliares.

Portanto, a que interessa na pesquisa é a essência do jornalismo, que faz do jornal algo que vá além do meio e das ciências auxiliares. Tal essência deve ser a mesma independentemente da plataforma utilizada no jornal, se impresso, televisado ou veiculado na internet. É a sua transcendência e firmeza que possibilita chamar de jornal independente da plataforma (FIDALGO, 2004, p.261). É a ideia fundamental, basilar, que faz do jornal um jornal e não outra coisa, portanto

a identidade de um jornal impresso não se altera, mesmo que se alterasse toda a parte gráfica. O mesmo vale dizer para tudo o que se liga ao que é sensível no jornal. Num jornal radiofônico acontece o mesmo. Podem mudar os redatores das notícias, os locutores, até a hora de emissão, que o jornal se mantém o mesmo, desde que o seu princípio ideal se mantenha o mesmo (FIDALGO, 2004, p.261)



O foco está, portanto, na essência do jornalismo, que transcende os assuntos e/ou campos do conhecimento abordados por ela, o que ressalta a defesa do pesquisador alemão de que “uma ciência à parte surge quando se separa da totalidade do cosmo natural ou sociocultural um conteúdo parcial com enfoque determinado e coeso” (GROTH, 2006, p. 182).

O conteúdo da ciência dos jornais não está, portanto, na “investigação dos conteúdos da imprensa, do rádio ou da televisão, mas na investigação das características de cada um dos meios, considerados como um todo”<sup>4</sup> (FAUS BELAU, 1966, p.38).

E para isso, para se ressaltar, delimitar e definir essa ciência, esse campo do conhecimento que está calcado nas ciências da cultura, e se denomina periodística ou ciência dos jornais, faz necessário um modo de contemplar, uma metodologia que dê conta de sua essência. O pesquisador deve se posicionar quanto à postura de ver o objeto, ou seja,

decidir-se por um enfoque (método) específico com o qual pretende ver os fenômenos, precisa escolher que “lado” deles lhe é importante, o que, em correspondência com isso, precisa destacar neles e o que precisa deixar fora. (GROTH, 2006, p.186)

Tal método, como aponta Groth, não é apenas uma forma de coletar dados e/ou subsídios nas manifestações do jornalismo, mas antes uma postura de análise e também uma um conjunto de lentes pelas quais é possível identificar seus contornos e nuances, entretanto, “precisa proceder de acordo com “regras”, sendo um modo do aspecto a partir de um ponto fixo, que tateia o objeto segundo um plano para apreendê-lo unitariamente em sua totalidade” (GROTH, 2006, p.234).

Retomando a perspectiva buscada para a atual pesquisa, a da imprensa sindical e dos aspectos e características do fazer jornalístico no meio sindical, tem-se em mente que não se pode olhar para tal objeto, com os pés no campo do jornalismo, e buscar nele algo que não está lá, ou que não pertença ao campo do conhecimento.

Não acusa-se a inexistência desse conteúdo pertencente às outras áreas do conhecimento em nosso objeto, porém, não é o foco do olhar da presente pesquisa. O método, por exemplo, construído e/ou adotado para contemplar o jornalismo no meio

---

<sup>4</sup>“investigación de los contenidos de la Prensa, la Radio o la Televisión, sino en la investigación de las características de cada uno de los “medios”, considerados como un todo” (FAUS BELAU, 1966, p.38, Tradução nossa)

sindical se enquadra no objetivo específico e dá conta desse olhar, e não de outro. Novamente, reconhece-se, mesmo tencionando o campo em que fixa-se no ponto basilar, o jornalismo.

Assim, a forma de contemplar, o olhar, a apreensão da essência do objeto é determinada pelos objetivos e necessidade do grupo e/ou observador, conforme ilustra o pesquisador alemão:

dentre os passantes que contemplam os pilares porfiricos do antigo portão de um parque, um deles, que é carteiro, só vê o esmerado trabalho artesanal feitos neles, um conhecedor de arte aprecia as proporções dos pilares em relação ao portão, ao muro, ao pano de fundo, enquanto um geólogo examina a origem geológica do material (GROTH, 2006, p.234)

Definida as premissas metodológicas e o objetivo, ao se voltar para um objeto complexo como o jornalismo, Groth acusa a dificuldade de se contemplar completamente o todo e a estrutura. Para tanto, o pesquisador indica a análise pelas partes que forma o todo, olhando para o conjunto “com as suas partes, também pensamos o sentido e as características juntos” (GROTH, 2011, p.143). Conhecer e identificar as características, ou especificidades e elementos do todo, são fundamentais para apreender o todo, pois, como aponta Groth,

nós não vamos muito adiante se nos empenharmos primeiro no sentido sem o conhecimento das características. [...] Sem as características o sentido fica vazio, ele esquiva-se do conhecimento do seu conteúdo e do seu significado e não nos diz nada (GROTH, 2011, p.144)

Sob esse percurso, ao contemplar o objeto da Ciência dos Jornais, que está para além das manifestações nos produtos jornais/revistas, ou seja, na essência que transcenda a materialização do jornalismo, Groth indica quatro características caras à sua essência: a periodicidade – como o ritmo da vida, uma linha contínua que se dá na totalidade das manifestações da obra jornalística; universalidade – que é o mundo, a diversidade de fatos e acontecimentos presentes em cada um dos membros de uma sociedade; atualidade – os fatos que acontecem no real e no presente; e publicidade – a difusão e amplitude da obra jornalística e dos acontecimentos reportados (GROTH, 2011).

A periodicidade é uma das características essenciais ao jornal, que marca sua capacidade de retornar de tempo em tempo, periodicamente ao contrário de outros produtos culturais.

Cada jornal, revistas e outros produtos do jornalismo devem retornar periodicamente, ou seja, a periodicidade em Groth é algo contínuo, e não se dá com o exemplar e/ou com a tiragem, por exemplo, do jornal. Não que outros produtos não possam retornar, e manter até uma periodicidade. No entanto, no jornal, essa é uma característica imbrincada na essência (2011, p.150).

A periodicidade em Groth, é contínua, dá unidade ao jornal, e o diferencia dos demais produtos culturais, conforme aponta:

Fala-se, todavia de forma e frequência de publicação de jornais e revista e tem-se em mente a quantidade de números. Diz-se, por exemplo que um jornal “é publicado” seis vezes por semana e isso significa que a redação e a editora elaboram tantos números intelectualmente e os preparam tecnicamente para a publicação em exemplares. No entanto, não são os números que “são publicados” na esfera pública. Eles continuam invisíveis e não podem ser ouvidos. (GROTH, 2011, p.147)

Apesar de ser a ideia do autor que dá início à obra, e não a publicação, a realidade material da manifestação do jornal (2011, p.148), cabe ressaltar que a periodicidade determina as formas de manifestação dessa periodicidade, seu conteúdo, por exemplo, o tempo presente nos jornais etc.

As publicações, os números dos jornais são os produtos que carregam diariamente traços as vezes diferentes um do outro, mas que no conjunto continua sendo o mesmo jornal.

Aponta-se com isso também a imaterialidade do jornal, até pela conclusão de sua essência transcendental ao produto impresso, à manifestação de sua periodicidade, e não está em algum lugar no espaço ou pode ser apreendido pelos sentidos, “Posto que é algo ideológico. Pode-se ter um conceito compreensível por meio dos números e exemplares e das instalações técnicas que o realizam”<sup>5</sup> (FAUS BELAU, 1966, p.46).

É unitária, e, apesar da periodicidade estar incorporada na sua essência, é a

---

<sup>5</sup>“puesto que es algo ideológico. Se puede tener un concepto comprensible a través de los números y ejemplares y de las instalaciones técnicas que lo realizan” (FAUS BELAU, 1966, p.46, tradução nossa)

unidade que determina a continuidade das publicações periódicas, ou seja, ”os números e exemplares não são peças que compõem o periódico, senão suas manifestações e materializações da mesma ideia”<sup>6</sup> (FAUS BELAU, 1966, p.47).

Se o jornal é produto cultural humano e é criado com um objetivo, seu conteúdo, assim, não poderia fugir do universo humano, ou seja, do que é de interesse do homem, do que acontece e é concernente ao seu sistema social, e isso aponta a segunda característica que é a Universalidade, e diz respeito ao conteúdo que é oferecido periodicamente (GROTH, 2011, p.167).

O jornal desempenha um papel de orientação do homem na sociedade complexa. Assim, a universalidade do jornal “significa é que tudo o que diga respeito ao homem, que tudo o que se passa no universo, é idealmente objecto da mediação jornalística” (FIDALGO, 2004, p.270).

Existe uma gama diária gigantesca de informação produzidas – sobre fatos políticos, sociais, científicos etc – e mediar o conhecimento é tarefa dos jornais, cujos espaços físicos e temporais são disputados pelos conteúdos. No recorte desse universo de acontecimento se consolida o todo representado num veículo, é a partir da mediação de uma imensidão de conteúdo que se concretiza a característica da universalidade, pois

O jornal é um mediador e tudo o que é digno de saber dos mundos diante de todos, contanto que seja “universal”, tem que ser “universal”.[...]o jornal vê o seu universal necessariamente na perspectiva do presente, o seu universal se forma e colore-se na escolha, na concepção e no tratamento do material atual (GROTH, 2011, p.177).

Para Groth, a universalidade consiste na presença de todo o conteúdo no jornal, isso, obviamente, não em sua plenitude de informação e de detalhes, pois “nenhum jornal tem a pretensão de uma completitude como esta, nem sequer pode ser” (2011, p.211), mas pode, por outro lado, manter os recortes dos possíveis universos, e também manter nas frações das realidades a universalidade do conteúdo que poderia entrar. Essa característica, como a periodicidade e a atualidade, dá uma forma peculiar ao jornalismo.

Uma terceira característica do jornal é a capacidade de se ater ao conteúdo que mantenha uma relação mais próxima ao tempo presente, a Atualidade, que distancia

---

<sup>6</sup>“los números y ejemplares no son piezas de las que el periódico se compone, sino sus manifestaciones y materializaciones de la idea misma” (FAUS BELAU, 1966, p.47, tradução nossa).

inclusive, como apontou Peucer, seu conteúdo e suas formas narrativas da história.

Groth aponta a atualidade como a característica do jornal de mediar um conteúdo atual, presente, agora, em voga, novo. Mas atual não é idêntico a novo” (GROTH, 2011, p.223). O atual varia entre cada sujeito, sendo necessário, por sua vez, determinar a atualidade “consciência que o sujeito tem do seu presente e do modo como com eles se relaciona. Assim, a mediação do jornal visa o que o sujeito vive e sente na atualidade e no seu mundo objectivo” (FIDALGO, 2004, p.169).

Não apenas sob essa perspectiva, cabe ressaltar que a atualidade não necessariamente se vincula ao novo, uma vez que pode estar relacionado a uma perspectiva descoberta de um fato histórico, ou um descobrimento que dá novas luzes a um determinado assunto. Tem-se assim a atualidade em algo que ocorreu num tempo distante na história. Além disso, a atualidade se molda ao longo do tempo e à cultura midiática, por exemplo. Algo atual em séculos passados poderia ser um relato de meses entre o ocorrido e o anunciado.

Em épocas atuais, mais intensamente após as três primeiras décadas do século passado, o atual tornou-se bem mais próximo entre o fato e o informado, a ponto de nos dias atuais existir uma relação quase imediata midiaticamente. Isso, obviamente, influenciado pelos meios de comunicação, que intensificam a aceleração do ritmo da vida (GROTH, 2011, p.239).

Por fim, desemboca-se na característica do jornal de tornar o acontecimento público, que é a Publicidade, que objetiva “uma difusão geral e constitui o correlato pessoal da universalidade de objetos” (FIDALGO, 2004, p.171).

Como característica essencial, está relacionada à acessibilidade que cada um pode ter a determinado assunto e, conseqüentemente, o impacto do tema e do seu recorte de conteúdo na sociedade.

Com isso, não apenas o jornal dá notoriedade ao acontecimento, por exemplo, mas também um caráter de existência ante um público. Isso garante também ao jornal, junto à característica, uma função central nas discussões públicas, elevando o jornal a um dos elementos chaves para a esfera pública.

## 1.1 – BASES TEÓRICAS PARA DISCUSSÃO: JORNALISMO E SINDICALISMO

Se a proposta é discutir o jornalismo no meio sindical, deve-se ter em mente breves apontamentos sobre os principais elementos históricos e também recentes do meio sindical, uma vez que a imprensa é reflexo das relações e de próprio perfil das entidades. A importância das lutas sindicais, das entidades corporativas e de representação dos trabalhadores é refletida na gama de direitos que hoje os trabalhadores têm, com garantias econômicas, salário mínimo nacional, benefícios de férias, direito a férias, vale-transporte e uma série de benefícios trabalhistas previstos, se não em leis na Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) em instrumentos legais de negociação assinados pelas entidades sindicais, como Acordos Coletivos de Trabalhos (ACT).

Junto ao tripé sindicato, partidos políticos e imprensa, as entidades sindicais desempenham as funções, dentre outras, de representar os trabalhadores, defender seus pleitos e negociar suas reivindicações, aglutinar e promover movimentos paredistas e greves quando necessárias, além de atuar na educação para a cidadania e “lutar por justiça social” (QUEIROZ, 2012, p.13). A história testemunha as conquistas do mundo sindical e da luta pelos trabalhadores, que resultaram

em dias melhores para a humanidade. Reivindicações sindicais importantes, que eram reprimidas com violência no passado, constituem, no presente, direitos de cidadania social inscritos nas constituições democráticas, como parte das gerações de direitos conquistadas nos séculos XX e XXI (QUEIROZ, 2012, p.13).

A imprensa dos trabalhadores está presente no movimento operário ao longo das mutações identitárias assumidas no país, partindo de um sindicalismo anarquista, influenciado pelos ideais dos imigrantes, passando por uma atuação partidária, no início do século XX, pela cooptação do Estado e pela ditadura militar, desembocando, às prévias da redemocratização brasileira, em um processo de profissionalização e abertura paulatina de espaço para atuação dos profissionais e jornalismo (FERREIRA, 1988; ARAÚJO 2009).

Ou seja, o jornal, a imprensa e comunicação sindical, dentre as várias nomenclaturas e concepções, sofreram e sofrem ao longo da existência das entidades sindicais influências das trajetórias dos sindicatos. E isso se dá desde a origem do sindicato no Brasil, uma vez que a imprensa e comunicação nos sindicatos são tão antigos quanto às entidades. O jornal sindical como um instrumento das entidades na

defesa pelos interesses dos trabalhadores é uma das expressões mais emblemáticas do cenário sindical trabalhista brasileiro.

No Brasil, as organizações dos trabalhadores remontam do final do século XIX, sendo que as principais formas de agrupamentos eram as “caixas” de socorro e assistenciais e ajuda mútua, mantidos pelos trabalhadores empregados na ativa para auxiliar os demais trabalhadores desempregados. Tais organizações compunham a era pré-sindical denominada de *fase assistencialista*.

Mesmo nessa fase já surgem as manifestações de comunicação junto às entidades, enquanto um instrumento dos trabalhadores na luta político-ideológica, aparecendo nos primórdios da estruturação do movimento operário, no século XIX. Fruto da militância, o sindicato atua como um “organizador coletivo, extrapolando a missão de difundir ideias, educar politicamente e conquistar aliados para a luta sindical, na concepção de Lênin” (ARAÚJO & CARDOSO, 1992 p.36). Tal imprensa privilegia a orientação política, buscando provocar ações por parte dos trabalhadores, sendo o “jornalismo expressão de indivíduos ou grupos responsabilizados socialmente em difundir concepção integral de mundo” (ARAÚJO & CARDOSO, 1992 p. 36).

Ainda antes da virada do século, após a fase assistencialista sindical, surgem outros agrupamentos de trabalhadores como as Ligas Operárias e Uniões de Trabalhadores, que buscavam desempenhar um papel de resistência e defesa dos trabalhadores. “Foi este o caminho que rapidamente levou à formação de sindicatos. Já no início do século XX, a palavra sindicato era adotada para indicar a organização operária” (GIANNOTTI, 2007 p.58). Superando o perfil assistencialista e ampliada sua atuação às questões de defesa dos trabalhadores, tais organizações passaram a “sofrer uma constante intervenção policial e também passaram a não ter uma existência regular efetiva” (SILVA, 2006 p.32).

O ideal político que orientava as propostas e ações dos novos agrupamentos, já denominados sindicatos, era o anarquismo, orientação política influenciada pelos trabalhadores imigrantes europeus. Os anarcossindicalistas compunham a parcela mais combativa no processo de luta por melhores condições de trabalho, formando, com o primeiro Congresso Operário Brasileiro, em 1906, “o seu predomínio sobre o movimento operário organizado no país” (SILVA, 2006 p.34). A principal decisão do congresso seria a criação do que seria o primórdio das centrais sindicais, a

Confederação Operária Brasileira (COB) (GIANNOTTI, 2007, p.78).

E aqui aponta-se a primeira fase da imprensa dos trabalhadores brasileiros, conforme indicado por Araújo (2009, p.35), que divide a história entre a origem até a redemocratização do país pós-ditadura militar em quatro fases da imprensa sindical. A primeira delas, que vai de 1880 a 1920, é marcada pela predominância de ideais anarquistas, influenciados pelos pensadores imigrantes europeus, sobretudo pelos italianos (ARAÚJO, 2009 p.35). Tal etapa, a do anarcossindicalismo, segundo Ferreira, é referente ao início da urbanização do país, e acompanha toda transformação política estrutural do Brasil na virada do século, “exaurindo-se entre 1922 e 30 com a mudança de orientação sofrida pelo operariado brasileiro” (FERREIRA, 1995 p.7).

Em meio ao movimento sindical anarquista, Curitiba e principais cidades paranaenses iriam aderir, em 1917, à Greve Geral, motivada, sobretudo, pelo aumento de quase 200% do custo de vida entre 1914 e 1923, enquanto o salário médio havia aumentado apenas 70%. Isso para “salário médio de um operário de cerca de 100 mil réis correspondia um consumo básico que para uma família com dois filhos atingia a 207 mil réis. O trabalho infantil era generalizado. Greve Geral em todo país”. Em Ponta Grossa, a criação de um comitê de greve tendo à frente principais entidades, como a Sociedade Operária Beneficente e a Sociedade Beneficente dos Operários foram as primeiras manifestações da adesão à greve geral, bem como publicação de nota com as reivindicações dos trabalhadores na edição do jornal Diário dos Campos de 21 de julho de 1917 (POCAI FILHO, 2013, p.11).

Durante essa e as fases posteriores da imprensa sindical antes da década de 1970, não havia a figura do repórter enquanto profissional da notícia. A notícia procurava o jornal, ao invés de o jornal procurar a notícia. Para Ferreira, era “uma autêntica forma de comunicação participativa, verdadeira integração entre o emissor e o receptor, entre o jornal e o leitor”. Assim, todo proletário era um repórter em potencial, captando a notícia nos espaços laborais e levando para as redações dos sindicatos um material composto de “relatórios dos sindicatos, cartas pessoais, denúncias etc” (FERREIRA, 1995 p.22).

A segunda fase, que vai de 1920 até 1935, com a ascensão do Partido Comunista, criado em 1922, é marcada pela forte influência partidária e pela diminuição da predominância dos ideais anarquistas. Essa imprensa, segundo Araújo, é marcada por



uma forte dominação partidária, produto da crescente politização do sindicalismo.

O ideal anarquista no sindicato predomina, então, até a fundação do Partido Comunista no país, quando as influências anarquistas começam a diminuir, e a nova visão, sob ideais comunistas, começam a tomar corpo nos espaços de defesa trabalhista (GIANNOTTI, 2007, p.84). O partido nasce do “seio do anarquismo e, desta forma, já vinculado às lutas operárias e ao sindicalismo” (SILVA, 2006, p.34).

É, portanto, com a fundação do Partido Comunista que se inicia a etapa da imprensa sindical-partidária, que, segundo Ferreira, terminaria apenas com o golpe de 1964. Essa etapa abrangeria dois acontecimentos fundamentais para a compreensão da história do trabalhador brasileiro, que seria a criação do PCB, que modifica “a trajetória da organização operária, até então sob forte influência anarquistas” e o advento do populismo e do getulismo, que colocaria o movimento sindical sob o controle do Estado (FERREIRA, 1995 p.7).

A imprensa do meio sindical da época, juntamente com os jornais comunistas, foram os principais veículos de comunicação de contraponto e oposição ao sistema capitalista em 1920 e depois nos “governos de Vargas, de 1930 até o fim da sua ditadura, em 1945” (GIANNOTTI, 2007, p. 85).

A partir de 1930, inicia-se a instalação de mecanismos que visavam o controle do movimento sindical e a “despolitização dos sindicatos, tornando-os órgãos de colaboração do Estado, e da contínua perseguição aos militantes comunistas” (SILVA, 2006, p.37).

Apesar disso, o Partido Comunista continuou a intensificar sua influência no meio sindical durante os primeiros anos do Governo Vargas, mesmo com a criação do Ministério dos Negócios do Trabalho, Indústria e Comércio, e o tolhimento de manifestações reivindicatórias, e a criação da Lei de Sindicalização, pela qual “os sindicatos poderiam funcionar “livremente”, desde que obedecessem a uma série de normas que desvirtuavam completamente o sentido da palavra sindicato” (GIANNOTTI, 2007 p.135).

Em 1937, com a implantação do Estado Novo, aumentaram as repressões ao Partido Comunista e aos movimentos sindicais que se opunham às medidas do governo. Inicia-se uma grande absorção do movimento sindical ao estado. Assim, “a liderança sindical, que se firma e permanece, adquire o hábito de ater-se à lei e, por conseguinte,

torna-se não apenas fiel cumpridora dela, mas também sua guardiã” (RODRIGUES, 1979 p. 170). As greves ficariam quase impossíveis e o movimento sindical apenas se reanimaria “a partir de 1944, com os comunistas criando, clandestinamente, o Movimento de Unificação dos Trabalhadores (MUT)” (GIANNOTTI, 2007, p.142).

Cabe ressaltar que a desmobilização do movimento sindical, transformado em instrumentos passivos e assistencialistas, refletia uma imprensa também desmobilizadora e colaboracionista, acarretando “uma desarticulação dos setores mais combativos da imprensa operária. Muitos jornais deixam de circular, outros reduzem sua tiragem e aumentam sua periodicidade” (FERREIRA, 1995 p.49).

Para Silva, para se compreender essa fase do sindicalismo, conhecida como *sindicalismo de estado*, é necessário destacar que há um amortecimento nas lutas de classe durante o período; o movimento sindical é influenciado pela ideologia populista do governo; e, após a década de 30, o sindicalismo apresenta uma “debilidade crônica de organização”, com a capacidade do movimento de propor políticas cerceada, “pois o controle é tão efetivo que o sindicato passa a ser um ramo da burocracia estatal” (SILVA, 2009 p.38).

Araújo destaca, numa outra etapa, os abalos sofridos pelo movimento sindical e do Partido Comunista com a revolta comunista em 1935 e com o “Golpe do Estado Novo”, em 1937, recuperando-se apenas a partir de 1942, com “a abertura gradual do regime de Vargas” (2009 p.35).

O movimento sindical retoma à ativa após o Estado Novo, com uma nova ordem democrática. Silva aponta que o período de barreiras institucionais impulsionou um “vigoroso movimento operário”, que viu entre 1945 e 1946 anos férteis para a organização e mobilização. Com o populismo, aumentou-se a importância política dos trabalhadores, “em virtude da necessidade de sua incorporação como estratégia de segmentos dos setores dominantes” (SILVA, 2009, p.40).

No Paraná, a partir da década de 1950 começam a surgir os sindicatos rurais<sup>7</sup>,

---

<sup>7</sup>Ressalta-se como um marco da atuação partidária comunista no meio rural junto aos trabalhadores do campo as diversas reportagens, dentre outros órgãos de divulgação partidário-sindical, do semanário Voz Operária, do Partido Comunista Brasileiro, numa dos principais conflitos de terras nacional, ocorrido entre as décadas de 1940 e 1950 no Paraná, conhecido como a Guerra de Porecatu. O conflito ocorreu no vale do rio Paranapanema, e se desenvolve num contexto de políticas de ocupação de terra “implementada pelo Governo Vargas e conhecida como ‘Marcha para o Oeste’” (PRIORI, POMARI, AMÂNCIO, IPÓLITO, 2012, p.129). Possesores e pequenos proprietários, vindos sobretudo de São Paulo, colonizam a região de Porecatu. Posteriormente, grileiros e latifundiários expulsam os posseiros e “estruturaram as suas propriedades com base no cultivo da cultura do café, na criação de gado, na

até então inexistentes, e raro no restante do país. As entidades e o movimento que se formará no meio rural paranaense, ao contrário do meio urbano, carrega o comunismo como linhas políticas guias (SILVA, 2006).

No entanto, logo após, com a Ditadura, o sindicalismo é novamente “amordaçado”, e suas ações são tolhidas com as rotinas da intervenção militar, com prisões, perseguições e assassinatos, “medidas que a Ditadura julgava necessárias para poder restaurar o controle da classe dominante sobre o proletário” (GIANNOTTI, 2007 p. 186). Em 1964, duas décadas após tal abertura, o movimento sindical e a imprensa sofreram novamente com o golpe, que, segundo Araújo, marca o sindicalismo e seus meios de comunicação em dois momentos distintos:

primeiro, repressão política e social, como aniquilamento quase total das organizações e de suas direções durante a primeira década. Nesse período, subsistirá apenas um sindicalismo de fachada, que rapidamente se tornará auxiliar do poder ditatorial. O segundo momento caracteriza-se pela retomada de um sindicalismo militante e autêntico, a partir dos anos 1970, com o ressurgimento de uma forte imprensa sindical propriamente dita, a qual passa a incluir novas categorias profissionais. Chegaria ao fim a predominância quase absoluta de uma imprensa de inspiração essencialmente operária desde os seus primeiros sindicais de existência (ARAÚJO, 2009 p.35).

Junto à forte repressão do regime ditatorial brasileiro, permanece, no entanto, uma postura do meio sindical menos verticalizada e menos burocrática, característica influenciada pelos anos do sindicalismo no Estado Novo. Isso viria a contribuir na reconquista da confiança das bases sindicais, possibilitando, a partir de 1970, o renascimento de um sindicalismo combativo e mais autônomo, que desembocaria em grandes greves e manifestações de trabalhadores no final da década de 70, sobretudo no ABC Paulista.

Em 1973, a Federação dos Metalúrgicos de São Paulo reivindica junto ao Governo Médici autonomia sindical ante o Ministério do Trabalho; o direito à negociações livres com o patronato e a possibilidade de instalação de comitês de fábricas (MACEDO, 1986, p. 25). Essas seriam o início de ações sindicais na busca pela

---

plantação de cana-de-açúcar, associados com o trabalho assalariado” (2012, p.130). O PCB desempenha então um grande papel de organizador da luta armada, sendo que a resistência dos camponeses tem origem na fundação de Ligas Camponesas: “a primeira notícia que se tem da formação de uma Liga Camponesa no Estado do Paraná ocorreu em 1944. Nesse ano dois acontecimentos marcaram o início do movimento organizado dos posseiros de Porecatu e região” (PRIORI, POMARI, AMÂNCIO, IPÓLITO, 2012, p.130).

autonomia e retomada à frente na luta pelos direitos dos trabalhadores.

O ano 1978 seria decisivo para o sindicalismo brasileiro, com o começo das greves ocorridas em São Bernardo do Campo, nas montadoras de veículos, e que rapidamente se espalhariam para outras fábricas do mesmo ramo em outras cidades, coordenada pelo Sindicato dos Metalúrgicos, e, na sequência, “começa uma nova efervescência e diversos sindicatos do país se articulam, provocando profundas mudanças no quadro sindical brasileiro” (GIANNOTTI 2007, p.243).

É nesse momento que desponta com as grandes greves do ABC paulista o ressurgimento do sindicalismo, também conhecido como *novo sindicalismo*, que, afora os movimentos de paralisação dos trabalhadores, viria a contribuir significativamente para a consolidação das organizações políticas dos trabalhadores, como centrais sindicais, que viriam posteriormente centralizar grandes pautas trabalhistas no cenário político nacional, e também partidos políticos. O renascimento da força sindical se dá após um longo período em que boa parte das entidades estavam sob as graças do regime militar, cooptados, e é com a crise política e econômica nos anos 1970, que cria-se a oportunidade para “a afirmação de um *novo sindicalismo*” (BOITO JR, 1999, p.140).

A partir daí, com a redemocratização do país<sup>8</sup>, o movimento sindical vai se reforçando e ampliando, com a criação de entidades sindicais de várias categorias, retomada das entidades que estavam inativas e/ou sob direção de interventores, e com a criação de centrais sindicais, como a Central Única dos Trabalhadores (CUT), no início dos anos 1980, desembocando na fase conhecida como *novo sindicalismo* (SILVA, 2006 p.74).

A Central Única dos Trabalhadores (CUT), segundo Miani, foi a “mais importante conquista organizativa sindical recente da classe trabalhadora” no período, com a criação datada em “agosto de 1983” (MIANI, 2013, p.4). Além disso, o *novo sindicalismo* viria a apresentar “uma perspectiva combativa, e mesmo classista, que norteou a atuação sindical a partir do final da década de 1970” (2013, p.6), e até o início da década de 1990, garantiria inúmeras vitórias trabalhistas, econômicas e políticas para milhares de trabalhadores e setores da sociedade.

Independente da quantidade de fases que a imprensa sindical apresenta desde

---

<sup>8</sup>Compreende-se aqui como redemocratização um processo que não se deu repentinamente, mas entre o final da década de 1970, com o início da abertura paulatina do regime militar, passando pelo processo de Diretas Já, entre 1983 e 1984, a eleição de Tancredo Neves para presidência da república e finalizando com a promulgação da Constituição Federal, em 1988.

os primórdios de sua formação até o advento do *novo sindicalismo*, se são três, conforme aponta Ferreira (1988; 1995) ou quatro, como defende Araújo (2009), antes da fase do *novo sindicalismo*, com a redemocratização do país e o enfrentamento da imprensa ao processo de profissionalização, não há apontamento dos pesquisadores quanto a alguma alteração nos modos de produção da imprensa.

No populismo getulista, há priorização das lutas intra e interclasses para ampliar seu poder e papel de representação; na ditadura, há um alinhamento das entidades combativas, um consenso sindical, que unidos buscavam combater a intervenção militar (QUEIROZ, 2012, p.43). Percebe-se, portanto, apenas uma alteração de defesa político-ideológica que acompanha as alterações apresentadas pelo histórico do próprio movimento sindical. A fase de alteração drástica do modo de produção, como apontado anteriormente, é apresentada apenas nas etapas que se iniciam com o *novo sindicalismo*, com a passagem da produção dos trabalhadores e/ou sindicalista para profissionais da comunicação.

Ressalta-se também que é a partir da retomada do movimento sindical com o *novo sindicalismo* que surge um fenômeno na imprensa sindical até então não tão intensificado, que é a profissionalização, e conseqüentemente, o surgimento de uma imprensa sindical.

Tratar a imprensa do sindicato pós 1970 como sindical, ao contrário de todas as fases anteriores, mesmo em que a comunicação estivesse presente desde as primeiras manifestações de luta e resistência dos trabalhadores, pode causar um estranhamento. Isso se deve ao acúmulo de características que possibilita uma nomenclatura diferencial ao tipo específico de imprensa. Assim,

a sustentação de que apenas o quinto período da história da “imprensa proletária” a imprensa sindical é digna de hegemonia se traduz pelo reconhecimento de que essa imprensa passou a apresentar elementos inéditos em relação a outros períodos e que a organização proletária, a partir do final da década de 1970, proporcionou uma grande vitalidade e primazia da produção impressa dos sindicatos em detrimento da imprensa de outras formas de organização da classe trabalhadora. (MIANI, 2010, p.196-197)

Dentre tais características que acusam a delimitação da imprensa sindical que se forma com o *novo sindicalismo*, pode-se destacar a participação dialógica na produção; pluralidade de meios e plataformas de comunicação ao uso dos sindicatos;

intensificação da periodicidade em algumas entidades sindicais, chegando à imprensa diária; a promoção, conseqüentemente, de um hábito de leitura dos produtos sindicais entre a classe trabalhadora e, por fim, a profissionalização do sistema de comunicação, com uso de elementos gráficos mais apurados, e com isso a utilização de serviços de impressões com qualidade similar às da imprensa comercial, contratação de profissionais técnicos especializados para, em alguns casos, montar uma equipe de comunicação, com jornalistas diplomados, designers, publicitários, dentre outros. (VERDELHO apud MIANI, 2013, p.145).

Cabe apontar que o surgimento de um movimento de renovação sindical não se deu repentinamente e sofreu certa influência das alterações no mundo do trabalho. Dentre as principais condições de surgimento do *novo sindicalismo*, ressalta-se a consequência da industrialização que o país enfrentou ao longo das últimas décadas. Com isso, houve um aumento da base do operariado brasileiro, com um grau de politização maior que a classe trabalhadora do início do século e, aglutinada nos meios urbanos, encontrou no sindicalismo e nas entidades sindicais um espaço de rebeldia e luta por direitos trabalhistas.

Isso impactou diretamente na imprensa dos trabalhadores, que, além de acumular os elementos apontados acima, também se destaca por contemplar pautas que reportam não apenas às questões específicas das categorias representadas pelas entidades sindicais, mas por abordar lutas que garantiram “importantes conquistas econômicas e políticas para amplos setores da classe trabalhadora” (MIANI, 2013, p.7), bem como ações pela cidadania e participação política. Além disso, Miani aponta ainda o aumento de cursos de graduação em jornalismo à época, ampliando a oferta de profissionais, que encontram nos sindicatos um campo profissional em formação. As entidades, por sua vez, começam a conviver com uma realidade técnica na comunicação que não tinha até então, o que aumenta a qualidade gráfico-editorial dos jornais, além de proporcionar a alteração da

concepção do papel da comunicação no sindicato que deixou de ser uma atividade de militância política voltada para uma doutrinação ideológica e de educação política do proletariado, que supunha ser a principal característica dos jornais sindicais (e de todo o movimento operário) do começo do século, para se tornar um instrumento mais dialógico, informativo e corporativo (MIANI, 2010, p.145-146).

Durante a redemocratização do Brasil, a imprensa sindical, segundo Araújo, se firmaria num processo de profissionalização e modernização constante, que se estende até os dias atuais (ARAÚJO, 2009 p.35). Para Ferreira, a partir da redemocratização do País, se inicia uma terceira etapa da imprensa operária, com a reorganização dos trabalhadores e das entidades sindicais após o “desbaratamento sofrido pela sociedade-civil no pós 64”. Seria a etapa que, segundo a pesquisadora, o movimento sindical vive atualmente, cuja imprensa corresponderia a uma “imprensa sindical propriamente dita” (FERREIRA, 1995 p.8).

As grandes greves desencadeadas entre 1978 e 1980 mostraram a vitalidade de uma “nova geração da classe trabalhadora e o aparecimento de uma nova liderança sindical” (1992 p.52). Ou seja, com o advento do *novo sindicalismo* o movimento sindical recupera o caráter aglutinador e de ampliação da classe trabalhadora e é

a partir desse movimento pode-se extrair um das experiências mais relevantes de construção da democracia no Brasil, responsável pelo fortalecimento de estruturas representativas com capacidade de interferir nos processos decisórios mais amplos da sociedade. É nesse contexto que os jornais sindicais retomam o papel de agitação política, instrumento de mobilização e de conscientização. Aqui começamos a perceber o nascimento de um forte nicho do jornalismo, marcadamente engajado (MARTINS, 2001, p.44)

Araújo e Cardoso defendem que a recuperação da resistência pós década de 1980 é reflexo da força sindical de outros tempos e pontuam a influência da imprensa sindical como cumpridora de um fundamental papel no processo de renovação do movimento sindical e da própria imprensa dos trabalhadores (ARAÚJO & CARDOSO, 1992 p.122).

Com a profissionalização da imprensa sindical, há uma alteração nos modos de produção dessa imprensa, como começa a se profissionalizar, com trabalhadores formados em comunicação e estrutura tecnológica mais próxima às da imprensa comercial. Desta forma, se antes o jornal sindical era produzido por dirigentes sindicais e militantes do movimento, nas últimas décadas, o aprimoramento levou os sindicatos a “mudarem de critérios de recrutamento das equipes de redação, com o conhecimento técnico, a competência jornalística, a experiência profissional passando a ter peso maior” (ARAÚJO, 2009 p.19).

A abertura desse espaço de atuação profissional, afora a profissionalização do

meio sindical, é acompanhada de uma saturação do mercado de jornalismo tradicional (2009, p.43). Assim, não será, segundo Araújo, mais o diretor e/ou militante sindical ou ainda o “intelectual orgânico (aquele que se inscreve na tradição gramsciana)” que estará à frente da produção da imprensa sindical. Tal fase da imprensa sindical, cujo ponto de partida seria o fim dos anos 1970, caracteriza-se por ser uma porta-voz da entidade sindical, mantendo uma distância dos partidos políticos operários (ARAÚJO, 2009 p.41).

Na medida em que o sindicalismo combativo avançava no país e se consolidavam as entidades de representação dos trabalhadores – sindicatos, centrais sindicais, partidos de esquerda – ampliava também a resistência operária popular às ondas de contra-reformas neoliberais que avançavam nos demais países da América Latina, a exemplo do Chile e Argentina (BOITO JR, 1999, p.131).

No entanto, a resistência cede espaço a partir da década de 1990, com a frente neoliberal que assume o governo brasileiro com a eleição de Fernando Collor, cuja política econômica “colocou o movimento sindical na defensiva” e cujo “enfraquecimento era estratégico para a consolidação do neoliberalismo” (1999, p.134).

Há com o governo de Collor uma abertura inicial para capital estrangeiro, eliminando barreiras tarifárias, além de iniciar o programa de desestatização, (ALVES, 2003, p. 3), que, engrossado anos depois no governo de Fernando Henrique Cardoso, eliminaria inúmeras empresas estatais, com o sucateamento e posterior venda ao capital privado, sob financiamento com dinheiro público. As vendas das empresas estatais, além de representar um espólio ao patrimônio público brasileiro, também abriram espaço para uma das mais perversas condições de trabalho ainda em crescimento no Brasil, a terceirização.

Nesse tempo, ressalta-se o fortalecimento da imprensa sindical e o aumento da sua estrutura, como tiragens, e continuidade da estruturação de uma comunicação cada vez mais profissionalizada, além de reforçar o caráter de campo profissional em ascensão, quando “os jornalistas passam a ser contratados como assessores de imprensa ou de comunicação, inaugurando um novo período: o do jornalismo profissionalizante” (CASTRO & BENEVENUTO, 2005, p.339).

Cabe apontar o surgimento de agências especializadas para atender as entidades sindicais, sobretudo aquelas cujas estruturas econômicas ainda não permitem



a contratação de mão de obra especializada internamente na entidade sindical, ou que, por mais que tenha recursos, ainda não encara a comunicação como um investimento, mas na obrigação de “tornar comum” as suas lutas com suas categorias contrata as empresas para produção de materiais – jornais e revistas.

Desta época, destacam-se duas agências, a Agência Sindical, fundada em 1990, e a Oboré, com instituto especializado em assessoria em 1991. Apesar da profissionalização não apenas das assessorias internas, mas também do mercado, com o surgimento de empresas de comunicação especializadas em assessoria sindical, como as citadas e o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) em 19885, também cabe destacar que a proximidade ideológica ainda era determinante para a contratação dos profissionais e/ou empresas.

O início da transição para a “regulação neoliberal” (BRAGA, 2014, p.27) teria como marco a eleição de Collor, em 1989, cuja conjuntura econômico social afetou profundamente o sindicalismo numa crise política, que influenciou a instituição de um “novo modelo de intervenção sindical, pautado por uma postura propositiva e de “concertação social”, com consequências desastrosas para a organização de classe dos trabalhadores” (MIANI, 2013, p.2).

Com a abertura de mercado, houve o desenvolvimento, junto a algumas entidades sindicais Brasil afora e sobretudo na central sindical Força Sindical, de um sindicalismo mais preocupado às questões corporativas e econômicas, e que, pelas estratégias de manter um discurso de apartidarização das entidades, “começou a ganhar a simpatia dos setores patronais e do governo da época e também a adesão da imprensa, que passou a difundir os seus princípios e proposições favorecendo sua rápida expansão” (MIANI, 2013, p.7).

No Brasil, a ofensiva neoliberal viria a se desenvolver com força total a partir do governo de Fernando Henrique Cardoso (FHC), entre 1995 e 2003 – durante dois mandatos -, após ter sido Ministro da Fazenda de Itamar Franco, que assumiu a presidência do país com o impeachment de Collor, em dezembro de 1992.

Em seu governo, FHC aprovou reformas na constituição para possibilitar aberturas econômicas e para realizar reformas na administração pública (QUEIROZ, 2012, p.48), privatizou empresas como o sistema Telebras e Eletrobras, a mineradora Vale do Rio Doce e deu autonomia ao Banco Central. Queiroz aponta para a divisão das

reformas em duas estruturas principais, sendo a primeira

que consistia no fim do monopólio do petróleo e das telecomunicações, além da abertura do subsolo e da economia ao capital estrangeiro, foi iniciada por proposta de emenda à Constituição. A segunda, que incluía temas trabalhistas, administrativos e previdenciários, foi feita inicialmente na esfera infraconstitucional, só propondo alteração constitucional nesses aspectos após ter eliminado todos os direitos possíveis via medida provisória, projeto de lei ou decreto presidencial (2012, p.48)

Os efeitos do neoliberalismo eram duplos, pois na medida em que atacavam os direitos trabalhistas e promoviam a superexploração dos trabalhadores, o sistema político econômico atacava as instituições públicas, com a redução do Estado e aumento da dívida interna e externa. Isso num movimento conjunto, atacando as várias frentes e não apenas em um país, mas no continente latino-americano, que sofreu um retrocesso econômico e também político, como aponta Giannotti, para quem o ajuste neoliberal “provocou empobrecimento acelerado em todos os países do continente. Entre 1989 e os primeiros anos da década de 2000, 21 presidentes foram retirados do poder na América Latina (GIANNOTTI, 2007, p.278).

Para Castro e Benevenuto, a segunda metade da década de 1990, caracterizada pelo primeiro mandato presidencial de FHC, pode ser nomeada de época de “enfraquecimento das instituições e da comunicação dos trabalhadores”, pois além do engrossamento das fileiras neoliberais no país, houve também o surgimento de entidades como a Força Sindical, que comungavam com os ideais patronais, e

estimularam as demissões voluntárias para “enxugar a máquina” e reduziram as assessorias de comunicação. Exatamente como fazem as empresas frente às crises: reduzem o número de funcionários, cortam salários, cortam projetos de comunicação e muitas vezes praticamente extinguem esses departamentos, deixando apenas um ou dois profissionais (CASTRO & BENEVENUTO, 2005, p.338)

Junto a isso, deve-se levar em conta nas análises do período que as iniciativas econômicas também buscavam amenizar as crises financeiras que assolavam o país nas últimas décadas, o que, de fato, é reduzida, não à toa o primeiro mandato do governo FHC passa à história como um governo que consegue controlar a inflação, no entanto, não sem deixar profundas marcas trabalhistas, com altas taxas de desemprego.

Isso prejudica muito o movimento sindical brasileiro, que, frente às constantes

perdas, assume uma imagem acuada na tentativa de “resistir às propostas da flexibilização dos direitos trabalhistas e de desregulamentação do sistema de relações do trabalho” (MARTINS & RODRIGUES, 1999, P.159).

Com o início do segundo mandato de FHC, em 1998, inicia a desvalorização do Real – moeda corrente brasileira – bem como o aumento da inflação. Cabe ressaltar que a instituição da moeda foi acompanhada de um anexo ao Dólar, num valor artificial de 1/1. Para manter a paridade, empréstimos facilitados pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) aumentavam exponencialmente a dívida externa do país (GIANNOTTI, 2007, p.304), acarretando altos índices de desemprego e achatamento dos salários na iniciativa privada e congelamento dos salários dos setores públicos.

Cabe ressaltar que, mesmo com as dificuldades encontradas pelas entidades no combate à flexibilização do trabalho, perda de conquistas trabalhistas, mesmo com parte do movimento sindical atuando alinhadamente ao governo neoliberal, como os sindicatos ligados à Força Sindical, é importante registrar as combatividades do movimento sindical junto à sociedade contra as privatizações do patrimônio público, que atingiram inúmeros setores produtivos e econômicos estratégicos como telefonia, energia.

No Paraná, um dos casos mais emblemáticos do combate à privatização foi com a formação do Fórum Popular Contra a Venda da Copel, que integrava inúmeros sindicatos e demais entidades da sociedade civil contra a tentativa de privatização, em 2001, da Companhia Paranaense de Energia Elétrica (Copel), que com a investida sindical e popular continuou sob administração majoritária do Governo (FUKS & IZOLLAN, 2007).

Na sequência do governo FHC, ingressa uma gestão liderada pelo Partido dos Trabalhadores (PT), formado quase que concomitantemente à CUT na década de 1980, tendo como líder o então sindicalista Luiz Inácio Lula da Silva (Lula). O governo petista inicia em 2003 e dura, até o momento, três mandatos. Logo no início do mandato, Lula unifica e amplia “o programa de distribuição de renda conhecido como Bolsa Família, transformando a luta social contra a miséria e a desigualdade em um problema de gestão das políticas públicas (BRAGA, 2014, p.28).

Além das políticas de distribuição de renda, a década de 2000 pós início do governo Lula também é marcada por reforma do mercado de trabalho, que, com uma

política econômica de crescimento de cerca de 4% ao ano, possibilitou uma inserção de 2 milhões anuais de trabalhadores ao mercado formal (BRAGA, 2014, p.32).

No governo Lula, em 2006, conforme aponta Borges, os trabalhadores “conquistaram aumento real acima da inflação em 86% dos acordos firmados [...] Além dos aumentos reais, algumas categorias conseguiram breçar via negociações ou greves os planos regressivos das empresas” (BORGES, 2008, p.57). Apesar do crescimento econômico e dos postos de trabalho, o governo petista não representou necessariamente uma realização das reivindicações do movimento sindical das décadas de 1970-80. As reformas defendidas pelo Lula sindicalista não foram as mesmas que assumiram a gestão presidencial em janeiro de 2003, esta mais próxima ao mercado e ao setor produtivo.

Reformas como a sindical, previdenciária, dentre tantas outras, não se consolidaram. Ressalta-se também o surgimento de “uma estrutura sindical corporativa”, conforme aponta Galvão, para quem há uma dependência do sindicato ao Estado, tornando-se um “sindicalismo de parceria” (GALVÃO, 2014,p.114). Há uma proliferação de centrais sindicais nos governos Lula.

O surgimento de novas centrais não significa necessariamente novas frentes de enfrentamentos dos trabalhadores ao governo. Segundo Galvão, uma política negocial e uma “mini-reforma” sindical que possibilita o ingresso das centrais nos recolhimentos do imposto sindical reforçam ainda mais a dependência do sindicalismo ao Estado (2014, p.114).

Além disso, cabe indicar os apontamentos de Braga acerca do preenchimento de cargos públicos de direção e assessoramento com sindicalistas, ocupando ainda cargos estratégicos em grandes empresas públicas (BRAGA, 2014, p.33). Isso se dá, em parte, por diferentes níveis de autonomia ante o governo e a uma parceria entre Estado e sindicatos voltados à cúpula das entidades (GALVÃO, 2014, p.114) e centrais sindicais, que, pelos fundos financeiros garantidos com as alterações nas distribuições das contribuições sindicais, detêm maior poder sobre suas bases e aumentam a relação com o governo.

Exemplo disso foi a Força Sindical, principal entidade de defesa das flexibilizações das relações de trabalho e a mais próxima às políticas neoliberais na década de 1990, e que detém participação de protagonista no próprio governo Lula,

sobretudo no segundo mandato (BOITO JR, 2009, p.47), com a nomeação de Luiz Antonio de Medeiros, um dos principais dirigentes da Força Sindical, como Secretário de Relações de Trabalho do Ministério do Trabalho e Emprego em 2007.

A dependência, por outro lado, não elimina os conflitos grevistas “nem a obtenção de conquistas materiais para os trabalhadores” (GALVÃO, 2014, p.111). Mesmo a década de 2000 sendo, como indica Boito Júnior, a “década da acomodação política do movimento operário e popular”, ela não significa que o movimento sindical e popular não realizará manifestações grevistas e/ou eliminará as lutas trabalhistas, pois “as greves operárias e de trabalhadores de classe média e as ocupações de terra pelo movimento camponês mantiveram-se num nível elevado ao longo da década de dois mil” (BOITO JR, 2009, p.36).

Isso, por outro lado, aponta a inexistência de uma total relação institucional integrada entre Estado e movimento sindical. Mesmo assim, o movimento sindical apresentou uma recuperação de atividade, que “pode ser tomada como um indicador da vitalidade do sindicalismo como movimento social” (BOITO JR, 2009, p.38). Outro ponto é a taxa de sindicalização no país que apresenta, ao contrário de outros países da América Latina, uma certa estabilidade, a despeito, possivelmente, “das mudanças ocorridas na composição das classes trabalhadoras no país” (RODRIGUES & RAMALHO, 2014, p.399).

O governo petista continua, mesmo com a saída de Lula, em 2010. Assume a continuidade da gestão a presidente Dilma Roussef, que não mantém a mesma trajetória pública sindical de Lula mas também não demonstra rompimento com os ideais da gestão anterior nos primeiros anos da gestão. Apesar disso, as manifestações de apoio do movimento sindical à eleição da candidata petista não freiam a crise de representatividade das entidades sindicais na sociedade.

Entre um sindicalismo mais radicalizado, que aposta nas greves e nas manifestações de base para os avanços econômicos trabalhistas e o sindicalismo de parceria, com uma relação mais próxima ao governo ou até mantendo partícipes em estruturas governamentais, cabe indicar, conforme aponta Galvão (2014), que na medida em que o sindicalismo de parceria se afasta das manifestações públicas de lutas sindicais, quais sejam as greves e paralisações, o movimento sindical radical acaba não ocupando vazios de organizador e aglutinador dos trabalhadores e da sociedade.

Isso fica evidente com as manifestações de junho de 2013 e a falta de mobilização e capacidade de resposta do movimento sindical, uma vez que “a convocação de duas jornadas nacionais unitárias de lutas e paralisações, em julho e agosto de 2013” não apresentou o mesmo impacto e mobilização das manifestações de junho e “nem conseguiu articular os manifestantes de junho à pauta de reivindicações sindical” (GALVÃO, 2014, p.114).

Seria pretensioso tentar esgotar as incursões da imprensa/comunicação sindical na história dos trabalhadores e do Brasil em sua totalidade. Portanto, julga-se suficiente o conteúdo aqui apresentado para a compreensão das alterações históricas do movimento sindical e os principais reflexos em sua imprensa ao longo de sua existência no país.

E com isso justifica-se para marcar os espaços e as bases do objeto do qual busca-se constantemente ao longo da pesquisa contornar e delinear. Dentre outras questões, o resgate histórico recente e a apresentação das principais alterações da imprensa sindical ajuda a compreender o constante pulsar dos movimentos de luta dos trabalhadores, cujos significados e representatividades alteram-se ao longo do tempo para os trabalhadores e para a sociedade, o que indica a necessidade de constantes análises do campo científico para a imprensa sindical.

Apresentar um cenário completo da imprensa e movimento sindical é um esforço para uma pesquisa mais ampla, sobretudo para a análise das alterações da imprensa sindical nas últimas décadas, momento de principais alterações no campo, com a profissionalização, alterações constantes de representatividade das entidades sindicais e de sua imprensa para os trabalhadores.

Caberia à análise ainda trazer os reflexos das mudanças governamentais e do momento histórico econômico político para o universo sindical, com a reeleição de Dilma Rousseff, em 2014, com a crise política midiática que busca afetar o governo com a exploração de casos de corrupção envolvendo o PT, de origem sindical, e escândalos em empresas estatais. Quais os reflexos para o mundo sindical e como isso interfere na sua imprensa? Outro aspecto de importante análise é o impacto da profissionalização no plano político-ideológico da imprensa sindical, se isso tem despolitizado a imprensa, se o caráter de proximidade política ainda é predominante nas contratações, ou se o que pesa é o conhecimento e experiência técnica.

A imprensa sindical é engajada politicamente, permeada pelos posicionamentos da entidade em defesa dos trabalhadores e da sociedade, desempenhando o papel de ferramenta destinada à informação das categorias e na educação política (ARAÚJO, 2009 p.57). O engajamento político é uma das principais características da imprensa sindical, na qual desempenha atividade militante, difundindo posicionamento político-ideológico das entidades e das categorias profissionais, bem como suas convicções, paralelamente à transmissão de informação (ARAÚJO, 2004 p.3).

Apesar de prioritariamente destinada aos trabalhadores, sua amplitude pode ser maior que o universo da sua categoria de representatividade, “podendo chegar às outras organizações, associações, instituições públicas, como ainda a parlamentares e jornalistas da grande imprensa” (ARAÚJO, 2009 p. 57).

Assim, devido à possibilidade de aumento do raio de impacto, a imprensa sindical pode desempenhar um papel importante à democratização da informação e na pluralidade de vozes na esfera pública, na medida em “que podem mostrar, em cada fato noticiado, a exploração que uma classe exerce sobre a outra” (SANTIAGO & GIANNOTTI, 1997 p. 132).

Um ponto de diferenciação entre a imprensa de massa comercial e a imprensa sindical reside no tratamento da notícia por parte desta, não estando calcado na comercialização, mas sim na propagação de ideias e na formação política. Ao contrário da imprensa comercial, seu subsídio não reside na venda de espaço informacional e publicitário, mas é sustentado pela entidade e pela categoria que ela representa (MARTINS, 2001, p.53; CARVALHO, 2013, p.259).

Se pelo aspecto técnico a profissionalização proporcionou um avanço gráfico e editorial à imprensa sindical, qual o reflexo para o fator ideológico? Miani aponta para despolitização da imprensa, uma vez que

os jornalistas passaram a se pautar fundamentalmente pelas questões de ordem pragmática e relegaram para um segundo plano as questões político-ideológicas, principalmente quando o próprio sindicato, induzido ao erro por um discurso sedutor da necessidade de excelência técnica, deixou de considerar como questões fundamentais no contexto da imprensa sindical o compromisso político do profissional de comunicação com o próprio movimento sindical e dos trabalhadores (MIANI, 2010, p.149).

Por outro lado, uma análise superficial da imprensa sindical recente em Curitiba, fruto de uma percepção de quem atua profissionalmente no campo há cinco

anos, que possibilita identificar iniciativas que acusam uma retomada da politização e engajamento político de jornalistas e demais profissionais da comunicação sindical, com produção e veiculação de publicações sindicais e dos trabalhadores voltados para distribuição e conscientização da sociedade.

Destaca-se entre as iniciativas, a produção independente *Terra Sem Males*<sup>9</sup>, que nasce por esforços de jornalistas ligados à assessoria do Sindicato dos Bancários de Curitiba e Região Metropolitana e também de jornalistas independentes que prestam serviços às entidades sindicais. Com base online, há impressões mensais de jornais para distribuição gratuita, sempre pautado pelo universo do trabalho e sindical. Outra publicação é a *Revista Ágora*<sup>10</sup>, também de circulação mensal para a sociedade. No entanto, mais institucionalizada, encabeçada pela assessoria de comunicação do Sindicato dos Servidores Municipais de Curitiba (Sismuc), e custeada pelo sindicato. Ressalta-se, no entanto, que ambas as iniciativas nascem de propostas de engajamento político dos próprios jornalistas das redações sindicais.

---

9 <http://www.terrasemmares.com.br/>

10 [http://issuu.com/sismucsinidcato/docs/agora2\\_ok\\_site](http://issuu.com/sismucsinidcato/docs/agora2_ok_site)



## 2. JORNALISMO NOS SINDICATOS: ALGUNS CONCEITOS E LIMITES

Uma das primeiras manifestações que se tem registro da imprensa sindical no Brasil remonta de 1847, com a publicação do jornal *O Proletário*, fundado por um grupo de intelectuais em Recife (FERREIRA, 1988 p.16). No Paraná, os primeiros registros de imprensa operária data do século XIX, com o jornal *O Labor*, de Antonina em 1887, e depois em 1892 com o jornal *A Voz do Povo*, em Curitiba (ARAÚJO & CARDOSO, 1992, p.149). Ao longo de um século e meio de existência, a imprensa sindical vem se moldando às mudanças que o movimento sindical veio sofrendo ao longo de sua história no país.

Outrora construída sobre o tripé *produzido pelo operário, sobre temas do operário e para o operário* (FERREIRA, 1988 p.5; VERDELHO, 1986 p.97), atualmente, tem sido produzida por e sob o auxílio de profissionais de jornalismo. Portanto, nas últimas décadas, há uma intensificação dos investimentos das entidades nos departamentos de comunicação, sendo que “duas características desse período devem ser destacadas: a profissionalização das redações e a diversificação dos meios de comunicação” (MARTINS, 2011 p. 44). O começo da profissionalização se dá em meados da década de 1970,

após a regulamentação da profissão de jornalista – o que acontece em outubro de 1969 – e em meio a uma agitação social intensa onde diversas categorias profissionais aglutinavam forças na reorganização do movimento sindical brasileiro, aos primeiros sinais de esgotamento da ditadura militar (MARTINS, 2001 p.57).

Como um espaço crescente de atuação dos jornalistas no meio sindical (MOMESSO, 1995 p.87), um das questões fundamentais para a consolidação de um espaço profissional é a busca de conceitos respaldados na prática jornalística no movimento sindical.

O tema “trabalho” como foco da singularidade do jornalismo sindical é apontado por Dennis de Oliveira, para quem o universo do trabalho é o “norteador do discurso da imprensa sindical” (OLIVEIRA, 1997, p.11), uma vez que é em decorrência da exploração e das lutas de classes que surgem as entidades sindicais, que seriam o

polo emissor da mensagem, e é dentro do “universo do trabalho que se dá a decodificação da realidade, tanto por parte do emissor, como por parte do receptor” (1997, p.12). O mundo do trabalho é o que singulariza a imprensa sindical das outras comunicações, aponta Oliveira, e não o projeto político-ideológico do veículo

pois não há, nem nunca houve uma unidade política no discurso sindical (ainda que, em determinados momentos, haja uma corrente majoritária no movimento), não é pelo fato de ser feita por trabalhadores, pois hoje os sindicatos tem equipes profissionais para fazer esta pesquisa, equipes estas, às vezes, com nível técnico semelhante ou superior às existentes na grande imprensa, tampouco pelo fato dela se dirigir para os trabalhadores, pois estes são também receptores da comunicação de massa (OLIVEIRA, 1997, p.12).

Começa-se, assim, a perceber que há características e especificidades que localizam os tipos de produção de comunicação no meio sindical, na imprensa e no jornalismo sindical, que seria uma forma de jornalismo que se especializa nas questões dos trabalhadores. O jornalismo sindical tem como característica a representação de um lado da produção, e tal características “aumenta muito mais quando analisamos a fundo o trabalho e observamos a classe operária” (GIANNOTTI, 2004, p.11).

Uma das características mais presentes nas abordagens teóricas que se aproximam da comunicação sindical, da imprensa sindical e do jornalismo sindical é o papel dos jornais sindicais como instrumento contra-hegemônico, como um contraponto aos veículos de comunicação de massa, pois, “se a opinião está cada vez mais bombardeada com informações que chegam de todos os lados, a opinião das bases também pode sofrer interferências a partir de comunicação sindical” (LANÇA, 2013 p.22).

Ou seja, na medida em que a imprensa sindical busca dialogar com os trabalhadores, ela também se propõe a comunicar à sociedade, a disputar com os meios de comunicação de massa esse espaço de influência na esfera pública<sup>11</sup>. Na condição de ator político, os sindicatos buscam apoio na sociedade para defesa de suas causas

---

<sup>11</sup> Entende-se aqui a esfera pública, enquanto palco do debate qualificado dos anseios de interesse e amplitude pública dos entes privados, que atua como um sistema de alarme que capta os problemas da população, buscando não apenas perceber e identificar eles, mas também “tematizá-los, problematizá-los e dramatizá-los de modo convincente e eficaz, a ponto de serem assumidos e elaborados pelo complexo parlamentar” (HABERMAS, 1997, p.91). Nela os posicionamentos e opiniões, bem como os fluxos comunicacionais são trabalhados de forma a resultarem em opiniões públicas aglutinadas sob determinadas temáticas. Ressalta-se que, por meio de aglutinação junto às centrais sindicais, as entidades muitas vezes atuam de forma coordenada, na defesa de temas de interesse da categoria trabalhadora em sua amplitude e da sociedade, como a redução de jornada de trabalho, questões previdenciárias como o fim do fator previdenciário, dentre outros.

levando suas reivindicações e manifestações para a esfera pública, que é uma “importante fonte para reconhecer as demandas que, de outra forma, ficariam restritas e impossibilitadas de ascender como temas públicos” (FRANCISQUINI, 2008, p.10).

Na revisão da literatura sobre as abordagens da imprensa sindical, há uma predominância na interpretação instrumentalista dos meios de comunicação e jornalismo sindical, sendo apontado por alguns autores como “instrumento de luta e resistência, com potencial para ser a voz e a vez de uma classe desprovida de direitos sociais (LAHNI E FUSER, 2004 p.3). Assim, “a comunicação sindical tem o objetivo de informar e veicular a política do sindicato. Mas isso é só uma etapa. O objetivo último é concreto: convencer e levar à ação” (SANTIAGO E GIANNOTTI, 1997 p.134).

Sob esse viés, a imprensa sindical mais seria que um instrumento das entidades na defesa de seus interesses (LAHNI E FUSER, 2004; GIANNOTTI E SANTIAGO, 1997; FRANZIN, 2007; FERREIRA, 1988; FERREIRA, 1995; VERDELHO, 1986; MOMESSO, 1997; VIEIRA, 1996; BARROS, 2013), utilizada apenas como uma ferramenta na luta pela conscientização e convencimento da classe trabalhadora sobre os projetos político das entidades (BARROS, 2013, p.12). Dentre tais autores, alguns propõem uma espécie de manual de produção informativa jornalística sindical, no entanto, sem a preocupação de delimitação do que seria tido como imprensa e/ou jornalismo sindical (COSTA, 2010; SANTIAGO E GIANNOTTI, 1997; FRANZIN, 2007).

Para Vieira, também sob a proposta da imprensa sindical como um instrumento ideológico, o jornalismo sindical é um meio para doutrinação ideológica nas mãos das diretorias das entidades, “enquanto a informação é deixada para um segundo plano” (VIEIRA, 1996 p.10). O autor não conceitua a comunicação sindical ou diferencia a produção jornalística das outras formas comunicacionais das entidades. Apesar disso, em alguns momentos, Vieira identifica o que chama de “instrumentos de comunicação sindical”, apresentando características do jornalismo, como periodicidade e noticiabilidade.

O autor aponta características das publicações com caráter publicista, pois, “há uma tendência muito forte para instrumentalizar esses veículos no sentido da doutrinação político-ideológica” (1996 p.30), e “as entidades entendem que os veículos

comerciais só devem publicar versão da diretoria” (1996 p.31).

Outro autor a abordar o jornalismo sindical num conceito amplo de comunicação é Luiz Momesso, para quem a comunicação dentro das entidades sindicais é toda e qualquer troca simbólica entre as entidades sindicais, entre o sindicato e a classe que representa, e entre a entidade e a sociedade (MOMESSO, 1997 p.5).

Momesso trabalha a comunicação sindical como um espaço de crítica ao sistema burguês e como um organizador coletivo que atua na superação das lutas de classe. Mesmo não especificando o fazer jornalístico, Momesso (1997), assim como outros autores (GIANNOTTI E SANTIAGO, 1997; FRANZIN, 2007; FERREIRA, 1988; FERREIRA, 1995; VIEIRA, 1996; BARROS,2013), aponta o profissional de jornalismo como agente atuante na produção da imprensa sindical. Afora o reconhecimento da atuação dos profissionais na comunicação do meio sindical, mesmo sem uma abordagem específica do jornalismo, é possível identificar características inerentes ao jornalismo apontadas por alguns pesquisadores que se debruçaram acerca da imprensa sindical, como critérios de noticiabilidade e atualidade (GIANNOTTI E SANTIAGO, 1997; FRANZIN, 2007; MOMESSO, 1997).

O jornalismo sindical como um espaço de atuação dos jornalistas, com especificidades na produção que o diferencie do jornalismo praticado nos meios hegemônicos de comunicação é debatido de forma mais clara e com maior atenção nas pesquisas realizadas por Vladimir Caleffi de Araújo(2009; 2004) e Jaqueline Lemos Martins (2001).

Martins trabalha a imprensa sindical como um instrumento de organização social em oposição às premissas do modelo da grande imprensa, porém sob a perspectiva da notícia na imprensa sindical como um processo de construção da realidade social. Para tanto, o jornal do sindicato daria suporte às políticas e ideologias dos trabalhadores e, ao mesmo tempo em que atua como um instrumento de organização dos trabalhadores, incorporaria “o conflito e interesses e reveste-se das funções de mobilização, de formação e de conscientização” (MARTINS, 2001 p. 34).

Para Martins, bem como para outros autores que pesquisam a imprensa sindical (CARVALHO, 2013 p.260; GIANNOTTI E SANTIAGO, 1997; CAMPOS, 2012), a notícia na imprensa sindical não é tratada como mercadoria, ou seja, é desprovida de caráter comercial, uma vez que a sustentação do jornal está garantido “pela entidade

sindical responsável pela publicação e o leitor tem acesso a ela sem qualquer ônus”. Não há anunciantes, salvo raras exceções, segundo a autora, na imprensa sindical, “pouco provável haver “interferência” no processo de confecção dos periódicos (2001, p.53).

O jornalismo sindical, segundo a autora, não busca ser isento, uma vez que se coloca como representante de uma classe trabalhadora e da direção da entidade sindical. Não tem a imprensa sindical, portanto, a preocupação de mostrar “o outro lado”. O conflito de interesses e a luta de classes com as reivindicações dos trabalhadores e os posicionamentos políticos da categoria são inerentes ao conteúdo da notícia no jornalismo sindical, revestindo-se de “funções de mobilização, de formação e de conscientização” (MARTINS, 2001, p.34).

A notícia na imprensa sindical, desta forma, cerca-se de polarização, e estampa no jornal a dinâmica da organização sindical (MARTINS, 2001 p.65). O fazer jornalístico intencionado e às claras com o seu leitor, segundo a autora, coloca à imprensa sindical “elementos que a isentam de praticar um jornalismo de mediação social” (2001, p.65). Por outro lado, aponta-se com isso uma perda de identidade do profissional de jornalismo como um suposto mediador social, que assumiria, desta forma, “com o dirigente sindical a coautoria do discurso jornalístico. Isso acontece fundamentalmente porque o jornalista [...] compartilha dos ideais do movimento” (MARTINS, 2001, p.68).

Já para Araújo, a coleta e tratamento da informação na imprensa sindical são elementos inerentes ao jornalismo, que requer noções de “atualidade, importância ser atribuída ao fato, tratamento o mais objetivo possível da informação, seriedade e honestidade nos processos” (ARAÚJO, 2004 p.232).

Ao apontar perda de identidade do jornalista que atua na imprensa sindical, como critica Martins (2001), o autor ressalta a necessidade de produção de um estatuto que regulamente a atividade jornalística sindical, o que reforçaria um campo profissional, delimitando o papel do profissional e suas relações com outros atores da comunidade jornalística e com a direção das entidades sindicais (ARAÚJO, 2004, p.233).

O autor identifica na imprensa sindical características que sustentam um espaço profissional do jornalista, bem como um fazer jornalístico com especificidades

do meio sindical, o que Araújo denomina como Jornalismo de Informação Sindical. Araújo, no entanto, não define claramente como opera e que conceito norteia o jornalismo sindical, ressaltando apenas que a informação sindical segue uma lógica própria e que “mobiliza meios que lhe são particulares e inscreve suas práticas em um amplo universo composto de experiências jornalísticas que se desenvolvem continuamente” (ARAÚJO, 2004, p.236).

Para o autor, o jornalista sindical atua em uma zona nebulosa entre a concepção das práticas vigentes no jornalismo de referência e “uma concepção “particular” da informação e do jornalismo próprias do universo da imprensa dita “engajada”, representada, no caso, pelo jornalismo sindical” (ARAÚJO, 2004 p. 234). O engajamento no jornalismo é apontado como uma das características mais marcantes, uma vez que ele “além de informar, exerce seu papel militante”, defendendo um posicionamento político e erigindo “suas convicções em elemento central de sua *práxis*” (ARAÚJO, 2009 p. 27).

## 2.1 - IMPRENSA OPERÁRIA, IMPRENSA SINDICAL, COMUNICAÇÃO SINDICAL E JORNALISMO SINDICAL

Na revisão da literatura que debate os processos jornalísticos e de comunicação do meio sindical, percebe-se algumas nomenclaturas para referenciar tais práticas jornalísticas e comunicacionais, como imprensa operária, imprensa sindical, comunicação sindical e jornalismo sindical.

Para Ferreira, a imprensa operária é a produção jornalística e de informação que tem por base três perspectivas: do ponto de vista do emissor, é produzida por operários, ou seja, são os próprios trabalhadores que desempenham o papel de redatores e repórteres da imprensa; do ponto de vista da mensagem, a imprensa operária fala sobre temas relacionados aos operários, “cuja temática básica são os problemas da classe proletária”; e do ponto de vista do receptor/público, é a imprensa destinada ao trabalhador, ao operário (FERREIRA, 1995 p.19).

A imprensa, ligada ao sindicato ou ao partido da classe trabalhadora, não teria um proprietário e nem caráter comercial, ou seja, sua mensagem não é mercadoria. Além disso, “seu conteúdo é resultado do conjunto de informações, preocupações, propostas, etc. produzido pela coletividade e para ela mesma” (FERREIRA, 1988 p.6).

O produto dessa imprensa, o jornal, é utilizado como um instrumento da classe trabalhadora na busca de informação e na mobilização da categoria. O trabalhador, público-alvo das publicações, não é um indivíduo passivo no processo comunicacional, mas alguém com interesse comum aos dos demais partícipes da produção dessa imprensa, e também alguém que atua na organização dessa imprensa.

No entanto, ao falar de imprensa operária, Ferreira diferencia a correspondência do significado dependendo do âmbito em que essa imprensa se dá, entendendo de forma ampla a existência da imprensa operária sempre ligada a “alguma forma de organização da classe trabalhadora – seja partido, sindicato ou qualquer forma de organização da classe trabalhadora –, circulando de maneira diferente da imprensa burguesa, ou grande imprensa” (FERREIRA, 1995 p.19). Assim, a imprensa operária se desdobra em imprensa partidarista, quando mantida por partidos da classe trabalhadora, e imprensa sindical, entendido aqui como aquela que é “mantida e produzida pelos sindicatos dos trabalhadores” (FERREIRA, 1995 p.21; 1988 p.35).

Na atualidade, tendo em vista o fortalecimento das instituições sindicais no período pós-redemocratização do país, a imprensa se caracteriza como representativa do sindicato, sendo uma “imprensa proletária sindical, existindo entre ela e a imprensa do partido uma diferença significativa” (FERREIRA, 1995b, p.28).

De acordo com a pesquisadora, a imprensa proletária sindical diferencia-se da imprensa operária em pelo menos três aspectos: o primeiro é com relação do ponto de vista da produção. Se antes a imprensa operária era impressa em gráficas cedidas, clandestinas ou em tipografias da entidade sindical, agora ela é impressa em gráficas externas, de forma comercial, com qualidade similar aos materiais produzidos pela imprensa comercial; se antes ela era desenvolvida/produzida pelos operários ou pelo militante/intelectual orgânico do movimento trabalhista, agora ela é produzida por um profissional de comunicação, ou seja, é “um jornalista profissional, assalariado,[...] o responsável pelo jornal, ou seja, a figura do jornalista da classe operária saído de sua própria classe tende a desaparecer nesta fase da imprensa sindical proletária” (FERREIRA, 1995b p.29; 1988 p.55).

A imprensa sindical, nesta perspectiva, é aquela que nasce e se fortalece no movimento sindical recente, num processo de enfrentamento do “sistema pelas vias legais, fortalecendo-se nos primeiros anos da década de 1980. Hoje apresenta-se

bastante desenvolvida” (FERREIRA, 1988 p.54). E as mudanças são reflexos das alterações na sociedade brasileira, com a evolução econômica, tecnológica e com a “composição da nova classe operária brasileira” (FERREIRA, 1988, p.54). A imprensa sindical nasce da renovação do movimento sindical com as greves da década de 1970, num processo que culmina na criação do *novo sindicalismo*. A imprensa é contemporânea, como aponta Miani (2010, p.143), e é profundamente marcada pela profissionalização e avanço técnico dos meios.

Além das características da imprensa sindical ante à imprensa operária, cabe ressaltar uma mudança no conteúdo veiculado, apresentando não apenas as questões relacionadas ao dia a dia do trabalhador, dos problemas fabris, mas também às questões candentes nos debates propostos pela entidade sindical, pela diretoria da entidade, ou seja, “a imprensa sindical estaria mais predisposta a seguir a linha da diretoria de turno e não a da categoria que o sindicato representa” (FERREIRA, 1988 p.55).

Assim, a imprensa sindical busca colocar os trabalhadores numa posição de atores sociais, num processo de comunicação dialógica desses com a diretoria da entidade. Já no plano ideológico, a imprensa sindical objetiva contribuir para a formação da unidade das categorias profissionais, impulsionando suas lutas às melhores condições de trabalho, atuando de forma a ser um fio condutor dos trabalhadores da “história social, na qual o trabalhador comporta-se ao mesmo tempo, como o receptor e redator-editor desta imprensa” (FUSER, 1995, p.22).

A perspectiva da imprensa sindical enquanto uma produção informacional jornalística do movimento sindical pós 1970/80 também é apontada por Miani (2010), para quem tal imprensa é apenas uma das formas de comunicação dos sindicatos, e que foi se redefinindo ao longo do tempo, passando pela reconfiguração político-editorial, a profissionalização e a ampliação das pautas (MIANI, 2010, p.143). Verdelho (1986) também identificará alterações na imprensa sindical ao longo de sua existência, acentuada com o *novo sindicalismo*.

A “nova imprensa sindical” apontada por Verdelho (1986) se propõe a ser um instrumento dos trabalhadores na luta “contra a exploração econômica e opressão política”, tendo uma função não reduzida aos espaços dos trabalhadores, mas é amplo no que diz respeito a levar as reivindicações e lutas dos trabalhadores à sociedade e à esfera pública. Assim, reforça-se a capacidade desta imprensa enquanto ferramenta e



instrumento que busca levar os trabalhadores e a sociedade à ação, ou seja, “não manter o imobilismo dos indivíduos”, promovendo também uma aprendizagem política, a politização, e que transforme o trabalhador em um transmissor das ideias sindicais veiculadas pela imprensa sindical (VERDELHO, 1986, p.88).

Afinal, a comunicação proposta pela nova imprensa sindical não é aquela autoritária e verticalista, concebida pelos teóricos norte-americanos, num processo linear do emissor para o receptor, via de regra aceita pelos jornalistas latino-americanos e pelas faculdades de comunicação, como afirma Regina Festa, mas exatamente a que se opõe a essa forma de dominação. (FESTA, 1986, p.88 ).

Outros pesquisadores também fazem uso do termo “imprensa sindical” para se referirem às produções informativas e jornalísticas impressas periódicas dos sindicatos (MIANI, 2010; ARAÚJO & CARDOSO, 1992; CARVALHO, 2013; COSTA, 2010).

No entanto, ao tratarem as características e funções desta imprensa, percebe-se a utilização do termo “imprensa sindical” também para outros espaços comunicacionais das entidades, como boletins informativos e espaços virtuais – sites e redes sociais, conforme aponta Carvalho (2013), ao afirmar que não é mais possível compreender a imprensa sindical apenas pelo conceito de jornal impresso, “uma marca do sindicalismo dos anos 1980 e 1990 no Brasil” (CARVALHO, 2013, p.257), referindo-se à existência de outros canais de comunicação das entidades. Tal imprensa, para alguns pesquisadores, não se restringe ao jornal sindical, mas é composto de todas as formas de comunicação utilizadas pelo sindicato para denunciar abusos e ilegalidades contra os trabalhadores, para informar as categorias sobre as ações das entidades sindicais, sempre promovendo consciência de classe (VERDELHO, 1986, p.85).

O mesmo é apontado por Costa, ao se referir à imprensa sindical como o conjunto de “jornais, boletins, cartazes e filipetas” produzidos pelo sindicato, ampliando a gama de itens contemplados pela concepção de imprensa sindical para

assessoria de imprensa, páginas na internet, vídeos, cartilhas, rádio, campanhas, twitter e outras possibilidades. Cada qual com sua linguagem e seu público. É preciso pensar que a comunicação sindical pode atingir uma categoria de trabalhadores, sua família, a sociedade. Entretanto, como é uma comunicação com um discurso contra-hegemônico, é necessário pensar também no adversário (COSTA, 2010, p.24).

Já a comunicação sindical abrange todo processo comunicativo empreendido pelas entidades sindicais, não restrito apenas às produções jornalísticas, mas ao discurso sindical, aos produtos associativos, às comunicações corporativas e burocráticas, dentre outros. Segundo Momesso (1997), a comunicação sindical é entendida como todo processo de comunicação entre a entidade sindical e os trabalhadores da base de produção e/ou profissão que representa, entre a entidade sindical com a sociedade e entre a entidade com outras instituições do meio sindical (MOMESSO, 1997). Assim, a comunicação sindical não se reduz às publicações impressa, ou à rádio, TV ou qualquer outra mídia. Ela flui na vida sindical, segundo Momesso (1997, p.41),

percorrendo as instâncias da entidade de classe, levando as particularidades dos problemas localizados para as direções, e os encaminhamentos das direções para os integrantes da entidade e da categoria. Enfim, dá-se a realização de um processo comunicativo, ainda que a única forma de comunicação seja a oral, direta, interpessoal.

Para Nelson Toledo Ferreira (2011, p.1), a comunicação sindical é composta por uma série de ferramentas em mídias diferentes que objetivam a integração dos dirigentes sindicais com as bases das categorias profissionais de representação do sindicato, servindo tais veículos, portanto, para atender à “conscientização, à educação e à mobilização, tanto em lutas específicas, quanto em disputas sociais mais estruturantes em termos políticos” (2011, p.1).

A comunicação sindical atua junto ao direito à comunicação, portanto, possibilitando a participação política dos trabalhadores. Desta feita, cabe à comunicação sindical ressaltar o caráter contra-hegemônico de suas pautas e do seu modelo, caso contrário, para Ferreira, ao “reproduzir o modelo hegemônico da mídia massiva, contribuem para bloquear o direito à comunicação destes sujeitos” (2011, p.5). E a eficiência dessa comunicação se dá mais efetivamente na medida em que busca a presença significativa ante a sua base de atuação, diminuindo a periodicidade sem mudanças repentinas e temas e discursos que tenham relações com os trabalhadores “principalmente, no que tange à dimensão de seus múltiplos papéis sociais, numa era marcada por numerosas e distintas identidades que convivem num mesmo sujeito” (FERREIRA, 2011, p.12).

Santiago e Giannotti (1997) comparam a comunicação a um mosaico, em que

cada parte é composta por veículos e produtos de comunicação, como jornal, revista, site, bottom e panfleto usados nas greves, dossiê produzido para sustentar uma denúncia, cartaz de um curso promovido pelo sindicato, releases enviados pela assessoria de imprensa. Todas são peças do mosaico, e nenhuma delas é o mosaico todo. A comunicação sindical para esses pesquisadores é dividida em dois blocos, a comunicação escrita e irradiada, cada uma com uma função específica no processo de comunicação das entidades. Porém, com um objetivo apenas o de divulgar a política ideológica do sindicato (SANTIAGO & GIANNOTTI, 1997 p.17).

O processo de comunicação sindical se dá pela integração “das formas canais naturais de comunicação dos trabalhadores no cotidiano, das formas criadas pela atividade militante e dos veículos que levam as informações para além da militância direta” (MOMESSO, 1997, p.112), atuando ora na mobilização dos trabalhadores na luta pelas suas reivindicações, ora sensibilizando outros públicos à adesão e apoio às defesas dos trabalhadores (CORRÊA, 2006, p.35). Tal comunicação, estudada enquanto fenômeno vinculado à atuação das entidades, permite perceber nela as “expressões concretas e das crises vivenciadas pelo movimento sindical”. Assim, não é possível entender a comunicação sindical sem os conflitos trabalhistas, as questões de classe, e as forças ideológicas contidas nos discursos da luta de classe.

A característica contra-hegemônica da comunicação sindical é reafirmada por outros pesquisadores, como Campos (2012), que apontam o desinteresse dessa comunicação em reproduzir as “relações comunicacionais da mídia de massa”, colocando em debate outros temas que não são abordados nos meios massivos de comunicação, comportando-se como um instrumento de mediação da cultura dos trabalhadores, trazendo para si “a preocupação com a constituição de uma força social permanente na disputa de poder comunicacional e político” (CAMPOS, 2012 p.13).

No tocante às discussões sobre jornalismo sindical, a nomenclatura vem atender ao processo da produção da informação realizada pelos profissionais do jornalismo que atuam no meio sindical. Portanto, poderia afirmar que está estreitamente ligada ao fenômeno da “nova imprensa sindical”, ou ao processo de profissionalização da comunicação das entidades sindicais. Sob essa perspectiva, o trabalho desenvolvido pelos profissionais de jornalismo nas redações sindicais se assemelha, no quesito técnica, às escolhas e rotinas produtivas nas redações da imprensa comercial.

Assim, ao contrário do que acontecia nas redações das entidades sindicais nas fases anteriores, com a profissionalização percebe-se que a coleta e tratamento da informação requerem certas técnicas e noções de métodos inerentes à atividade jornalística, como a “preocupação com a atualidade, importância ser atribuída ao fato, tratamento o mais objetivo possível da informação, seriedade e honestidade nos processos” (ARAÚJO, 2009 p.232).

Corrêa (2006), ao analisar a imprensa sindical, localiza o jornalismo sindical como a modalidade de jornalismo realizado pelas entidades sindicais, como confederações, federações e sindicatos de categoria profissional ou de representação do patronato. Seria, portanto, o “entrelaçamento do jornalismo, enquanto ato de informar, e o movimento sindical, enquanto organização por melhores condições de vida” (CORRÊA, 2006, p.25). Portanto, a base do jornalismo sindical é focada nas ações concretas da categoria, sendo esta imprensa a expressão da atuação da entidade divulgando as questões da vida concreta, nutrindo-se “principalmente do discurso – do que pretende e não é concreto ainda –, ou seja, de seu programa para a sociedade” (CORRÊA, 2006, p. 47).

Assim, o jornalismo sindical seria apenas a prática do jornalismo, tal como na imprensa comercial, reproduzido nos meios sindicais, sem apontar características e/ou aspectos específicos ou inerentes à nomenclatura diferenciada. Ressalta-se, no entanto, o engajamento político na imprensa sindical como uma das principais diferenças do perfil de atuação profissional entre os jornalistas da imprensa convencional e os que atuam no universo sindical, mantendo as similaridades no campo da técnica de produção da notícia.

Já para Rodrigues Netto (2013), o jornalismo sindical é um jornalismo especializado, com um público-alvo específico, com interesses homogêneos, voltado não à busca de notícias gerais, de interesse público de forma geral, mas que esteja relacionado à sua esfera de vivência e atuação profissional. Desta forma, “situar o jornalismo sindical dentro do contexto de um jornalismo especializado é condição prévia para que o sindicato consiga manter uma comunicação que consiga mobilizar os trabalhadores de sua base levando-o à ação” (RODRIGUES NETTO, 2013, p.4).

Assim, ao contrário da grande imprensa, que em jornais, revistas e programas foca as informações como ordem do dia, ou seja, o objetivo da atualidade, no jornalismo

sindical, o objetivo de levar à ação. Portanto, são os objetivos da entidade e dos trabalhadores que estão colocados como condição para que se torne notícia.

Já Martins (2001) trabalha o jornalismo como um instrumento de organização social em oposição às premissas do modelo da grande imprensa, porém sob a perspectiva da notícia sindical como um processo de construção da realidade social. Para a pesquisadora, está no cerne da atividade jornalística atribuir sentido aos acontecimentos, e tais sentidos são influenciados pelo local de fala, pelas intenções. Desta forma, movimento sindical se apropria do jornalismo enquanto uma ferramenta de agitação política e de mobilização, numa ideia em “consonância com o imaginário de construção de um veículo midiático que estimule a identidade entre os trabalhadores da categoria e a sua direção” (MARTINS, 2001 p.134).

Assim, a reprodução da realidade está relacionada à leitura de realidade, a interpretação dos fatos, o que na imprensa sindical se dá pela leitura em prol dos trabalhadores, com o viés da sua representação nas lutas de classe. Esse seria um jornalismo que se pressupõe ser a voz de expressão “das lutas dos trabalhadores e o elo entre a direção da entidade e os trabalhadores daquela categoria” (MARTINS, 2001, p.34).

Desta forma, o conflito e interesses são incorporados na notícia, cuja característica não é ter a essência mercadológica, ou seja, a notícia não tem um caráter de mercadoria. Para tal a sustentação do veículo não está centrada na venda do jornal e/ou de espaços publicitários, mas sim nos recursos da própria categoria, repassados às entidades sindicais. Carvalho aponta o caráter não comercial do jornalismo sindical como um dos principais pontos de diferenciação deste com o jornalismo de massa comercial, sendo que sua intenção não seria vender a notícia, mas propagar ideias e informação, assumindo um papel da crítica, de um chamado à reflexão e à ação (CARVALHO, 2013, 260).

Vladimir Caleffi Araújo identifica na imprensa sindical características que sustentam um espaço profissional do jornalista, bem como um fazer jornalístico com especificidades do meio sindical. O que o autor denomina como Jornalismo de Informação Sindical. Araújo (2004, p.236), no entanto, não define claramente como opera e que conceito norteia o jornalismo sindical, ressaltando apenas que a informação sindical segue uma lógica própria e que “mobiliza meios que lhe são particulares e

inscreve suas práticas em um amplo universo composto de experiências jornalísticas que se desenvolvem continuamente”.

Para o autor, o jornalista sindical atua em uma zona nebulosa entre a concepção das práticas vigentes na imprensa convencional e “uma concepção “particular” da informação e do jornalismo próprias do universo da imprensa dita “engajada”, representada, no caso, pelo jornalismo sindical” (ARAÚJO, 2004 p. 234). O engajamento no jornalismo é apontado como uma das características mais marcantes, uma vez que ele, “além de informar, exerce seu papel militante”, defendendo um posicionamento político e erigindo “suas convicções em elemento central de sua *práxis*” (ARAÚJO, 2009 p. 27). Pressupõe-se que o engajamento entendido aqui esteja no plano político, ou seja, relacionado aos ideais políticos e ideológicos, e não apenas apontado como em um sentido de empenho do jornalista junto aos ideais da entidade. O jornalismo sindical opera, assim, em especificidades próprias, numa lógica de mobilização das massas, inscrevendo suas práticas num “universo composto de experiências jornalísticas que se desenvolvem continuamente” (ARAÚJO, 2009 p.236).

Os autores que debatem o jornalismo sindical, no entanto, o abordam tendo em vista a profissionalização ocorrida na comunicação do meio sindical. Quanto à profissionalização, Araújo aponta uma falta de regulamentação do exercício profissional, com a falta de um estatuto do jornalista sindical, o que dificulta o delineamento das atividades, sobretudo em face às influências e constrangimentos relativos à administração das perspectivas da direção do sindicato na produção informativa jornalística. O jornalista sindical “opera [...] em uma zona bastante nebulosa, que se situa entre a concepção dominante da informação e das práticas profissionais vigentes na imprensa convencional e uma prática particular da informação”, explica Araújo (2009 p.234).

Outro pesquisador que analisa do jornalismo no meio sindical foi Marcos Alexandre dos Santos Ferraz, com dissertação defendida em 2000 na Universidade Federal do Paraná, versou sobre a imprensa sindical entre 1987 e 1999 analisando os jornais do Sindicato dos Trabalhadores em Telecomunicações do Estado do Paraná (Sinttel). O autor foca a convergência entre duas formas distintas de ação, a jornalística e a sindical. O autor utiliza uma sociologia inspirada em Weber e, com isso, propõe-se a trabalhar o jornalismo como ação jornalística, e dentro dela, afirmar a existência de uma

ação<sup>12</sup> que não é monológica, ou seja, unidirecional, mas dialógica que além de informar também leva à ação (FERRAZ, 2000). A ação jornalística, de acordo com Ferraz, busca impingir no sistema perito a notícia, como uma ficha simbólica, sendo a notícia um relato de um “um fato, ou seja, a transformação de ações em atos registrados em papel, fita magnética, película, dando publicidade a estes” (FERRAZ, 2000, p.41).

Uma das particularidades apontada por Araújo é o engajamento político-ideológico dos profissionais jornalistas do meio sindical, que pode entrar em conflito com os códigos deontológicos da profissão. Assim, os jornalistas sindicais operam nos limites do exercício profissional, privados de uma legitimidade que é fornecida aos profissionais que atuam nos veículos comerciais ou na grande imprensa, o que acontece devido à

dificuldade de encontrar em seu próprio campo de atuação profissional, referências que lhe permitam preencher esse “vazio”, servindo-lhe de base sobre a qual assentar suas ações, defender um tipo particular de prática jornalística e construir, em consequência, uma legitimidade profissional (ARAÚJO, 2004 p.234)

Ainda no tocante a profissionalização, para Miani (2010), isso garante que os veículos sindicais obtivessem melhor qualidade gráfica e critérios de produção da notícia, bem como um trabalho mais elaborado na redação da informação, agregando o trabalho de pesquisa à comunicação sindical, o que possibilitou um maior interesse do trabalhador nos jornais dos sindicatos (MIANI, 2010, p.146-147). Por outro lado, o pesquisador ressalta que se houve um avanço tecnológico e nas técnicas na imprensa sindical, também há de se acusar uma possível despolitização dos jornais sindicais às estratégias políticas, pois

os jornalistas passaram a se pautar fundamentalmente pelas questões de ordem pragmática e relegaram para um segundo plano as questões político-ideológicas, principalmente quando o próprio sindicato, induzido ao erro por um discurso sedutor da necessidade de excelência técnica, deixou de considerar como questão fundamental no contexto da imprensa sindical o compromisso como questão fundamental no contexto da imprensa sindical o compromisso político do profissional da comunicação com o próprio movimento sindical e

---

12 Ao apontar a ação em Weber, Ferraz indica como sendo o comportamento humano “sempre que e na medida em que o agente ou os agentes o relacionem com um sentido subjetivo. Na sequência, o mesmo autor define ação social como a ação que, quanto a seu sentido visando pelo agente ou os agentes, se refere ao comportamento de outros, orientando-se por este em seu curso” (FERRAZ, 2000, p.10).

dos trabalhadores (MIANI, 2010, p.149).

Para Ferraz, a propaganda e a persuasão são integrantes da organização sindical e conseqüentemente do discurso da imprensa. Ao ingressar no universo sindical, o jornalista, sobretudo vindo da academia ou de outros postos de trabalho, busca impor na redação sindical a lógica da informação<sup>13</sup>, ou seja, o jornalista “tentará transportar para o meio sindical as suas maneiras habituais de selecionar Notícias, paginar um jornal, editar este jornal, construir títulos, redigir leads e escolher entre fotos” (FERRAZ, 2000, p.59). Para o pesquisador, a lógica da simples transmissão da informação sem carregar conteúdo ideológico ou manter uma função dialógica não se aplica à imprensa sindical, “em função da necessidade de levar os trabalhadores a uma disposição para agir” (FERRAZ, 2000, p.59). A comunicação monológica, ou seja, unidirecional e impositiva, para Ferraz, é deficiente para a imprensa sindical, sobretudo quando se propõe a debater o nível político com a categoria, no espaço que se propõe medidas dialógicas, pois a “imprensa sindical se concretiza enquanto um ponto de convergência entre duas organizações: a sindical e a jornalística” (FERRAZ, 2000, p.60).

Por outro lado, na medida em que o jornalista ingressa no universo sindical e se adapta ao sistema político-ideológico da notícia, muitas vezes em detrimento ao valor notícia e até ao código deontológico da profissão, ele perde a sua identidade, segundo Martins (2001, p.68) “sua condição de mediador social, para assumir com o dirigente sindical a coautoria do discurso jornalístico”. Isso acontece, segundo Martins, não apenas na medida em que o jornalista comunga dos ideais dos dirigentes sindicais, mas quando isso transpõe o fazer jornalístico. Para a pesquisadora, o compartilhar

corrobora para que o jornalista seja um dos sujeitos – o “nós” - no discurso da imprensa sindical. Certamente que esta não é uma relação direta automática, pois há momentos em que fica estabelecido o conflito entre o papel profissional do jornalista, sua função social, sua responsabilidade social e seu papel político na elaboração da notícia no jornal sindical. (MARTINS, 2001, p.68).

Para Miani, a politização dos jornalistas é fundamental na imprensa sindical,

---

13 Ferraz entende como lógica da informação o processo de “simples transmissão de dados onde o receptor é tratado como um objeto – e comunicação, como um processo de interação e socialização entre sujeitos autônomos. Ao jornalismo comercial é possível tal lógica, com suas notícias, apenas desenvolver a disposição de consumir dos seus receptores” (FERRAZ, 2000, p.59).



sobretudo acompanhada de identidade político-ideológica próxima à defesa dos trabalhadores e da entidade sindical. Portanto, segundo o pesquisador, no processo de profissionalização em que a técnica se sobrepõe a questão ideológica e aglutinante da imprensa sindical, um processo de “formação política dos profissionais da comunicação” torna-se necessário, sendo ainda necessário o aprofundamento do debate sobre o papel político da imprensa sindical, com “vistas a consolidação de políticas de comunicação que contemplem as demandas políticas do sindicato, na perspectiva de uma participação mais efetiva nos processos de disputa pela hegemonia” (MIANI, 2010, p.149 ).

### 3 – O OLHAR SOBRE O OBJETO: QUESTÕES METODOLÓGICAS

A perspectiva teórica jornalística adotada nas análises da presente pesquisa é a lançada por Groth, acerca do jornalismo enquanto obra cultural, entendendo cultura como “o conjunto das criações mentais humanas que cresce e muda continuamente. Assim, a ciência dos jornais é a ciência das obras culturais, é uma ‘ciência da cultura’” (GROTH, 2011, p.33).

Para Groth, o homem estabelece valores com determinadas finalidades, ou seja, o pensar e agir humano corresponde à busca de determinados fins. Da mesma forma são suas obras culturais, construídas “por eles com um sentido, de tal maneira que a obra seja de fato apenas considerada como apropriada para satisfazer as suas necessidades corporais e intelectuais” (GROTH, 2011, p.34). Assim, em tese, pode-se adotar a perspectiva na análise jornalística das ações sociais envolvidas no empreendimento cultural cujo objetivo é atender uma certa interação ou orientação, tendo em vista o jornalismo enquanto um modelador da mente do homem, determinando a direção do pensamento e do “querer de amplas camadas sociais”, com um influência “que se espalha por todas as áreas da vida” (GROTH, 2011, p.31).

Sob a perspectiva do jornalismo enquanto obra cultural, propõe-se buscar uma metodologia que auxilie na análise e interpretações das características do jornalismo sindical. Isso, obviamente, tendo em vista o que afirma Groth quanto ao método da Ciência dos Jornais, sobre uma metodologia que contemple o objeto sem buscar aquilo que não lhe seja concernente à sua essência.

A postura metodológica adotada na pesquisa parte do pressuposto de que busca-se contemplar aquilo que está no produto, nas manifestações da periodicidade do jornalismo que foca na singularidade do trabalho. Busca-se, portanto, o jornalismo nas páginas dos jornais da imprensa sindical e não outras manifestações de outros campos do conhecimento.

É notória a veiculação de conteúdo econômico relacionados às questões de negociação salarial ou de outros benefícios dos trabalhadores, também é de conhecimento a tensão de classes provenientes das negociações entre patrões e empregados; porém, apesar de tais questões serem fundamentais para se compreender as linhas, as nuances da imprensa sindical e até indicar as linhas do objeto, são as

características do jornalismo na imprensa sindical que norteiam nas análises contidas na pesquisa.

Para tanto, lança-se mão do método compreensivo weberiano, cujo objetivo se destaca na busca da interpretação da ação social do indivíduo “em um contexto de interações humanas, explicando-as em suas causas, seus desenvolvimentos e seus efeitos” (LIMA & SILVA, 2009, p.75) e no “significado da ação social, observando todo o percurso da ação, desde sua motivação inicial até as consequências sociais por elas produzidas” (LIMA & SILVA, 2009, p. 77).

A interpretação é possível à medida em que é mais do que descrever as relações, mas sim buscar compreender as relações, por meio de construções de tipos ideais, conceitos que buscam auxiliar e ressaltar aspectos importantes das relações para a compreensão da ação social. Como aponta Weber, a interpretação do comportamento humano acarreta uma “evidência qualitativamente específica” que possibilita compreender as interações e os objetivos, sempre em que forem controlados os entendimentos das conexões, na medida do possível “mesmo que muito evidente, se transforme numa explicação compreensiva” (WEBER, 2001, p.314).

Ressalta-se que as ações sociais são aquelas necessariamente orientadas pelas perspectivas ou comunicacionais ou de influência sobre outrem, não correspondendo aquelas em que não há um “sentido compartilhado como outro indivíduo no momento da ação” (LIMA & SILVA, 2009, p. 77).

Segundo Groth (2011 p. 68), o “colocar-se” no lugar na compreensão das manifestações gerais nos jornais é fundamental, uma vez que “o vivenciar é basicamente acessível a qualquer pensamento, ainda que seja tão complicado. O compreender do racional poderia ser chamado até de compreensão por excelência, uma vez que o entendimento (*verstehen*) aponta etimologicamente diretamente para a razão (*Verstand*)”.

Para Weber, o método compreensivo, por meio das interpretações das ações sociais, possibilita esse “vivenciar”, pois “jamais poderemos reviver o que pensou e sentiu César, o grande general romano. Isso seria impossível. Mas podemos perfeitamente interpretar o sentido de sua ação e desvendar o que ela ainda apresenta de significativo para nós (LIMA & SILVA, 2009, p.92). Portanto, “não é necessário ser um César para compreender César” (WEBER, 1995, p.400-401). A ação social tem

importância para a perspectiva compreensiva na medida em que está relacionada ao “sentido subjetivo daquele que age com referência ao comportamento de outros”, e, por conseguinte, possa ser explicada pela compreensão, a partir do “sentido mental (subjetivamente)”. (WEBER, 2001, p.315).

Cabe indicar, conforme apontado por Groth, o jornalismo não tem um valor próprio, mas aquele de efeito que é recebido por ele de outros valores, sendo primeiro da interpretação do indivíduo, do homem sobre o acontecimento, e sobre os efeitos no mundo que ele influencia e pelo qual é influenciado (GROTH, 2011, p.51). Para tanto, lança-se mão de um método que possa compreender as finalidades do conhecimento, estabelecidas por “causa das necessidades e das ideias de valores, e do sentido que estas finalidades dão ao pensamento e à ação humanos” (2011 p.67).

A perspectiva compreensiva analisa o indivíduo e as ações como unidade última dentro das relações e intenções interacionais. Não cabe a essa perspectiva, segundo Weber, tudo aquilo que ultrapasse o “limiar de um comportamento que é suscetível de interpretação com sentido relacionado com objetivos (interiores ou exteriores) não são considerados de outro modo como os processos da natureza que ‘não tem sentido’” (WEBER, p.322). Assim, esse agir em comunidade, para Weber, significa o comportamento observável, teoricamente construído como sendo provável e “que é praticado por indivíduos com relação a comportamentos de outros indivíduos”, e que podem ser comportamentos reais ou possíveis em potencial.

A conexão que faz sentido para a compreensão das ações é o motivo, que é apresentado como um fundamento do comportamento “ou da ação social tanto para quem realiza quanto para quem a interpreta”. Ao fazer uso da compreensão, o observador estabelecerá um motivo para a ação, “definindo uma sequência que poderá representar na sua forma ideal o sentido e o desenvolvimento da ação” (LIMA & SILVA, 2009 p.87), o que é possível na medida em que há certa regularidade no comportamento envolvido em uma rede de interação, pois o “comportamento humano apresenta regularidades e conexões observáveis no seu desenvolvimento que podem ser interpretadas pela compreensão” (LIMA & SILVA, 2009 p.89).

Para tal método, Weber lança mão dos tipos ideais, que expressa o que o pesquisador consegue captar de uma realidade “observada e organizar de um modo coerente e racional na forma de um conceito”, uma vez que interpretar a realizada está

para além do que meramente descrevê-la. Portanto, deve-se explicar a ação social “por meio da construção de tipos ideais, isto é, conceitos utilizados por ele que o auxiliam a selecionar e dar relevância aos aspectos mais importantes para a compreensão da ação social” (LIMA & SILVA, 2009 p.79). A construção do tipo ideal pode servir para a interpretação de qualquer situação permeada pelas ações sociais, isto é, pelas ações recíprocas dos indivíduos.

Para a construção de um tipo ideal empregado na análise da pesquisa, foram utilizadas as características do jornalismo apontadas por Groth, quais sejam: periodicidade, atualidade, universalidade e publicidade; bem como as características que se demonstraram ressaltadas nas leituras das pesquisas sobre jornalismo sindical, comunicação sindical e imprensa sindical. A construção do tipo ideal serve para auxiliar a compreensão dos acontecimentos e conceitos em que é permeada por ações sociais, recíprocas dos indivíduos. Assim, o tipo ideal não abarca a concepção do que seria “exemplar”, ou seja, o que o pesquisador teria como aquilo que deveria ser, não sendo também uma hipótese da pesquisa, mesmo que aponte caminhos para a formulação de uma hipótese da pesquisa.

De acordo com Souza, o tipo ideal em Weber refere-se à idealização de parte da realidade, cujo recorte é definido pelo pesquisador que escolhe seus traços entre uma gama de características que forma a concepção original, ressaltando algumas características dentre as demais existentes. Assim, o tipo ideal é “obtido mediante o encadeamento de um conjunto de fenômenos isoladamente dados, que se ordenam segundo pontos de vista unilateralmente acentuados, a fim de se formar um esquema homogêneo de pensamento” (SOUZA, 2006, p.1).

O tipo ideal não é uma substituição do real, e tampouco busca ser a representação fiel do real ou o que conter o que a realidade deveria ter, uma vez que ele é uma base de comparação e de confronto, não sendo, portanto, uma proposta para ser a imagem do real como um fim em si, e seu interesse reside no fato de servir “como um modelo, como um meio de conhecimento em relação ao qual se analisa a realidade, permitindo ao investigador, em cada caso particular, aproximar-se cognitivamente do fenômeno em análise” (SOUZA, 2006, p.1).

O tipo ideal interessa como um modelo, um marco proposto para pontuar a análise do fenômeno, destacando-se ainda como uma ferramenta excepcional para a

aproximação do pesquisador ao objeto de análise, um “valioso instrumento para a exposição preliminar de um dado fenômeno, além de possuir um certo valor heurístico” (SOUZA, 2006, p.1). No entanto, o tipo ideal não deve ser construído com base nas concepções que o observador acredita ser o ideal, ou o que deveria ser,

por exemplo, o conceito de cristianismo para referir-se a uma determinada prática existente na história brasileira, o pesquisador está simplesmente caracterizando tais práticas de modo a torná-las claras o seu significado para a sociedade brasileira atual sem necessariamente defender a ideia de que o cristianismo é ou não necessário para essa mesma sociedade (LIMA & SILVA, 2009 p.92).

A construção do tipo ideal não deve ser empreendido os desejos e idealizações do pesquisador, mas sim o que o observador “consegue captar de uma realidade observada e organizar de um modo coerente e racional na forma de um conceito”. O tipo ideal não representa a integralidade das ações e interações humanas observadas, mas é antes uma construção feita a partir dos dados que obtém por meio da pesquisa” (LIMA & SILVA, 2009, p.80).

Ele é, portanto, um conceito que sintetiza, nas manifestações, a seleção “livre por meio da concentração das suas variedades em determinadas similaridades (semelhanças) sob a consideração do seu pertencimento estrutural ou funcional a um determinado todo universal” (GROTH, 2011, p.118). Para Groth, há um alto valor no tipo ideal na medida em que possibilita ressaltar as características, e com isso deixando de fora tudo o que seria de irrelevante para a pesquisa e/ou perspectiva de análise no momento, isso sem deixar de, apenas focar nas características, ignorar o todo. O autor alemão considera o tipo ideal “enormemente produtivo para a Ciências dos Jornais em todas a áreas para todas as formas da imprensa periódica” (GROTH, 2011, p.119).

Não à toa, adotou-se na presente pesquisa, junto à metodologia, a perspectiva de analisar as características isoladas para posteriormente vislumbrar o objeto como um todo, tal qual Groth empreendeu nas análises da Ciência dos Jornais, ao seccionar o objeto pelas suas características fundamentais que se sustentam para além dos espaços de manifestações.

Na medida em que se busca trabalhar e conceituar o jornalismo no meio sindical, e identificar sua forma, suas manifestações e, sobretudo, as relações interacionais envolvidas em sua produção, tendo em vista sua perspectiva de obra

cultural e, portanto, dotada de um fim, de um objetivo específico dado pela sua elaboração, buscar-se a “a análise e fixação completa do conteúdo do conceito ao todo e às partes”, contemplando as partes – suas características que se sustentam para além dos veículos de manifestação - como um todo, buscando entender o que é real “no seu relacionamento uns com os outros e com o todo” (GROTH, 2011, p.103).

### 3.1 – MÉTODOS DE ANÁLISES E OS JORNAIS SINDICAIS ESCOLHIDOS COMO CORPUS DA PESQUISA

A pesquisa contempla publicações de seis entidades sindicais de representação dos trabalhadores dos mais variados setores de atuação profissional veiculadas entre janeiro de 2013 e dezembro de 2014. Como parâmetros de definição do corpus de análise, em primeiro lugar, foram definidas entidades cujas publicações a serem analisadas fossem de responsabilidade técnica de profissionais de jornalismo. Uma vez que uma das preocupações da pesquisa é ressaltar o campo do jornalismo, é fundamental ter como determinante a participação e atuação profissional de jornalistas diplomados. Foram excluídas do universo de análise, portanto, as entidades sindicais que produzem jornais sem a supervisão e participação de um jornalista profissional.

Outro critério para escolha dos jornais é a identificação clara de uma periodicidade e/ou regulação de publicações que garantisse um material substancial para analisar ao longo do período de dois anos completos. Sob o caráter do posicionamento político da imprensa sindical, busca-se contemplar, nas definições para escolha do *corpus* de análise, as abrangências territoriais das entidades sindicais – municipal, regional e estadual. Com isso, pretende-se dirimir um conteúdo político que poderia ser proeminente nas manifestações da imprensa sindical, como por exemplo a aparição de determinada fonte, caso a abrangência territorial fosse a mesma.

Sob a perspectiva do público-alvo, ou seja, dos trabalhadores representados pelas entidades sindicais, aponta-se também a escolha de uma variedade de categorias profissionais. Tal conflito, se restringisse o rol de instituições ao mesmo território, não se consolidaria, uma vez que não há duas entidades que representam a mesma categoria profissional no mesmo espaço geográfico. No entanto, atendendo a categoria de escolha anterior, optou-se consequentemente por se atentar a essa questão, para evitar também a predominância de uma mesma categoria nas análises, bem como suas características de

abordagem midiática, assuntos, etc. Cabe ressaltar que as escolhas refletem a percepção desse investigador acerca de um quadro do movimento sindical, e que não há uma regra definida *a priori*, uma vez que

Cada investigação é uma experiência única que utiliza caminhos próprios, cuja escolha está ligada a numerosos critérios, como sejam a interrogação de partida, a formação do investigador, os meios de que dispõe ou o contexto institucional em que se inscreve seu trabalho (QUIVY E CAMPENHOUDT, 2005, p.121).

Contemplado na área de pesquisa em jornalismo, e com justificativa no debate do campo profissional do jornalismo nas redações das entidades sindicais, a delimitação de jornalista profissional responsável pelas publicações são fundamentais para a pesquisa. A pluralidade nas abrangências de representação – tanto espacial, quanto a variedades de setores dos funcionários – vem atender a uma variedade de temas, formatos e pautas presentes nas publicações, com o objetivo de garantir uma amplitude de dados que possibilitem uma leitura mais geral das publicações sindicais paranaenses. Na procura de um modelo de análise das publicações, devem “ser levados em conta no momento da escolha: a abrangência que se quer observar em determinado meio, o momento histórico a ser analisado, o nível de profundidade de um determinado assunto” (SILVA, 2012, p.55). Em síntese, as entidades foram definidas dentre um universo de sindicatos de trabalhadores com abrangência paranaense, com publicações impressas periódicas sob responsabilidade e produção por jornalistas profissionais.

Também foram definidores para escolha das entidades sindicais a continuidade das publicações, confirmando uma periodicidade; pluralidade na filiação das entidades às centrais sindicais; diferentes abrangências de atuação sindical – municipal, regional, estadual; existência de jornalista profissional responsável pela publicação; e pluralidade de representação de categorias profissionais e/ou de setores de produção. As entidades definidas, bem como os títulos de suas publicações, são: jornal *30 de agosto*, do Sindicato dos trabalhadores em educação pública do Paraná (APP Sindicato); *Folha Bancária*, do Sindicato dos Bancários de Curitiba e Região; *A Voz do Metalúrgico*, do Sindicato dos Metalúrgicos de Curitiba e Região; *Extra-Pauta*, do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Paraná (Sindijor); *Pressão Alta*, do Sindicato dos Servidores da Saúde do Paraná (Sindisaúde) e *Jornal do Sismuc*, do Sindicato dos Servidores Municipais de Curitiba.



Figura 1 – imagens do jornal *Folha Bancária*, dos Bancários de Curitiba e Região

**Folha Bancária**

Sindicato dos Bancários de Curitiba e região www.bancariosdec Curitiba.org.br

FETEB CUT CONTRAFI

Ano 19 - 2ª quinzena abril de 2013

Plano de funções

# Assembleia dia 25 define greve de 24h



**BANCÁRIOS VÃO ORGANIZAR UM DIA INTEIRO EM PROTESTO CONTRA NOVO PLANO DE FUNÇÕES**

Desde a implantação do novo Plano de Funções Gratificadas e de Confiança, no começo deste ano, os funcionários do Banco do Brasil não descansaram na luta pelo respeito a seus direitos. O funcionalismo passou os últimos meses mobilizado em atos, visitas e reuniões com parlamentares e paralisações, mas nada disso foi suficiente para fazer o banco recuar.

“O novo plano criou um passivo trabalhista gigantesco. Eles estão reduzindo os salários e não vamos admitir isso. Vamos continuar entrando com ações judiciais contra o banco. Queremos jornada de 6h sem redução salarial”, afirma Ana Smolka, diretora do Sindicato dos Bancários de Curitiba e região e representante do Paraná na Comissão de Empresa do BB.

Nas últimas semanas, Carlos Neri, que é o negociador do BB na mesa com a Fenaban, enviou seus “boletins pessoais” aos bancários.

Comunicados cheios de mentira, em que a única sensatez foi o pedido que fez: “Verifiquem seus contra-cheques”.

“Ao verificar seu espelho, o funcionário que aderiu ao novo plano verá que sua remuneração diminuiu, sim. O BB não pode continuar usando da falta de clareza para enganar seus empregados”, alerta André Machado, diretor do Sindicato dos Bancários de Curitiba e região e funcionário do BB. O Sindicato lançou o “Boletim do Pessoal” em resposta aos comunicados de Neri. O boletim está disponível em nosso site ([www.bancariosdec Curitiba.org.br](http://www.bancariosdec Curitiba.org.br)).

**Desrespeito** – Uma reunião estava marcada entre os representantes dos bancários e o BB para o dia 09 de abril, em Brasília. Porém na véspera, dia 08, o banco desmarcou a negociação sem qualquer explicação.

Revoltados com o desrespeito do BB, os dirigentes, que já estavam em Brasília para reunião, protestaram entre os prédios da direção geral no dia 09, no horário da reunião marcada, mandando à direção todos os protestos, reclamações e reivindicações que seriam apresentadas na mesa de negociação.

**Assembleia** – Depois da série de desmandos da gestão do Banco do Brasil, a Contraf-CUT e sindicatos resolveram convocar os funcionários do Banco do Brasil para uma greve de 24h, no dia 30 de abril. Mas, para que a mobilização seja possível, é preciso que os funcionários aprovelem em assembleia.

Portanto, o Sindicato dos Bancários de Curitiba e região convoca todos os funcionários do Banco do Brasil para assembleia geral no dia 25 de abril, às 18h30, em primeira convocação, e 19h, em segunda convocação. A assembleia acontece no Espaço Cultural dos Bancários. Venha fortalecer a luta!

**Assembleia**

Greve no BB

Data: quinta-feira, 25 de abril

Horário: 18h30 (primeira convocação) 19h (segunda convocação)

Local: Espaço Cultural dos Bancários (Rua Piquiri, 380)

**Bancos Públicos**

Participe dos encontros estaduais BB e Caixa

Os encontros estaduais dos Funcionários do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal acontecem no sábado, 04 de maio. Os funcionários se reúnem no Caravelle Palace Hotel, em Curitiba. As inscrições vão até dia 26 de abril. Nos encontros, serão definidas as prioridades dos bancários paranaenses, que serão levadas aos congressos nacionais, de 17 a 19 de maio.

**Participe!**

Encontro Estadual BB e Caixa

Data: sábado, 04 de maio

Horário: 9h às 17h

Local: Caravelle Palace Hotel (Rua Cruz Machado, 282)

Inscrições: até 26 de abril na Secretaria Geral do Sindicato, pelo telefone (41) 3015-0523 ou no e-mail [seger@bancariosdec Curitiba.org.br](mailto:seger@bancariosdec Curitiba.org.br)

Fonte: Bancários (2013)

O jornal *Folha Bancária* (Figura 1), do Sindicato dos Bancários de Curitiba e Região Metropolitana, circula quinzenalmente, com edições extras durante o processo de negociação salarial da categoria, que é realizada em âmbito federal. Filiado à Central Única dos Trabalhadores (CUT), o sindicato foi fundado em 1932. São 33 edições da *Folha Bancária* entre 2013 e 2014. A equipe de redação é composta por duas jornalistas, uma delas responsável pelas publicações, e um diagramador. O jornal circula em Curitiba e Região Metropolitana, com impressão de 15 mil exemplares, em formato A4, com edições de duas a quatro páginas, em policromia.

Figura 2 – imagens do jornal *30 de Agosto*, da APP Sindicato

Fonte: APP Sindicato (2013)

O jornal *30 de Agosto* (Figura 2), da APP Sindicato, circula mensalmente em todo o Estado do Paraná, com tiragem de 20 mil exemplares. No período do levantamento para a análise da presente pesquisa, foram publicados 17 edições do jornal *30 de Agosto*. A APP Sindicato foi fundada em 26 de abril de 1947, e representa, além dos professores e professoras da educação pública do Paraná, os demais servidores de níveis técnicos médio e básico funcionários da Secretaria da Educação do Paraná (SEED). As publicações são impressas em formato tabloide, em policromia, com 4 a 12 páginas. No período contemplado para coleta de dados da pesquisa, a redação do *30 de Agosto* compunha-se de três jornalistas formados e um profissional de design gráfico.

Figura 3 – imagens do jornal *A Voz do Metalúrgico*, do SMC

Diretor Responsável: Sérgio Butka - Jornalista Responsável: Gláucio Dias  
 Agosto de 2013 - Ano 27 - Edição 838  
**A VOZ do Metalúrgico**  
 Órgão de Informação e Luta dos Trabalhadores Metalúrgicos da Grande Curitiba

---

**"NÃO SE CANSEM DE LUTAR POR UM MUNDO MAIS JUSTO E MAIS SOLIDÁRIO", DIZ PAPA FRANCISCO**

Pontífice esteve no Brasil participando da Jornada Mundial da Juventude. A exemplo do que Sindicato diz, para o Santo Padre também é preciso que todos se unam para lutar por uma política econômica que priorize o ser humano e não o lucro

greja e trabalhadores na luta por um mundo melhor. A postura do Papa Francisco de que não podemos nos calar diante das injustiças e sim lutar por um mundo melhor cimenta uma parceria antiga entre a Igreja e as organizações trabalhistas na luta contra a exploração humana. Assim como o Sindicato não cansa de dizer, também para o Papa a transformação da humanidade em uma sociedade mais solidária, justa e democrática só vai vir com a união e a luta de todos. Estamos na luta, Santo Padre!



Papa entusiasmou aos milhões de jovens a lutarem contra as injustiças e por um mundo melhor

**Palavras do Papa no Brasil:**

“ Eu peço a vocês que sejam revolucionários, que vão contra a corrente; peço que se rebellem contra essa cultura do descartável. Eu tenho confiança em vocês, jovens, e rezo por vocês. Tenham a coragem de “ir contra a corrente”. Tenham a coragem de ser felizes”

“ Vocês, jovens, são os protagonistas da mudança que o mundo precisa. Sigam em frente, superando as dificuldades e oferecendo uma resposta aos problemas sociais e políticos do mundo. Sejam construtores do Reino. Não fiquem parados assistindo a vida passar. Envolvam-se na luta por um mundo melhor. Jesus não ficou parado, assistindo a vida passar. Ele foi pra luta, se envolveu. Façam como Jesus!”

“ Hoje, há crianças que não tem o que comer no mundo e morrem de fome todos os dias; há idosos e pessoas doentes que não tem acesso a saúde; há crianças que não tem acesso a educação. Tudo isso não é notícia e não causa comoção. Mas basta 3 ou 4 pontos caírem nas bolsas de valores e isso se torna uma catástrofe mundial. Esse é o drama desse humanismo desumano em que estamos vivendo”

**Força Habitação cadastra Trabalhadores que sonham com a casa própria**  
 Pág. 4

**Força Habitação**  
 ajuda a construir a casa própria de quem precisa

**Ouçá o programa "A Voz da Classe Trabalhadora"**  
 De segunda a sexta, das 16h às 17h, você fala por dentro de tudo o que está no mundo do trabalho com o diretor do SMC, Aroneti Ferreira, falando. Acompanhe na 98.3 FM Regional CBO e para Internet no www.radio98.3.com.br. Não deixe de ouvir também porque seu áudio gravado pelo fone: 41-3268-0243.

**SÉRGIO BUTKA:**  
**Discurso do Papa está alinhado ao dos trabalhadores**  
 Pág. 3

**Curta e siga o SMC nas redes sociais!**

facebook | Síndico dos Metalúrgicos da Grande Curitiba  
 twitter | @sometalurgico

**Ou o governo negocia, ou dia 30 tem greve geral**

Decisão foi tomada por mais de 4 mil dirigentes sindicais de todo o Brasil durante o Congresso Nacional da Força Sindical, que aconteceu em Praia Grande/SP, durante os dias 24 e 25 de julho. Enquanto beneficia empresários com isenção de impostos e outras regalias, governo deseja trabalhadores na mão. Pág. 2 e 3



**Queremos o fim da PL 4330!**

Nesta terça (26), a Força Sindical do Paraná e os demais Centrais protestaram em frente ao prédio da Associação Comercial do Paraná para exigir o fim do Projeto de Lei 4330, que quer escancarar as portas da terceirização e restringir os direitos trabalhistas

Trabalhadores foram pra rua exigir menos terceirização e mais empregos direitos

Fonte: Sindicato dos Metalúrgicos de Curitiba e Região (2013)

*A Voz do Metalúrgico* (Figura 4), do Sindicato dos Metalúrgicos de Curitiba e Região, circula em formato standard, colorido, mensalmente em Curitiba e Região com tiragem de 55 mil exemplares. Filiado à central sindical Força Sindical, o Sindicato dos Metalúrgicos foi fundado em janeiro de 1920, e sua principal base de representação está localizada no setor automobilístico paranaense. *A Voz do Metalúrgico* teve 16 edições publicadas durante o período definido para a pesquisa. A equipe de redação nos anos contemplados pela pesquisa era composta de um jornalista responsável pelo jornal, três jornalistas na produção dos textos e o projeto gráfico desenvolvido por empresa externa.

Figura 4 – imagens do jornal *Extra-Pauta*, do Sindijor

**PRIVATIZAÇÃO**

■ E-Paraná Comunicação é instituída. Sindijor lutou ao lado de entidades sociais para impedir a privatização disfarçada da emissora pública do estado. Agora a situação de muitos trabalhadores é incerta **pág\_03**

**ENTREVISTA: EDUARDO MEDITSCH**

■ PEC do Diploma - bom para o jornalismo, bom para a sociedade: Em meio a potêmicas e demasiada lentidão, a volta da obrigatoriedade do diploma de jornalista vive tempos decisivos **pág\_05**



# Extra Pauta

JORNAL DO SINDICATO DOS JORNALISTAS PROFISSIONAIS DO PARANÁ | nº 103 | Novembro\_2013 | www.sindijorpr.org.br

GESTÃO  
**JUNTOS  
SOMOS  
FORTES**



ORGANIZAÇÃO

## Jornalistas ganham mal e empresas lucram mais

■ Reunião realizada no dia 25 de outubro na Casa do Jornalista, sede do Sindijor

Representantes das empresas de comunicação do Paraná se negaram a atender questões definidas em assembleia pelos próprios trabalhadores. Para o Sindicato, uma postura intransigente e conservadora **pág\_04**

EVENTO

**18º Sangue Novo**

Tradicional noite dos estudantes paranaenses lotou Memorial de Curitiba **pág\_08**



Remetente: Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná | Rua José Loureiro, 211 - Centro - CEP: 80.010-000 - Curitiba-PR

Fonte: Sindijor (2013)

O *Extra-Pauta* (Figura 5), do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Paraná, é uma publicação mensal, em formato tabloide, colorida, circula em todo o Paraná com tiragem de 1.500 exemplares. Fundado em 12 de outubro de 1945, o Sindijor representa os jornalistas profissionais, cinegrafistas e repórteres fotográficos. Apesar da proposta de periodicidade, durante os 2 anos foram publicadas 9 edições do *Extra-Pauta*. A produção jornalística é realizada por um jornalista interno, e o presidente da entidade assina a publicação como responsável.

Figura 6 – imagens do jornal *Pressão Alta*, do SindSaúde

Órgão de divulgação do SindSaúde/PR • Fevereiro de 2013 • Rua Mal. Deodoro, 314, cj 801, CEP 80.010-010, Curitiba, PR



## MAIS COMBATIVOS DO QUE NUNCA!

Brava gente mantém o fôlego e promete seguir na luta em 2013

Depois de um 2012 de manifestações históricas, marcação cerrada no governo e da realização do 6º Congresso, os servidores estaduais da saúde estão prontos para os desafios de 2013. O governo já sabe com quem está lidando e a ordem é intensificar a pressão. Organizar ainda mais a categoria e trazer os problemas da saúde para o centro do debate.

**Governo não respeita os novos servidores**

Manobras tentam reduzir os direitos de quem está em estágio probatório. **Página 3.**

**Eu já sabia!**

ParanaPrevidência. Calote do governo estoura no bolso do servidor! Saiba como votaram os parlamentares. **Páginas 4 e 5.**

[www.sindsaudepr.org.br](http://www.sindsaudepr.org.br) | [contato@sindsaudepr.org.br](mailto:contato@sindsaudepr.org.br) | Telefone: (41) 3322-0921

Fonte: SindSaúde (2013)

O jornal *Pressão Alta* (Figura 6) circula em todo o Paraná, mensalmente, em formato tabloide, colorido, com tiragem de 7.500 exemplares. A publicação pertence ao Sindicato dos Servidores da Saúde do Paraná (Sindsaúde). Fundado em 1983, representa todos os trabalhadores do setor de saúde do funcionalismo público paranaense. A edição gráfica é externa e a redação possui uma profissional de jornalismo, que assina as

edições como jornalista responsável. As publicações circulam com variação de 4 a 12 páginas. Apesar de periodicidade mensal, foram publicadas 11 edições do *Pressão Alta*.

Figura 7 – imagens do *Jornal do Sismuc*

Jornal 88 Abril de 2013

filiado à **CUT** **fessmuc** **CONFETAM**

**RECONSTRUIR PELA BASE**  
SISMUC - CUT

Rua Monsenhor Celso, 225, 9º andar  
CEP 80.010-150

**jornal do SISMUC!**

Impresso Especial  
Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de Curitiba  
CORREIOS

Para uso dos Correios  
 radiado  
 descolado  
 recado  
 fileado  
 suado  
 não processado  
 enc. indevidos  
 CEP  
 não existe nº indicado  
 informação escrita pelo porteiro ou indico

reintegrado ao serviço postal em

Responsável

**Servidores derrotam PPQuino**

Os servidores municipais de Curitiba finalmente se verão livres do PPQ. A medida, pleiteada há vários anos pelos servidores, é o primeiro passo para a incorporação de todas as remunerações variáveis. O próximo inimigo dos servidores a ser derrotado é o Assediado. Um projeto de lei para coibir o assédio moral será elaborado e enviado à Câmara em breve. Confira mais na página 4.

**Servidores da saúde e guardas querem isonomia na incorporação**

Assembleia aprova extensão do direito a outros segmentos da categoria. Confira também na página 4.

**Tarifa do ônibus**

André Machado é o entrevistado desta edição. Confira na página 9

**Conciliação de greves limpa ficha dos servidores**

Página 6

**Confira o balanço das negociações**

Página 8

Fonte: Sismuc (2013)

O *Jornal do Sismuc* (Figura 7) circula em todo o município, mensalmente, com tiragem de 15 mil exemplares, formato tabloide, com dois profissionais de jornalismo na redação e um estagiário de jornalismo, sendo um dos jornalistas o responsável pela publicação.

Com variação de 4 a 12 páginas, o jornal pertence ao Sindicato dos Servidores

Públicos Municipais de Curitiba (Sismuc), filiado à Central Única dos Trabalhadores (CUT). Fundado em 28 de setembro de 1988, a entidade representa todos os funcionários públicos do poder municipal, com exceção dos trabalhadores do setor de educação, representado por outro sindicato. No período definido para análise, foram publicadas 22 edições.

### 3.2 - TIPO IDEAL E CATEGORIAS DE ANÁLISES

Se a proposta metodológica e a problemática da pesquisa anuncia a busca por um padrão que se repita nas manifestações e indique características que vão além das plataformas, foram focados métodos que possibilitam ver esse padrões/repetições tanto em questões quantitativas, quanto identificar nuances e relações qualitativas das frequências. Para tanto, recorreu-se a um ferramental que possibilitou quantificar e qualificar o conteúdo veiculado pelos jornais sindicais.

Antes disso, foi realizada uma leitura dos veículos, o que possibilitou uma impressão inicial da linguagem e temas abordados na imprensa sindical bem como promover uma familiarização dos pesquisados à forma e conteúdo das publicações. Definidas as entidades e as publicações conforme requisitos definidos para escolha dos materiais de análise, partiu-se para uma leitura prévia das publicações, com vistas a buscar uma impressão dos temas e formatos textuais abordados nos jornais das entidades.

Isso se deu devido justamente a adaptação da linguagem e conteúdo que o jornalismo sindical apresenta em cada entidade, resguardadas as especificidades e características de cada público-alvo, que apresenta perfil distinto com outras categorias profissionais, não apenas na questão do consumo midiático quanto a forma, mas também quanto ao conteúdo, neste caso, quanto as diferentes reivindicações inerentes às categorias profissionais.

A primeira leitura, sem uma rotina metódica e/ou procedimentos pré-definidos, subsidiou a idealização de um formulário de coleta de dados que se demonstram presentes nas publicações jornalísticas e/ou nos jornais das entidades escolhidos para análise. Um outro objetivo da primeira aproximação das publicações foi realizar uma análise inicial para a formação e idealização de categorias pensadas a partir dos tipos

ideais.

Além disso, o contato com o material de análise possibilitou a redefinição da problemática da pesquisa, que inicialmente focava na influência da direção da entidade no processo de produção jornalística das publicações sindicais. Cabe ressaltar que essa alteração é natural nas pesquisas, pois,

à medida que for avançando no trabalho de exploração, irão progressivamente sobressaindo conceitos-chave e hipóteses importantes, bem como as relações que convém ou seria interessante estabelecer entre eles. O modelo de análise prepara-se, na realidade, ao longo de toda a fase exploratória (QUIVY E CAMPENHOUDT, 2005, p.121).

Portanto, reconhecendo antes a necessidade de localizar os periódicos sindicais como um produto jornalístico, a pesquisa se adequou à investigação do enquadramento das publicações em conceitos de jornalismo, para, posteriormente aos contatos iniciais com os jornais das entidades, moldar-se à problemática, novamente encaixando-se à investigação do formato e/ou característica do jornalismo existentes nas produções sindicais. Um dos objetivos a pensar o formulário de coleta de dados era possibilitar a reunião de categorias presentes na maior parte das manifestações do jornalismo sindical, ou seja, informações reincidentes nas publicações das entidades, pois

quando nós contemplamos um objeto complexo, o pensamento humano discursivo não permite que se reconheça completamente o seu todo e a sua estrutura, o seu sentido e as suas características imediatamente. Na verdade, nós olhamos o todo com as suas partes, também pensamos o sentido e as características juntos, mas a primeira imagem que formamos é vaga, é só uma percepção aproximada do todo e das suas partes e está longe de um “conhecer”, que nós só podemos alcançar através de uma análise que acompanhe e se desenvolva paralelamente ao objeto, e da conseqüente síntese contínua desta análise. (GROTH, 2012, p.143).

Apesar de não sistematizada, cabe ressaltar que a leitura prévia do *corpus* de análise não foi despropositada. Tendo em vista a necessidade de formação dos tipos ideais, conforme idealização metodológica weberiana, buscou-se na leitura uma indicação dos processos de formação de tais tipos.

A literatura metodológica não expressa um modus de construção e/ou formação passo a passo dos tipos ideais, ou ainda da metodologia compreensiva. Ou seja, aponta-



se as linhas gerais da metodologia, a forma de compreender o objeto, mas não é indicado um método que aplique a forma de contemplação. A literatura dá subsídios, no entanto, para compreensão das formas de apreensão do objeto.

A leitura dos jornais sindicais publicados no período elencado para a pesquisa indicou a necessidade de retomada à pesquisa da pesquisa para encontrar no estado da arte as características que formariam o tipo ideal a ser utilizado nas análises da imprensa sindical. Isso ficou mais claro na medida em que foram realizadas as leituras e análises prévias dos jornais, quando surgiram questionamentos sobre a atualidade na imprensa sindical das características que os autores que se debruçaram academicamente ou em militância apontavam como definidoras desse tipo específico de jornalismo.

Ao indicar a especificidade do jornalismo no espaço sindical, pressupõe-se uma matriz jornalista que será utilizada como parâmetro de identificação do que é natural ao jornalismo e o que se configura específico no sindical.

Buscou-se, portanto, identificar o que se sustenta nos jornais que identifica o fazer jornalístico, mapeando as partes e descobrindo nas peças do mosaico as linhas que contornam o desenho total, que seria o jornalismo sindical.

Ou seja, partir das partes para a compreensão do todo, a completude do jornalismo sindical focada no jornalismo. Como um dos objetivos é analisar a especificidade do jornalismo contemporâneo, um modelo de comparação pode ser pelo estado da arte. Passa-se com isso a uma retomada do estado da arte, pensando nas características que a pesquisa da pesquisa apontava para então serem criadas as categorias que norteariam as análises e confronto do corpus.

A problemática da pesquisa apontou para uma investigação sobre as características de um jornalismo na imprensa sindical. A literatura indica que uma das características mais marcante do jornalismo do meio sindical é seu caráter contra-hegemônico, de contestação às ideias dominantes e burguesas, e de não enfrentar a notícia como uma mercadoria.

Uma imprensa especializada cuja singularidade da notícia está centrada no trabalho, a imprensa sindical (OLIVEIRA, 1997, p.11) é conhecida por abordar temas relativos ao universo do trabalho, representar os trabalhadores, os assuntos sindicais ou ainda temas de interesse do público sindical não necessariamente referentes ao universo do trabalho, sempre tratados pelo viés sindical, ou seja, pelo lado do trabalhador

(GIANNOTTI, 2004, p.11).

Esses são alguns dos assuntos indicados na pesquisa da pesquisa sobre as temáticas abordadas na imprensa sindical, considerada uma ferramenta dos sindicatos na aglutinação, conscientização e convencimento das categorias sobre as bandeiras sindicais (LAHNI E FUSER, 2004; GIANNOTTI E SANTIAGO, 1997; FRANZIN, 2007; FERREIRA, 1988; FERREIRA, 1995; VERDELHO, 1986; MOMESSO, 1997; VIEIRA, 1996; BARROS, 2013).

As informações auxiliaram a identificar uma das características que formaria o tipo ideal e conseqüentemente as categorias do *corpus* da análise. A pesquisa da pesquisa aponta para a temática/conteúdo dos assuntos que são abordados pela imprensa sindical.

Se a pesquisa da pesquisa indica para o trabalho como foco da imprensa e demais temas relacionados ao universo sindical e do trabalhador, buscou-se definir “tema” como uma primeira característica e categoria do tipo ideal, agrupada de acordo com as áreas de interesse da categoria, pois, conforme aponta Araújo, “pelas temáticas que desenvolve, o jornal sindical deixa transparecer mais claramente suas pretensões corporativas” (ARAÚJO, 2004 p.64).

Os temas e os recortes de abordagens são definidos pela concepção política da diretoria da entidade e pelos interesses da categoria profissional, sendo que os critérios de noticiabilidade, segundo Araújo, estão conectados às temáticas: a) vida organizacional (funcionamento interno da entidade; encontros, cursos e palestras; temas referentes à instituição e questões jurídicas; denúncia de violações legais das relações trabalhistas; vida cultural; vida associativa e benefícios aos associados); b) informações gerais (política, economia, cultura, diversos); e c) reivindicações (emprego, salário, condições de trabalho) (ARAÚJO, 2004, p.63).

No entanto, uma categoria muito ampla não auxiliaria a contemplar o objeto, pois não possibilitaria focar em padrões que aglutinassem algumas características dos temas. Portanto, na aproximação inicial, identificou-se algumas subcategorias para adicionar-se ao guarda-chuva do “tema”: Sindical, Negociações, Denúncia, Formação/eventos, Cultural, Mobilização e Políticas públicas.

- Sindical: atende aos temas pertinentes estritamente ao universo da entidade,

sobre suas ações institucionalizadas, estrutura física, eleições de diretorias e demais informações e/ou assuntos burocráticos institucionais.

- **Negociações:** está relacionada a todas as ações que envolvam negociações salariais e demais negociações de direitos das categorias profissionais representadas pelas entidades. Com essa subcategoria pode-se, junto às outras, mensurar o percentual destinado pela imprensa sindical às questões corporativas.
- **Denúncia:** assuntos relacionados às denúncias de irregularidades trabalhistas, ilegalidades nas relações de trabalho, denúncia política sobre irregularidades na gestão pública relacionadas a recursos humanos, falta ou atrasos de pagamentos, etc..
- **Formação/eventos:** assuntos referentes às ações de capacitação político-sindical das entidades, eventos de debates políticos, seminários.
- **Cultural:** temas referentes a eventos culturais realizados pela entidade ou divulgado pela entidade, ou ainda publicação de textos com caráter cultural.
- **Mobilização:** assuntos referentes a chamadas para passeatas, manifestações e demais mobilizações sindicais, mesmo que não sejam referentes a atos públicos, mas com apelo de mobilização, de manter a categoria alerta sobre determinado tema e/ou ação.
- **Políticas Públicas:** temas referentes a gestão pública que não estejam relacionados diretamente a recursos humanos.
- **Sindical externo/Movimentos sociais:** temas sobre ações promovidas ou que envolvam outras entidades sindicais ou ainda entidades da sociedade civil organizada, como movimentos sociais.
- **Centrais Sindicais:** temas relacionados à ações promovidas pelas centrais sindicais.

Definida esta categoria, partiu-se para outros elementos que ajudassem a contemplar objeto. Na continuidade da leitura, tornou-se evidente quem tem voz e vez nos jornais dos sindicatos. Ora, se as publicações e as instituições representam os trabalhadores em categoria profissional, surgiu a dúvida sobre se eles teriam espaços nas produções jornalísticas.

Que a imprensa sindical, sobretudo com o aumento da profissionalização do

setor, já não seja mais idealizada sob o tripé pelo trabalhador, sobre o trabalhador e para o trabalhador (FERREIRA, 1988 p.5; VERDELHO, 1986 p.97), é evidente com a pesquisa da pesquisa, no entanto, a alteração nesse tripé está relacionado ao sujeito ativo na produção técnica, e não no conteúdo ou público-alvo. Partiu-se, para a identificação de outra categoria para o tipo ideal, referente a quem fala nos textos, que seriam as “fontes”.

Tal qual na categoria “temas”, a categoria “fontes” também foi subdividida, atendendo as seguintes subcategorias: Direção do sindicato, Políticos, Centrais Sindicais, Movimentos sociais e demais sindicatos, Trabalhadores e Assessoria.

- Sindicato: contabiliza como fontes a autorreferência da entidade no texto sem vínculo de voz referente à direção da entidade, mas colocando a entidade sindical como agente ativa no texto.
- Direção do sindicato: todo o corpo diretivo do sindicato, especificado o cargo após a indicação de direção, conforme estrutura organizacional da entidade, como cargos de presidência, conselho fiscal.
- Políticos: aparição de membros do poder executivo e legislativo, indicando após a subcategoria o cargo.
- Judiciário: definiu-se por retirar da subcategoria “políticos” os membros do poder judiciário, pois foi identificado na leitura prévia que quando são chamados ao texto, em sua maioria, são como atores técnicos e não sob exercendo ações políticas.
- Centrais Sindicais: indicação de membros ou da instituição.
- Movimentos sociais e demais sindicatos: nas leituras prévias foram identificadas poucas referências às outras entidades sindicais e movimentos sociais. No entanto, julgou-se importante a mensuração dos dados, para subsidiar as análises de interagendamento das entidades.
- Trabalhadores: aqui a mensuração se dá quando há aparição da categoria profissional representada pela entidade sindical, tanto quando é apenas mencionada enquanto categoria, ou seja, agrupamento de trabalhadores do mesmo setor/profissão, quando também são individualmente apontados ou chamados a falar nos textos como fontes ativas ou inativas.

- Assessoria: nesta subcategoria foram contabilizadas todas as aparições das assessorias técnicas das entidades, como assessoria jurídica, de imprensa, econômica etc.

Ao idealizar a categoria anterior – “fontes” –, em que se identificaria o ator da aparição, tornou-se evidente a necessidade de identificar a forma de aparição dos atores no texto. Afinal, não é comparável quantitativamente uma fonte que é chamada a falar diretamente no texto por outra que é mencionada. Carece aqui, portanto, de um elemento qualificador de status da fonte. Para tanto, junto às fontes e suas subcategorias, foram qualificados como voz direta, voz indireta, menção.

- Voz direta: aparição de fontes com direito a voz com ação direta no texto, com falas entre aspas.
- Voz Indireta: aparição de fontes com voz mencionada ou com ação de voz anunciada no texto, no entanto, sem falas entre aspas.
- Menção: indicação do nome ou cargo na narrativa textual.

Mesmo com o caráter do status agregado às subcategorias da categoria “fontes”, foi ainda adicionado outro elemento qualitativo às subcategorias, relativas a interpretação da forma como é inserida no texto, ou seja, se a fonte e sua aparição é, junto à narrativa, interpretada como positiva, negativa e neutra.

A imprensa sindical, conforme aponta a pesquisa da pesquisa, indica que além de informativa e propagandista, seu objetivo é aglutinar, mobilizar e levar os trabalhadores à ação, difundindo ideias (CARVALHO, 2013; GIANNOTTI E SANTIAGO, 1997; CAMPOS, 2012; ARAÚJO, 2009; MIANI, 2010; MIANI, 2013). Portanto, outra categoria do tipo ideal para qual tornou-se necessário identificar no corpus de análise foi com relação ao caráter da informação, se ela indicava uma intenção que demovesse uma ação em resposta. A categoria idealizada para a análise foi a “Caráter/intenção textual”, que agrupa as subcategorias:

- Informativo: buscou-se enquadrar nesta subcategoria os textos cujos conteúdos apontavam intenção informativa, apresentando as informações sem elementos

que indicassem ações, como por exemplo, sobre conjuntura econômica, informação sobre o andamento de negociações ou de ação judicial movida pela entidade.

- Convocatório: buscou-se enquadrar os textos cujo conteúdo que indicavam convocatória para participação de eventos deliberativos da entidade, como assembleias de categoria para votação de alguma proposta, ou eleições sindicais.
- Mobilização: foram identificados os mesmos itens de chamamento para evento, no entanto, o que altera são os tipos de eventos, que, ao contrário da subcategoria “convocatória” que se refere a eventos da estrutura sindical burocrática ou negocial, a mobilização ou chamamento se refere a evento políticos ou atos públicos.
- Publicitário: foi definido para a presente subcategoria mensurar os elementos que indiquem ação publicitária da entidade para autopromoção do sindicato, sobretudo com finalidade de associação, ou seja, aumento do quadro associativo, ou ainda para melhorar a imagem da instituição frente à categoria.
- Opinativo: por fim, indicou-se nesta categoria todas as intenções que denotam opinião, mais especificamente nos textos de artigos, editoriais e entrevistas, pelos quais ficam nítidos os posicionamentos dos atores político-sindicais.

Por fim, nas categorias que formaram o tipo ideal, reforça-se, formulado a partir de características indicadas na pesquisa da pesquisa, somada às características apontadas com a primeira leitura e incursões ao corpus de análise, chegou-se aos tipos dos textos abordados na imprensa sindical, o que indica, em tese, graus de profissionalização e aprimoramento técnico na medida em que foram encontrados diferentes tipos de elementos textuais e recursos.

Para formar tal categoria, além da leitura prévia dos jornais dos sindicatos e marcações dos formatos de textos, tomamos como base os gêneros jornalísticos apontados por Pena e Erbolato para descrever as classificações das notícias e tipos textuais presentes nos jornais (PENA, 2010; ERBOLATO, 2001). Intitulada “Tipos/gêneros textuais”, a categoria final contém as seguintes subcategorias: Nota; Notícia; Foto-legenda; Artigo; Editorial; Propaganda; Entrevista e Nota correlata. Justifica-se a exclusão de ícones imagéticos e recursos visuais como parâmetros e

categorias de análise devido a falta de homogeneidade nos conteúdos, ou seja, nem todos os jornais definidos como corpus de análise contemplam as mesmas produções de conteúdos imagéticos – com exceção de foto-legenda. Enquanto os jornais *Jornal do Sismuc* e *30 de Agosto* utilizam recursos de ilustrações e desenhos em praticamente todas as edições – o *Jornal do Sismuc* mantém na contra-capas uma tirinha em todas as edições -, outros jornais utilizaram uma ou duas ilustrações dentre todas as edições publicadas nos períodos elencados para análise. .

- Nota: entende-se como nota as narrativas textuais de carácter informativo jornalístico escrita em linhas breves, ou seja, um breve relato sobre um acontecimento em um ou dois parágrafos.
- Notícia: foi considerado Notícia uma narrativa mais completa dos fatos, ou seja, o desenrolar dos acontecimentos apontados na nota. Na Notícia é mais recorrente a pluralidade de fontes, confronto de opiniões e desenvolvimento completo de uma ação. Nela comporta-se também diferentes perspectivas sobre um tema ou contemplação de outros temas correlacionados, apresentados em subtítulos.
- Fotolegenda: Identificou-se como fotolegenda as fotos seguidas de notas e/ou elementos informativos textuais mais extensos que apenas uma legenda informativa sobre o conteúdo da foto.
- Artigo: considerou-se aqui como artigo todo texto autoral apresentando opinião ou análise sobre determinado tema.
- Editorial: foi considerado como editorial os textos opinativos das entidades, assinados ou não pela diretoria – geralmente pela presidência – indicando opinião sobre os temas apresentados na edição do jornal ou ainda uma postura político-ideológica da entidade ou do autor do editorial sobre algum tema, mesmo que não contemplado na mesma edição do jornal.
- Propaganda: foram considerados como propaganda todos os elementos textuais ou imagéticos que objetiva aumentar o quadro associativo, divulgar benefícios aos associados ou ainda que busque claramente promover a entidade.
- Entrevista: foram adicionadas na subcategoria as entrevistas, do estilo ping-pong ou não, consistidas em perguntas e respostas.

- Nota correlata: consideramos como Nota correlata os elementos textuais de apoio às notícias, com informações correlatas ao tema principal da Notícia.

Após a aproximação prévia do corpus de análise e a definição das categorias para a criação do formulário de dados, chegou-se a uma dissertação de mestrado que apresentou categorias similares para analisar a imprensa sindical do ABC Paulista do início da década 2000, defendida na Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo, por Jaqueline Lemos Martins, em 2001.

Dentre as categorias de análise, Martins aponta análise da notícia na imprensa sindical sob blocos temáticos editoriais agrupadas primeiramente entre assuntos de interesse, como Política, Economia, Sindicalismo, Artes/lazer e Cotidiano/comportamento. Na sequência, a pesquisadora cria subcategorias de angulação das notícias, ou seja, as possíveis intenções agregadas às notícias, agrupadas em Informar, Denunciar, Mobilizar e Prestar Serviços.

Junto às notícias, Martins também identificou as aparições das fontes de notícias, agrupadas em Sindicato/Diretor, Centrais Sindicais, Outras organizações sindicais/populares, Empresários/Entidades Patronais, Governos, Parlamentares, Especialistas, Trabalhadores de base, Jornais/revistas/TVs e rádios, Partidos Políticos, Representantes dos Trabalhadores, etc. Cabe ressaltar que isso não esgota as ferramentas de coleta de dados de Martins, que realiza observações nas redações e entrevistas com jornalistas dirigentes sindicais.

Ressalta-se que uma das propostas de Martins era analisar as práticas profissionais e rotinas produtivas nas redações sindicais, viés que não é contemplado na presente pesquisa, que busca identificar as características do jornalismo no meio sindical, tendo como *corpus* de análise as publicações das entidades sindicais, ou seja, o produto.

Além disso, a proposta metodológica de Martins é analisar os aspectos discursivos da imprensa sindical, por meio de Análise do Discurso, o que diferencia da presente proposta de contemplação do objeto.

As categorias e o tipo ideal não são os únicos elementos de análise do método optado. Além das categorias, a leitura detalhada dos jornais contempla interpretação e análise do pesquisador para os elementos qualitativos dos textos, os posicionamentos e demais características apresentadas nos jornais que fogem às análises quantitativas ou



ao mapeamento do tipo ideal, mas que, no entanto, possam ser apreendidos pelo pesquisador.

Para além das mensurações do tipo ideal e das categorias, soma-se às análises a compreensão do todo pelos elementos que se tornam evidentes com as aproximações contantes e confrontos com o corpus de análise. Ou seja, na medida em que forem sendo confrontados o tipo ideal e as características formadoras das categorias de análise, formadas a partir da pesquisa da pesquisa, vão se acrescentando às análises de cada jornal elementos de análise que não estão contemplados nas categorias, mas que vão se evidenciando necessárias para a compreensão das características jornalísticas presentes na imprensa sindical, por meio das manifestações dos jornais sindicais das entidades escolhidas para a presente pesquisa.

Se outrora a imprensa dos trabalhadores era produzida pelos próprios operário e demais trabalhadores como uma forma de ação sindical comunicacional, a partir da redemocratização no país e das grandes greves do ABC paulista, culminando na fase *novo sindicalismo*, a profissionalização no setor de comunicação transferiu para os profissionais de jornalismo a tarefa da imprensa sindical (LAHNI E FUSER, 2004; MARTINS, 2001; MIANI, 2010; ARAÚJO, 2009; RIBEIRO & OLIVEIRA, 2014).

Tal profissionalização, no longo processo de transformação das entidades sindicais nas últimas décadas, tanto na multiplicação de entidades quanto consequentemente no número de jornais de trabalhadores lançados e impressos anualmente, têm sido determinante na consolidação da imprensa sindical como, além de uma grande ferramenta na defesa dos trabalhadores, um espaço para influenciar a opinião pública quanto aos pleitos dos trabalhadores (RIBEIRO & OLIVEIRA, 2015) e lançar na sociedade uma visão política e econômica mais próximas aos ideais político-sindicais adotados pelas entidades.

Com isso, como apontou Araújo (2009) na tese doutoral, abriu-se, desde final da década de 1970, um campo profissional de atuação os jornalistas e demais trabalhadores da comunicação, como publicitários e relações públicas. Nesse filão que se formou, com a consolidação de uma grande imprensa que é responsável por lançar mensalmente mais de 10 milhões de exemplares de jornais e boletins informativos (FRANZIN, 2007), também foi-se instalando o jornalismo, no entanto, assumindo determinadas características inerentes da imprensa e do meio sindical, com seus mais de 100 anos de atuação na defesa dos trabalhadores no Brasil.

Identificar algumas das características nas páginas dos jornais sindicais foi o esforço desta pesquisa de mestrado, focada em analisar os jornais de seis entidades de representação dos trabalhadores no Paraná. O número de páginas e o tamanho físico dos jornais escolhidos variam, bem como a periodicidade deles.

No entanto, julgou-se que isso não influenciaria nas análises, uma vez que o objetivo não foi buscar o confronto dos conteúdos de jornal para jornal, mas analisar o todo e as partes e identificar as características que marcam o jornalismo no meio sindical.

No período de análise foram coletadas um total de 108 edições dos seis jornais,

totalizando 734 páginas impressas para o *corpus* da pesquisa. Por entidade, o total das publicações e número de páginas foram as seguintes:

Nome do jornal	Número de edições	Total de páginas
30 de agosto	17	130
Folha Bancária	33	112
A Voz do Metalúrgico	16	64
Jornal do Sismuc	22	264
Jornal Pressão Alta	11	88
Jornal Extra-Pauta	9	76

Figura 8 – Tabela de coleta de informação dos jornais

### Tabela de fontes por aparição (citação/direta/indireta)

**Citação:** apenas nomeado no texto **Direta:** com direito a fala com aspas **Indireta:** com direito a fala sem aspas

Edição: N1/2013		Período: Março de 2013 (N.º99)	
Pág	Título da matéria	Fonte	Tipo apar.
Capa	Lucro acima da qualidade	Luiz Geraldo Mazza, jornalista	Citação
2	Comunicação de qualidade X ditadura o mercado: o	Luiz Geraldo Mazza, jornalista	Citação
2	choque das gerações e o desafio da valorização	Edilson Pereira, repórter especial	Citação
2	profissional	Mauri König, jornalista	Citação
2		Beto Richa, governador	Citação
2		Dilma Rousseff, presidente	Citação
2		Venício Lima, sociólogo e jornalista	Citação
2		FHC, ex-presidente	Citação
2		Ariel Palacios, jornalista	Citação
2		Mussa José Assis, jornalista	Citação
2		Edgar Norio Yamagami, jornalista	Citação
2	Lei de Radiodifusão Argentina: como deslocar em-	Cristina Kishner, presidente Argentina	Citação
2	presários inimigos para colocar amigos		
2	Notas de falecimento	Mussa José Assis, jornalista	Citação
2		Edgar Norio Yamagami, jornalista	Citação
3	Jornalistas experientes perdem espaço	Luiz Geraldo Mazza, jornalista	Direta
3	Jornalistas experientes perdem espaço	Luiz Geraldo Mazza, jornalista	Direta (olho)

Fonte: autor (2015)

Com todo o corpus de análise em mãos, aplicou-se o formulário idealizado nas discussões metodológicas, com as marcações e categorias definidas para a análise das partes, buscando identificar, dentre os conteúdos e formas apresentadas pela imprensa sindical, quem são os falantes nos jornais, quais os temas que caracterizam a imprensa, a pluralidade de formas textuais, as intenções que se apresentam nos textos, dentre outras características.

As tabelas agrupadas contabilizaram 3.710 linhas de conteúdos retirados das

publicações sindicais. Junto a coleta de dados da tabela registrou-se alguns pontos-chaves nos conteúdos que indicaram elementos importantes do comportamento da imprensa sindical.

#### 4.1 – DA PERIODICIDADE, ASSUNTOS E TIPOS TEXTUAIS: AS MANIFESTAÇÕES DA IMPRENSA SINDICAL E OS TEMAS DE ABORDAGEM

A inconstância das manifestações da periodicidade dos jornais analisados e o espaço de tempo entre uma publicação e outra é uma característica marcante da imprensa sindical, sobretudo nos jornais das seis entidades analisadas.

De quinzenais, mensais a bimestrais, as publicações refletem a dinâmica das negociações do sindicato, do agrupamento de informações que julgam necessárias para enviar à categoria e determinado pela capacidade de investimento na comunicação, a forma com que ao longo da história da entidade os jornais e a comunicação foram e são enfrentados como investimento ou gasto, ou seja além da capacidade de recurso, a determinação em utilizar o recurso com a comunicação, e também a importância com que a comunicação recebe dentro das discussões estratégicas das ações das entidades.

De todos os sindicatos analisados, apenas o Sismuc apresentou as 22 edições que totalizaram a periodicidade mensal, com exceção das primeiras edições do ano, com periodicidade bimestral, compreendendo janeiro e fevereiro de cada ano.

Os demais sindicatos não corresponderam às periodicidades apontadas nos jornais, espaçando o período entre uma edição e outra em chegando até o dobro do apontado nos jornais. Obviamente que, conforme apontado por Groth (2011), a periodicidade é contínua, e o que é percebida são as manifestações da periodicidade.

Um determinante do intervalo de manifestação da periodicidade do jornal de sindicatos é a ação da entidade, ou seja, as atuações em negociação, manifestações públicas, se está ou não em campanha salarial da categoria, qual o universo dos trabalhadores que representa, a quantidade de negociações de acordos e convenções trabalhistas em que atua, etc.

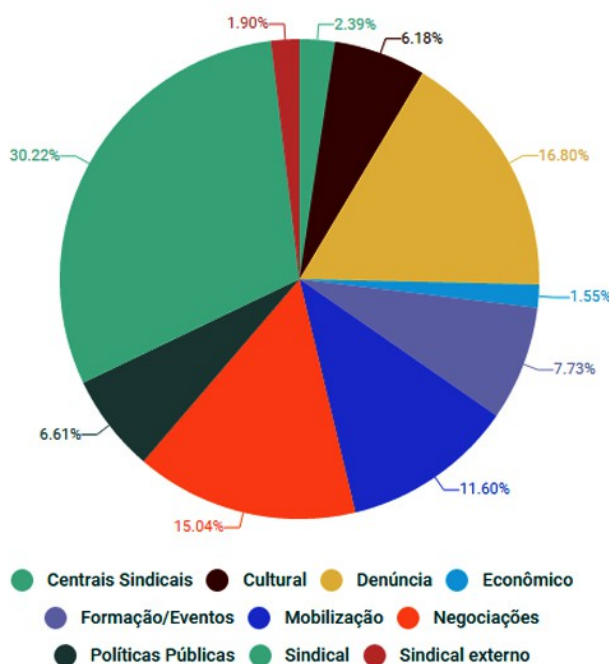
Uma forma de identificar quantitativamente o conteúdo foi mapear os temas de abordagem dos conteúdos dos sindicatos na imprensa, conforme determinado nas categorias idealizadas com base no tipo ideal e na pesquisa da pesquisa, como: Sindical, Central sindical, Economia, Negociações, Denúncia, Formação/Eventos, Cultural,

Mobilização, Políticas Públicas e Sindical Externo/Movimentos sociais.

Para agrupar os dados selecionados com o formulário de categorias e tipos ideais, buscou-se agrupar as informações e trabalhar com percentuais na fase de tratamento e sobretudo na fase de produção dos gráficos. Com isso, pretendeu-se eliminar algumas disparidades de relações comparativas entre jornais devido às diferenças de páginas e periodicidade.

Mesmo que o objetivo não seja o comparativo, no sentido de confronto, com os percentuais contemplamos uma análise compatível entre todas as publicações, uma vez que foram comparados os percentuais de aparição dentro de um todo, e não a quantidade, que poderia ser maior em um jornal por conta do volume maior de publicações.

Figura 9 – Recorte da análise dos seis jornais por tema (Período 2013/14)



Fonte: autor, 2015.

Retomando a questão da periodicidade, corroborou-se a importância do conteúdo manifestado na imprensa sindical vinculada às ações da entidade como determinante para a periodicidade.

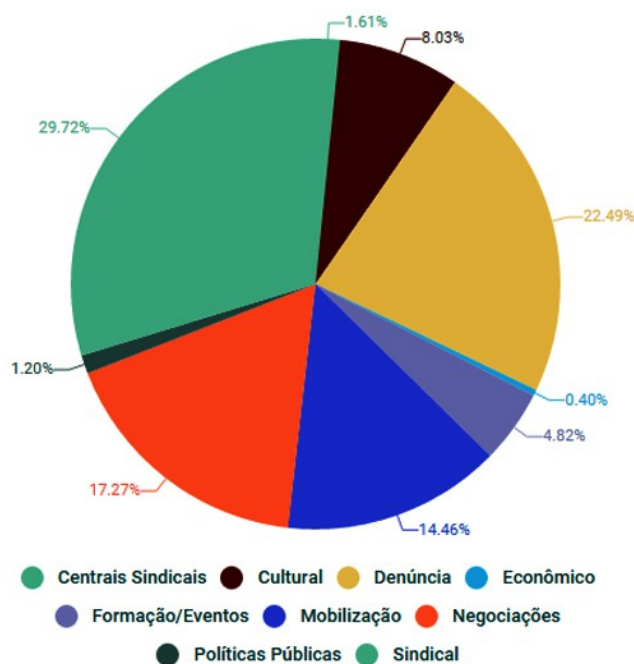
Não à toa, ao olhar para os temas presente nas 108 publicações às quais foram analisadas, os temas diretamente relacionados às negociações, campanhas salariais e

questões de interesse sindical, como convocações para atos e ações referentes à entidade somaram 75% das informações veiculadas nos dois anos de análise.

Se retirasse as questões sindicais e deixasse apenas aquelas que se referem às negociações, denúncias de infrações trabalhistas e demais temas relacionados às questões econômicas de discussões de interesse financeiro dos trabalhadores, ainda resta 45% das informações veiculadas na imprensa.

Tais percentuais foram calculados dentre um universo de 1423 textos identificados junto aos temas, dentre os quais: 34 Centrais Sindicais; 88 Cultural; 239 Denúncia; 22 Econômico; 110 Formação/Eventos; 165 Mobilização; 214 Negociações; 94 Políticas Públicas; 430 Sindical e 27 Sindical externo.

Figura 10 – Recorte da análise por tema (*Folha Bancária* - período 2013/14)



Fonte: autor, 2015

Destacam-se, nas negociações e as distribuições por tema, o Sindicato dos Bancários (Figura 10), com o jornal *Folha Bancária*. Além de manter uma campanha de negociação nacional, também atua banco a banco discutindo reivindicações dos trabalhadores, e o Sindicato dos Metalúrgicos, com o jornal *A Voz do Metalúrgico*.

Figura 11- Capa das edições da Folha Bancária da 2ª Quinzena de Setembro de 2014



Fonte: Bancários (2014)

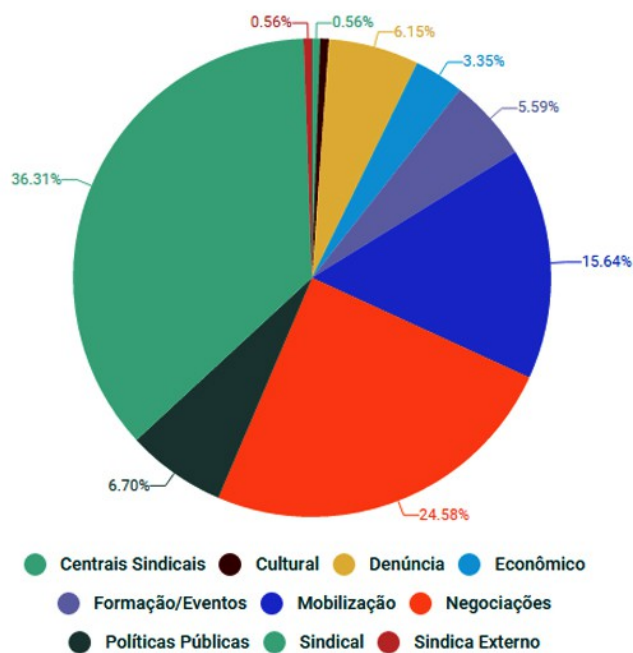
Na análise da *Folha Bancária* por temas, dos 276 textos mapeados, 135 são referentes às questões salariais e de negociação de benefícios e direitos dos trabalhadores, sendo que destes 135 textos 56 referem-se às denúncias de infrações trabalhistas, 36 são de mobilizações da categoria e 43 são específicos de negociações. As campanhas salariais dos bancários são realizadas nacionalmente, com a participação de outras entidades sindicais de outros estados/municípios que juntos negociam os salários e benefícios dos trabalhadores do setor bancário com a Federação Nacional dos Bancos (Fenaban), que representa as instituições bancárias e financeiras.

Na segunda quinzena de setembro de 2014, as negociações foram determinantes para a publicação de dois jornais no mesmo período. Mesmo com a periodicidade quinzenal, a importância da temática e a atualidade do assunto abordado influenciou significativamente na realização das edições, conforme aponta a Figura 11, com as capas dos dois jornais, destacando como chamadas principais a mobilização de greve junto às negociações salariais nacionais dos bancários. Além dos sindicatos dos bancários e dos metalúrgicos, há também a APP Sindicato, com jornal *30 de agosto*, que por representar uma categoria numerosa no estado mantém negociações e mobilizações constantes.

O caminho das negociações e demais temas relacionados diretamente ao interesse dos trabalhadores, como assuntos econômicos vinculado ao universo das negociações ou do direito trabalhista, ou ainda sobre a atuação sindical em identificar e levar denúncias de infrações de questões trabalhistas a público mostrou-se patente em alguns sindicatos e sua influência nas manifestações da periodicidade das publicações.

Isso fica mais nítido nos jornais daqueles sindicatos que apresentam grandes campanhas de negociação de convenções coletivas, ou seja, instrumentos de negociação firmados entre sindicatos dos trabalhadores e sindicatos que representam a empresas, e também nos acordos coletivos, que são instrumentos de negociação firmados entre os sindicatos dos trabalhadores diretamente com a empresa.

Figura 12- Recorte da análise por tema (30 de Agosto – período 2013/2014)



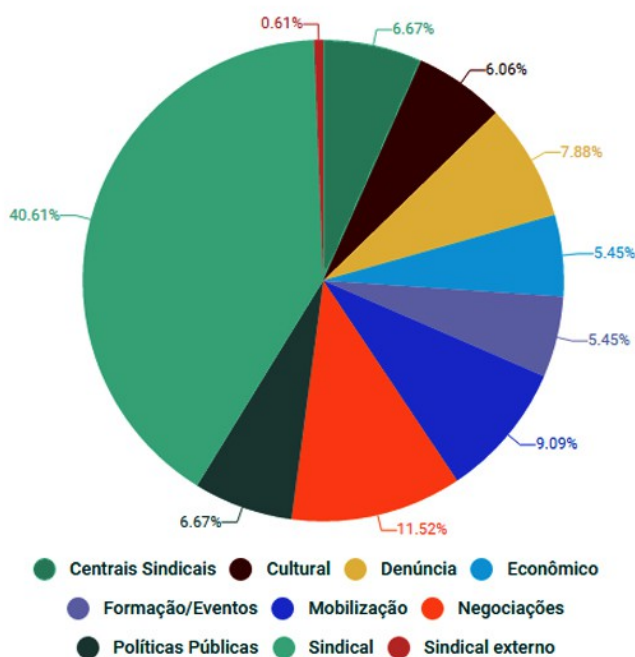
Fonte: autor, 2015.

Outro determinante é a capacidade de investimento do sindicato no setor de comunicação e na produção de jornais para a categoria, como apontado no editorial do *Extra-Classe* (n.º 100), do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná (Sindijor), que primeiramente objetivava uma periodicidade mensal, mas devido aos custos teve que ampliar o período entre as publicações: “O objetivo era transformá-lo em um jornal mensal. Optamos em realizar uma edição digital, intercalada entre os impressos bimestrais, mas devido aos custos, tivemos que suspender o projeto”.



Nos dados dos temas abordados, para além da periodicidade, pode-se perceber o que é assunto nos jornais sindicais, ou seja, quais são as principais questões abordadas pela imprensa sindical. Em primeiro lugar, são assuntos referentes ao universo sindical, como convocações e ações estritamente ligada aos assuntos da entidade que predominam as páginas da imprensa sindical das seis entidades no período selecionado, assumindo mais de 30% dos temas (Figura 9). As questões sindicais são as predominantes em termos de abordagem da imprensa sindical, quer com notícias que publicizem suas atuações de melhoria de estrutura, ou ainda de convênios novos ofertados pela entidade ou de reuniões para apresentar. O jornal do Sindicato dos Metalúrgicos (Figura 13) é um exemplo de publicação que foca nas atuações da entidade que ressalta um perfil assistencialista, que, dentre os serviços que oferecem à categoria que representa, destacam-se um cartão de benefícios com descontos e serviços e comércios, além de espaços de lazer, etc.

Figura 13 – Recorte da análise por tema (*A Voz do Metalúrgico*, período 2014/2014)



Fonte: autor, 2015

Os percentuais de temas do jornal *A Voz do Metalúrgico* foram calculados dentre um universo de 165 textos, dos quais 67 foram com a temática sindical, e o remanescente com as seguintes quantidades: Centrais Sindicais 11; Cultural 10; Denúncia 13; Econômico 9; Formação/Eventos 9; Mobilização 15; Negociações 19;

Políticas Públicas 11 e Sindical externo 1.

O carro chefe das ações que ressaltam a entidades nas publicações do sindicato da categoria dos metalúrgicos é o cartão fidelidade da entidade, que consiste num cartão que dá ao associado do sindicato desconto em uma série de estabelecimentos comerciais e serviços; destaca-se também o kit escolar, distribuído todo início do ano; e as estruturas de lazer do sindicato.

Tais medidas indicam ações assistencialistas da entidade e o uso do jornal como forma de propagandear os serviços oferecidos pelo sindicato aos filiados. Conforme aponta a Figura 14, os títulos das notícias e notas que destacam ações assistencialistas chegam a ocupar mais da metade da página da publicação de janeiro de 2013, sendo os títulos: “Kits escolares já estão sendo entregues pelo SMC”; “Aproveite suas férias na estrutura de lazer do SMC”; “Cartão Fidelidade também está no litoral do Paraná”.

Figura 14 – Recorte da 4ª pág do jornal *A Voz do Metalúrgico* – 01/2013 - Edição 833



Fonte: Metalúrgicos (2013)

Em segundo lugar, no total de temas abordados nos jornais analisados, (Figura

9), com 16,8%, estão os assuntos referentes às denúncias, que são notícias e demais textos que objetivam apontar desrespeitos aos direitos trabalhistas, como casos de assédio moral e/ou sexual, ou infrações de acordos e convenções, dentre outros assuntos. Na sequência, vêm os temas ligados às campanhas salariais e de negociação, ocupando 15% dos textos.

Cabe ressaltar que, na maioria das vezes, os temas estão vinculados aos do quarto lugar em dimensão dos temas, que são aqueles ligados à mobilização, com 11,6%. Juntos a negociação e mobilização, ocupariam o segundo lugar nos textos. Porém, como nem toda mobilização está diretamente ligada às negociações, optou-se por deixar em separado.

Um ponto crucial nas análises quantitativas das publicações, conforme apontado na Figura 9, sobre os temas abordados pela imprensa sindical, é que não se consolidou um papel de abordagem de temas que não estão estritamente ligados às negociações e sobretudo às rotinas da própria entidade.

Os assuntos culturais, os de políticas públicas, propostas e visão da entidade e dos trabalhadores em grandes temas político-econômico de relevância pública ou ainda interagendamento do mundo sindical repercutindo os acontecimentos e conquistas de outras categorias profissionais ou da mesma categoria mas em outros espaços físicos, são ínfimos se comparados aos temas sindicais, mesmo na somatória.

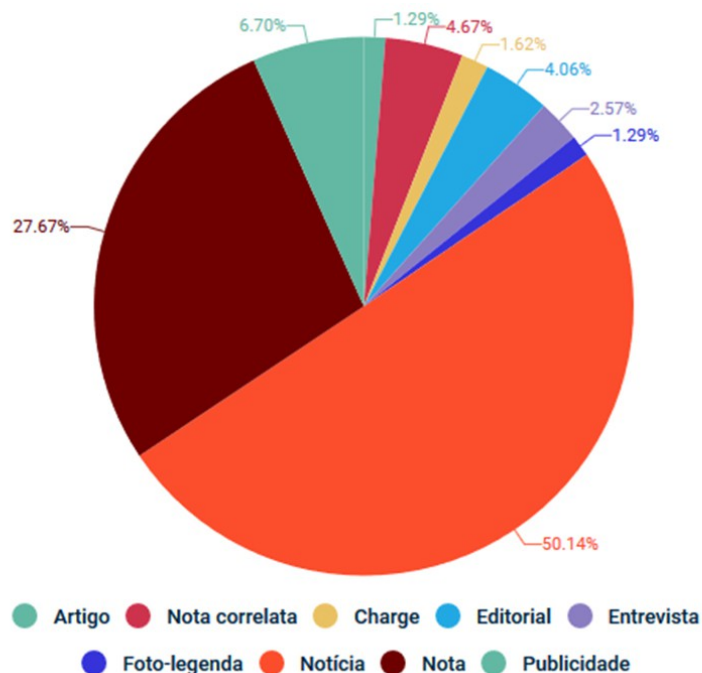
Na comparação das entidades, a que mais se destaca por indicar atuação e aparição de temas e fontes referentes a outras entidades sindicais e de movimentos sociais foi o *Jornal Extra-Pauta*, do Sindicato dos Jornalistas, apresentando o maior percentual comparativo de temas relacionados ao tema Sindical Externo, com 6,09% dos temas, ou seja, 12 textos de um total de 197 textos.

Uma leitura analítica nos jornais do sindicato dos profissionais de jornalismo aponta uma distribuição aponta uma distribuição maior dos temas, pluralidade de fontes e apresentação de diversos recursos textuais e gêneros jornalísticos ante os demais jornais das entidades analisadas.

A presença de profissionais de jornalismo que não compõem o quadro diretivo do sindicato e principalmente de jornalistas de sindicatos de outros estados e profissionais do mercado são frequentemente chamados a falar nas publicações, o que ressalta a valorização dos trabalhadores da base de representação da entidade e de outras

entidades de representação dos profissionais jornalistas.

Figura 15 – Recorte da análise de todos os jornais por gêneros jornalísticos (período 2013/2014)



Fonte: autor, 2015

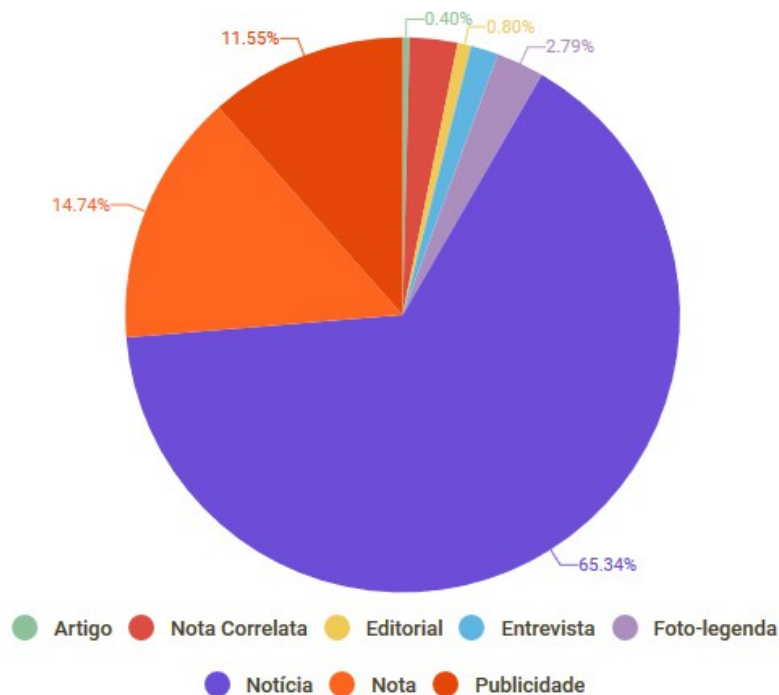
Referente aos temas de todos os jornais analisados (Figura 9), se a própria entidade é o principal assunto de sua imprensa, seguido dos temas ligados diretamente às negociações/mobilizações e denúncia de infrações de direitos trabalhistas, as notícias e notas jornalísticas são as principais formas de abordar tais temas na imprensa sindical, tendo como base a análise dos jornais publicados pelas seis entidades no período de 2013/2014.

No quadro geral, a imprensa sindical apresenta uma diversidade de gêneros jornalísticos, com produção textual informativa, opinativa e recursos imagéticos. As notícias, notas e Nota correlata – que seriam as correlatas ou complementos das Notícias, mas com títulos diferenciados – ocuparam, juntas, mais de 80% dos textos (Figura 15) publicados nas 108 das entidades selecionadas. Predomina-se, assim, produção textual jornalístico, ou produzido pelo profissional de jornalismo.

Os textos com caráter opinativo, que seriam as entrevistas e demais produções

autorais, como a charge, os artigos assinados e os editoriais, chegam a 15% das publicações dos jornais. Independentemente das fontes jornalísticas utilizadas e das intenções nos textos, a leitura dos gêneros apontam um peso maior no papel do profissional de jornalismo como mediador do conteúdo apresentado nos jornais, como responsável por, no mínimo, 80% das produções textuais da imprensa sindical selecionada. Tais percentuais foram calculados tendo como base mapeamento de gênero jornalístico de 1.478 textos, dentre os quais: 19 artigos; 69 notas correlatas; 24 charges; 60 editoriais; 38 entrevistas; 19 foto-legendas; 741 Notícias; 409 notas e 99 publicidades.

Figura 16 – Recorte por tipos gêneros jornalísticos – *Folha Bancária*, período 2013/2014



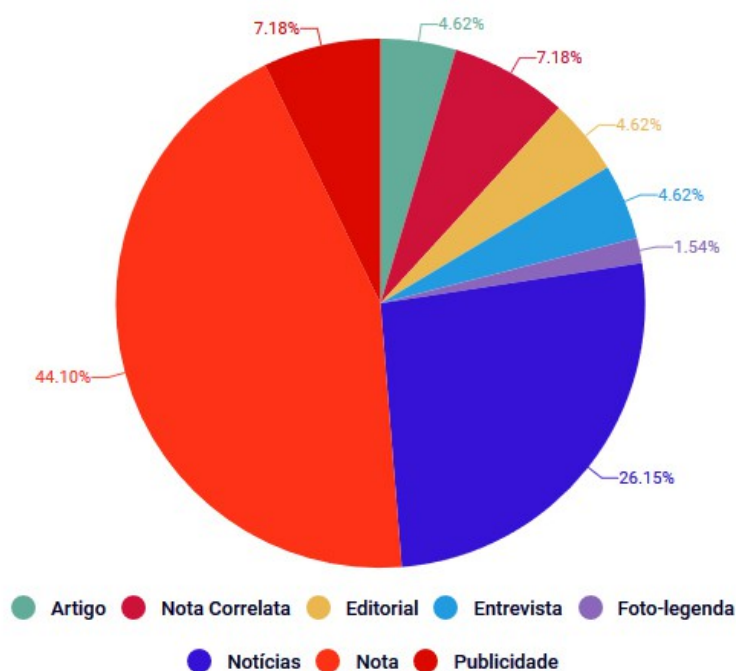
Fonte: autor, 2015

Apesar da participação na redação e na responsabilidade técnica das publicações, apenas um dos veículos analisados apresenta assinatura de jornalistas nas notícias e notas, que foi o *Jornal do Sismuc*. Nos demais, mesmo com redações com mais de um jornalista produzindo e assinando o expediente das publicações, as notícias e notas de cunho informativo jornalístico não tiveram assinaturas dos

produtores/redatores. Cabe ressaltar que a aparição de pluralidade de gêneros jornalísticos, sobretudo os tipos textuais opinativos autorais, são determinados não apenas pela autonomia do jornalista e relevância de sua participação na produção da imprensa, mas fundamentalmente na participação ou não da direção da entidade como produtor do conhecimento nos jornais, o que varia de sindicato para sindicato.

Na *Folha Bancária*, os artigos e editoriais correspondem a pouco mais de 1% dos tipos de textos publicados (Figura 16), dentre um universo de 350 textos, dos quais: 1 artigo; 7 notas correlatas; 2 editoriais; 4 entrevistas; 7 foto-legendas; 164 notícias; 37 notas e 29 publicidades. Diferente do *jornal Extra-Pauta*, em que os tipos textuais opinativos autorais correspondem a 9% (Figura 17), dentre um universo de 294 textos, dos quais: 9 artigos; 14 notas correlatas; 9 editoriais; 9 entrevistas; 3 foto-legendas; 51 notícias; 86 notas e 14 publicidades.

Figura 17 - Recorte por gêneros jornalísticos – *Extra-Pauta*, período 2013/2014



Fonte: autor, 2015

Isso também indica a forma como o jornal é idealizado e estruturado, com editoriais e colunas fixas replicadas ao longo das publicações, como é o caso do jornal do Sindijor, que mantém, dentre os tipos textuais em cada edição um editorial, um artigo

e uma entrevista. Já no jornal do Sindicato dos Bancários não há uma coluna fixa para artigos e entrevistas. Ainda com relação aos tipos textuais, cabe apontar a quantidade potencial de informação passada dependendo dos tipos textuais apresentado, indicando cerca de 60% de notícias (Figura 15), dos quais cerca de 7% com informações correlatas, Nota correlata e infografias de apoio e complementação.

Cabe ressaltar que é entendido aqui como notícias as narrativas mais completas sobre os fatos, sendo mais recorrente nas notícias a pluralidade de fontes, confronto de opiniões e desenvolvimento completo de uma ação. Nela comporta-se também diferentes perspectivas sobre um tema ou contemplação de outros temas correlacionados. Como exemplo de notícia, indicamos aqui o texto publicado na página 4 do jornal *Folha Bancária*, da 1.<sup>a</sup> quinzena de maio de 2013. Nela consta mais de uma fonte com aparição direta, ou seja, com falas entre aspas, dentro de um desenvolvimento de uma narrativa extensa:

#### **Lançada a Campanha de Valorização**

A Campanha de Valorização dos Funcionários do Bradesco foi lançada no dia 07 de maio, com mobilizações em todo país. O Sindicato dos Bancários de Curitiba e região esteve na Agência Centro, localizada na Av. Marechal Deodoro, para dar visibilidade às demandas da categoria. No interior do estado, em Apucarana, Campo Mourão, Cornélio Procópio, Paranaíba, Toledo e Umuarama, também foram realizadas atividades. O Dia Nacional de Lutas foi definido durante o Encontro Nacional de Funcionários do Bradesco, no início de abril, em Atibaia (SP). Na ocasião, também foi elaborada a minuta específica de reivindicações.

**A Campanha** – Tendo como “mascote” o homem-lata, a Campanha de Valorização quer mostrar que falta humanização nas relações de trabalho dentro do Bradesco. O homem-lata é uma alusão ao robô usado pelo banco em suas campanhas publicitárias, que desumanizam os trabalhadores. Por isso, o slogan “Bancário não é lata. É gente como você, é gente de verdade”. “O Bradesco já começou a implantar o modelo de agências sem bancários, em que todo o atendimento é robotizado. São milhões investidos nesse tipo de agência, enquanto os funcionários seguem sem ter suas reivindicações atendidas”, avalia Karla Huning, diretora do Sindicato e funcionária do Bradesco.

**Pauta específica** – Entregue ao Bradesco no dia 17 de abril, a pauta específica tem como principais reivindicações a criação de um Plano de Cargos, Carreiras e Salários (PCCS), melhores condições de trabalho e melhorias no Plano de Saúde, o parcelamento do adiantamento de férias e auxílio educação. “O banco já está com a pauta, mas ainda não se manifestou. Esperamos que, com esta mobilização, o Bradesco marque um calendário de negociações”, conta Otávio Dias, presidente do Sindicato.

**Lucro trimestral** – O Bradesco anunciou lucro líquido de R\$ 2,919

bilhões entre janeiro e março de 2013, registrando um crescimento de 4,5% em relação ao mesmo período no ano passado. “É inaceitável que um banco que segue em constante crescimento, cada ano com lucros maiores, não dê a seus funcionários o merecido tratamento, valorizando aqueles que são os verdadeiros responsáveis pelos ganhos bilionários”, finaliza Otávio Dias. (FOLHA BANCÁRIA, 1.<sup>a</sup> quinzena de maio de 2013).

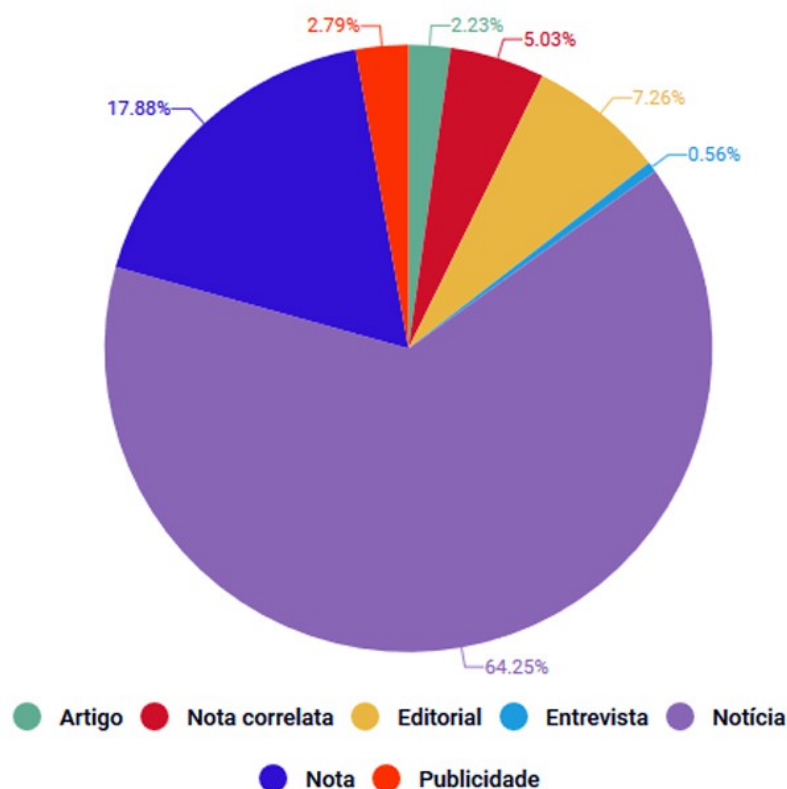
As notas, que seriam as narrativas textuais de caráter informativo jornalístico que contenha poucas informações, ocuparam pouco mais de 27% do total dos gêneros jornalísticos na totalidade dos jornais. A profundidade está estritamente ligada a postura editorial e as propostas de conteúdo abordados nos jornais. Como indicação do que é entendido aqui como nota, apontamos um texto publicado na página 2 do jornal *Folha Bancária* da 1.<sup>a</sup> quinzena de maio de 2013, mesma publicação do exemplo de notícia indicado acima:

#### **Bancários fazem paralisação**

No dia 07 de maio, os funcionários do Banrisul da base do Sindicato dos Bancários de Curitiba e região realizaram uma paralisação de duas horas para pressionar a direção do banco a recuar no pacote de redução de direitos que apresentou como proposta de Plano de Carreira há duas semanas. A mobilização faz parte de um calendário de lutas que inclui toda a rede de agências. Segundo o Sindicato de Bancários de Porto Alegre, que coordena as mobilizações, a direção do Banrisul está criando mais um passivo trabalhista, pois extinguir direitos é ilegal. Além disso, o novo plano gera uma grande confusão ao confundir função com carreira. A proposta do Banrisul é de uma carreira com 36 anos. Já os bancários lutam para chegar ao topo em 28 anos e com critérios claros de merecimento. (FOLHA BANCÁRIA, 1.<sup>a</sup> quinzena de maio de 2013)

Figura 18 – Recorte da análise por gêneros jornalísticos – 30 de Agosto, período 2013/2014





Fonte: autor, 2015

Por exemplo, no *Folha Bancária* (Figura 16), que se caracteriza por ser de apresentação maior de temas relacionados às negociações, as notícias de análise e informação das negociações, com grau de profundidade maior, assumem maior parte dos tipos textuais, com produção de notícias que apresentam aparição de fontes, dados aprofundados e demais recursos.

Ainda sobre essa questão, ressalta-se também o jornal *30 de Agosto* (Figura 18), com notícias de denúncia, resgate de lutas e manifestações antigas e conquistas do sindicato, como a edição de agosto de 2013 (Figura 19), com a chamada de capa ressaltando o caso histórico do embate dos professores em 1988 com o governo do estado à época – Título da chamada de capa: 1988-2013/25 anos: quem luta faz acontecer -, e em páginas interiores denunciando a gestão do governo em 2013, com a reportagem “Governo do Paraná implementa modelo de gestão neoliberal”.

Figura 19 – Recorte do jornal *30 de Agosto*, nº 184 de agosto de 2013



Fonte: APP Sindicato (2013)

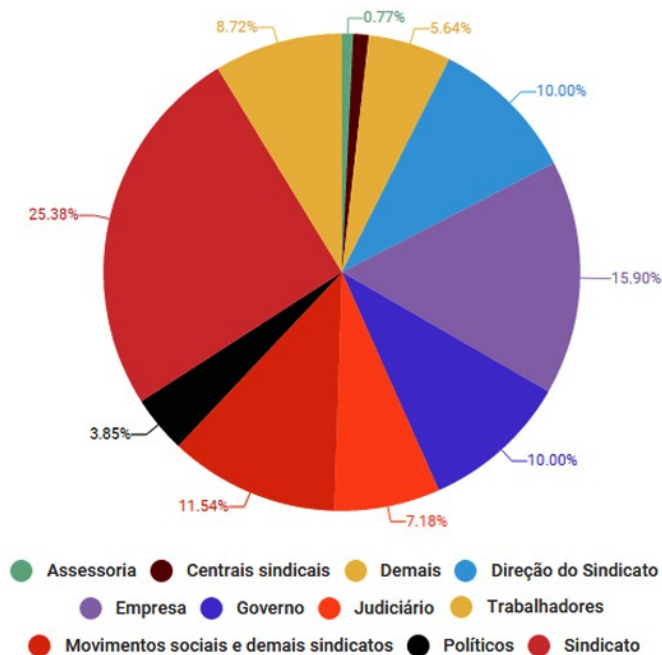
#### 4.2 – AS VOZES DA IMPRENSA SINDICAL: QUEM TEM VOZ E VEZ

Na formulação do tipo ideal e nas incursões na pesquisa da pesquisa, uma característica evidente na imprensa sindical é a representação e abertura de espaço para a expressão dos trabalhadores, público-alvo das publicações das entidades sindicais.

A contabilização e qualificação das aparições de falas podem apontar quem são os falantes na imprensa sindical, ou seja, quem é qualificado pela entidade e pelo jornalismo sindical a determinar as orientações ou subsidiar os trabalhadores leitores do jornal do sindicato nas análises acerca das temáticas abordadas pela entidade em suas publicações.

Para tanto, chegou-se a necessidade de se olhar para quem são os atores que se apresentam ou que são apresentados nas páginas dos jornais sindicais. Na leitura das 108 edições dos jornais sindicais escolhidos, procuramos mapear e identificar todas as fontes citadas e que tiveram vozes nos jornais seguindo as marcações definidas na idealização da metodologia: Sindicato, Direção do Sindicato, Políticos, Judiciário, Centrais Sindicais, Movimentos sociais e demais sindicatos, Empresa, Governo, Trabalhadores e Assessoria.

Figura 20 – Recorte da análise dos seis jornais por fonte (Citação - 2013/2014)



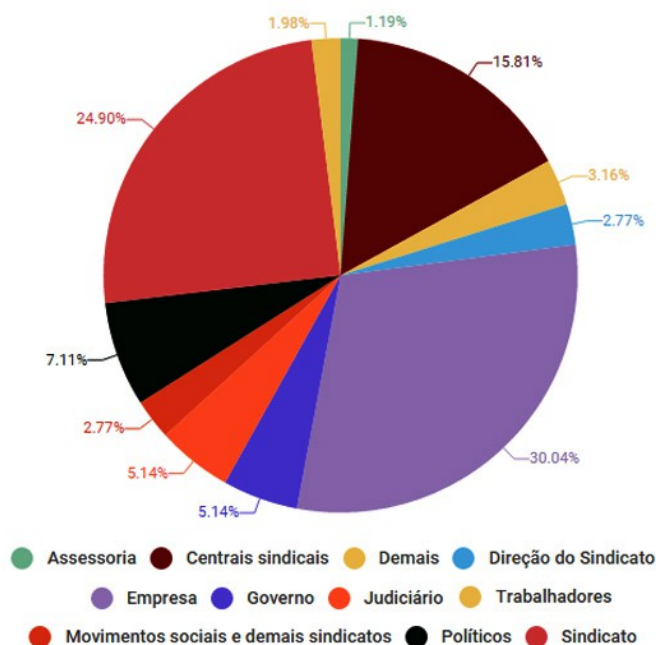
Fonte: autor, 2015

Juto às aparições, foram vinculadas as características de forma de inclusão das fontes, ou seja, se elas foram citadas/mencionadas nos textos ou se tiveram ação dentro das narrativas; indiretas, quando suas falas são citadas dentro da narrativa jornalística; ou diretas, quando suas falas são reproduzidas integralmente nos textos entre aspas.

Sabe-se, assim, quem são chamados a falar e quem são mencionados. Tais qualificações agregadas às inclusões nos textos permitem analisar de que forma as fontes são inseridas nas publicações, se apenas nominadas ou se desempenham um papel fundamental na formação da opinião na imprensa sindical, com a reprodução integral de suas falas, orientações e ideologias nas páginas dos jornais sindicais.

Na averiguação das indicações por citação (Figura 20), quantitativamente, os sindicatos estão na linha de frente das aparições de fonte, com 25%. Em seguida, estão as empresas, com cerca de 16% das inserções, seguida de movimentos sociais com 11% e governo e direção do sindicato, ambos com 10%. Os percentuais foram calculados tendo como base um universo de 2.093 inserções de fontes citadas, dentre as quais classificam numericamente como: 24 assessoria; 114 centrais sindicais; 85 demais; 129 direção do sindicato; 364 empresas; 329 governo; 98 judiciário; 155 movimentos sociais; 183 políticos; 421 sindicato e 191 trabalhadores.

Figura 21 – Recorte da análise dos seis jornais por aparição por fonte (*A Voz do Metalúrgico* - Citação 2013/2014)



Fonte: autor, 2015

Na somatória das citações (Figura 20), percebe-se uma predominância da entidade como citada. No entanto, são as empresas que aparecem em segundo lugar nas citações. A aparição é superior ao da diretoria da entidade. Se somado ao governo, que se comporta como empregador para as categorias de três das seis entidades – Sismuc, APP Sindicato e Sindsaúde – e parcialmente para categoria bancária – Sindicato dos Bancários –, os empregadores assumem a liderança nas citações ante a diretoria da entidade em mais do dobro das citações.

A participação do patronato nos jornais, no entanto, é restrita às citações, ou seja, são apenas mencionados no texto como o lado oposto da luta sindical. Além de ressaltar o tensionamento entre classes, identificando os trabalhadores representados pela entidade de um lado, e o patronato – entidade pública ou privada – do outro, a imprensa sindical analisada tende a não apresentar o contraditório, ou seja, a parte da empresa ou do governo.

Figura 22 – Recorte de Notícia da página 4 do jornal *A Voz do Metalúrgico*, edição n.º 845 de junho de 2014

## SOLIDARIEDADE

### Mais de 20 mil metalúrgicos doam recursos para os desabrigados pelas chuvas no Paraná

Trabalhadores doaram R\$ 2 cada um. Além disso, postos de coletas foram colocados nas empresas para a doação de mantimentos, agasalhos e outros itens pedidos pela Defesa Civil. Vamos ajudar, companheirada!

Solidariedade! Cerca de 20 mil metalúrgicos aprovaram, em assembleias, em porta de fábrica, o desconto em folha de R\$ 2,00 de cada um para serem doados para as famílias vítimas das enchentes que devastaram o Paraná nos últimos dias. Até o fechamento desta edição, já tinham feito a doação, os trabalhadores da Renault, Volkswagen, Bosch, CNH, WHB Fundição e Usinagem, PK Cables, Faurecia, Aker Solutions, Furukawa, das empresas do PIC da Audi, Volvo e Trox. O dinheiro será entregue para as autoridades responsáveis pelo socorro às vítimas.

#### Força Solidária e postos de coleta nas empresas

Além disso, o Sindicato instalou postos de coleta nas empresas para a arrecadação de mantimentos, agasalhos e outros itens solicitados pela Defesa Civil. A iniciativa faz parte da Campanha Força Solidária, de ajuda aos desabrigados e que a Força Sindical do Paraná lançou junto aos seus Sindicatos filiados em todo o estado. "Se cada um ajudar um pouquinho, isso pode multiplicar para minimizar os transtornos causados pelas enchentes", afirma o coordenador da Força Solidária, Sérgio Butka.



PK: Metalúrgicos se unem para amenizar os sofrimentos provocados pelas enchentes

Fonte: Sindicato dos Metalúrgicos (2014)

Em *A Voz do Metalúrgico*, devido ao grande número de empresas de automação, montadoras, que participam de negociações específicas com o Sindicato dos Metalúrgicos, há grande citação das empresas na amostragem, conforme aponta a figura 21, sendo a principal fonte citada. Obviamente isso não se repete nas demais formas de aparição nos jornais da entidade.

Um exemplo desse aumento da aparição das empresas é a Figura 22, na qual aponta em uma notícia a citação de treze empresas. A íntegra da notícia a que se refere a Figura 22 segue abaixo:

#### Mais de 20 mil metalúrgicos doam recursos para os desabrigados pelas chuvas no Paraná

Solidariedade! Cerca de 20 mil metalúrgicos aprovaram, em assembleias, em porta de fábrica, o desconto em folha de R\$ 2,00 de cada um para serem doados para as famílias vítimas das enchentes que devastaram o Paraná nos últimos dias. Até o fechamento desta edição, já tinham feito a doação, os trabalhadores da Renault, Volkswagen, Bosch, CNH, WHB Fundição e Usinagem, PK Cables, Faurecia, Aker Solutions, Furukawa, das empresas do PIC da Audi, Volvo e Trox

**(itálico nosso).** O dinheiro será entregue para as autoridades responsáveis pelo socorro às vítimas.

**Força Solidária e postos de coleta nas empresas** - Além disso, o Sindicato instalou postos de coleta nas empresas para a arrecadação de mantimentos, agasalhos e outros itens solicitados pela Defesa Civil. A iniciativa faz parte da Campanha Força Solidária, de ajuda aos desabrigados e que a Força Sindical do Paraná lançou junto aos seus Sindicatos filiados em todo o estado. “Se cada um ajudar um pouquinho, isso pode multiplicar para minimizar os transtornos causados pelas enchentes”, afirma o coordenador do Força Solidária, Sérgio Butka. (A VOZ DO METALÚRGICO, edição de Junho de 2014).

Quantitativamente, conforme citação acima em evidência no “itálico nosso”, aponta-se uma predominância das citações das empresas tendo apenas como base tal notícia. No entanto, é na qualificação e na contagem e análise dos demais tipos de aparições que se apresenta um quadro geral e mais amplo das falas.

Ressalta-se que as empresas não aparecem como predominantes nas demais formas de inserção no texto. Ou seja, não é patente nas páginas do jornal do Sindicato dos Metalúrgicos o direito ao contraditório, à participação da empresa na defesa por conta própria de seu posicionamento, com a inserção da fala, tanto de forma direta quanto indireta. Um exemplo disso é a notícia abaixo publicada na edição do jornal *A Voz do Metalúrgico*, em que é noticiado um protesto dos trabalhadores sobre discussões de participação dos lucros e denúncia de assédio moral, sem apresentação da parte da empresa:

**Boscheanos protestam contra enrolação no acordo salarial e assédio moral**

Ação e reação! Contra a intransigência da Bosch em não querer antecipar o início das negociações sobre a data base 2013 e em não querer discutir a definição das metas para a segunda parcela da PLR, os trabalhadores da Bosch não vão fazer horas-extras enquanto a situação não mudar. Os trabalhadores decidiram em assembleia ficar em casa nos finais de semana (o expediente normal na empresa é de segunda a sexta) em protesto contra esse descaso da empresa.

E pra variar, como já é de costume na Bosch, a pressão e o assédio moral já começaram em cima do trabalhador. Por isso, o blog [www.assediomoralnabosch.com.br](http://www.assediomoralnabosch.com.br) já está no ar para que toda a sociedade saiba o que acontece dentro da fábrica, com chefes tratando o trabalhador com total desrespeito, tudo com o consentimento da direção da empresa. Segundo um trabalhador boscheano, que não quis se identificar, está na hora do boscheano exigir mais consideração da multinacional com seu trabalhador:

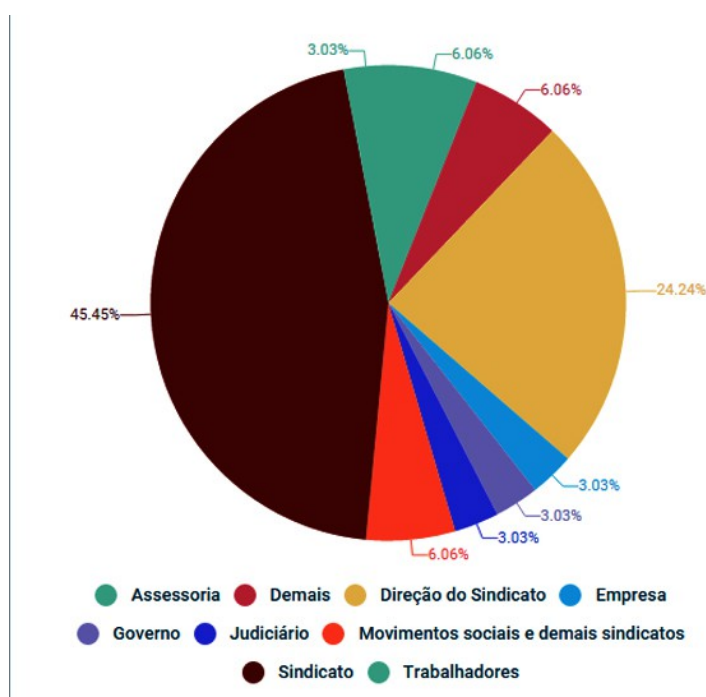
“Tá todo mundo vendo o Brasil se levantando, indo pra rua contra intransigência dos políticos. E nós aqui da Bosch devemos fazer o

mesmo contra o descaso da empresa. Nosso protesto vai ser ficar em casa até que Bosch demonstre consideração pela gente” disse. (A VOZ DO METALÚRGICO, edição de julho de 2013)

Esse aspecto da imprensa apresentar os fatos segundo o ponto de vista e ideologia da entidade e dos trabalhadores consta na pesquisa da pesquisa, apontada por vários autores que se debruçaram sobre a imprensa sindical (LAHNI E FUSER, 2004; GIANNOTTI E SANTIAGO, 1997; FRANZIN, 2007; FERREIRA, 1988; FERREIRA, 1995; VERDELHO, 1986; MOMESSO, 1997; VIEIRA, 1996; BARROS, 2013).

Por outro lado, supõe-se que o jornalismo sindical, ao apresentar as informações sob a ótica dos trabalhadores, contemple as falas e posicionamentos dos integrantes da classe trabalhadora e da categoria representada pela entidade sindical. Para identificar tal participação de vozes da imprensa dos sindicatos analisados, partiu-se para as indicações ativas, que seriam as diretas e indiretas.

Figura 23 – Recorte da análise de *todas edições* por aparição por fonte (Indireta 2013/2014)



Fonte: autor, 2015

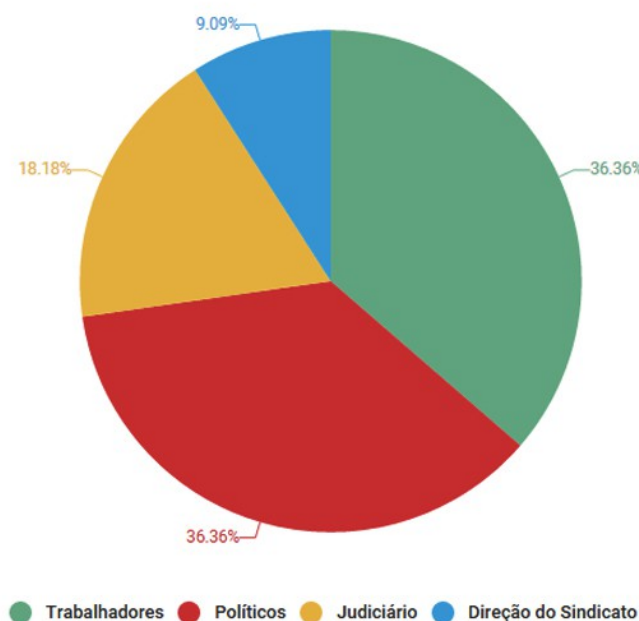
O primeiro lugar isolado nas aparições ativas indiretas (Figura 23), ou seja,

naquelas indicações de vozes apontadas no texto sem as aspas, é da própria entidade sindical, com 45% das aparições indiretas.

Isso se dá pela aparição da instituição como nas ações informativas apontadas em boa parte das notícias, como detentora de opinião, como instituição, e responsável pela aglutinação da categoria e realização de diversos eventos e mobilizações. A aparição torna-se mais evidente em jornais com menor pluralidade de fontes, em que os textos apresentam a narrativa como integrante da própria entidade.

O percentual foi calculado tendo com base 295 inserções indiretas de fontes, das quais, individualmente, contabilizam-se: 12 de assessoria; 13 centrais sindicais; 10 demais; 38 direção do sindicato; 12 empresa; 26 governo; 16 judiciário; 16 movimentos sociais; 17 políticos; 107 sindicatos e 28 trabalhadores.

Figura 24 – Recorte da análise por aparição por fonte – *Pressão Alta* (Indireta, período 2013/2014)



Fonte: autor, 2015

Um exemplo dessa característica é o jornal do Sindsaúde, *Pressão Alta*, que apresenta um número de fontes falantes reduzidos, com maior aparição na categoria indireta. Com pouca aparição de fontes diretas, o recurso que cabe ao jornalista é



incorporar ao próprio texto a fala fora das aspas na citação à fonte. Um exemplo é a transcrição da notícia abaixo, indicando processo de negociação da entidade sindical. Nela há apenas citação dos trabalhadores, e inserção indireta da entidade:

**Sem essa de ‘atividades afins’**

Outro tema que tem agitado as mesas de negociações sobre o QPSS entre trabalhadores e governo é o PP - Perfil Profissiográfico -, documento que vai regulamentar a função de cada profissional da Sesa. Na nova descrição, algumas funções estão postas de maneira genérica, o que pode gerar uma série de problemas no futuro.

Depois de consulta aos trabalhadores, o sindicato construiu uma contraproposta ao PP apresentado pelo governo. Se em um primeiro momento a gestão aceitou debater o assunto e prometeu dar uma resposta, os servidores até hoje estão sem uma resposta definitiva. Seremos irredutíveis na defesa de que a descrição das atividades dos profissionais de saúde seja bem definida para evitar que o servidor seja um brinquedo nas mãos de certas chefias.

**Nova rodada** – O sindicato quer garantir nova rodada de negociação entre Seap e Sesa para que o PP tenha o texto remodelado para atender a natureza do trabalho na saúde. (JORNAL PRESSÃO ALTA, edição de novembro de 2014).

Na contagem das aparições do jornal *Pressão Alta*, tem-se impressão de que, nas falas indiretas, o jornal é um espaço de fala de políticos e trabalhadores do setor da saúde, ambos atendendo um percentual de pouco mais de 36% das aparições, e totalizando juntos mais de 70% de todas as falas indiretas das publicações jornalísticas do Sindsaúde (Figura 24).

Em último plano, fica a direção do sindicato, que ocupa 9% do total de falas indiretas. Calcula-se tais percentuais em um universo de 11 citações indiretas, das quais: 4 de trabalhadores; 4 de políticos; 2 de judiciário e 1 da direção do Sindicato.

Figura 25 – Recorte de texto da página 6 do Jornal Pressão Alta, de dezembro de 2013

## UM QUARTO DE SÉCULO DE LUTA

# História pra ficar na memória

Conheça e relembre um pouco da trajetória do **nosso** sindicato. Desse registro foi feita uma apresentação, exibida no último dia 30 de novembro, e será levada a todos os cantos do Estado, e o registro também já está disponível no site.

Faça uma releitura dessa história. Não é pouca coisa não. Merece. Não importa o tempo que tem de sindicato porque com o balanço, a gente pode, até analisar e refletir no que errou e melhorar. No que acertou e estimular. Sim, **podemos** também lembrar cada ato que **estivemos**. De cada manifesta-



## Era Lerner

Os oito anos da era Lerner deram muito trabalho aos servidores. Pra se ter uma ideia das dificuldades enfrentadas nesse período, o único aumento conquistado durante os dois mandatos foi em 1995. De míseros 10%. De resto, foi achatamento em cima de achatamento. Em uma

Saúde e do IPE. O Instituto deu lugar à ParanaPrevidência. Foram inúmeras investidas privatizantes. A ordem era enxugar o Estado e minimizar ao máximo o direito dos trabalhadores.



## GAS E 30 HORAS

Em 2004, a aquisição da sede própria aconteceu. Nossa or-



## 2007

A categoria fez muito barulho durante todo esse ano. O governo sabia que a brava gente estava organizada e firme na luta. E que não se curvava diante das pressões. Para que o governador revisse a decisão de descontar dos servidores que cumpriam 30 horas, até greve de fome foi realizada.

Fonte: Sindsaúde (2013)

A formas textuais e as opções jornalísticas adotadas no jornal do Sindsaúde privilegiam uma narrativa em primeira pessoa do plural, incluindo o jornalista como parte da narrativa e das ações desenvolvidas ao longo das notícias (Figura 25), a transcrição da notícia, conforme apontada na Figura 25, está abaixo, com marcação em negrito das passagens em primeira pessoa do plural, na qual o jornalista da entidade coloca-se na narrativa:

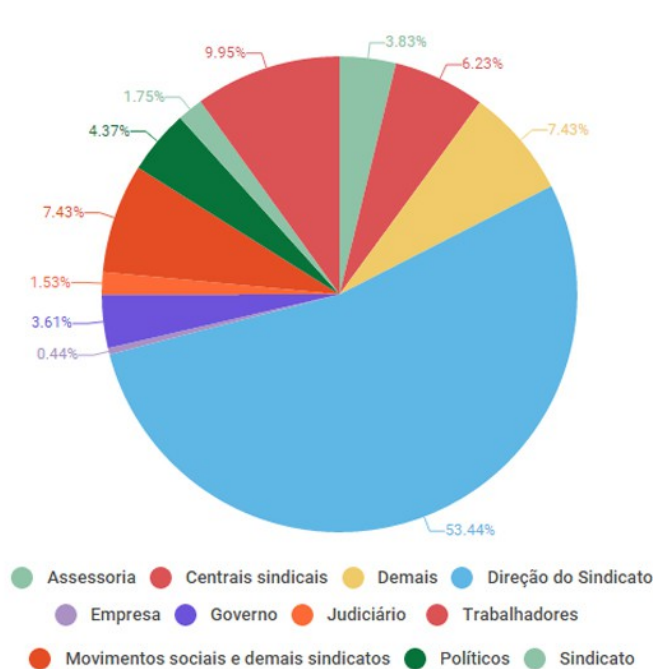
## História pra ficar na memória

Conheça e relembre um pouco da trajetória do **nosso** sindicato. Desse registro foi feita uma apresentação, exibida no último dia 30 de novembro, e será levada a todos os cantos do Estado, e o registro também já está disponível no site. Faça uma releitura dessa história. Não é pouca coisa não. Merece. Não importa o tempo que tem de sindicato porque com o balanço, **a gente** pode, até analisar e refletir no que errou e melhorar. No que acertou e estimular. Sim, podemos também lembrar cada ato que **estivemos**. De cada manifestação. É legal rever a história. (JORNAL PRESSÃO ALTA, edição de dezembro de 2013).

Apesar de promover uma aproximação do leitor, ou seja, da categoria, no envolvimento na narrativa, tornando pessoal a relação, o texto apresentado não apresenta outras vozes além da institucionalizada. O quadro de redução de fala da diretoria é revertido nas citações diretas (Figura 26) no quadro geral, ou seja, de todas as publicações dos sindicatos. Junto à Figura 26 é possível perceber que a direção é quem detém o poder de fala direta nas publicações dos sindicatos, ocupando mais da metade das aspas contidas nas publicações, num percentual longe de ser alcançado por qualquer

outra fonte indicada nos jornais. A direção da entidade é detentora da fala direta apresentada nas edições dos jornais em mais de 50% das aparições, ou seja, em 489 das 915 aparições diretas de fontes, sendo as demais contabilizadas em: 35 assessoria; 57 centrais sindicais; 68 demais; 4 empresas; 33 governo; 14 judiciário; 68 movimentos sociais; 40 políticos; 16 sindicato e 91 trabalhadores.

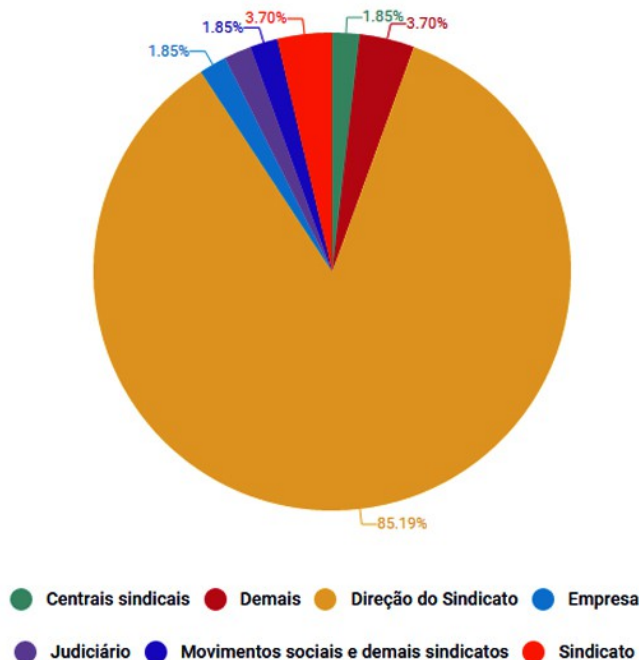
Figura 26 – Recorte da análise dos seis jornais por aparição por fonte (Direta, período 2013/2014)



Fonte: autor, 2015

A característica da imprensa sindical de se consolidar em um espaço de representação do trabalhadores, conforme apontado pela pesquisa da pesquisa, com sua participação na produção da notícia e como repercutidora e potencializadora de suas falas torna-se numericamente, no período e entidades analisados, num espaço de fala institucionalizada da direção da entidade, que se faz não apenas representante às substitutas da fala da categoria.

Figura 27 – Recorte da análise por aparição por fonte (jornal *A Voz do Metalúrgico* - Direta, período 2013/2014)



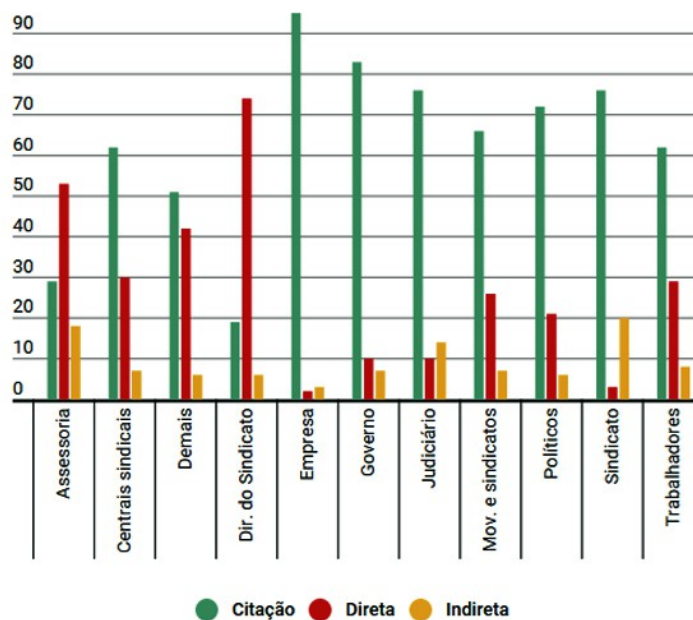
Os trabalhadores, que são o público-alvo das entidades e consequentemente de sua imprensa, foram chamados à fala direta nas publicações apenas em pouco mais de 6% das produções jornalísticas nas páginas dos seis jornais analisados.

Mesmo após a grande predominância da diretoria no espaço de fala, ainda cabe às centrais sindicais o segundo lugar, com quase 10% e os demais sindicatos e movimentos sociais – 7,43% – para aí então os trabalhadores se fazerem presentes.

Na Figura 28, buscou-se agrupar as fontes por tipos de aparição nos textos, ficando patente a predominância das empresas/governo como fontes citadas nos textos, e da direção da entidade e assessoria – departamento jurídico e econômico – como fontes diretas.

Em algumas entidades, mesmo com a inserção da categoria em alguma ou outra reportagem, a predominância da fala se torna muito evidente em comparação com quaisquer outras fontes, como é o caso do jornal *30 de Agosto*, da APP Sindicato, que em medida de aparição direta de fontes é um jornal que representa em quase sua totalidade as falas institucionalizadas da diretoria da entidade, cerca de 85% das vezes apresenta diretamente a voz da direção da entidade como fonte principal, ou seja, 46 das 54 aparições de fontes diretas nos jornais.

Figura 28 – Recorte da análise dos seis jornais por aparição por fonte (Direta, Indireta e Citação, período 2013/2014)



Fonte: autor, 2015

Um outro elemento em relação às aparições que se destacou foi, dentro das citações diretas da direção dos sindicatos, uma predominância da fala do presidente da instituição e comparação com os demais membros da diretoria. No jornal a *Folha Bancária*, a aparição de falas diretas do diretor da instituição atende a mais de um terço de todas as falas com aspas nas publicações, ou seja, cerca de 35% do total de falas diretas, com o dobro do segundo colocado, atingindo numericamente 145 aparições diretas ante o total de 203. A fala do presidente, neste total, atinge 36,55%, conforme apontado na Tabela 1, com 53 aparições das 145.

Tabela1 – Aparição direta de fontes da direção sindical no jornal *Folha Bancária* (2013/14)

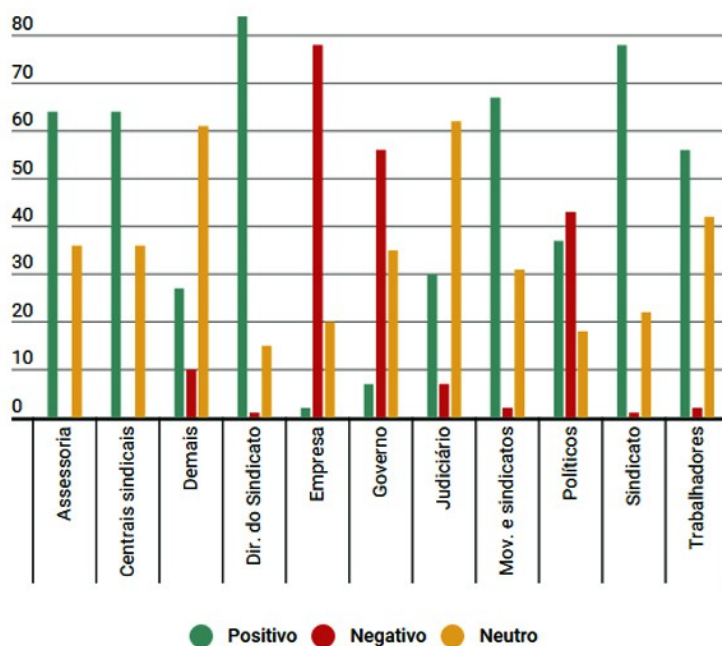
Diretor 1	14	9,66%
Diretor 2	14	9,66%
Diretor 3	1	0,69%
Diretor 4	2	1,38%
Diretor 5	15	10,34%
Diretor 6	2	1,38%
Diretor 7	3	2,07%
Diretor 8	15	10,34%
Diretor 10	5	3,45%
Diretor 11	7	4,83%
Diretor 12	14	9,66%
Presidente	53	36,55%
Total	145	

Fonte: autor

Em *A Voz do Metalúrgico* (Figura 27), a predominância pula para pouco mais de 80% das falas diretas. Isso significa dizer que, no veículo do Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba, está presente a voz direta do presidente da instituição em quase todas às vezes em que alguma fonte era convocada a falar.

Cabe ressaltar que do quadro de dirigentes do Sindicato dos Metalúrgicos, ( diretoria, suplência, delegados sindicais e demais cargos) o presidente corresponde quantitativamente a 1% do total de membros da direção da entidade. Ou seja, mesmo sendo um dentre um total de 100 dirigentes, o presidente concentra a maior fatia das falas diretas da direção da entidade, que em aparições contabilizaram 28 das 54 aparições diretas dos jornais da entidade.

Figura 29 – Recorte da análise dos seis jornais por qualificação de aparição por fonte (Positivo, Negativo, Neutro- 2013/2014)



Fonte: autor, 2015

Devido às características de formação de diretoria das entidades, não foi possível apontar um quadro comparativo de fontes dentro da diretoria, uma vez que em algumas das entidades selecionadas a direção é colegiada, ou seja, a gestão e estrutura organizacional da instituição não atende a um fluxograma de funções e hierarquias presidenciais, mas há uma certa igualdade de função e cargo diretivo.

Ainda com relação às vozes nos jornais analisados, buscou-se assim qualificar as formas de aparição das fontes em positivo – quando sua participação ou aparição no texto ressaltava uma atuação determinante na narrativa com uma impressão positiva; negativo – quando a participação ou aparição lançava impressão negativa; e neutro – sem reação de qualificação positiva ou negativa na narrativa. No comparativo, temos uma leitura clara (Figura 29) de qualificação das aparições das fontes.

Figura 30 – Recorte de texto com aparição de fonte negativa – jornal *A Voz do Metalúrgico*, página 3 da edição de julho de 2013.

## Boscheanos protestam contra **enrolação no acordo salarial e assédio moral**

Já fazem duas semanas que trabalhadores não realizam hora-extra em protesto contra descaso da empresa com a negociação de 2013. Blog *assediomoralnabosch* tá no ar



Companheirada dá o troco na porta de fábrica! Seis papudo!

**A**ção e reação! Contra a **intransigência da Bosch** em não querer antecipar o início das negociações sobre a data base 2013 e em não querer discutir a definição das metas para a segunda parcela da PLR, os trabalhadores da Bosch não vão fazer horas-extras enquanto a situação não mudar. Os trabalhadores decidiram

em assembleia ficar em casa nos finais de semana (o expediente normal na empresa é de segunda a sexta) em protesto contra esse descaso da empresa. E pra variar, como já é de costume na Bosch, **a pressão e o assédio moral** já começaram em cima do trabalhador. Por isso, o blog [www.assediomoralnabosch.com.br](http://www.assediomoralnabosch.com.br) já

está no ar para que toda a sociedade saiba o que acontece dentro da fábrica, com **chefes tratando o trabalhador com total desrespeito** tudo com o consentimento da direção da empresa. Segundo um trabalhador boscheano, que não quis se identificar, está na hora do boscheano exigir mais consideração da multinacional

com seu trabalhador: 'Ta todo mundo vendo o Brasil se levantando, indo pra rua contra intransigência dos políticos. E nos aqui da Bosch devemos fazer o mesmo contra o descaso da empresa. Nosso protesto vai ser ficar em casa até que Bosch demonstre consideração pela gente' disse.

Fonte: Sindicato dos Metalúrgicos (2013)

Acrescenta-se aqui alguns indicadores das escolhas de qualificação da aparição das fontes em Positiva, Negativa e Neutra. Buscou-se nas análises dos textos verificar marcas textuais que ressaltassem a positividade, negatividade e neutralidade da aparição das fontes frente aos leitores junto à narrativa.

Conforme ilustra-se a figura 30 – a citação integral da notícia consta nas páginas acima -, do recorte de notícia do jornal *A Voz do Metalúrgico* de julho de 2013, a empresa Bosch é chamada como citação no texto, no entanto, sempre de forma negativa de aparição. Isso percebe-se sobretudo com as marcas textuais presentes nas adjetivações “intransigência”, “pressão” e nas indicações de existência de assédio moral na empresa.

Sob a mesma ótica, repete-se nos mapeamentos dos jornais na qualificação das citações e demais aparições (direta e indireta) como positivas, como fica nítida na notícia da página 6 do jornal *30 de Agosto*, da APP Sindicato, na qual a citação da entidade no título da notícia é inserida com qualificação positiva (Figura 31). Uma medida da entidade que “melhora” a vida dos trabalhadores obviamente coloca como



positiva ante o leitor a participação da entidade ou de qualquer outra fonte na narrativa, como indica o título da notícia do jornal “Luta da APP melhora a carreira dos(as) funcionários(as)”.

Figura 31 – Recorte de texto de aparição positiva – página 6 do jornal *30 de agosto* de julho de 2013

## Luta da APP melhora a carreira dos(as) funcionários(as)

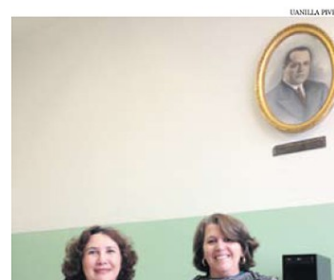
*Reconhecimento dos cursos de graduação e especialização na lei do plano de carreira dos funcionários altera a qualidade do trabalho na escola*

A escola como um local onde o aprender começa no portão de entrada e se estende até o minuto final da permanência dos indivíduos(as). A narrativa idealiza um ambiente em que a merendeira é responsável pela educação alimentar dos estudantes. Os profissionais da secretaria são agentes que fazem a circulação da informação entre os Núcleos, a diretoria, os(as) professores, pais e responsáveis e os(as) alunos(as). Nesta instituição, os(as) bibliotecários(as) e técnicos(as) de laboratório fazem a integração dos(as) aprendizes com a cultura e a tecnologia. Este ideal de insti-

tem que conseguir chegar até eles de alguma forma”, avalia Marialba.

Reconhecer, no plano de carreira, os estudos dos funcionários é um salto salutar na qualidade do ensino, pois amplia conhecimento técnico, prático e teórico dos profissionais da educação. “O bacana é que agora, a gente também busca incentivar aos outros colegas para que busquem formação. O desejo é ver todo mundo crescer junto”, complementa Marli.

Para a APP, só a união, a luta, a organização e a determinação da categoria são capazes de garantir avanços. O se-



Fonte: APP Sindicato (2013)

Na sequência, como complementaridade às exemplificações de opções de análises para enquadramento das qualificações de aparição das fontes, como aponta-se na Figura 32, a neutralidade da aparição do Sindijor e demais entidades na nota sobre as inscrições da premiação fica patente sobretudo por não influir a participação das entidades na narrativa, não denotando uma ação específica no texto, sobretudo relegado como informação complementar ao final da nota, conforme transcrição integral do texto abaixo:

### **Quase 200 trabalhos inscritos no 1º Prêmio Agricultura Familiar de Jornalismo**

Sindijor é um dos apoiadores deste Prêmio que tem como principal objetivo promover e divulgar projetos na área da agricultura familiar. Também busca aproximar os veículos de comunicação da temática. Foram cerca de 200 trabalhos inscritos por jornalistas diplomados dos três Estados da Região Sul do País (Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina), com matérias e reportagens publicadas em veículos de circulação e

veiculação periódica e de língua portuguesa. A premiação está prevista para o final de março ou início de abril. O SindijorPR, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Santa Catarina (SJSC) e o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio Grande do Sul (SINDJORS) enaltecem a iniciativa da FAO na valorização da agricultura familiar. (JORNAL EXTRA-PAUTA, edição de fevereiro de 2015).

Figura 32 – Recorte de texto de aparição de fonte neutra – jornal *Extra-Pauta*, página 8 de fevereiro de 2014.



Fonte: Sindijor (2014)

Na continuidade das análises e cruzamento das informações sobre a qualificação das aparições das fontes, se, conforme aponta a Figura 28, as empresas e governos são em sua maioria apenas citados, sua qualificação é predominantemente negativa junto às narrativas.

Assim, ao aparecerem nos textos jornalísticos são em sua maioria como oposição aos trabalhadores, tensionando as lutas de classes e a dicotomia funcionários/patrão, sendo este apresentado como uma espécie de “vilão” no universo dos temas sindicais.

Se há um “vilão”, há um “herói”, cuja imagem positiva deve ser reforçada sempre que possível para o público-alvo. E quem assume o papel são as entidades

sindicais e a diretoria dos sindicatos, que concentram altas participações nas aparições diretas e indiretas nas narrativas, ou seja, com direito a voz ativa nas produções jornalística, e sob um viés positivo.

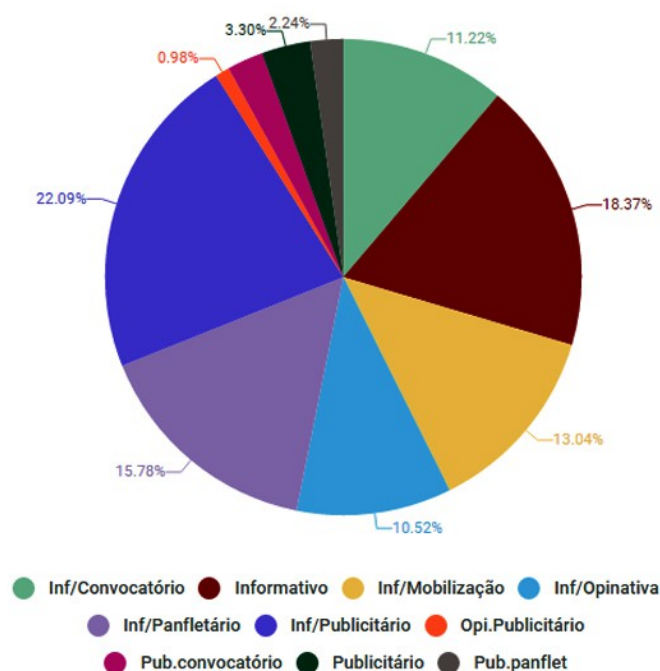
#### 4.3 – MARCAS DE INTENÇÕES E AÇÕES DA IMPRENSA SINDICAL

Informar, aglutinar, conscientizar, educar e mobilizar a categoria para as lutas e negociações em prol dos trabalhadores. A imprensa sindical, conforme a pesquisa da pesquisa, desempenha um papel que vai além de informar a categoria sobre as ações da entidade. É um instrumento fundamental para disputa da hegemonia, participação na sociedade, defesa de um ideal de sociedade mais justa, que atenda às reivindicações dos trabalhadores e promova a justiça social.

Ao analisar a imprensa sindical sob o viés das seis entidades de representação dos trabalhadores no Paraná, busca-se contemplar também as ações de intenção envolvidas no conteúdo e produção do material jornalístico.

E isso é possível na medida em que objetiva-se compreender na leitura e identificação de uma ação contida no texto, ou seja, interpretar o “sentido de sua ação e desvendar o que ela ainda apresenta de significativo para nós” (LIMA & SILVA, 2009, p.92), ou como ilustra Weber ao afirmar que é possível compreender César sem ser um César (WEBER, 1995). Tendo isso em mente, buscou-se junto ao tipo-ideal e nas leituras das pesquisas anteriores alguma categoria que pudessem aglutinar as ações envolvidas na imprensa sindical, e chegou-se, com isso, às marcações, conforme já apontado no capítulo metodológico: Informativo, Convocatório, Mobilização, Publicitário, Opinativo e Panfletário. As categorias também podem ser agrupadas a cada texto, uma vez que a complexidade da informação jornalística não necessariamente carrega consigo apenas uma intenção.

Figura 33 – Recorte da análise dos seis jornais por intenção (2013/2014)



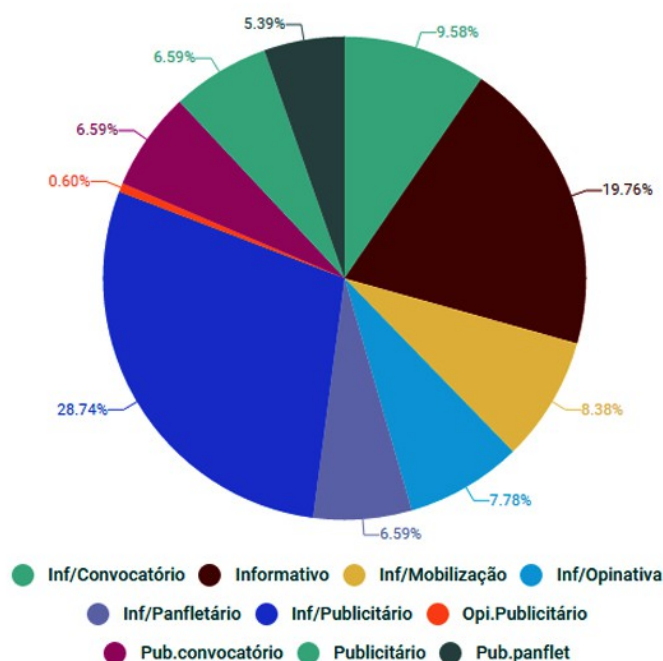
Fonte: autor, 2015

Numa leitura geral (Figura 33), o que predomina na imprensa sindical, tendo como base as leituras de mais de 108 edições dos jornais das seis entidades publicados no período escolhido para a pesquisa, é o informativo, não em sua intenção isolada, mas na somatória das intenções agrupadas. Entende-se aqui intenção isolada aquela que denota puramente uma das intenções apontadas na formação das categorias junto ao tipo ideal. Já as intenções agrupadas são as aparições de mais de uma intenção nos textos, como a somatória de intenção publicitária, ou seja, de se ressaltar uma medida com o objetivo de engrandecer e melhorar a imagem da instituição, na mesma medida em que se objetiva-se no texto informar a categoria sobre o andamento de um ação da entidade. Isso se deve ao caráter de publicização da informação sindical à categoria como ponto originário e primordial da imprensa sindical, que é o instrumento principal de divulgação das ações, andamentos das negociações, etc.

O caráter informativo atende a necessidade da instituição de ampliar o conhecimento das categorias sobre as atuações sindicais mas também de dar subsídios informativos para que os trabalhadores possam definir suas decisões quanto às negociações salariais e de demais direitos trabalhistas. Além disso, mesmo que as intenções secundárias ou primárias – ou seja, as predominantes e as coadjuvantes quando há intenções conjugadas - do texto versem a mobilização da categoria ou ainda

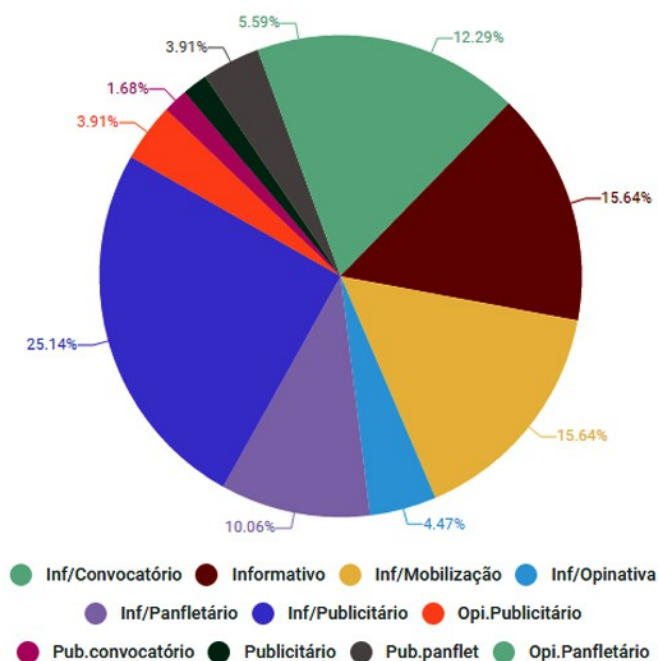
tenham um caráter publicitário da imagem da entidade sindical com vistas a ampliar seu quadro associativo, ela carrega consigo, dependendo do conteúdo, a intenção de tornar público determinadas informações. Alguns exemplos do caráter informativo são as notas que buscam atualizar os trabalhadores sobre o andamento de uma negociação, ou ainda um serviço de relação trabalhista, ou ainda uma denúncia que informa na medida em que consolida a imagem positiva da instituição como uma fiscalizadora do cumprimento dos direitos dos trabalhadores. Do levantamento total, os textos meramente informativos, que não carregaram outras intenções que não a de tornar comum à categoria uma determinada informação, totalizaram 18,37%. O que aponta que mais de 80% das publicações analisadas carregam intenções além da informativa. Os percentuais seguem a somatória de 267 intenções isoladas e agrupadas identificadas nos textos, das quais: 33 informativo convocatório; 33 informativo; 14 informativo mobilização; 13 informativo opinativo; 11 informativo panfletário; 48 informativo publicitário; 1 opinativo publicitário; 11 publicitário convocatório; 11 publicitário e 9 publicitário panfletário.

Figura 34 – Recorte da análise por intenção (*A Voz do Metalúrgico* - 2013/2014)



Fonte: autor, 2015

Figura 35 – Recorte da análise por intenção (*30 de Agosto* - 2013/2014)



Fonte: autor, 2015

Uma das intenções é a publicitária, que mesclada à informativa ocupa o primeiro lugar em dimensão representativa junto à imprensa sindical, com 22,09%. Na medida em que informa, o jornal da entidade reforça a imagem do sindicato frente a seus representados e faz isso dentro desse universo de um quinto dos textos jornalísticos, de forma a ressaltar os benefícios de ser associado à entidade, ou reafirmando a validade da entidade para os trabalhadores e sua importância e conquistas para a categoria representada. Abaixo, uma ilustração do que foi entendido como intenção publicitária na nota da edição de outubro de 2013 do jornal *A Voz do Metalúrgico*, no qual há a publicidade do cartão fidelidade da instituição:

#### **Cartão Fidelidade já pode ser usado no SuperMuffato e Jacomar**

Mais duas redes de supermercados firmaram convênio com a rede fidelidade do SMC: o SuperMuffato e o Jacomar. Agora, além de aumentar a opção de compras, também aumenta a comodidade para o associado e associada do SMC. Entre no site do Sindicato, confira onde as duas redes possuem suas lojas e não perca tempo: Aproveite já as vantagens do seu Fidelidade! Quanto mais você, usa mais créditos ganha.

**Confira as vantagens do cartão Fidelidade** - Cada vez que você compra na rede fidelidade, você acumula créditos para gastar numa próxima compra. Isento de tarifas de utilização. Mais de 600

estabelecimentos conveniados. (JORNAL A VOZ DO METALÚRGICO, edição de outubro de 2013)

A reincidência de tal intenção nas Notícias corrobora a forma qualitativa das citações e demais aparições indiretas e diretas da instituição, conforme apontado na Figura 28, em que o sindicato e sua direção são representados para a categoria de forma positiva, com uma imagem ativa.

Como exemplo, cabe apontar os casos dos jornais *30 de Agosto* (Figura 35) e *A Voz do Metalúrgico* (Figura 34), que apresentaram altos índices de notícias com intenção publicitária.

No caso do jornal do Sindicato dos Metalúrgicos, isso se dá sobretudo pelo caráter assistencialista da instituição, que promove ações de apoio à categoria com cartões de benefícios, doação de materiais escolares para filhos de associados, dentre outras medidas que promovem, além de benefícios aos trabalhadores e familiares, também a imagem da instituição.

No caso do sindicato dos professores e trabalhadores da educação, a promoção da entidade se dá pela indução de uma imagem de entidade ativa, combativa, que conquista diariamente benefícios e ampliação de direitos para seus representados. Ressalta-se também uma enorme aparição do nome da entidade de forma ativa nas Notícias em quase sua totalidade, sempre de forma positiva e se posicionando mesmo em questões não estritamente sindicais.

Em segundo lugar de aparição de intenção fora a informativa, aparece a panfletária, que foi uma categoria inserida devido não apenas as leituras da pesquisa da pesquisa que apontou a existência de uma militância e posicionamento presentes nos textos jornalísticos da imprensa sindical, sobretudo quando produzida pelos próprios diretores.

Esperava-se que com a profissionalização e o ingresso de profissionais de jornalismo nas redações sindicais essa característica panfletária marcante do jornalismo sindical fosse amenizado. Não chega a ocupar um terço do conteúdo jornalístico, no entanto, o percentual, de quase 16% na leitura total, ultrapassa a intenção de mobilização.

Os jornais que mais se destacaram na categoria panfletária foram o *Pressão Alta*, do Sindsaúde e o *30 de Agosto*, da APP Sindicato. Diferente dos demais jornais

que apresentaram as informações mais próximas ao formato jornalístico comercial, ou seja, aquele presente em jornais comerciais de grande circulação, com ausência de adjetivações, inserção de fontes externas com falas indiretas e diretas, e uma narrativa impessoal, os jornais citados acima apresentam uma carência de fontes externas, recorrendo, quando muito, às próprias diretorias.

No caso do Sindsaúde, são raras as aparições de fontes com fala direta no texto. No entanto, o mais marcante é a narrativa jornalística empregada nas referidas publicações, que apresentam um caráter panfletário e de mobilização profundo em comparação com os demais jornais.

Não raro, os textos são apresentados em primeira pessoa do plural, colocando-se o jornalista na condição de agente da ação, e não um mediador crítico do acontecimento. Alguns textos carregam consigo um teor opinativo, o que ressalta outra categoria buscada para a análise das intenções dos jornais, que são os textos em que além da informação são veiculadas opiniões e posicionamentos dos jornalistas e demais envolvidos nas redações dos jornais sindicais.

Por fim, abordou-se nas intenções outra característica que a pesquisa da pesquisa nos indicou como marcante na imprensa sindical, que seria a função de mobilizar a categoria. Num quadro geral, a intenção de mobilizar a categoria ficou relegada à quarta em volume de notícias e demais materiais jornalísticos na imprensa sindical, muito próxima da intenção de convocação, que está estritamente ligada à promoção de eventos e atos sindicais de ordem burocrática da instituição, como assembleia para definição de estatuto, prestação de contas, dentre outros.

#### 4.5 – ALGUNS RESGATES E CONSIDERAÇÕES SOBRE OS RESULTADOS

Nas últimas décadas a imprensa dos trabalhadores vem enfrentando um processo de profissionalização com o ingresso de trabalhadores especializados em produção jornalística que promovem uma série de avanços e alterações na produção e apresentação das notícias e acontecimentos relacionados às ações sindicais. Se antes a imprensa operária é produzida pelos próprios sindicalistas e/ou trabalhadores representados pelo sindicato, hoje cada vez mais é o profissional de jornalismo que atua para mediar a mensagem entre a entidade e os trabalhadores, atuando de forma a



aprimorar a imprensa sindical na construção de sentidos o mundo do trabalho.

A produção jornalística, no entanto, como aponta a pesquisa da pesquisa, não se dá na mesma forma como no jornalismo de referência. A produção jornalística carrega consigo no meio sindical certas características que a torna peculiar, e diferencia da postura e notícia, se comparado aos meios comerciais de comunicação, ou seja, ao jornalismo de referência. Questionando os limites e indicações de tais características que apontadas na leitura e pesquisa de jornais de seis entidades de representação dos trabalhadores no Paraná para buscar mapear e descobrir o comportamento e algumas categorias que são peculiares da imprensa sindical.

As publicações das entidades sindicais que subsidiaram as análises da presente pesquisa compreendem as edições impressas entre janeiro de 2013 e dezembro de 2014. As entidades definidas, bem como os títulos de duas publicações, foram os jornais *30 de Agosto*, do Sindicato dos trabalhadores em educação pública do Paraná (APP Sindicato); *Folha Bancária*, do Sindicato dos Bancários de Curitiba e Região; *A Voz do Metalúrgico*, do Sindicato dos Metalúrgicos de Curitiba e Região; *Extra-Pauta*, do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Paraná (Sindijor); *Pressão Alta*, do Sindicato dos Servidores da Saúde do Paraná (Sindsaúde) e *Jornal do Sismuc*, do Sindicato dos Servidores Municipais de Curitiba.

Para dar conta dos objetivos e da problemática propostos na pesquisa utilizou-se a perspectiva teórica jornalística de Otto Groth, do jornalismo enquanto obra cultural, guiadas por valores e finalidade, cuja essência transcende a materialidade do jornal/revista, sendo fruto da totalidade das suas manifestações e característica (GROTH, 2011). Junto ao referencial teórico jornalístico, também foi adotada uma perspectiva pela qual buscou-se identificar o todo pelas partes, como proposto por Groth, no entanto, à guisa de Max Weber, de quem Groth foi discípulo, cuja perspectiva possibilita compreender as ações sociais como unidade última dentro das relações e intenções interacionais.

Para Weber, a motivação determina, portanto, um papel importante sob o viés metodológico, num comportamento observável, teoricamente construído como sendo provável e “que é praticado por indivíduos com relação a comportamentos de outros indivíduos”, e que podem ser comportamentos reais ou possíveis em potencial (WEBER, 2001). Soma-se ao conceitos teóricos e metodológicos a pesquisa da pesquisa

sobre a imprensa sindical, comunicação sindical e jornalismo sindical, que indicou as linhas que norteariam a compreensão e ponto de partida para as análises do *corpus*.

As perspectivas da produção jornalística e comunicativa sindical encontrada na pesquisa da pesquisa (ARAÚJO, 2009; ARAÚJO, 2004; ARAÚJO, 1992; BARROS, 2013; CAMPOS, 2012; CARVALHO, 2013; CASTRO, 2005; FERREIRA, 1988; FERREIRA, 1995; FRANZIN, 2007; GIANNOTTI & SANTIAGO, 1997; GIANNOTTI, 2007; GIANNOTTI, 2004; LAHNI & FUSER, 2004; LANÇA, 2013; MIANI, 2010; MIANI, 2013; MOMESSO, 1997) deu a base de partida e auxiliou na formulação do tipo ideal de análise, sobretudo as pesquisas de mestrado realizadas por Jaqueline Lemos Martins (MARTINS, 2001) e Marcos Alexandre dos Santos Ferraz (FERRAZ, 2000) além da tese de doutorado de Vladimir Caleffi de Araújo (ARAÚJO, 2009), que versaram especificamente sobre universo do jornalismo sindical, principal espaço de debate.

Numa junção das categorias e resultados das análises de leituras, compreensão do conteúdo e das mensurações individuais e coletivas dos jornais, caiu-se em características que apresentam uma forma peculiar de jornalismo, que pareceu específico das entidades sindicais.

As manifestações da periodicidade da imprensa sindical não adota um retorno temporal definido, mas se vincula sobretudo a uma agenda sindical e de negociação. Ou seja, a temática, a continuidade da narrativa aponta e/ou determina a manifestação da periodicidade do jornal.

Além disso, cabe ressaltar que a própria imprensa se consolida como um espaço de ação sindical, como um espaço em que se desenvolve as manifestações da entidade e atos públicos. Na imprensa sindical, apontou-se o anúncio, por exemplo, de um ato ou manifestação da entidade, acompanhada de informação jornalística que carrega consigo, além de um caráter panfletário opinativo, uma intenção de mobilização.

Posteriormente, a continuidade da manifestação da cobertura e uma leitura imagética e textual do ato, ou seja, uma representação que se aponta como uma reapresentação da manifestação e, conseqüentemente, uma forma de não apenas publicizar o ato promovido ou que teve a participação da entidade, mas também de perdurar e ampliar o impacto da ação da entidade.

O jornal da entidade torna-se, portanto, em um espaço de produção de sentidos e promoção de uma nova manifestação, desta vez, obviamente, controlada pela leitura do jornalista sindical e direcionada pelo seu recorte e compilação das falas institucionalizadas.

Junto às falas viu-se a predominância de fontes institucionalizadas, que representam, acima de tudo, a intenção e interpretação da direção da entidade sobre os fatos sindicais. A visão determinante, ou seja, aquela que direciona as interpretações e leituras da imprensa sindical, parte portanto da própria direção, em boa parte dos casos, dependendo da estrutura hierárquica diretiva da instituição, o protagonismo ainda é mais centralizado na figura do presidente ou do diretor responsável pela comunicação da entidade.

Além da fala institucionalizada da instituição como predominante na imprensa sindical, os temas que dominam no jornal também são referentes a própria instituição, em divisão com as questões trabalhistas e de negociações. Tem-se como características de sua temática, portanto, temas que se refiram ao universo burocrático e institucional do sindicato e negociações.

Não se fizeram recorrentes nas análises temas culturais, relacionados a outras entidades ou demais assuntos que ampliassem o recorte da universalidade a ser abordado pela imprensa sindical. Não se percebeu, portanto, uma voz dissonante sobre uma temática abordada pela grande imprensa apresentada sob perspectiva diferenciada ou contra hegemônica, mas sim uma visão única, sem a apresentação do contraditório, sobre as questões estritamente sindicais e/ou relacionados ao universo das negociações salariais e dos direitos específicos das categorias representadas pelas entidades.

Os assuntos e fatos dos temas da imprensa sindical, no recorte temporal e de entidade definidos para a presente pesquisa, não apresentou uma ligação entre as edições dos jornais.

Se no jornalismo de referência há um cruzamento das temáticas e agendas, a ponto de apresentar uma certa homogeneidade em alguns casos, na imprensa sindical o que apontaram-se são vários universos que não estão conectados, e mantém unicamente como ligação a singularidade do trabalho como temática primordial, e o tencionamento de classes, ou seja, a dicotomia trabalhador versus patronato. Como exemplo da falta de conexão da imprensa sindical com os temas de interesse público da sociedade, ressalta-

se a pouca contemplação e cobertura das grandes manifestações e passeatas que ocorreram em todo o país em junho de 2013.

Com exceção de dois editoriais de *A Voz do Metalúrgico* e uma nota no *Jornal do Sismuc*, não houve, para quem apreendeu a realidade por meio da imprensa sindical das seis entidades analisadas, as manifestações que levaram milhões de pessoas às ruas em junho de 2013 em vários estados brasileiros em protestos por, dentre outras pautas, políticas públicas o direito à cidade e vários outros.

Por fim, dentre as características ressaltadas nas análises dos jornais, podemos identificar que a imprensa sindical se comporta em primeiro lugar com o intuito de informar, ou seja, publicizar as ações da entidade frente a categoria, como uma forma de prestação de contas da entidade para com seus representados. No entanto, não se restringe a tornar público as ações e interesses da categoria.

A imprensa sindical carrega consigo outras intenções explícitas em seus textos informativos, sendo os principais, com base nas análises dos jornais entidades sindicais do Paraná, a publicitária – entendido como difusão pública de empresa, autopromoção - e a panfletária. Em segundo plano, ao informar, aponta-se que a imprensa sindical analisada buscou ressaltar a importância da própria entidade, consolidando sua imagem ante a categoria num processo publicitário, reafirmando as vantagens de ser associado ou participar das ações do sindicato.

Tal caráter é corroborado com as temáticas predominantes na imprensa analisada ou seja, a própria entidade e os assuntos relacionados ao seu funcionamento e ações diretas, bem como as fontes falantes tanto de forma indireta quanto direta, que foram a própria entidade e os membros do seu corpo diretivo.

Uma parte dessa publicidade utiliza as conquistas históricas das categorias como pautas para reafirmar os avanços garantidos pelas lutas sindicais, muitas vezes sem uma conexão com questões atuais, mas como forma de rememorar os feitos do sindicato e dos trabalhadores. Com isso percebe-se que a atualidade na imprensa sindical é um pouco mais larga que na imprensa convencional.

Além de reforçar tal característica, a larga manifestação da periodicidade dos jornais por outro lado não inibe que a imprensa sindical foque em quase sua totalidade em Notícias factuais que, com exceção daquelas que busquem o resgate histórico das ações e atuações da entidade, estão ligadas a acontecimentos e eventos promovidos há

meses antes da publicação chegar a público, em alguns casos mesmo antes da edição anterior ter sido publicada.

Além de publicitária, a imprensa sindical também atua de forma aglutinadora e mobilizadora da categoria, informando os trabalhadores de forma panfletária e em algumas vezes opinativa, com o objetivo de conclamar e sensibilizar a categoria à união, apoio e participação às ações sindicais.

Ao informar com um texto em que vez ou outra apresenta adjetivações e posicionamentos críticos sobre as questões trabalhistas ou denúncias, a imprensa age como um palanque em que o discurso da entidade ou da direção do sindicato se faz presente no texto jornalístico.

Há, assim, uma forte presença da ação da diretoria na produção jornalística sindical, que por sua vez atua em parte como um meio de comunicação institucional preocupado em ressaltar imagem da entidade e de consolidar sua direção como atores sociais. A presença da direção se torna evidente em quase todas as categorias predominantes nas análises das publicações das entidades escolhidas para a presente pesquisa.

Com a aparição dominante da diretoria nas condições de falantes, da entidade como principal temática de abordagem da imprensa dos seis sindicatos analisados e da intenção informativo publicitária como influenciadora das leituras o jornalismo sindical sob a ótica dessas publicações comporta-se como um jornalismo empresarial, que se preocupa em criar uma impressão positiva em seu público-alvo, ressaltando e solidificando a imagem da instituição em um meio, colaborando na construção da imagem de fontes e atores sociais, etc.

Com isso, tem-se um jornalismo caracterizado não pela prática da narrativa focada na singularidade do fato voltado ao mundo do trabalho ou ao universo da categoria representada pela entidade, mas sim na predominância da função ressaltadora da entidade. Aqui, resta técnicas de redação jornalística, portanto, nos textos adotados na imprensa sindical, com características estéticas que indicam um fazer jornalístico, mas com intenções voltadas para relações públicas e redações publicitárias, num processo dual informativo publicitário, ou ainda informativo opinativo.

Se por um lado, no jornalismo de referência tem-se a defesa de uma imparcialidade da produção, na imprensa sindical, essa característica considerada um

mito para inúmeros pesquisadores do jornalismo não se faz presente, sendo predominante um posicionamento, a dos trabalhadores. No entanto, não percebe-se uma significativa fala dos trabalhadores nas páginas dos jornais analisados.

De fato, são os dirigentes da entidade que aparecem ativos na imprensa da entidade, determinando as direções das ações desenvolvidas no texto e formando opiniões. O jornal não atende, portanto, a voz da categoria, mas da direção da entidade. E com isso o profissional de jornalismo torna-se um refém da relação de trabalho que coloca o conhecimento técnico da redação a serviço da direção da entidade. Isso quando não comunga dessa relação e se coloca na narrativa como integrante da ação sindical, como um dirigente não eleito da entidade, que por meio do jornalismo e da imprensa sindical, atua como construtor de sentido e desenvolvedor de ações sindicais nas páginas dos jornais da entidade.

Na medida em que o jornal atende aos interesses da direção e não necessariamente da categoria, um risco que ocorre é o do conflito entre a ética profissional do jornalista e o uso panfletário e publicitário do jornalismo a serviço da entidade e dos dirigentes.

Com isso não apenas o jornalismo sindical é afetado, com a perda de determinadas características que a pesquisa da pesquisa apontou como inerentes ao fazer jornalístico na imprensa sindical, tanto com relação às temáticas, que além de abordagem de conteúdos de interesse das categorias é enriquecida com temas de interesse público com um viés analítico determinado pela entidade.

Que as eleições transfiram para a diretoria o poder de fala, isso não exclui a importância da categoria e a utilização de suas falas diretas. Afinal, uma vez eleita, a diretoria fala pela categoria em assuntos externos. Mas ao falar para a categoria, não deveria quase que excluir totalmente os próprios trabalhadores do poder de fala. Com isso, o jornalista poderia buscar inserir os posicionamentos da categoria na imprensa sindical, num processo de efetivar a representatividade dos trabalhadores em seu jornal sindical.

Em um imprensa que foca, em primeiro plano, em temas referentes à entidade, e que em mais de 50% de suas fontes falantes são os diretores da entidade, os trabalhadores e sua pauta, ou seja, temas de seu interesse, ficam relegados ao plano das suposições. Ao não contemplar diretamente os trabalhadores na imprensa, não aponta-se

o diálogo da entidade com seus representados, como indicado nas leituras das pesquisas sobre o jornalismo sindical realizados anteriormente.

Tem-se aqui um jornalismo comprometido com a diretoria da entidade. A imprensa sindical contemporânea, com base nos dados e análises da presente pesquisa, revela-se em uma intenção em reafirmar a entidade e seus dirigentes, como uma espécie de reafirmação do Sindicato e das ações de sua diretoria em praticamente todos os jornais publicados.

Arrisca-se a apontar, tendo como base as características da imprensa sindical identificada na pesquisa da pesquisa, deduzida das características indicadas na presente pesquisa, que o processo de profissionalização da imprensa sindical não colaborou para o jornalismo praticado pelas entidades de representação dos trabalhadores. E tampouco as publicações sindicais contribuem para a formação da imagem do profissional de jornalismo ante a comunidade e o mercado de trabalho, uma vez que, salvo o *Jornal do Sismuc*, nenhuma outra publicação apresenta assinatura do jornalista nas produções individualizadas na imprensa, constando apenas na parte da publicação reservada ao expediente.

A omissão do nome nas reportagens, mesmo quando a redação conta com mais de um profissional de jornalismo, o que aponta mais de uma autoria nos textos, somado à forma de linguagem pessoal e panfletária, denuncia uma relação de proximidade ideológica do profissional jornalista ao assessorado, ou seja, à direção da entidade, que está além do seu compromisso com a notícia ou trabalhadores.

Há aí uma naturalização do papel do jornalista como construtor de uma narrativa panfletária mobilizatória do jornalismo sindical que, engajado e comprometido com as perspectivas da entidade, atua alinhado à diretoria da entidade, colocando as técnicas de redação jornalística a serviço dos posicionamentos da direção da entidade.

Se a fala predominante é da diretoria, a temática também é determinada pela direção da entidade. Com isso, tem-se mais uma vez reduzido o papel crítico do profissional de jornalismo na definição da pauta e no compromisso com a categoria, ou seja, reafirma-se o compromisso do profissional com a entidade e sua direção, e não necessariamente com os trabalhadores representados pelo sindicato. Uma vez que não há consulta aos trabalhadores para saber suas opiniões sobre os temas abordados em sua imprensa, dita-se os posicionamentos a diretoria da instituição, empregadora do

jornalista.

Se, como apontou a pesquisa da pesquisa, a imprensa sindical de outrora atuava de forma a fortalecer a categoria, desenvolvendo a conscientização dos trabalhadores e mobilização dos operários em grandes lutas em prol da democracia e de pautas de relevância pública, o quadro atual, com a profissionalização do setor de comunicação, não apresenta um avanço nesses aspectos de apresentar as reivindicações e anseios dos trabalhadores, possibilitar a participação política dos representados da entidade, dar voz aos trabalhadores por meio da imprensa sindical, dentre outras.

Os temas abordados pela imprensa sindical atual, tendo por base os dados da presente pesquisa, estão na maioria em torno de assuntos ligados à entidade, denúncias de infrações trabalhistas e negociações, portanto, temáticas ligadas à realidade do sindicato e temas econômicos salariais. Não há, no quadro de temas analisados na presente pesquisa, menção significativa de assuntos de interesse público, e não apenas interesse do público, ou seja, temas de relevância geral, que auxiliem o exercício da cidadania e a participação dos trabalhadores na sociedade.

Com uma comunicação que prima pelo posicionamento dos dirigentes sob pautas estritamente relacionados às negociações salariais, não se apresenta um grau elevado de politização e formação político sindical. O que se apresenta é um uso ferramental da entidade para obtenção de melhores salários, pagamento de piso profissional, ganhos de participação nos resultados, e demais assuntos econômicos.

A formação política não vai além de apontar o tensionamento da relação capitalXtrabalho, ou seja, de indicar uma relação de venda de mão de obra – física e/ou intelectual – em que o trabalhador, conforme aponta a forma de escrita e posicionamento dos jornais sindicais, é sempre lesado pelo empregados, que no jornal sindical aparece, na maioria das vezes, como fonte citada, sem direito à voz e qualitativamente de forma negativa na maioria das vezes.

Com o tensionamento, a visão pejorativa do patronato, somado as intenções panfletárias e de mobilização verificadas nas análises da pesquisa, percebe-se uma ação mobilizadora dos trabalhadores para unir a categoria para dar subsídios para que o sindicato e a diretoria continue combatendo o patrão.

Salvo algumas ações de intenção de mobilização que buscaram incentivar a participação dos trabalhadores em atos públicos, a maioria das ações estão relacionadas



à mobilização não em ação efetiva, ou seja, não com o objetivo contido no texto de levar a categoria à ação, mas de manter a mobilização da categoria nas ações desenvolvidas pela entidade no próprio jornal. E, conforme apontam as análises da pesquisa, isso se dá por meio de uma linguagem incisiva e panfletária, que se desenvolve em boa parte da narrativa em primeira pessoa do plural e com adjetivações, como se a narrativa fosse construída sob a perspectiva de um ator da própria categoria.

Não há uma impessoalidade na narrativa, como predomina-se no jornalismo de referência, que se apresenta como um texto estéril de posicionamentos e sem adjetivações. Com isso, não houve indicação na imprensa sindical analisada de que a intenção panfletária, publicitária e de mobilização calcadas em uma forma impositiva, monocrática e acusatória de narrativa promovesse uma sensação de pertença do leitor à categoria. Tampouco de intenções que buscassem a politização da categoria, ou seja, a perspectiva do texto panfletário e publicitário que ressalta a entidade e as temáticas que giram o economicismo das negociações sindicais não resultam em promoção de um pensamento crítico do trabalhador, que levado à ação sindical percebe sua posição dentro de uma relação de venda de mão de obra, como uma peça em uma engrenagem de sistemas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornalismo no meio sindical vem se consolidando ao longo das últimas décadas como espaço profissional em crescimento para os jornalistas. Uma imprensa que outrora era produzida pela direção da entidade, hoje cada vez mais tem em suas redações profissionais especializados no meio. Sensível às alterações e mutações do movimento sindical, a comunicação realizada pelas entidades de representação dos trabalhadores é diretamente impactada pelas mudanças de estrutura, ideais e identidades do movimento sindical desde a sua origem no país.

Com a profissionalização no setor de comunicação não seria diferente. A postura dos jornais e a qualidade gráfica e de apuração de informação altera-se drasticamente com o aumento de jornalistas que se dedicam ao meio sindical. Além do surgimento de novos títulos, a inserção de profissionais que antes estavam em redações da mídia convencional ou que vieram das universidades com formação específica de jornalismo, forneceu um aspecto mais profissional à produção dos jornais e revistas das entidades sindicais.

Textos com estrutura similar aos de jornais e revistas da mídia convencional, apelo visual melhorado com diagramação mais arrojada, menos pesada, com uso de avançadas tecnologias de editoração e de impressão, são alguns dos elementos que nitidamente sofreram alterações com a profissionalização do setor de comunicação sindical.

Ocorre que não apenas a parte técnica influenciou alterações no perfil da imprensa sindical, mas também a politização e o posicionamento político-ideológico dos produtores de conteúdo dos jornais.

Se antes a imprensa sindical, pontuada pelo autores que outrora pesquisaram o tema (ARAÚJO, 2009; ARAÚJO, 2004; ARAÚJO, 1992; BARROS, 2013; CAMPOS, 2012; CARVALHO, 2013; CASTRO, 2005; FERREIRA, 1988; FERREIRA, 1995; FRANZIN, 2007; GIANNOTTI & SANTIAGO, 1997; GIANNOTTI, 2007; GIANNOTTI, 2004; LAHNI & FUSER, 2004; LANÇA, 2013; MIANI, 2010; MIANI, 2013; MOMESSO, 1997; MARTINS, 2001; FERRAZ, 2000), como um espaço de discussão e visibilidade de temas não abordados na mídia convencional e hegemônica, como ferramenta ideológica dos trabalhadores na luta pelos seus direitos, e como espaço

de formação política dos trabalhadores.

No entanto, uma análise nos jornais de seis entidades sindicais de Curitiba publicados entre 2013 e 2014, quais sejam: *Jornal 30 de Agosto*, do Sindicato dos trabalhadores em educação pública do Paraná (APP Sindicato); *Folha Bancária*, do Sindicato dos Bancários de Curitiba e Região; *A Voz do Metalúrgico*, do Sindicato dos Metalúrgicos de Curitiba e Região; *Extra-Pauta*, do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná (Sindijor); *Pressão Alta*, do Sindicato dos Servidores da Saúde do Paraná (Sindsaúde) e *Jornal do Sismuc*, do Sindicato dos Servidores Municipais de Curitiba; indicou, sob a perspectiva metodológica compreensiva adotada na atual pesquisa, algumas posturas que confrontam as características da imprensa sindical indicada pela pesquisa da pesquisa.

Como instrumentos de comunicação com posicionamentos mais institucionais e de representação da direção da entidade, os jornais analisados indicaram em suas pautas a predominância de temas relacionados ao dia a dia da entidade; em suas fontes de informação e aparições, predominou a presença da direção da entidade e de fontes institucionais, sobretudo a presidencial, relegando a própria categoria à participação apenas na leitura, com poucas inserções de suas falas nos jornais.

Dentre as intenções de notícias, predominou-se o caráter publicitário e panfletário das matérias, ressaltando, em grande parte, as ações da entidade com foco no assistencialismo e benefícios de filiação. Vimos com isso uma mudança de postura dos jornais em comparação com o estado da arte, demonstrando diminuição da politização das publicações com a profissionalização, acentuação no corporativismo e temas da própria categoria, e consolidação dos jornais sindicais como instrumentos à favor da promoção da própria diretoria como fonte predominante de fala para a categoria.

Por outro lado, cabe destacar que o recorte tanto temporal quanto espacial representa uma imagem, ainda que contributiva para as pesquisas sobre o tema, pequena dentro da imensidão de imagens que a imprensa sindical expõe atualmente em um cenário nacional, não apenas na multiplicidade de jornais disponíveis mensalmente, mas também nas multiplataformas utilizadas pelas entidades nos últimos anos, com a apropriação da internet e dos dispositivos móveis.

Com isso, propõe-se a continuidade da presente pesquisa e replicação da metodologia a outros veículos e espaços físicos com vista a formar ao longo do tempo

uma imagem mais representativa da imprensa sindical atual, seus formatos e manifestações identitárias com a profissionalização e aumento da participação de jornalistas nas redações das entidades de representação dos trabalhadores. Para tanto, faz necessária o aumento das publicações e pesquisas no campo do jornalismo sobre a imprensa do meio sindical, formando bases de análises que deem conta dos modos de comunicação dos trabalhadores com o aprofundamento e ampliação das tecnologias nas entidades sindicais, da apropriação dos trabalhadores às formas multimidiáticas de comunicação, e sua relação com as entidades sindicais por meio do jornalismo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Giovanni. Trabalho e Desigualdade Social na Reestruturação Capitalista: um balanço da “década neoliberal” no Brasil. **Revista de Políticas Públicas**, São Luis, v. 7, n. 2, p. 7-38, jul./dez, 2003

ALVES, Giovanni. Do "novo sindicalismo" à "concertação social": ascensão (e crise) do sindicalismo no Brasil (1978-1998). **Revista de Sociologia e Política**, n.15, 2000.

ARAÚJO, Vladimir Caleffi. O jornalismo de informação sindical no Brasil: autores, práticas e estratégias de produção jornalística. **BOCC – Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**. Porto, 2004. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/araujo-vladimir-jornalismo-sindical.pdf>>

ARAÚJO, Vladimir Caleffi. **O jornalismo de informação sindical**: atores e práticas de uma forma de produção jornalística. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

ARAÚJO, Silvia; CARDOSO, Alcina. **Jornalismo e militância operária**. Curitiba: UFPR, 1992.

BARROS, Thiago Pereira de; CARVALHAL, Marcelo Dorneles. A imprensa sindical como elemento revelador da territorialização dos sindicatos. In: **Revista Pegada, Eletrônica (Online)**, v. 14, p. 165-188, 2013

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. Rio de Janeiro: Agir Editora, 1960.

BORGES, Altamiro. **Sindicalismo, resistência e alternativas**. São Paulo: Anita Garibaldi, 2008.

BOITO JR., Armando. **Política neoliberal e sindicalismo no Brasil**. São Paulo: Xamã Editora, 1999

BOITO, Armando; GALVÃO, Andréia y MARCELINO, Paula. **Brasil: o movimento sindical e popular na década de 2000** in anais do OSAL (Buenos Aires: CLACSO) Ano X, N° 26, outubro de 2009. Disponível em: <[www.bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal26/05boito.pdf](http://www.bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal26/05boito.pdf)> Acesso em 5 de janeiro de 2016.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRAGA, Ruy. Precariado e sindicalismo no Brasil contemporâneo: um olhar a partir da indústria do call center. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n.º 103, maio r de 2014.

CAMPOS, Daniel Vasconcelos. **Max Weber, o conhecimento sociológico da história**: uma interlocução com a filosofia hegeliana. Dissertação de Mestrado. Universidade

Federal de Minas Gerais, 2006 – Sociologia. Disponível em <[http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/JAGF-6W8NMU/daniel\\_disserta\\_\\_o.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/JAGF-6W8NMU/daniel_disserta__o.pdf?sequence=1)> Acesso em 15 de dezembro de 2015.

CAMPOS, Monique Ferreira. Imprensa sindical, identidade e contra-hegemonia: reflexões teóricas sobre a contemporaneidade. **Anais. XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação/ DT 7 – GP Comunicação para a Cidadania – Fortaleza**, 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-1884-1.pdf>> Acesso em 20 de novembro de 2015.

CARVALHO, Guilherme. Muito além do jornal: a nova imprensa sindical. **Revista Estudos em jornalismo e mídia**. Vol. 10, N.º 1, jan/jun.2013– janeiro a junho de 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2013v10n1p256/24988>>. Acesso em 3 de outubro de 2015.

CASTRO, Cosete ; BENEVENUTO JÚNIOR, Álvaro. **A comunicação dos trabalhadores nos últimos 25 anos - uma análise necessária**. Redes.com (Sevilla), Sevilla - Espanha, v. 0, p. 337-348, 2005.

CORRÊA, Moysés Chernichiarro. **Sindicalismo e comunicação**. São Paulo: Livro Pronto, 2006

COSTA, Claudia. **Comunicação sindical no Brasil: breve resgate e desafios**. São Paulo: Sundermann, 2010.

ERBOLATO, Mário. **Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário**. São Paulo: Ática, 2001.

FAUS BELAU, Angel. **La ciencia periodística de Otto Groth**. Pamplona: Instituto de Periodismo de la Universidad de Navarra, 1966.

FENAJ. Federação Nacional dos Jornalistas. **Quem é o jornalista brasileiro? Perfil dos profissionais no País**. Fenaj: Rio de Janeiro, 2012. Disponível em <[http://www.fenaj.org.br/reinstitu/pesquisa\\_perfil\\_jornalista\\_brasileiro.pdf](http://www.fenaj.org.br/reinstitu/pesquisa_perfil_jornalista_brasileiro.pdf)> Acesso em 20 de janeiro de 2015.

FERRAZ, Marcos Alexandre dos Santos. **Jornalismo nos sindicatos: da prática à abstração da ação social**. 2000. 101 f. Dissertação de mestrado em Sociologia das Organizações – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, UPFR. 2000.

FERREIRA, Maria Nazareth. **Imprensa operária no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

(\_\_\_). **O impasse da comunicação sindical: de processo interativo a transmissora de mensagens**. São Paulo: Cebela, 1995.

(\_\_\_). A comunicação sindical frente ao neoliberalismo IN: FERREIRA, Maria Nazareth. **O impasse da comunicação sindical: de processo interativo a transmissora**

de mensagens. São Paulo: Cebela, 1995.

FERREIRA, Nelson Toledo. **Os desafios da Mídia Sindical no contexto multidentitário do trabalhador contemporâneo.** 9.º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJOR) – Rio de Janeiro, 2011

FESTA, Regina; LINS E SILVA, Carlos Eduardo (orgs). **Comunicação popular e alternativa no Brasil.** São Paulo: Paulinas, 1986.

FIDALGO, António. **O jornalismo online segundo o modelo de Otto Groth.** 2009. BOCC. Disponível em <[www.bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-groth-jornalismo-online.pdf](http://www.bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-groth-jornalismo-online.pdf) >. Acesso em 18 de ago. 2015.

FRANCISQUINI, Renato. A sociedade civil e os meios de comunicação: uma leitura crítica da teoria habermasiana. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC.** Vol 4, N.2, janeiro-julho 2008.

FRANZIN, João. **Imprensa Sindical: Comunicação que organiza.** São Paulo: Agência de Comunicação Sindical, 2007.

FUKS, Mario; IZOLLAN, Emmi. Processo decisório e ampliação do conflito na ALEP: o caso da Copel. In: PERISSINOTTO, Renato (org *et al.*) **Quem Governa?** Um estudo das elites políticas do Paraná. Curitiba: Editora UFPR, 2007.

FUSER, Bruno. Limites da comunicação sindical no Brasil. In: FERREIRA, Maria Nazareth. **O impasse da comunicação sindical: de processo interativo a transmissora de mensagens.** São Paulo: Cebela, 1995.

GALVÃO, A. (2014), **A contribuição do debate sobre a revitalização sindical para a análise do sindicalismo brasileiro.** *Crítica Marxista*, 38, 2014, pg 103-117. Disponível em: <[www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos\\_biblioteca/dossie70dossie2.pdf](http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/dossie70dossie2.pdf)> Acesso em: 10 de dezembro de 2015.

GROTH, Otto. **O poder cultural do desconhecido: fundamentos da Ciência dos Jornais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

(\_\_\_). Tarefas da pesquisa da ciência da cultura. In: MAROCCO, Beatriz; BERGER, Christa (Orgs.). **A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa.** Vol. 1. Porto Alegre: Sulina, 2006 (182-306).

GIANNOTTI, Vito, SANTIAGO, Cláudia. **Comunicação Sindical: falando para milhões.** Petrópolis: Vozes, 1997

GIANNOTTI, Vito. **História da luta dos trabalhadores no Brasil.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

(\_\_\_). **O que é jornalismo sindical.** São Paulo: Brasiliense, 2004.

(\_\_\_). **Comunicação dos trabalhadores e hegemonia**. São Paulo: Perseu Abramo, 2014.

HABERMAS, Jürgen. **Direito e democracia: entre factividade e validade**. Volume II. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

IBGE. **Pesquisa Sindical: indicadores sociais 2001/IBGE**, Departamento de População e Indicadores Sociais. – Rio de Janeiro : IBGE, 2002.

LAHNI, Cláudia; FUSER, Bruno. A ausência do trabalhador na imprensa sindical de Campinas e de Juiz de Fora. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 27, 2004. Porto Alegre. Anais. São Paulo: Intercom, 2004. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/8175500381220403445874650644469862368.pdf>>

LANÇA, Héliida. **O jornal sindical e a formação política: o caso da Udemo junto aos diretores de escola da rede estadual paulista**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Nove de Julho, São Paulo. 2013.

LIMA, Ricardo Rodrigues Alves de; SILVA, Ana Carolina S. Ramos. **Introdução à sociologia de Max Weber**. Curitiba: Ibpx, 2009.

MACEDO, Luiz Alberto Castro de. **O novo sindicalismo**. Porto Alegre: FEPLAM, 1986.

MALDONADO, Alberto Efendy. Explorações sobre a problemática epistemológicas no campo das ciências da Comunicação. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo. (Org.). **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.

MARTINS, Jaqueline Lemos. **Jornalismo sindical: concepções e práticas: a notícia na Folha Bancária e na Tribuna Metalúrgica**. 2001. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de São Paulo – ECA-USP, 2001.

MARTINS, Heloisa de Souza & RODRIGUES, Iram Jacomé. O sindicalismo brasileiro na segunda metade dos anos 90. *Tempo Social; Rev. Sociol. US*, S.Paulo, 11(2): 155-182, out.1999

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Notícia: um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial**. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.

MIANI, Rozinaldo Antonio. Imprensa sindical: conquistas, impasses e desafios no contexto da disputa pela hegemonia. **IV Simpósio Lutas Sociais na América Latina**, 2010, Londrina/PR. Anais do IV Simpósio Lutas Sociais na América Latina, 2010.

(\_\_\_). Imprensa das classes subalternas: atualização e atualidade de um conceito. **Revista Em Questão** (UFRGS. Impresso), v. 16, p. 191-206, 2010.

(\_\_\_). A construção de uma nova postura política no sindicalismo brasileiro: o sindicato



cidadão nas páginas da imprensa sindical. COMPÓS 2013 - **XXII Encontro Anual da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, 2013, Salvador/BA. Anais do XXII Encontro Anual da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2013.

MOMESSO, Luiz. **Comunicação sindical: limites, contradições, perspectivas**. Recife: Editora Universitária UFPR, 1997.

(\_\_\_). Implicações da profissionalização na comunicação sindical **O impasse da comunicação sindical: de processo interativo a transmissora de mensagens**. FERREIRA, Maria Nazareth (Org). São Paulo: Cebela, 1995.

OLIVEIRA, Dennis de. IMPRENSA SINDICAL: COMUNICAÇÃO POPULAR DO TRABALHO. Intercom 1997 - **XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 1997, Santos. Anais do XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Santos, 1997. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/f83ebb94e81b5db82e88fdb1a0955df.pdf>> Acesso em: 3 de setembro de 2015.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2010.

PEUCER, Tobias. Os relatos jornalísticos. Tradução de Paulo da Rocha Dias. **Revista Comunicação & Sociedade**, n.º 33, 2001. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo.

PRIORI, A.; POMARI, L. R.; AMÂNCIO, S. M.; IPÓLITO, V. K. **História do Paraná (Séculos XIX e XX)**. 1. ed. Maringá: Eduem, 2012. v. 1000. 234 p.

POCAI FILHO, Roberto Luiz. Nos bastidores do proletariado: As particularidades do movimento operário princesino na Greve Geral de 1917. **Encontro da Revista Tempo Amazônico Associação Nacional de História - Seção Amapá**, 2013.

QUEIROZ, Antônio Augusto de. **Movimento Sindical: passado, presente e futuro**. Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar, DIAP. Brasília, 2012

QUIVY, Raymond; CHAMPENHOUDT, LucVan. **Manual de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Gradiva, 2005.

RIBEIRO, Alexandre Teixeira; OLIVEIRA, Hebe Maria Gonçalves. Imprensa sindical: contribuições para a pluralidade de vozes na esfera pública. In: **X Conferência Brasileira e V Conferência Sul-Americana Mídia Cidadã e Movimentos Sociais: desigualdades, resistências e mídia inclusiva**, Bauru, SP, 2015. Disponível em: <[www.unicentro.br/redemc/2015/anais/DT6/DT6-21.pdf](http://www.unicentro.br/redemc/2015/anais/DT6/DT6-21.pdf)> Acesso em: 1.º de setembro de 2015.

RIBEIRO, Alexandre Teixeira; OLIVEIRA, Hebe Maria Gonçalves. Imprensa sindical: trajetórias da busca de um jornalismo nas páginas dos jornais sindicais. In: **Anais do XII Encontro paranaense de pesquisa em jornalismo**. CD-Rom. Ponta Grossa:

UEPG, v. 1. p. 1-1, 2014.

RODRIGUES, Iram Jacomé; RAMALHO, José Ricardo. Novas configurações do sindicalismo no Brasil? Uma análise a partir do perfil dos trabalhadores sindicalizados. Contemporânea: **Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 4, n. 2, 2014.

RODRIGUES, José Albertino. **Sindicato e desenvolvimento no Brasil**. São Paulo: Símbolo, 1979.

RODRIGUES NETTO, Miguel. Comunicação e sindicalismo: os dilemas da linguagem sindical na (des) mobilização dos trabalhadores. **Revista Científica Semana Acadêmica. Fortaleza**, ano MMXIII, Nº. 000043, 12/11/2013. Acessado em 30 de janeiro de 2015. Disponível em: <<http://semanaacademica.org.br/artigo/comunicacao-e-sindicalismo-os-dilemas-da-linguagem-sindical-na-des-mobilizacao-dos>> Acesso em: 1.º de setembro de 2015.

RUBIM, Antônio Canelas. Mídia e política: transmissão de poder. In: MATOS, Heloisa (org.). **Mídia, Eleições e Democracia**. São Paulo: Scritta, 1994.

SILVA, André Luis Corrêa. **João Ferrador na República de São Bernardo**: o impacto do novo movimento sindical no ABC Paulista no processo de transição democrática (1977-1980). Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/7748/000555451.pdf?sequence=1>> Acesso em: 5 de junho de 2015.

SILVA, Gislene; PONTES, Felipe Simão. Mídia noticiosa como material de pesquisa: recursos para o estudo de produtos jornalísticos. In: BOURGHINON, Jussara Ayres; OLIVEIRA JUNIOR, Constantino Ribeiro de (org.). **Pesquisa em Ciências Sociais: interfaces, debates e metodologias**. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2012.

SILVA, Osvaldo Heller da. **A foice e a cruz**: comunistas e católicos na história do sindicalismo dos trabalhadores rurais do Paraná. Curitiba: Rosa de Bassi Gráfica e editora, 2006.

SINDIJOR. Editorial – Um marco na imprensa sindical paranaense. *Jornal Extra-Classe*, Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná, Sindijor. Maio de 2013.

SOUZA, Sérgio Alves. Uma aplicação dos tipos ideais weberianos. In: LOPES, Jorge. **O fazer do trabalho científico em Ciências Sociais Aplicadas**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2006. Disponível em: <[http://www.ufpe.br/gepec/exemplos/06\\_artigo03\(sergioalves\).pdf](http://www.ufpe.br/gepec/exemplos/06_artigo03(sergioalves).pdf)> Acesso em: 15 de dezembro de 2015.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. Florianópolis, SC: Insular, 2005.

VERDELHO, Valdecí. A nova imprensa sindical. In: FESTA, Regina; e SILVA, Carlos

Eduardo Lins da (Org.). **Comunicação popular e alternativa no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1986.

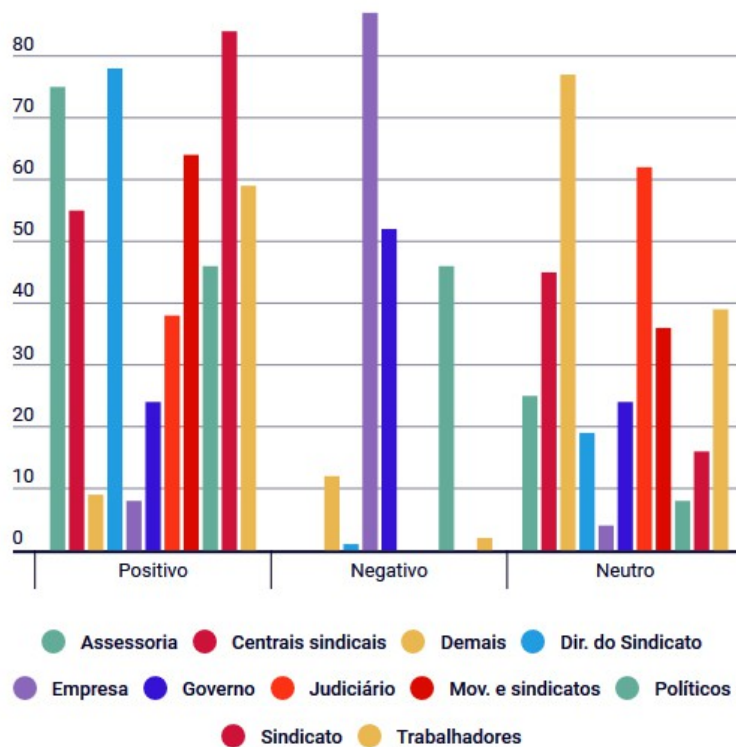
VIEIRA, Toni André Scharlau. **Comunicação sindical**: proposta de uma política para as entidades. Canoas: Ulbra, 1996.

WEBER, Max. **Ensaio sobre a teoria das ciências sociais**. São Paulo: Centauro, 2003.

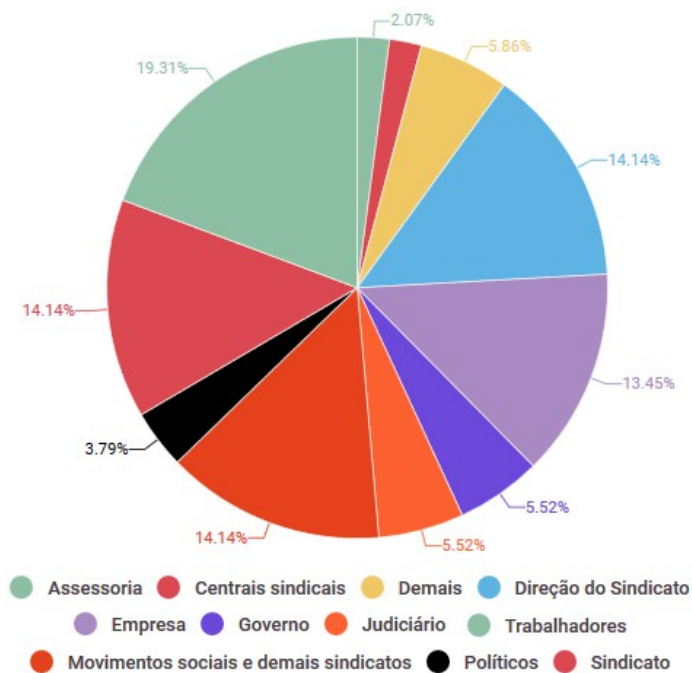
(\_\_\_). **Metodologia das Ciências Sociais**. Parte 1. Tradução de Augustin Wernet. 4. ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP / Universidade Estadual de Campinas, 2001. p. 107-154.

APÊNDICE I – GRÁFICOS DOS JORNAIS SINDICAIS POR TEMAS

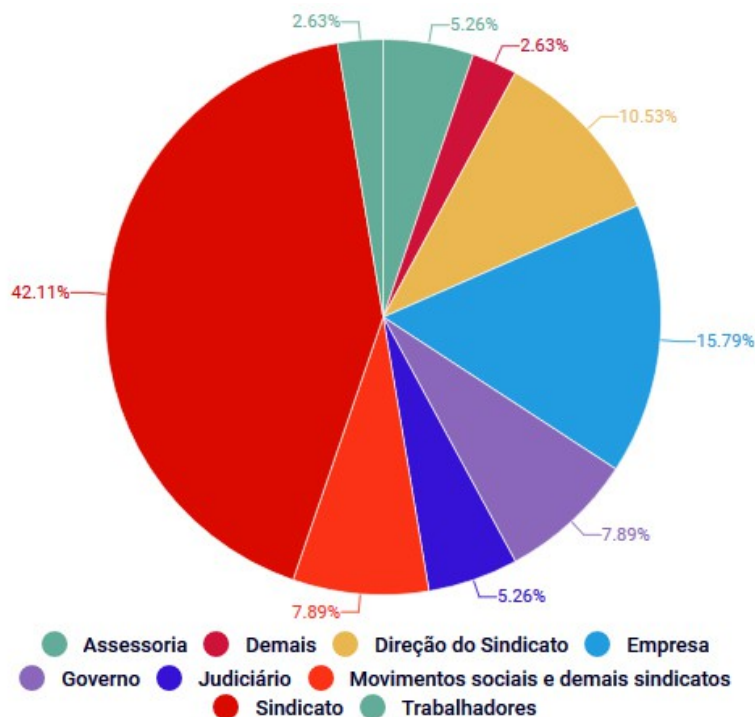
*Folha Bancária* – recorte de fontes e forma de aparição (2013/14)



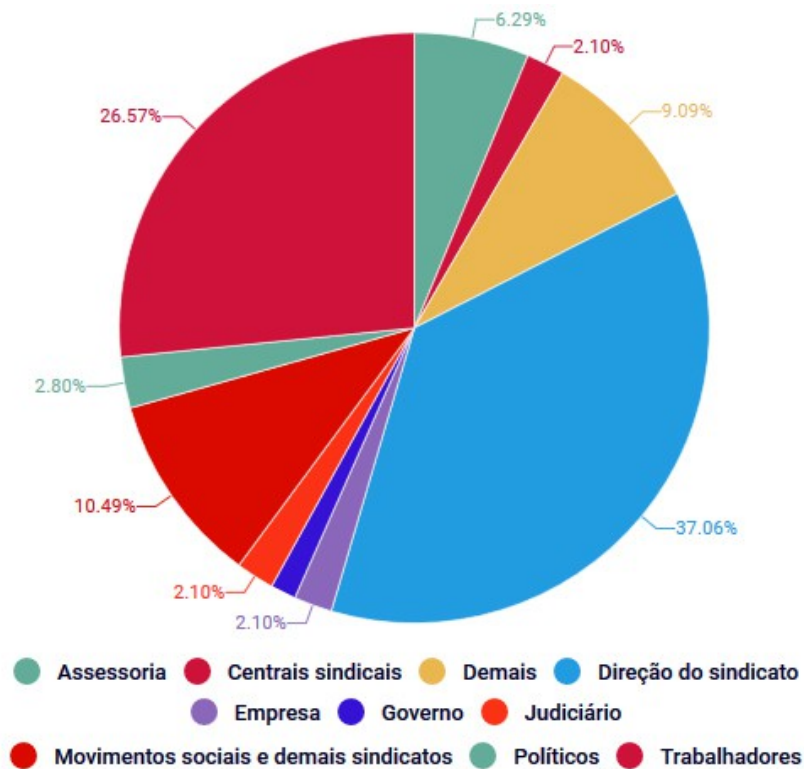
*Folha Bancária* – recorte de fontes por citação (2013/14)



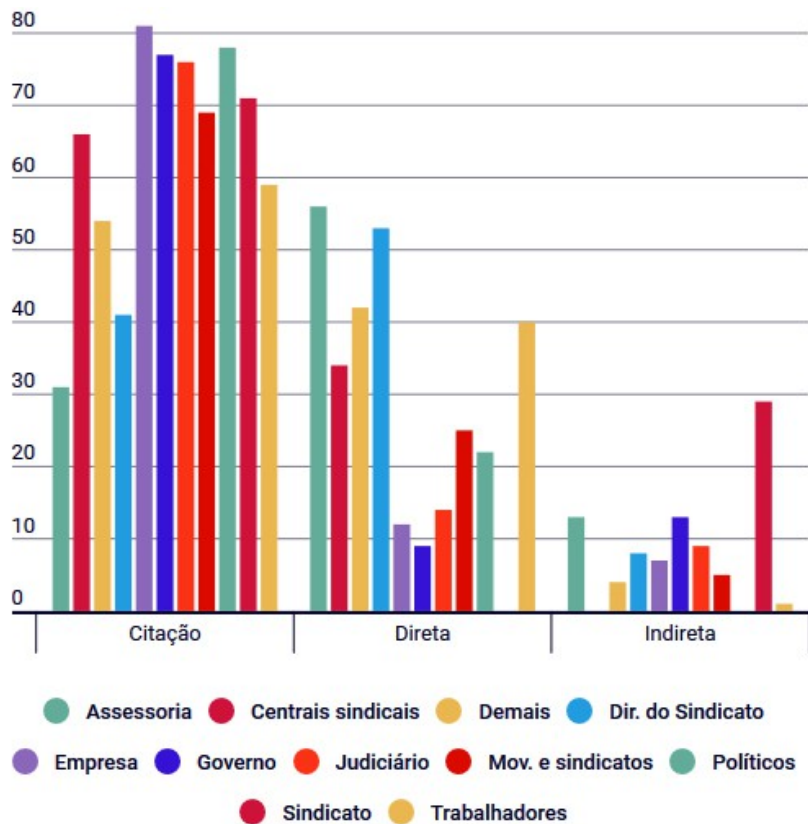
*Folha Bancária* – recorte de fontes por aparição direta (2013/14)



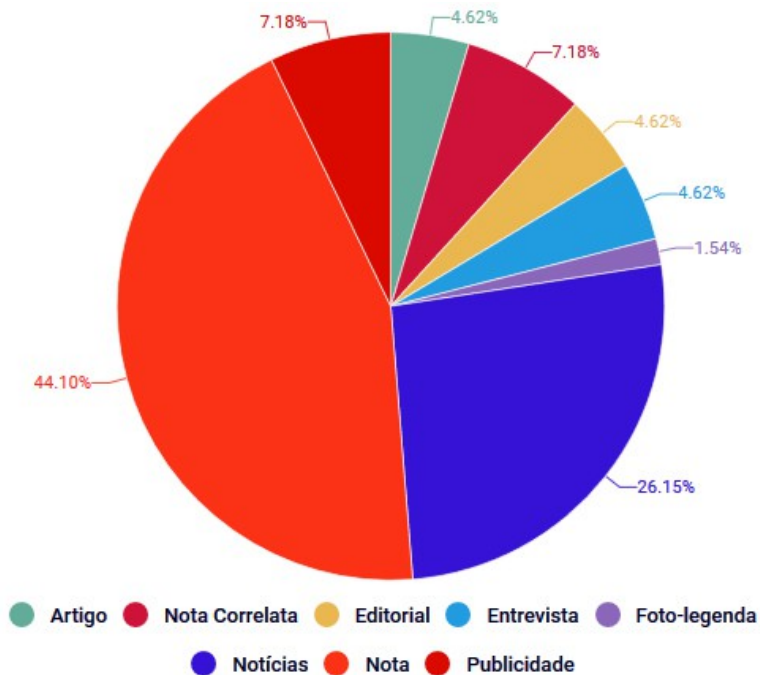
*Folha Bancária* – recorte de fontes por aparição indireta (2013/14)



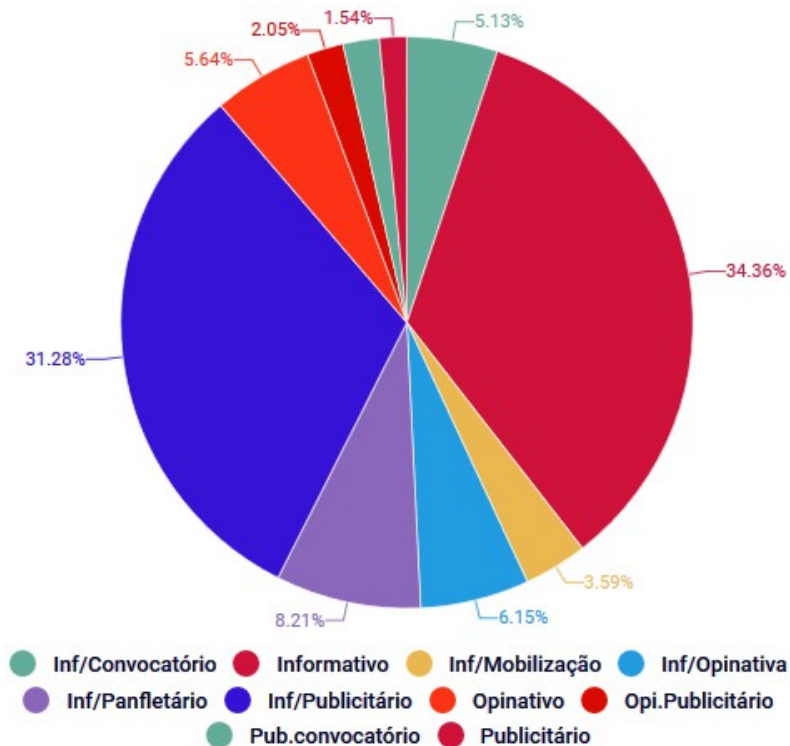
*Folha Bancária* – recorte de fontes por forma de inserção no texto (2013/14)



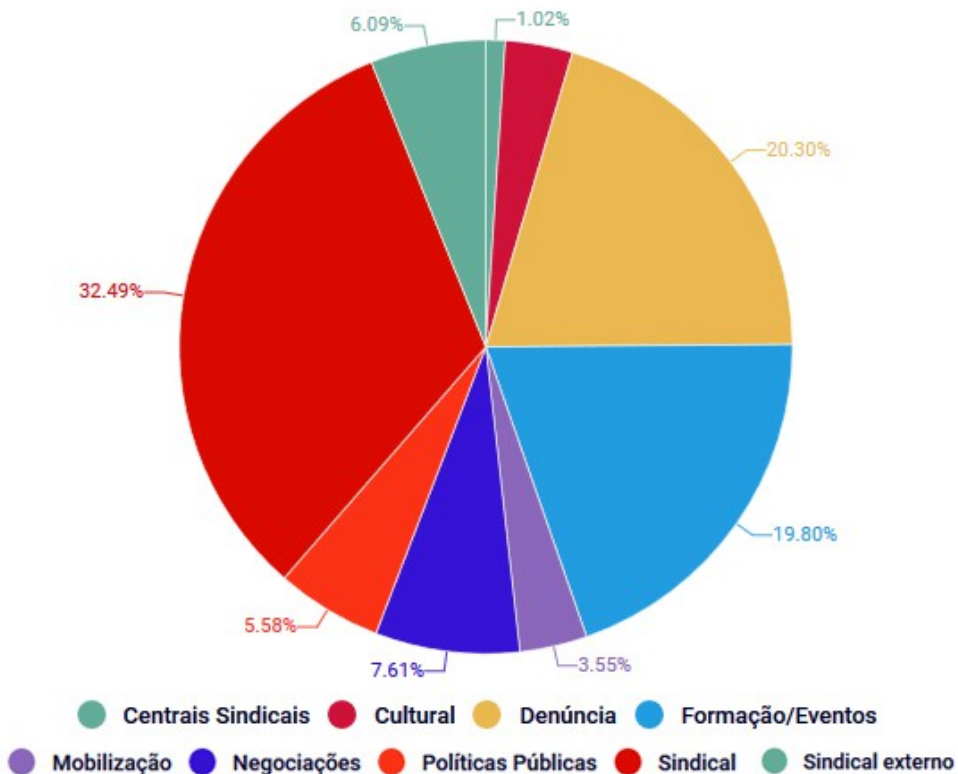
*Folha Bancária* – recorte por gênero jornalístico (2013/14)



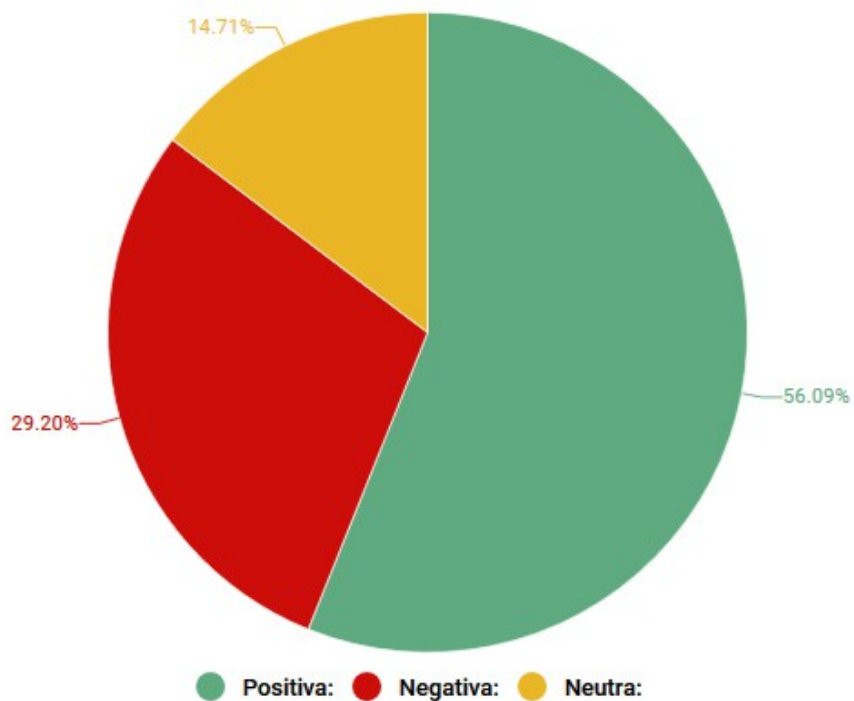
Folha Bancária – recorte por intenções (2013/14)



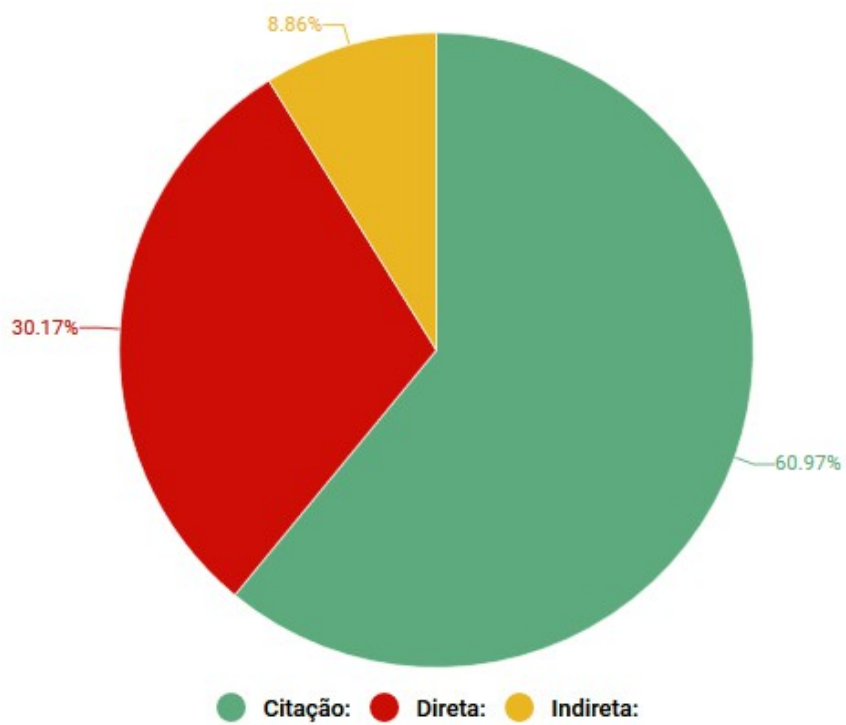
Folha Bancária – recorte por temas (2013/14)



*Folha Bancária* – recorte por qualidade de aparição (2013/14)

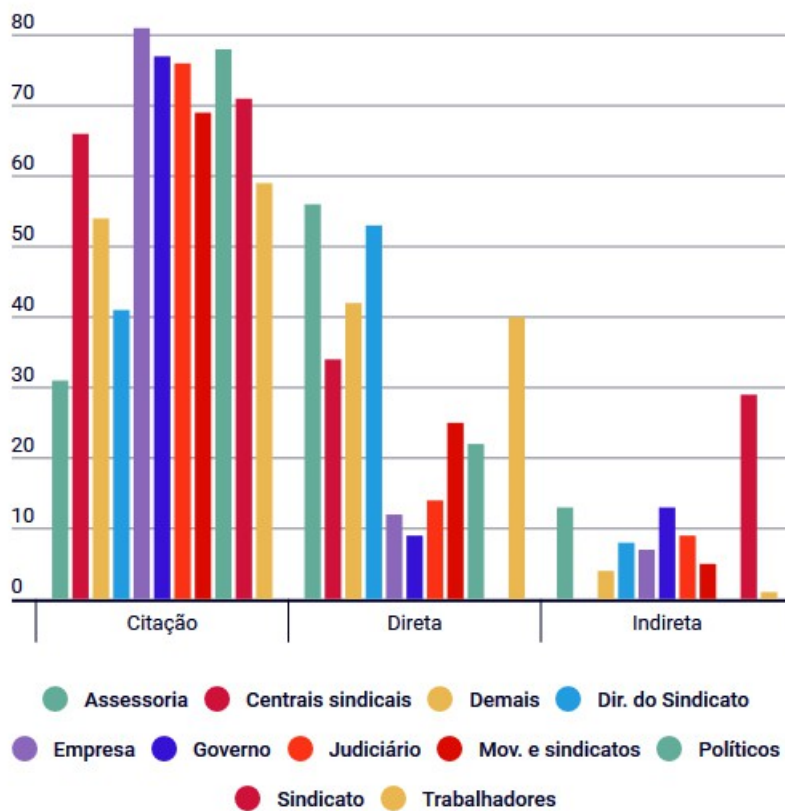


*Folha Bancária* – recorte por formato de indicação no texto (2013/14)

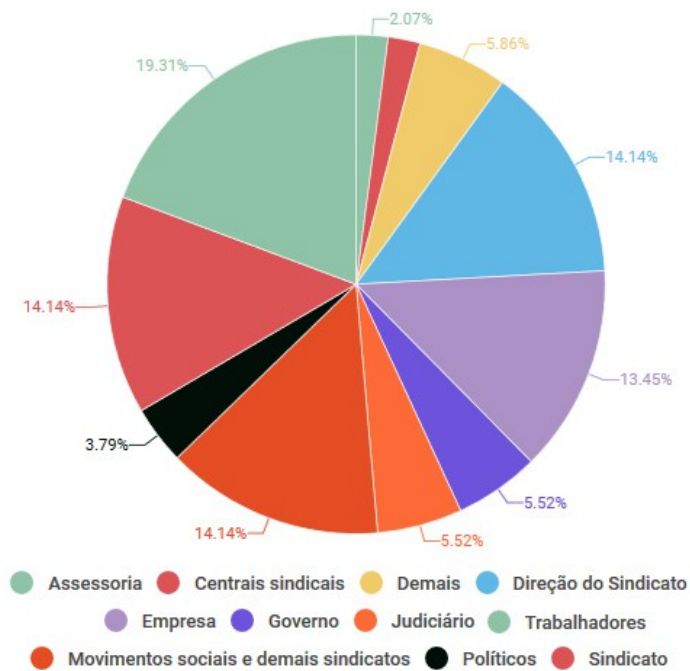




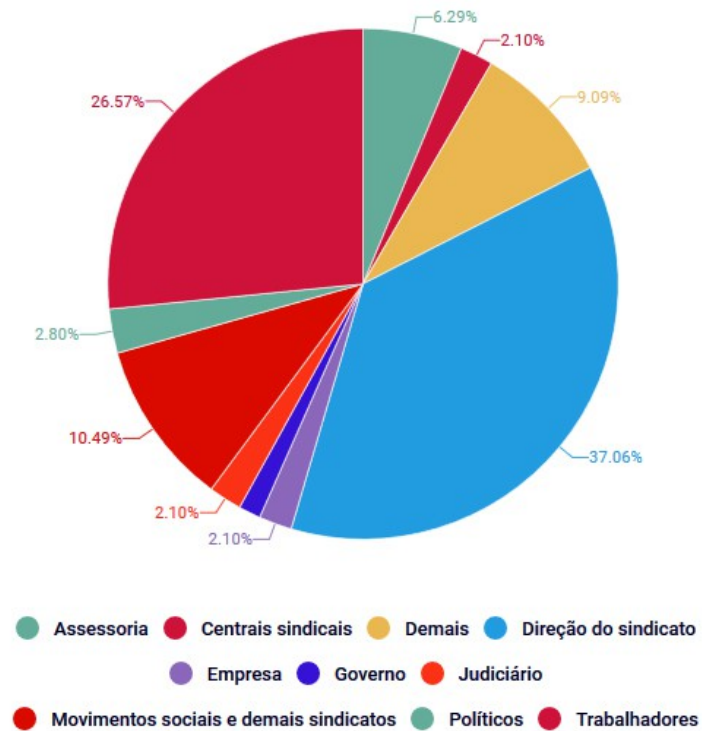
*Extra-Pauta* – recorte de fontes e forma de aparição (2013/14)



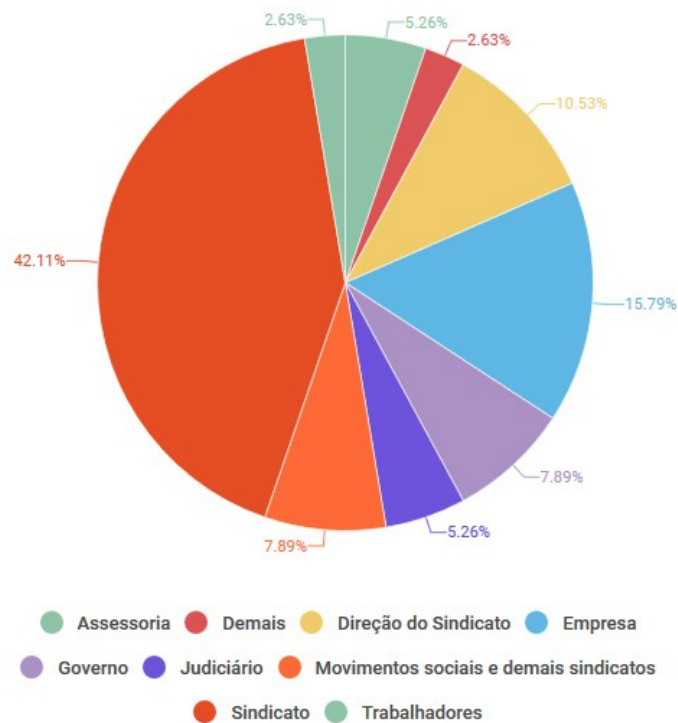
*Extra-Pauta* – recorte de fontes por citação (2013/14)



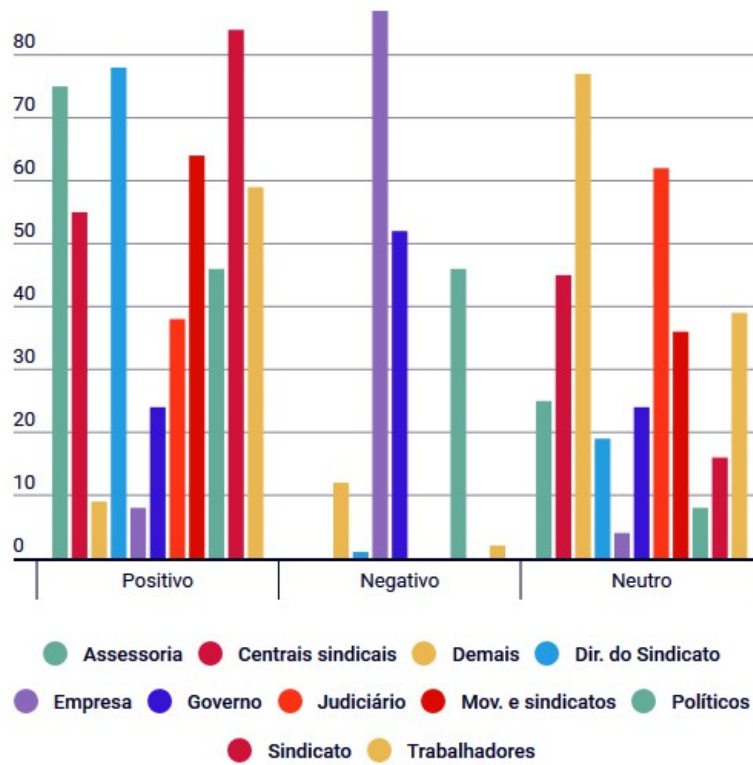
*Extra-Pauta* – recorte de fontes por aparição direta (2013/14)



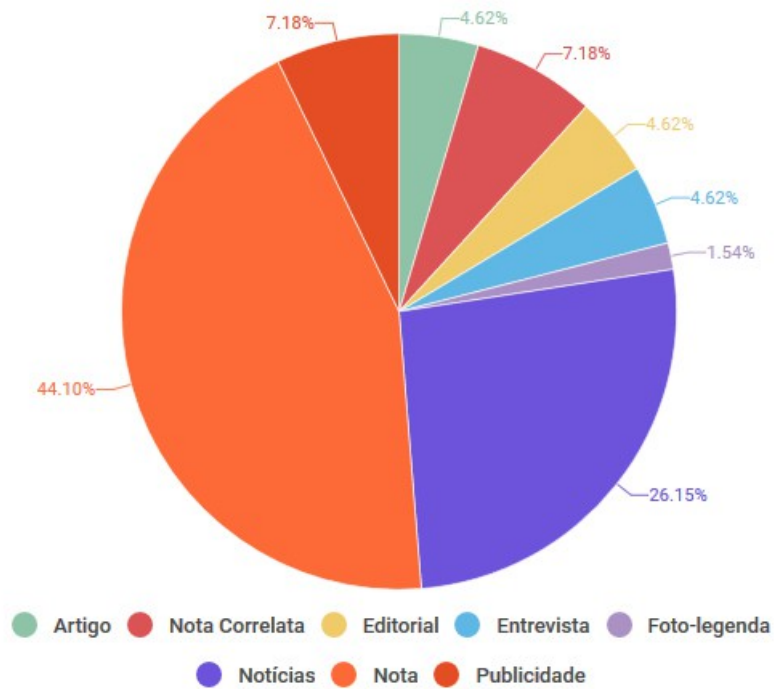
*Extra-Pauta* – recorte de fontes por aparição indireta (2013/14)



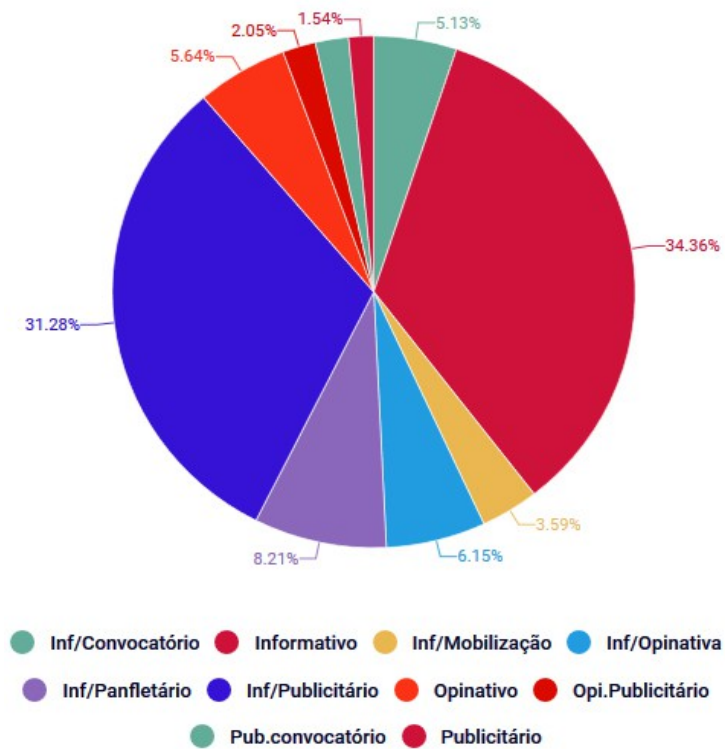
*Extra-Pauta* – recorte de fontes por forma de inserção no texto (2013/14)



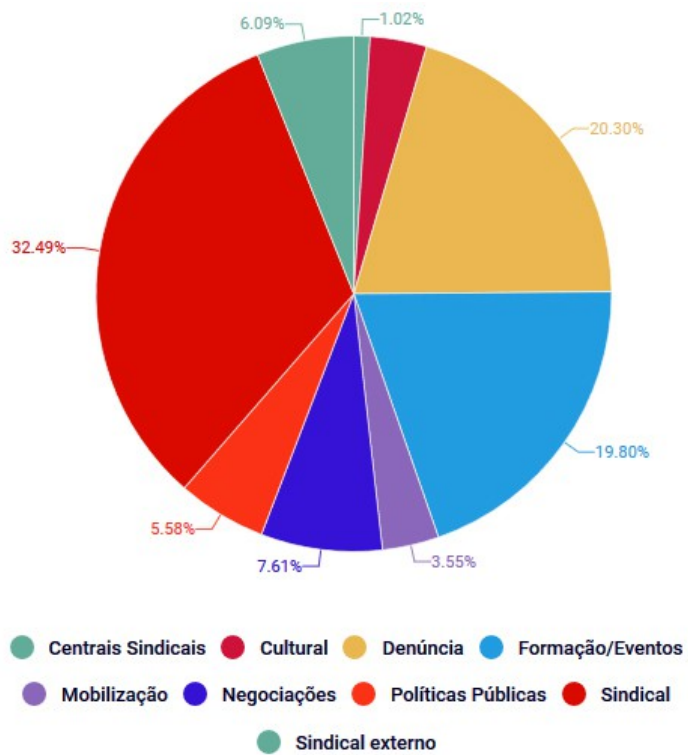
*Extra-Pauta* – recorte por gênero jornalístico (2013/14)



*Extra-Pauta* – recorte por intenções (2013/14)

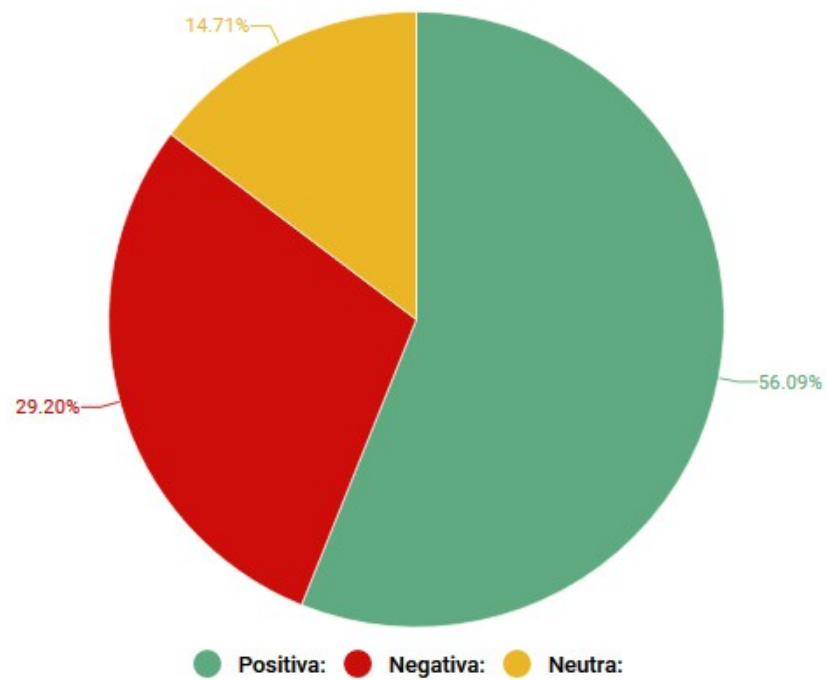


*Extra-Pauta* – recorte por temas (2013/14)

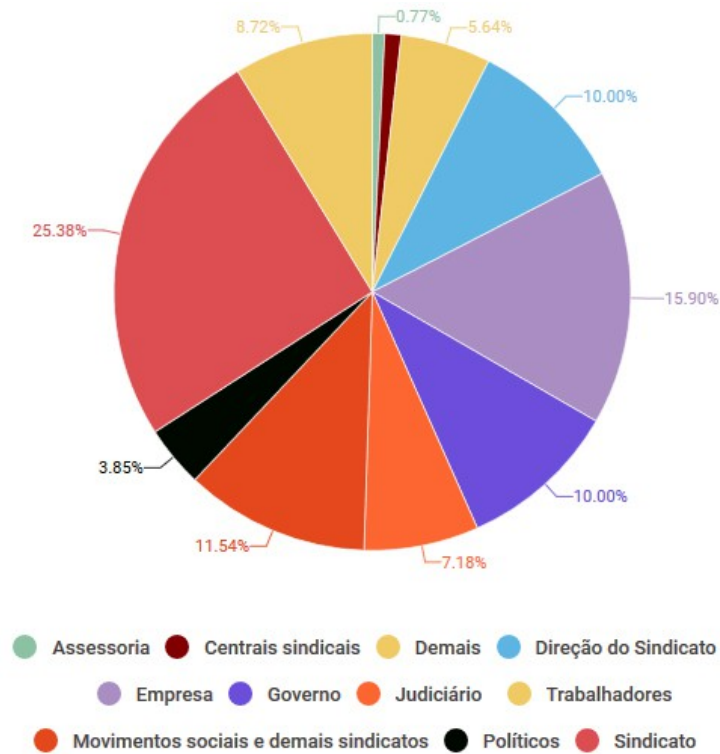


*Extra-Pauta* – recorte por qualidade de aparição (2013/14)

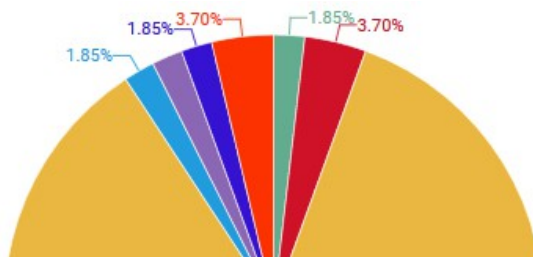
*Extra-Pauta* – recorte por formato de indicação no texto (2013/14)



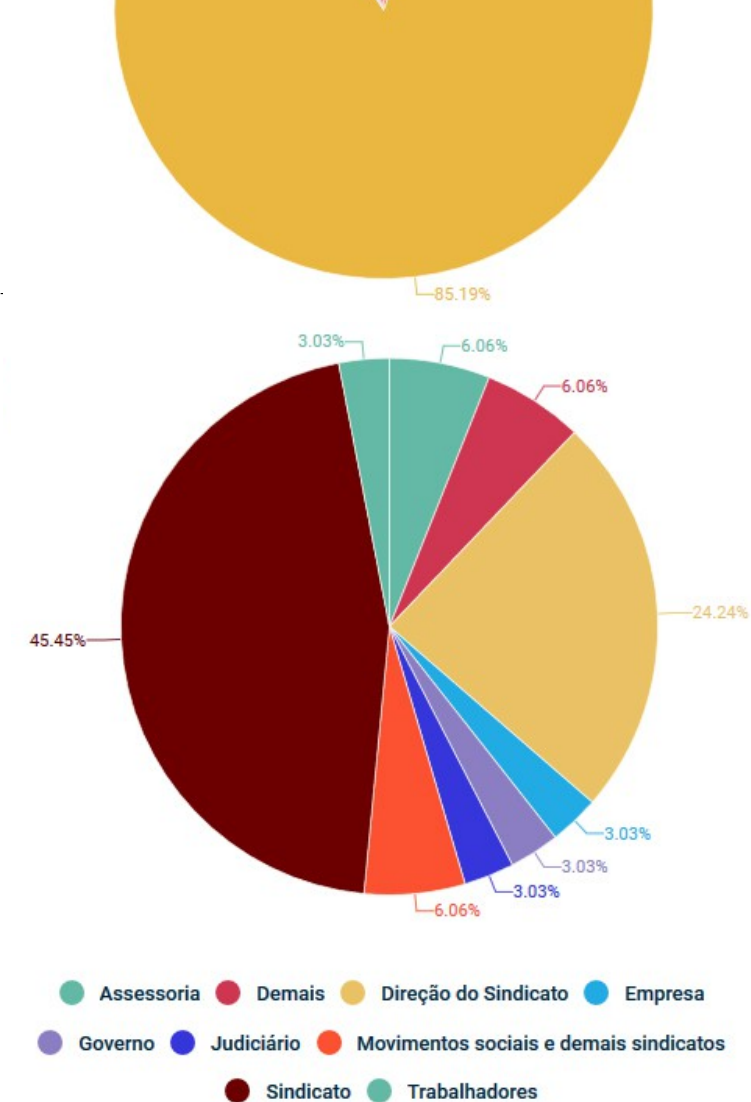
30 de Agosto – Recorte por tipo de aparição (Citação) – 2013/14



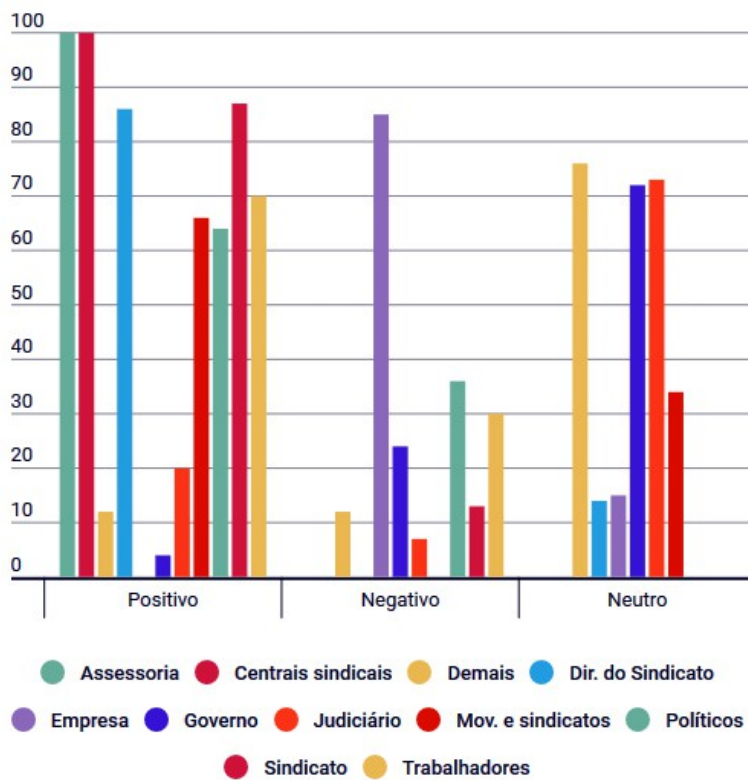
30 de Agosto – Recorte por tipo de aparição (Direta) – 2013/14



30 de Agosto

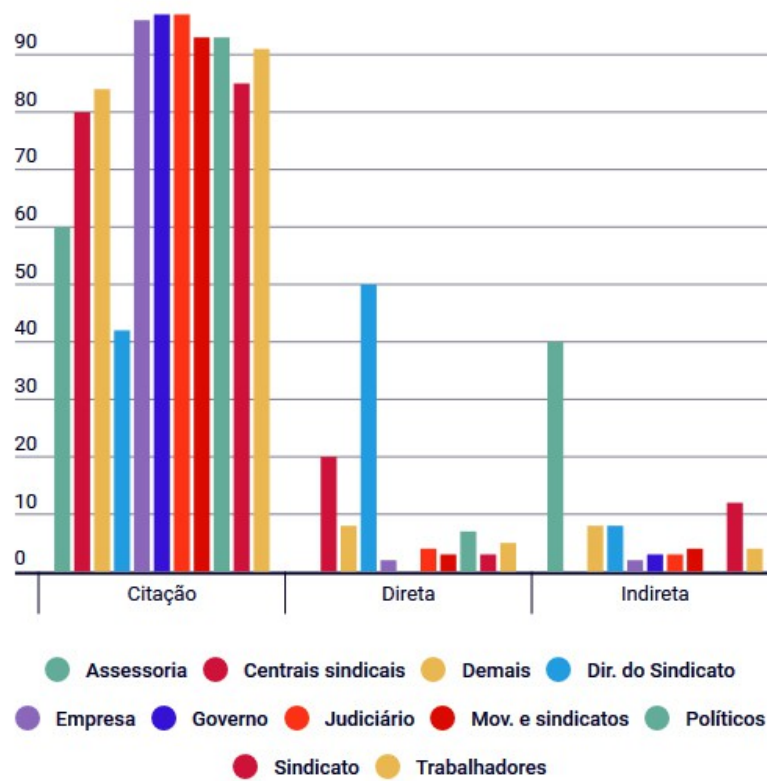


30 de Agosto – Recorte por fonte e qualidade de aparição – 2013/14

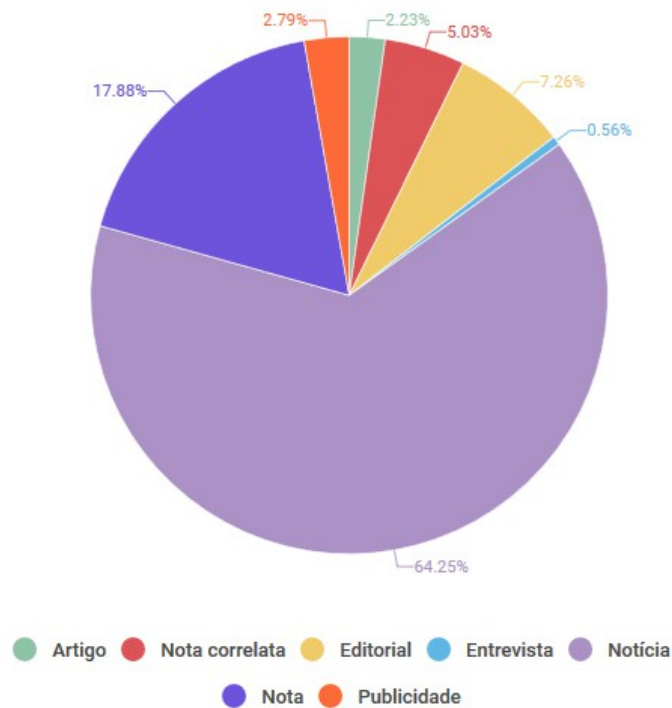




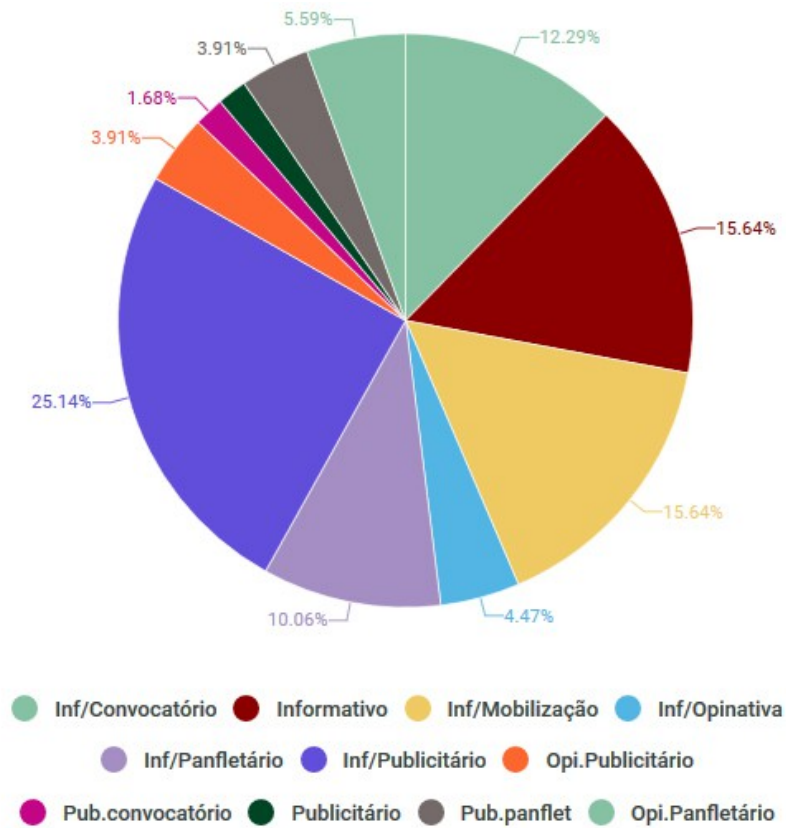
30 de Agosto – Recorte por fonte e tipo de aparição – 2013/14



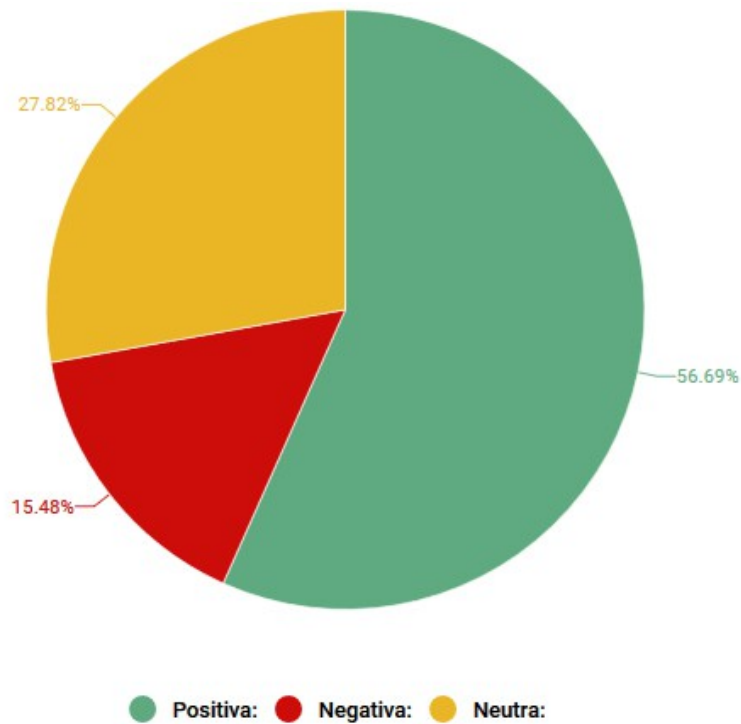
30 de Agosto – Recorte por gêneros jornalísticos – 2013/14



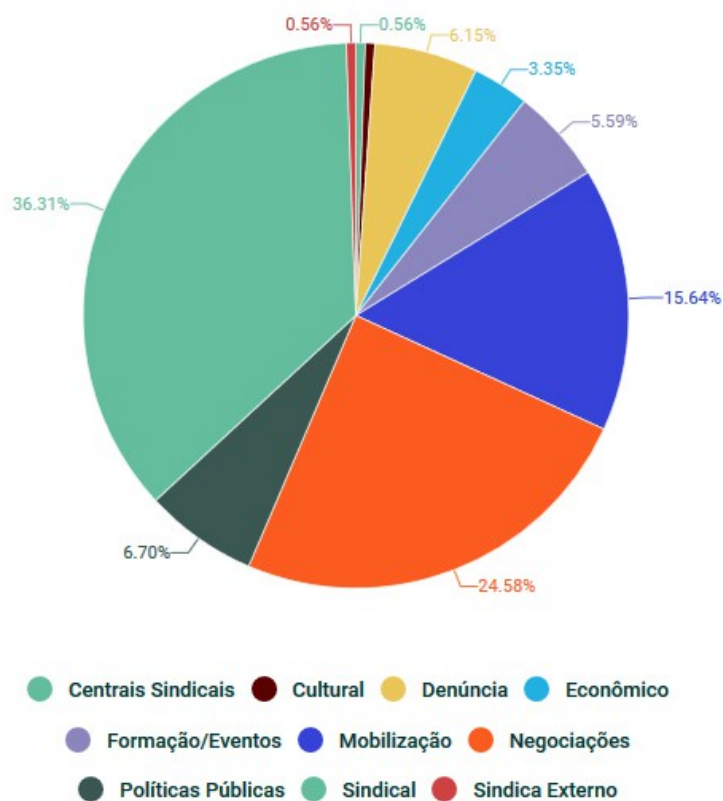
30 de Agosto – Recorte por intenção – 2013/14



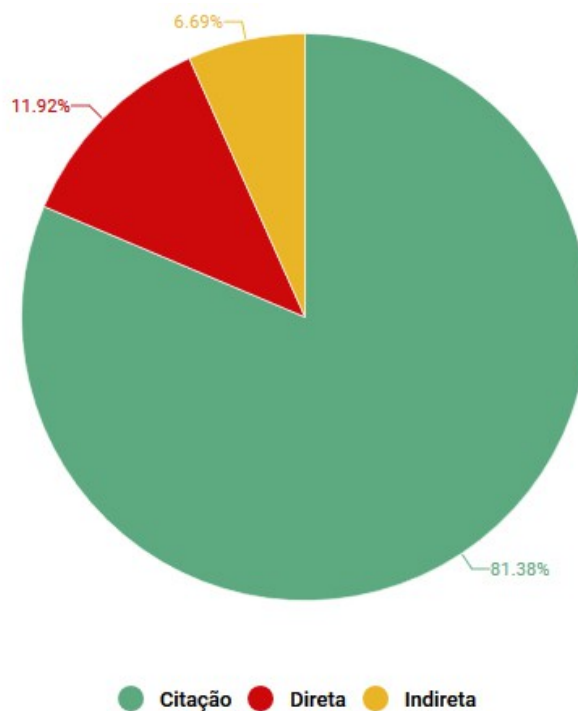
30 de Agosto – Recorte por qualidade de aparição – 2013/14



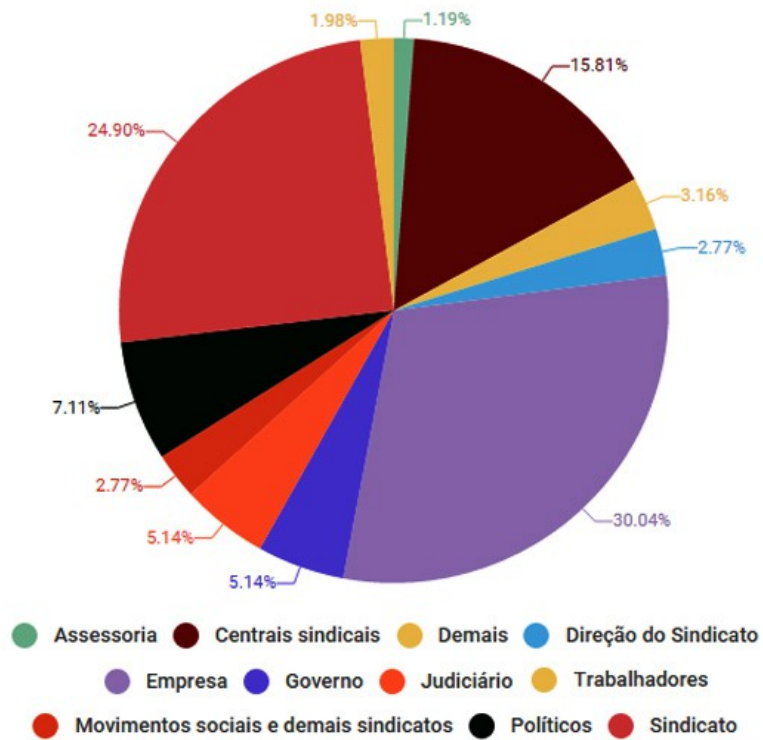
30 de Agosto – Recorte por temas – 2013/14



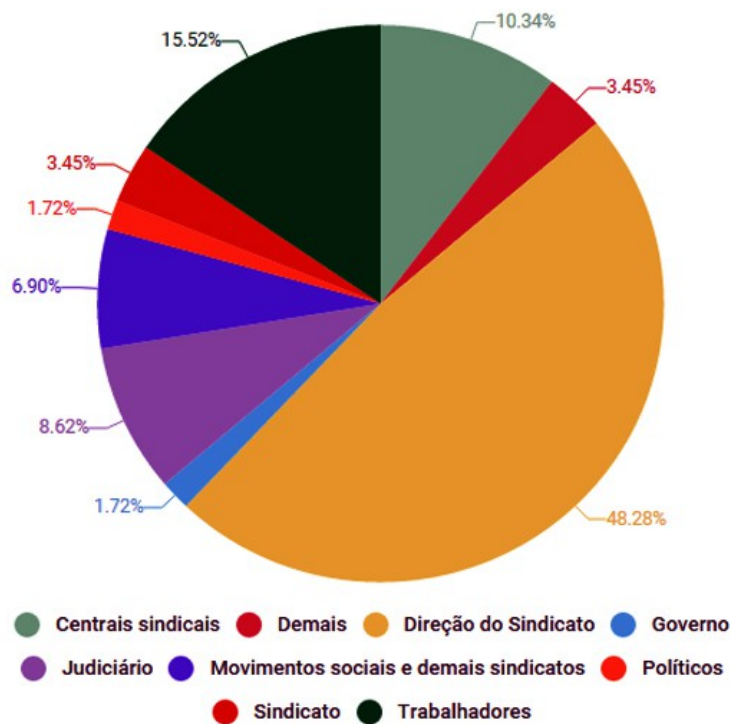
30 de Agosto – Recorte por tipo de aparição – 2013/14



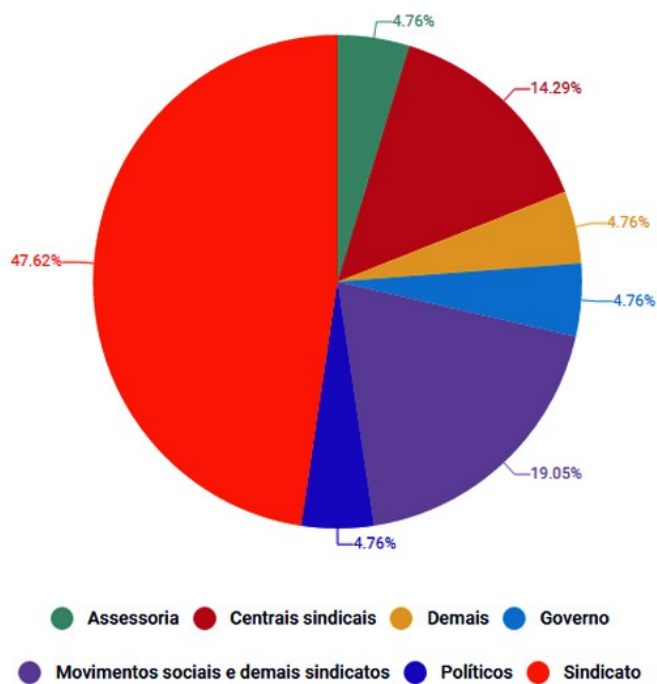
A voz do metalúrgico – Recorte por tipo de aparição (Citação) – 2013/14



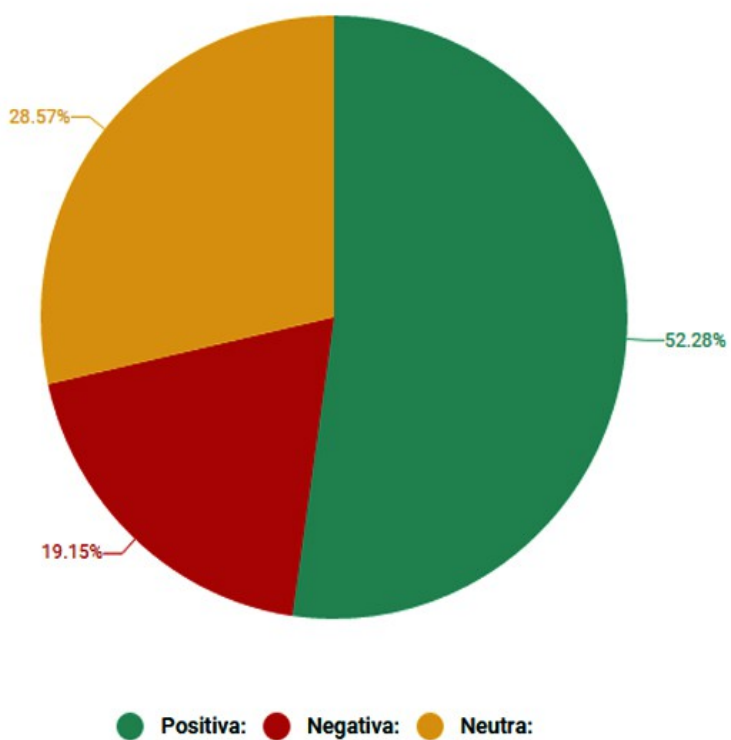
*A voz do metalúrgico* – Recorte por tipo de aparição (Direta) – 2013/14



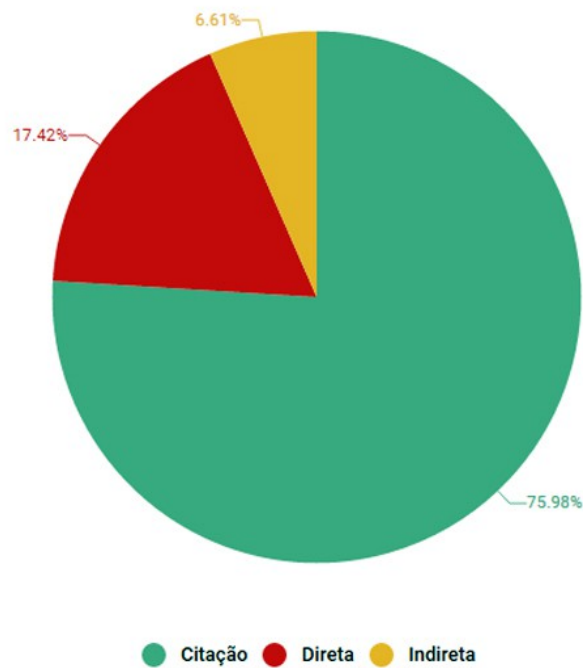
*A voz do metalúrgico* – Recorte por tipo de aparição (Indireta) – 2013/14



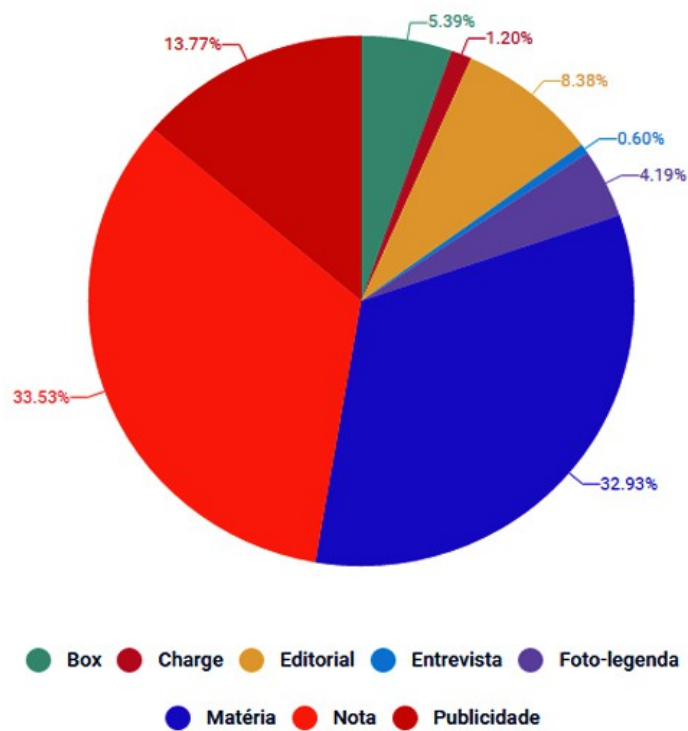
*A voz do metalúrgico* – Recorte por fonte e qualidade de aparição – 2013/14



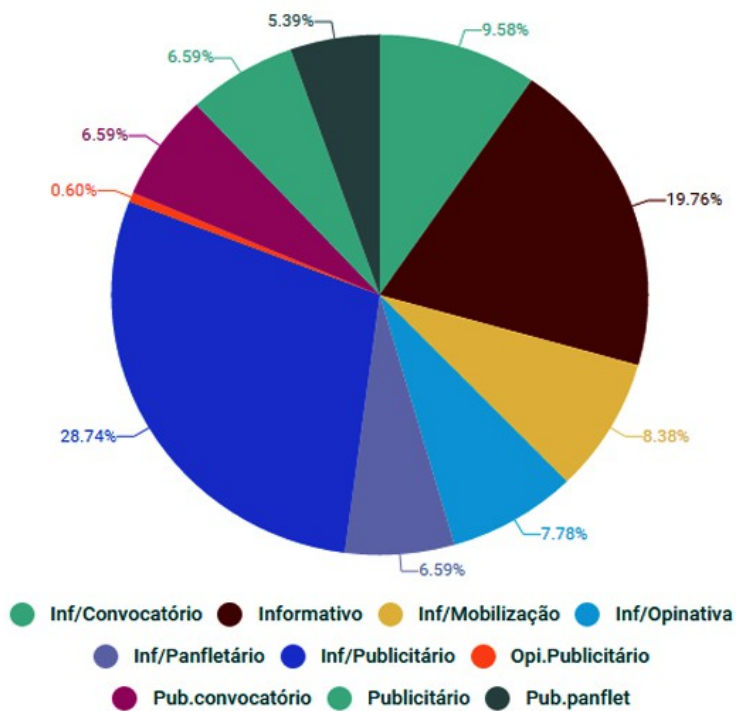
*A voz do metalúrgico* – Recorte por fonte e tipo de aparição – 2013/14



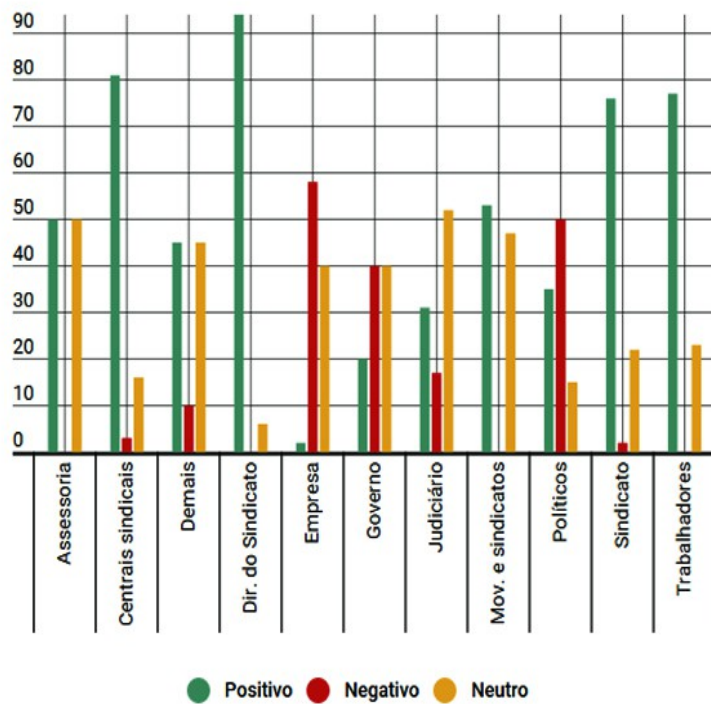
*A voz do metalúrgico* – Recorte por gêneros jornalísticos – 2013/14



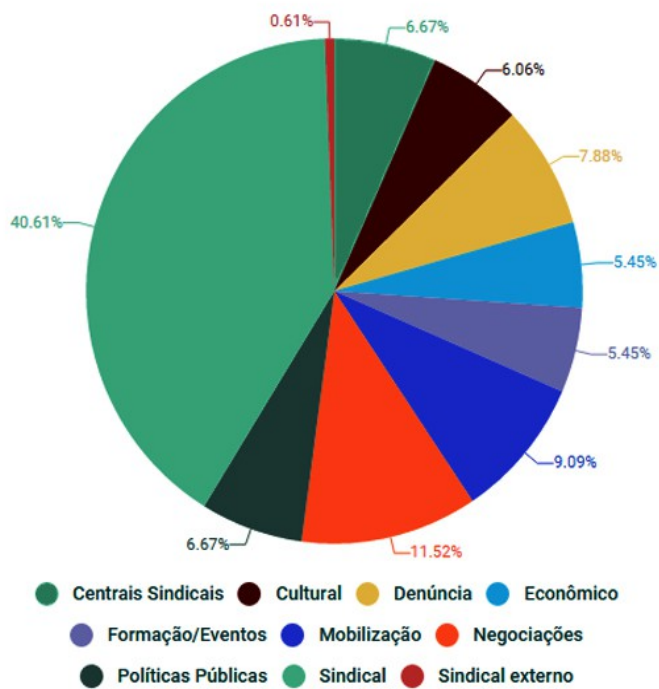
*A voz do metalúrgico* – Recorte por intenção – 2013/14



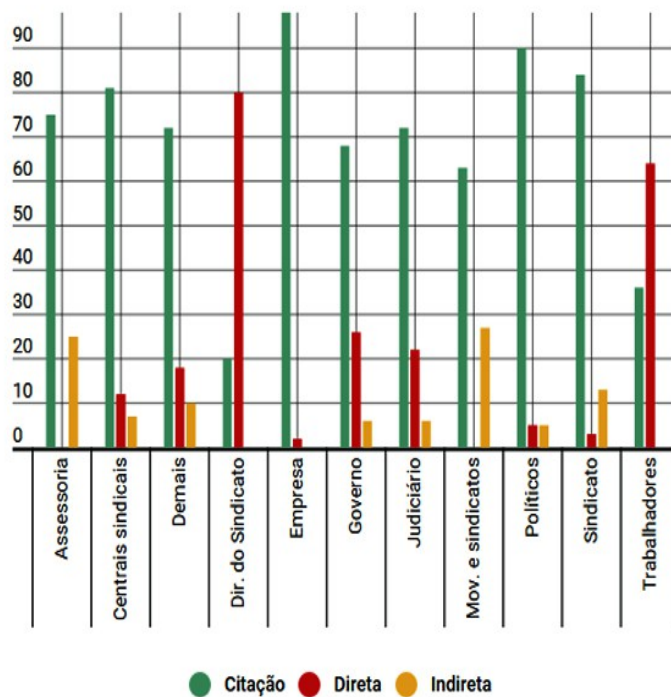
*A voz do metalúrgico – Recorte por qualidade de aparição – 2013/14*



*A voz do metalúrgico – Recorte por temas – 2013/14*

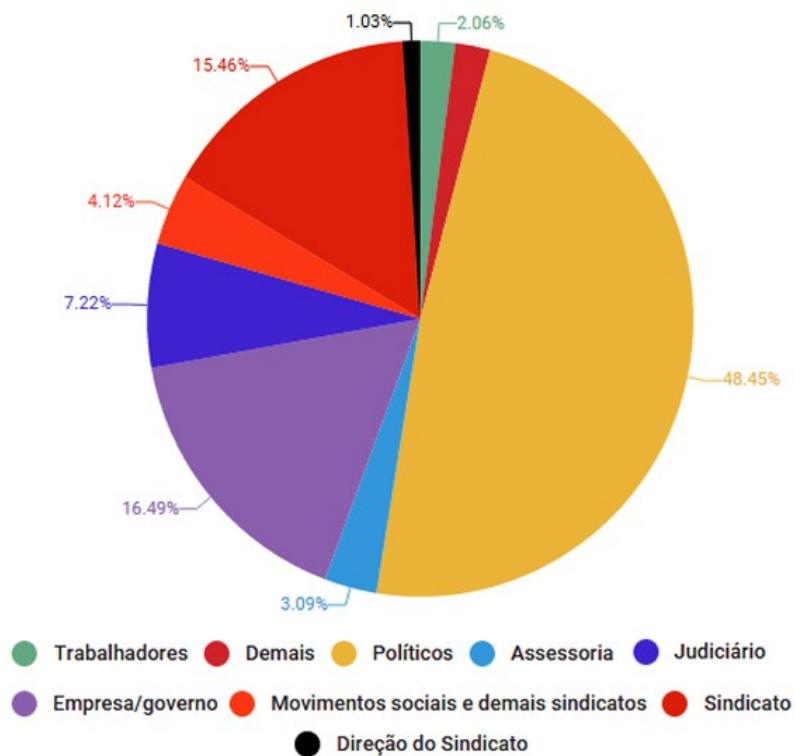


*A voz do metalúrgico – Recorte por tipo de aparição – 2013/14*

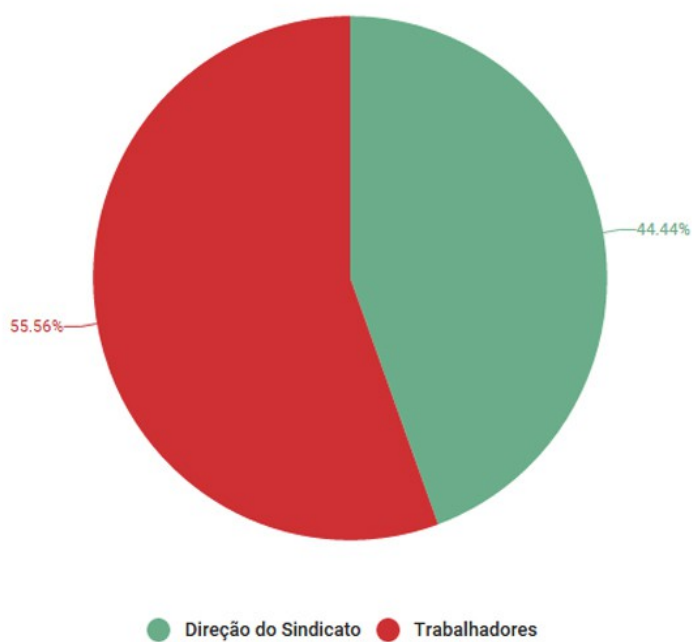




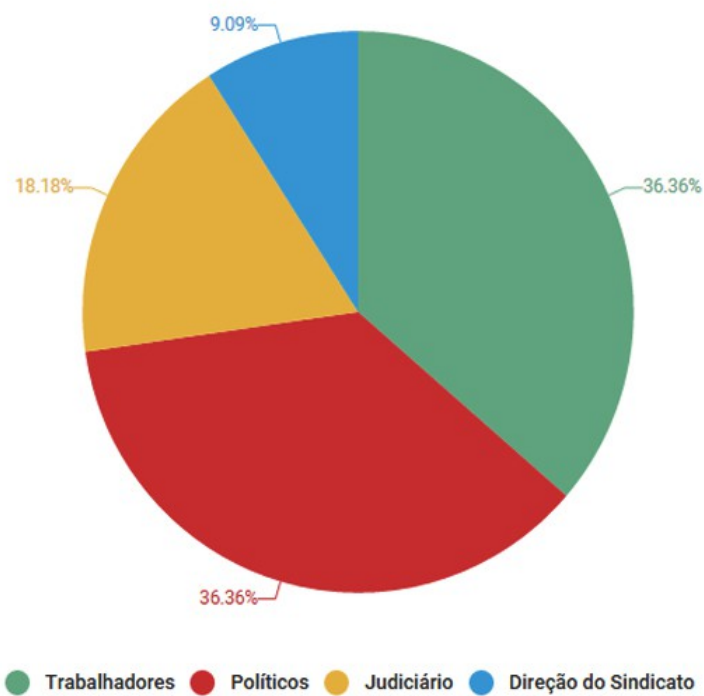
*Pressão Alta* – Recorte por tipo de aparição (Citação) – 2013/14



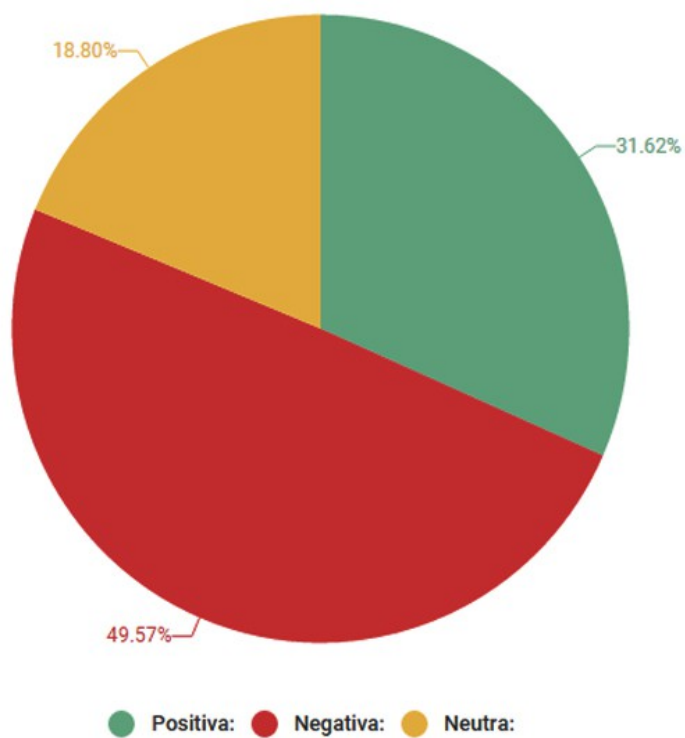
*Pressão Alta* – Recorte por tipo de aparição (Direta) – 2013/14



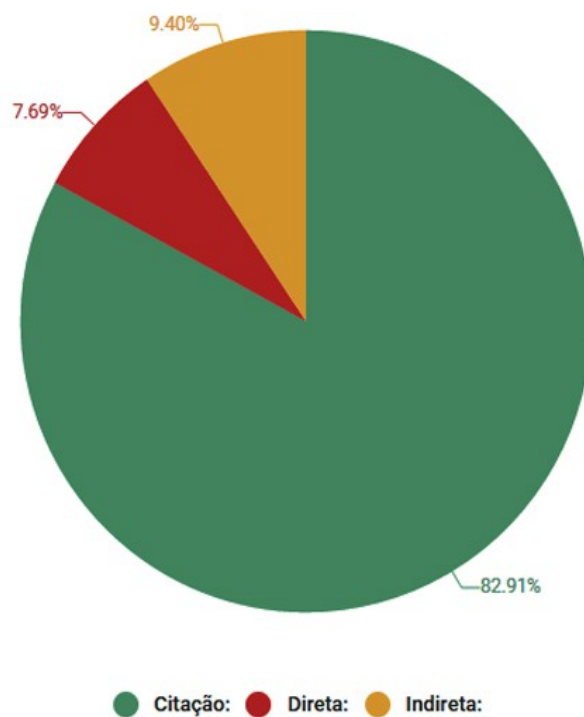
*Pressão Alta* – Recorte por tipo de aparição (Indireta) – 2013/14



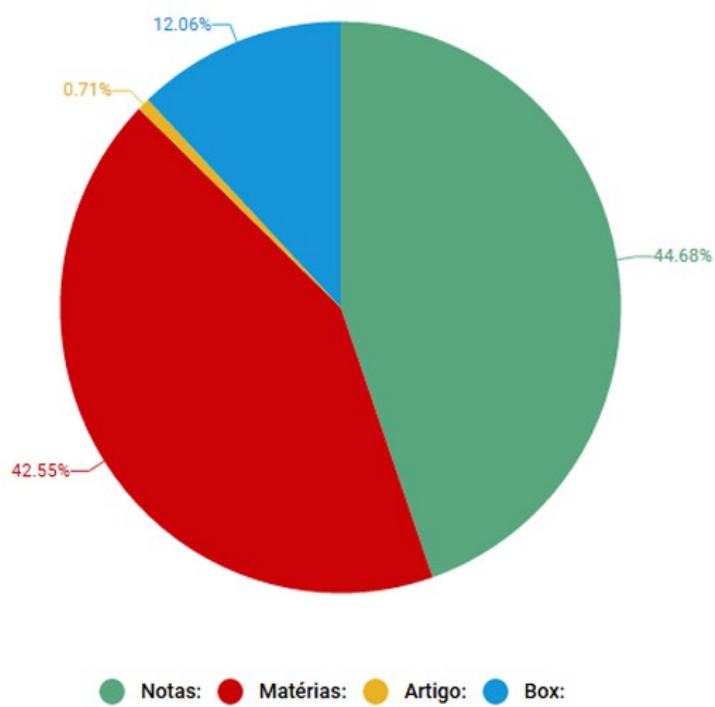
*Pressão Alta* – Recorte por fonte e qualidade de aparição – 2013/14



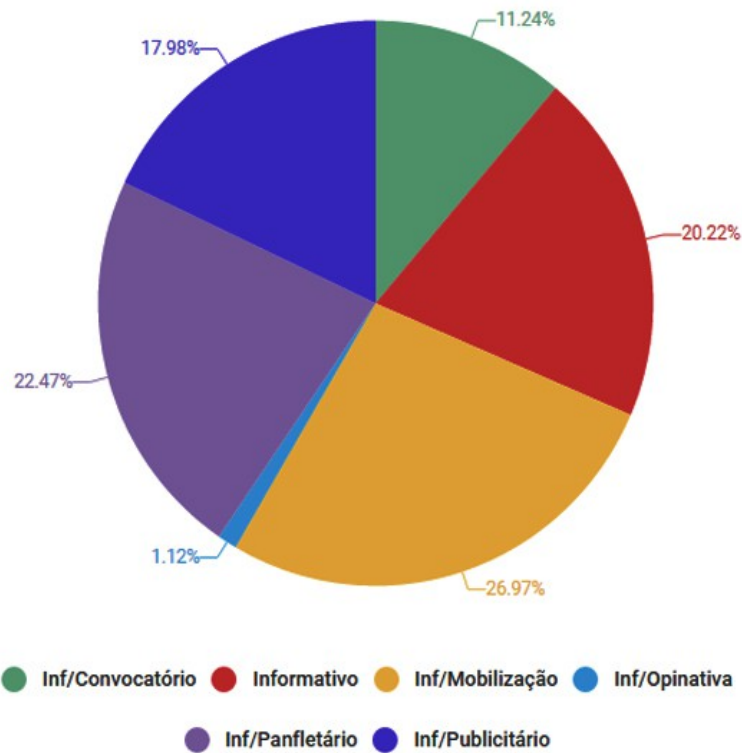
*Pressão Alta* – Recorte por fonte e tipo de aparição – 2013/14



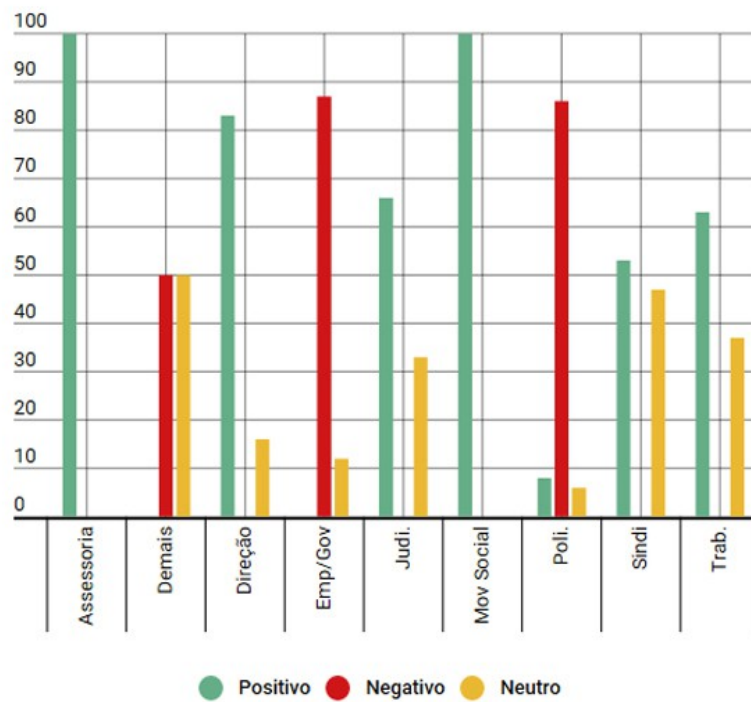
*Pressão Alta* – Recorte por gêneros jornalísticos – 2013/14



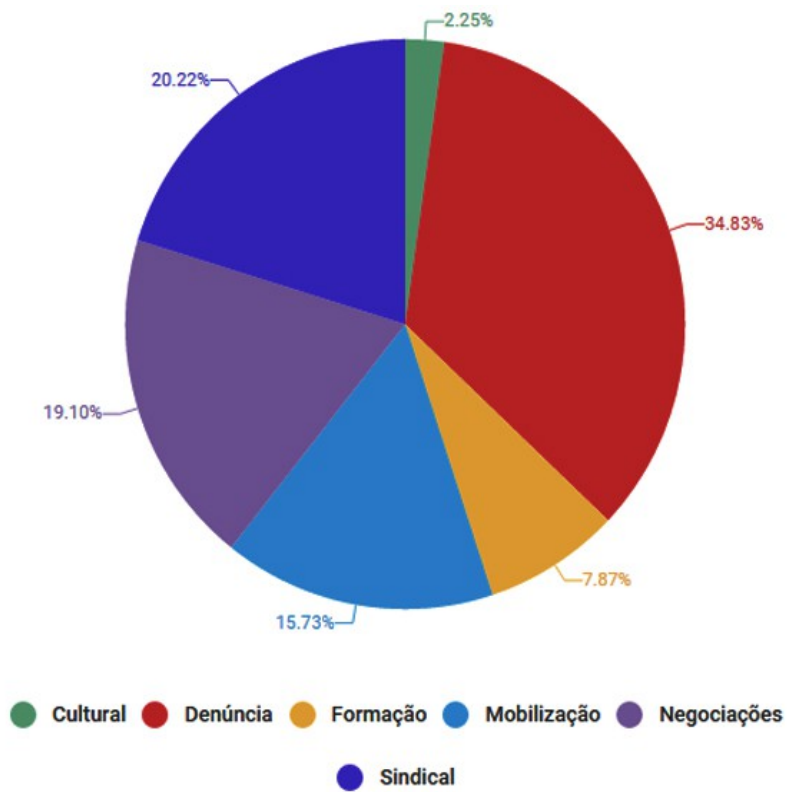
*Pressão Alta* – Recorte por intenção – 2013/14



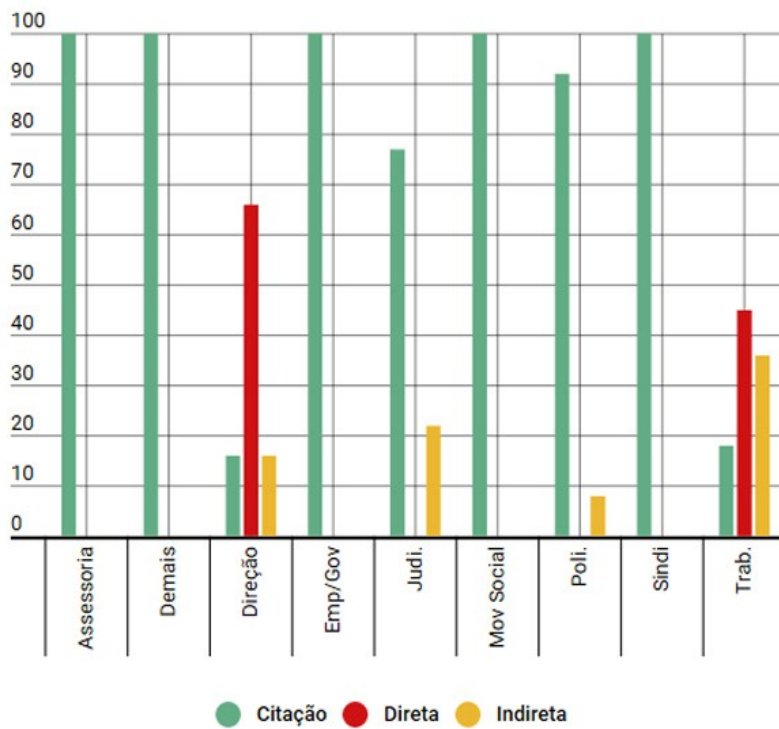
*Pressão Alta* – Recorte por qualidade de aparição – 2013/14



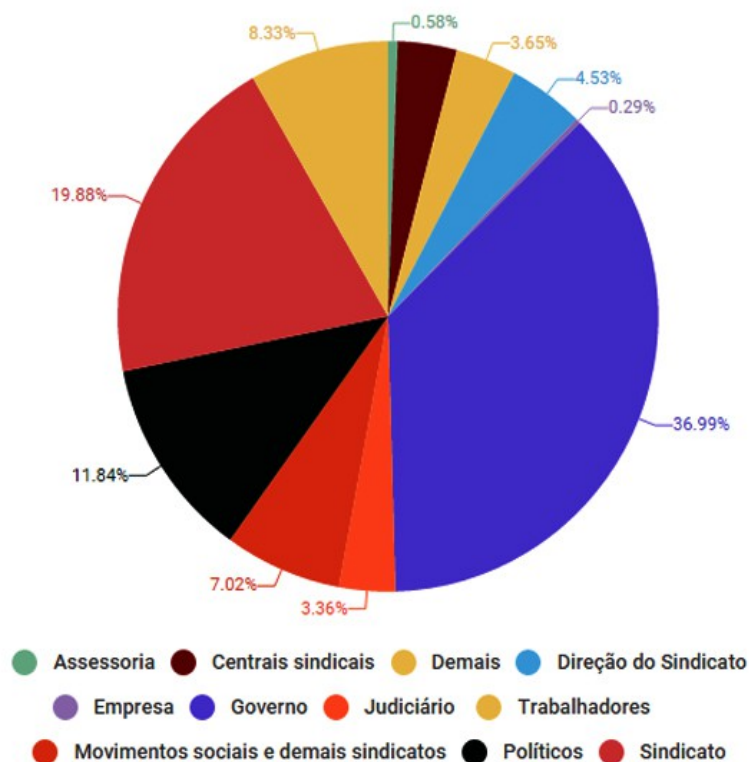
*Pressão Alta* – Recorte por temas – 2013/14



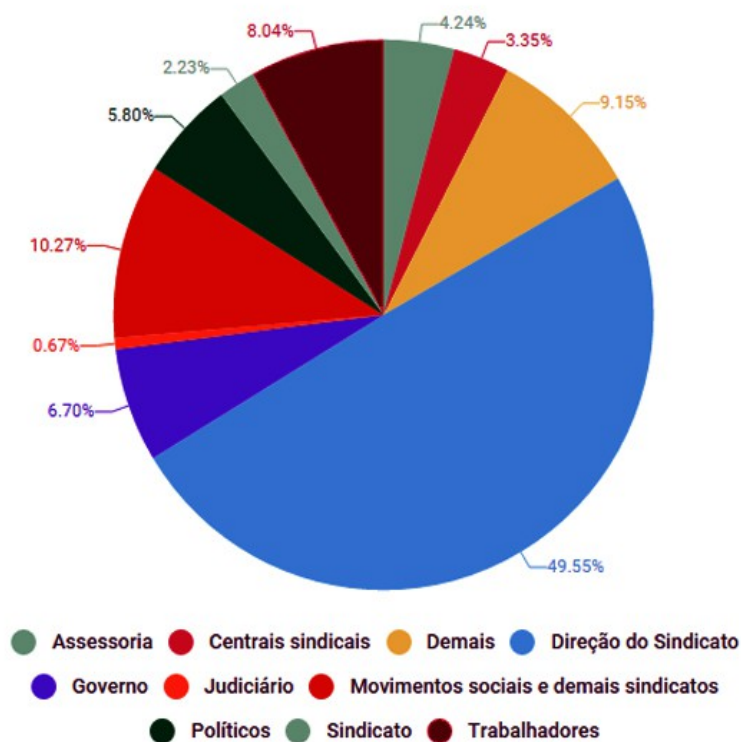
*Pressão Alta* – Recorte por tipo de aparição – 2013/14



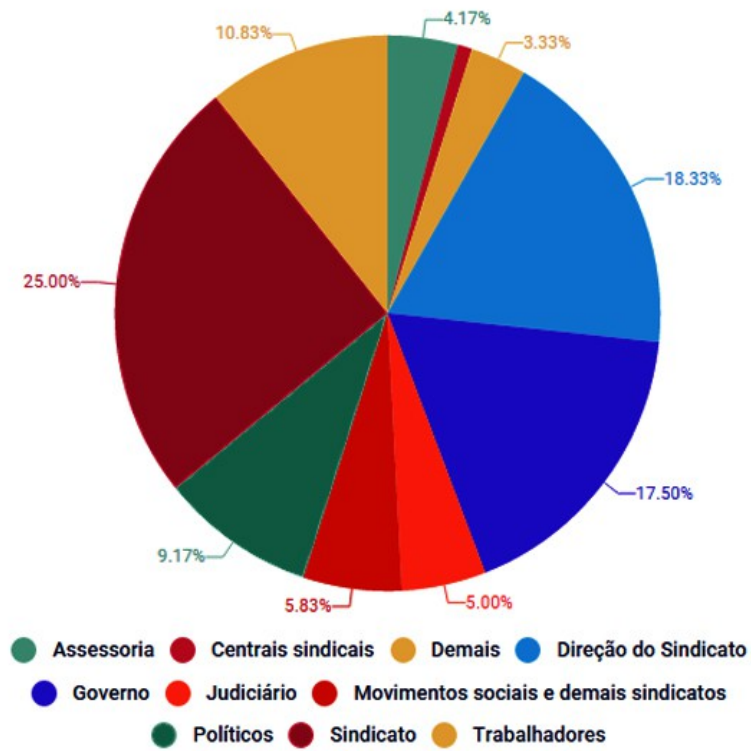
*Jornal do Sismuc* – Recorte por tipo de aparição (Citação) – 2013/14



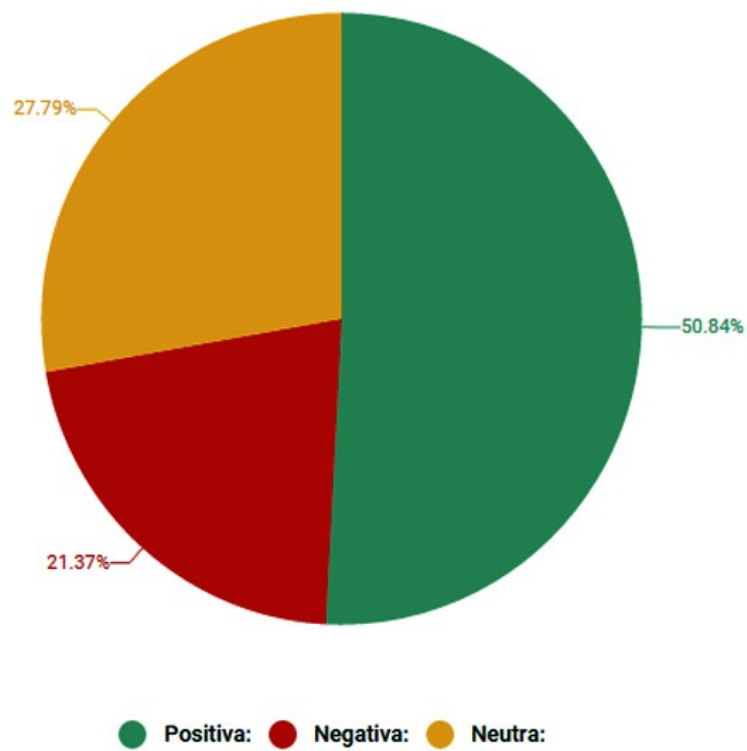
*Jornal do Sismuc* – Recorte por tipo de aparição (Direta) – 2013/14



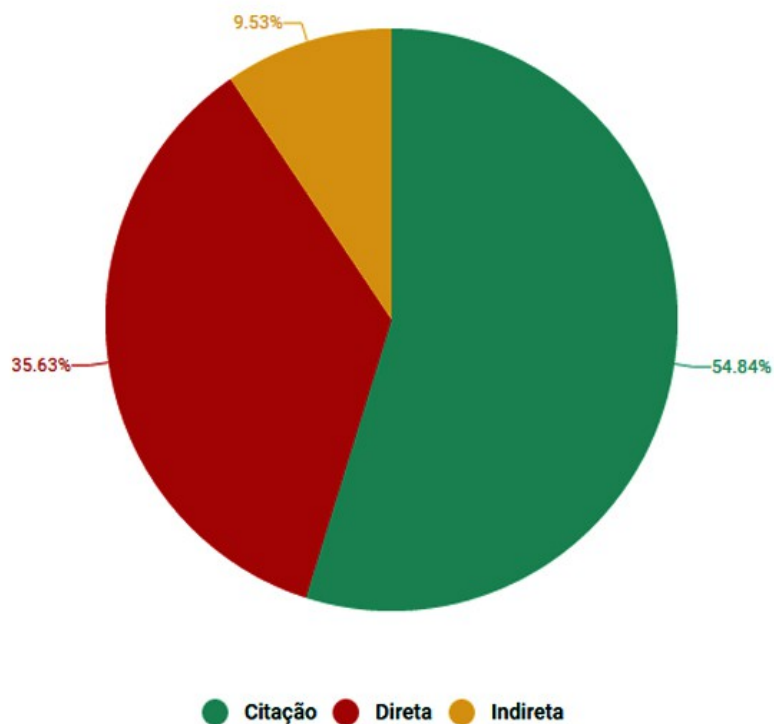
*Jornal do Sismuc* – Recorte por tipo de aparição (Indireta) – 2013/14



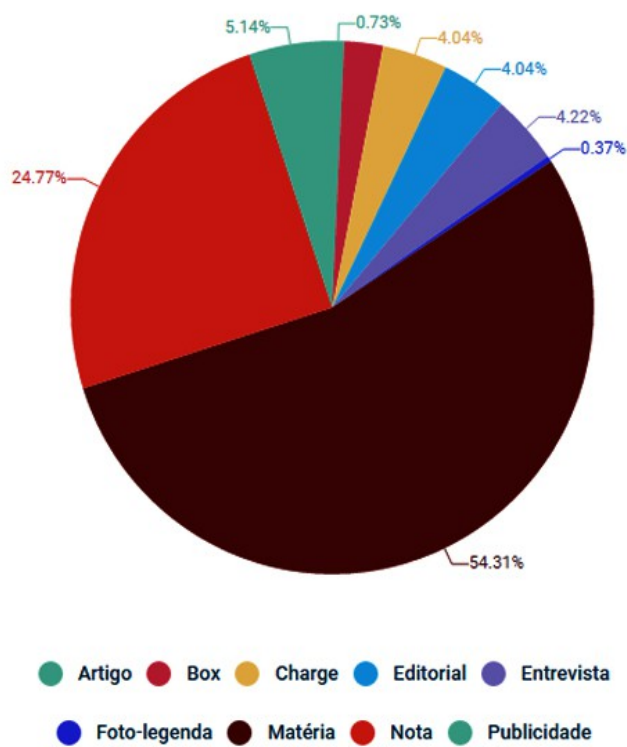
*Jornal do Sismuc – Recorte por fonte e qualidade de aparição – 2013/14*



*Jornal do Sismuc – Recorte por fonte e tipo de aparição – 2013/14*

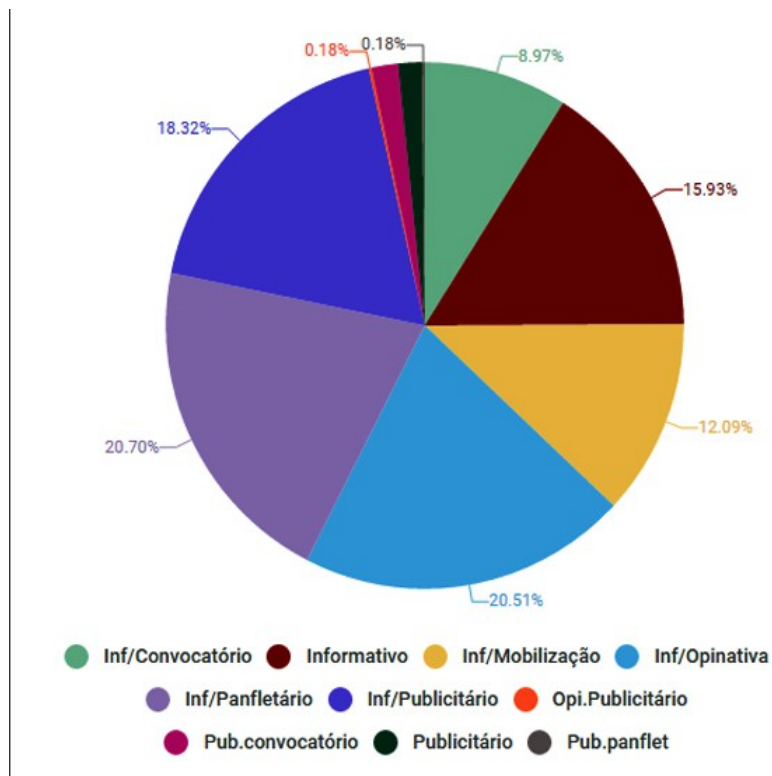


*Jornal do Sismuc* – Recorte por gêneros jornalísticos – 2013/14

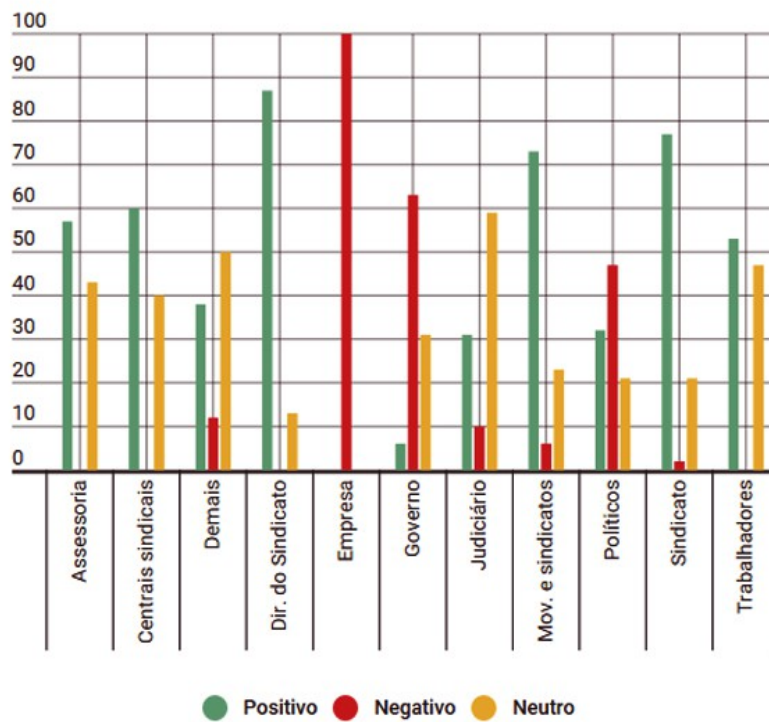


*Jornal do Sismuc* – Recorte por intenção – 2013/14

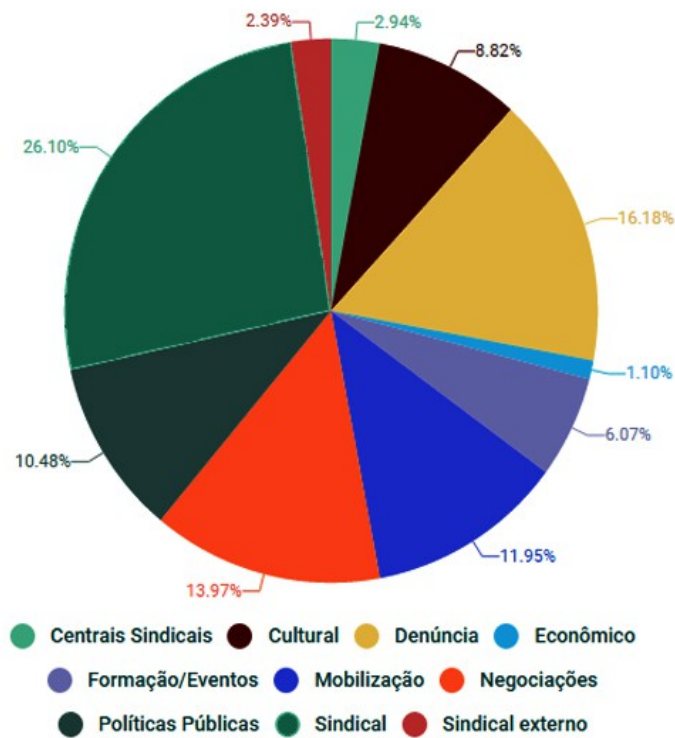




*Jornal do Sismuc* – Recorte por qualidade de aparição – 2013/14



*Jornal do Sismuc* – Recorte por temas – 2013/14



*Jornal do Sismuc* – Recorte por tipo de aparição – 2013/14

